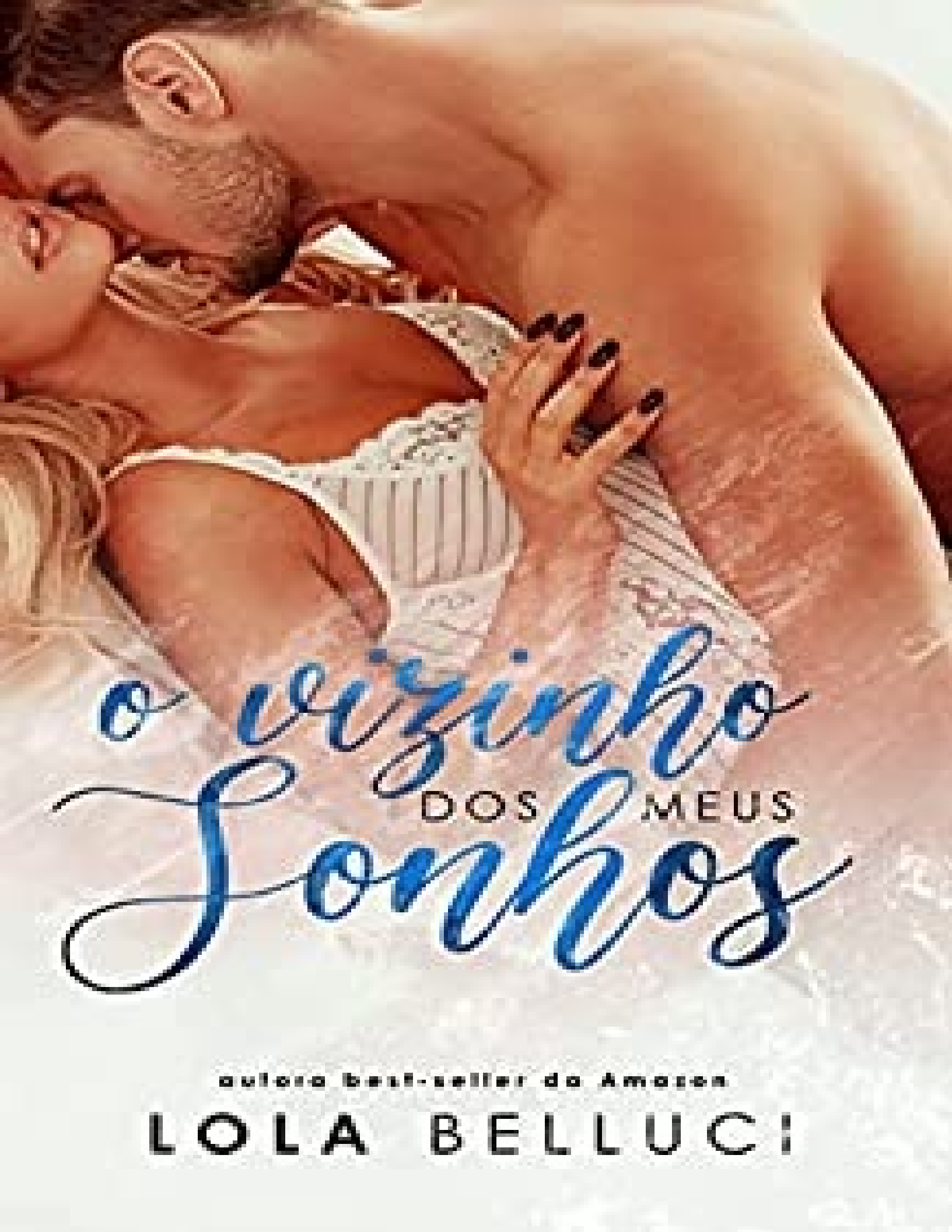


autora best-seller da Amazon

LOLA BELLUCI


o vizinho
DOS MEUS
Sonhos
autora best-seller da Amazon
LOLA BELLUCI

o vizinho dos meus sonhos

LOLA BELLUCI

COPYRIGHT © 2021 DE LOLA BELLUCI

Capa: Danny Editorial

Revisão: Luz França

Diagramação: Lola Belluci

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

O VIZINHO DOS MEUS SONHOS

1ª Edição – 2021

Brasil

Todos os direitos reservados.

Este ebook ou qualquer parte dele não pode

ser reproduzido ou usado de forma alguma sem

autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.

Primeira edição, 2021

Email: lolabellucioficial@outlook.com

Instagram: @lola.belluci.autora

Sumário

PLAYLIST

1 - ELORA

2 -GUSTAVO

3 - ELORA

4 - GUSTAVO

5 - ELORA

6 – GUSTAVO

7- ELORA

8- GUSTAVO

9- ELORA

10 – GUSTAVO

11 – Elora

12 – GUSTAVO

13- Elora

14- GUSTAVO

15 – ELORA

16 - GUSTAVO

17 – ELORA

18 – Gustavo

19 - ELORA

20 - GUSTAVO

21 – ELORA

22 - GUSTAVO

23 – ELORA

24 – GUSTAVO

25 - ELORA

26 – GUSTAVO

27 – ELORA

28 – GUSTAVO

29 - ELORA

30 - GUSTAVO

31 – ELORA

32 - GUSTAVO

33 - ELORA

34 - GUSTAVO

35 - ELORA

36 - GUSTAVO

37 - ELORA

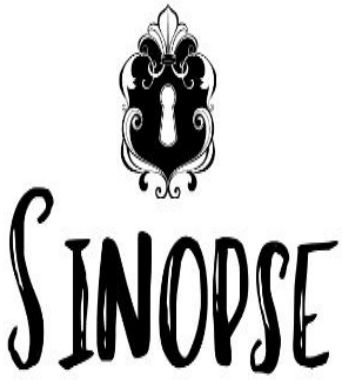
38 – GUSTAVO

39 - ELORA

EPÍLOGO 1

EPÍLOGO 2

AGRADECIMENTOS



Elora Viana está a um passo de realizar um sonho.

Depois de três longos anos, ela finalmente tem dinheiro o suficiente para dar entrada na compra do seu apartamento.

E, se não bastassem todas as suas conquistas, recentemente, seu apartamento ganhou uma vista de tirar o fôlego! Um deus nórdico, loiro, corredor, que passa diante de sua sacada diariamente às 15:00h e, todas as noites, invade seus sonhos, garantindodo-lhe orgasmos incríveis e estupidamente reais.

Tudo estava perfeito, até ela descobrir que seu novo vizinho de porta, um fodedor de primeira linha, com quem compartilha uma parede, que vem lhe roubando preciosas horas de sono, e deixando-a excitada e dolorida de tesão por ser obrigada a ouvir suas fodas deliciosamente escandalosas, está prestes a lhe roubar algo muito mais precioso.

Seu prédio está sendo comprado e será demolido.

O responsável? O maldito vizinho fodedor.

Elora não pensa, sai do seu apartamento com destino certo, a porta ao lado da sua. E, quando ela se abre, duas certezas a atingem em cheio: A primeira é que ela precisa ficar longe desse homem.

A segunda, não há a menor possibilidade de deixar que ele tome seu apartamento.

Gustavo Fortuna é um homem de negócios implacável e viciado em adrenalina, por isso sua especialidade são empreendimentos imobiliários arriscados.

Prestes a dar o pontapé inicial em um novo projeto. Ele se muda para um dos prédios que pretende demolir com a intenção de testar a viabilidade

do empreendimento e acompanhar a aquisição de cada apartamento de perto. Com ele, leva suas atividades noturnas.

Empresário sério durante o dia, cafajeste assumido durante as noites, tudo estava perfeito, até uma mulher louca, linda, e absurdamente gostosa, quase colocar sua porta abaixo, declarando guerra ao seu projeto.

Ela está determinada a se manter longe dele.

Ele está determinado a tê-la em sua cama.

Raiva e tesão em igual medida marcam cada um de seus encontros.

A solução? Uma aposta nada convencional que vai deixar você subindo pelas paredes.



1. Girl from Rio - Anitta
2. Não é por maldade - Ludmilla
3. Troca - Jorge & Matheus
4. Você partiu meu coração - Nego do Borel
5. Acordando o prédio - Luan Santana
6. Quem ama bloqueia - Mc Rick
7. Não sou obrigada - Pocah
8. Trevo - Anavitória
9. Mulher de fases - Raimundos
10. Ela só quer paz - Projota
11. Só hoje - Jota Quest
12. Talismã - Iza

2) Escanear o código da página anterior:

Abra o app do Spotify >

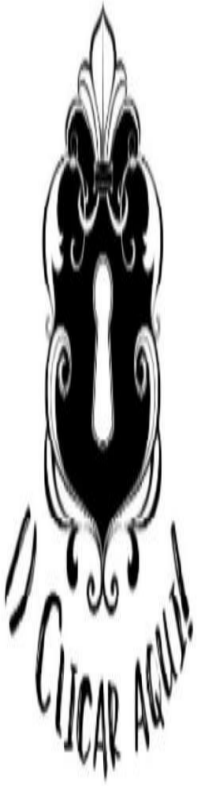
Vá na aba Pesquisar>

Toque sobre o ícone da câmera>

Aponte para o código.

3) Abrir o app Spotify e pesquisar:

O vizinho dos meus sonhos - Lola Belluci



PARA OUVIR, VOCÊ PODE:

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que precisa lembrar de que esttá tudo bem.

A todos aqueles que precisam de um fuga da realidade.

A todos aqueles que chegaram até aqui.

A todos aqueles que precisam sorrir.

A você, leitor!

ELORA VIANA

APARTAMENTO 604

EDIFÍCIO UNO

A PELE BRONZEADA enchia minha boca d’água enquanto os gominhos no abdômen, as veias saltadas nas mãos e os músculos dos braços se contraiam e ele tirava a blusa, deixando tudo aquilo à mostra: o corpo alto de ombros largos, peito aberto e barriga definida, agora, coberto apenas por uma bermuda de linho, que eu implorava com os olhos que fosse retirada também, enquanto permanecia ali, muda, abandonada, estática, como se tivesse sido mumificada.

Incapaz de pronunciar qualquer palavra, mover o dedo mindinho ou lamber meus próprios lábios, completamente hipnotizada pela verdadeira festa erótica se desenrolando diante dos meus olhos.

Pedras verdes escuras me encararam provocativas, e os lábios perfeitos e rosados, destacados pela pele clara e pelos fios loiros e escuros da barba espessa, se curvaram em um sorriso zombeteiro. A janela enorme deixava que a luz entrasse, e minha santa das mulheres desesperadas para que um homem tire logo as calças! O

infeliz parecia uma pintura, sensual e, deliberadamente, provocativo.

Meu ar faltou, minha visão escureceu, minha pele arrepiou e aqueceu, e ele ainda nem tinha me tocado. Lutei contra o estado de paralisia que insistia em tomar conta de mim e consegui morder o lábio, desesperada. Os lençóis e cobertores me abraçavam, mas não eram seus toques em minha pele que eu queria. Era o dele. Era o toque daquelas mãos grandes que, agora, desabotoavam a bermuda em uma tortura lenta e agonizante. Cristo santo! Que *homem* é esse?!

Sem dó de mim, e, arrisco dizer, até gostando do que sua provocação fazia comigo, continuou passeando os dedos pelo tecido lentamente, sensualmente, sem jamais desviar os olhos dos meus, fazendo-me vibrar, ofegar, implorar com o olhar. Minha boceta se contraía em um ritmo ansioso, me deixando sentir a umidade que escorria naquele ponto entre minhas pernas. Não havia dúvidas, minha calcinha estava arruinada, e aquele maldito homem, ainda, nem mesmo, tinha ficado a um passo de distância de mim.

A bermuda finalmente deslizou pelas coxas deixando-as expostas.

Músculos fortes, torneados e saltados, cobertos por pelos loiros, apareceram diante dos meus olhos e meu corpo implorou para tocá-lo.

Meu peito subiu, desceu, em uma respiração profunda, e passei a

língua sobre os lábios, precisando fazer alguma coisa com ela.

Qualquer coisa.

Ele sorriu. Não mais de canto, ou sutilmente. Sorriu aberto, escancarado, sonoro, atraindo minha atenção para o seu rosto antes que meus olhos pudessem focar

naquilo que me chamava, como um verdadeiro encantador de serpentes. Puta merda! Era a serpente quem estava me encantando! Ali, tão perto. Tão deliciosamente perto!

Quando se deu por satisfeito de me distrair com sua diversão as minhas custas, o olhar esverdeado baixou, me convidando a fazer o mesmo e eu não me fiz de rogada, deslizei meus olhos por todo aquele monumento à minha frente, senti uma necessidade imparável de me movimentar e me apoiei na cama sobre os cotovelos. O desejo, cru e desesperado por aquele homem, por tocar e ser tocada, me sufocava.

A cabeça, redonda e grossa que saía pela cueca chamou minha atenção imediatamente, e eu gemi. Gemi, porque pai do céu! Eu queria tanto passar minha língua ao seu redor e chupá-la que minha boca secou e inundou instantaneamente.

Mordi o lábio, remexi-me na cama macia, apertei minhas coxas, ainda completamente vestidas por uma calça jeans, desesperada, necessitada por algum alívio, mas sem conseguir desviar meu olhar, ou impedi-lo de continuar a exploração até encontrar aquela ereção poderosa dentro de uma sunga box branca, que falhava miseravelmente na missão de contê-la. Puta merda! Ele é enorme!

Enorme para caralho!

Ensaiei um movimento para me levantar, mas ele estalou a língua e balançou a cabeça em uma negativa lenta. Eu queria protestar, reclamar, me rebelar, mas tudo o que fiz foi observar enquanto ele finalmente dava passos à frente, acabando com o espaço entre nós.

Com a aproximação, meu nariz resolveu se juntar à festa da qual meus olhos vinham participando há minutos e o cheiro dele inundou meus sentidos de maneira atordoante. Perdida, eu estou completamente perdida.

Quando ele finalmente chegou à beira da cama, eu já me sentia pronta para implorar por um contato, qualquer contato. Mas, antes que eu pudesse sair do meu torpor e dizer qualquer coisa, seus joelhos subiram sobre a cama e afundaram no colchão, prendendo minhas pernas entre as dele, ainda sem encostar em mim. Foi da sua mão o primeiro contato que eu senti e juro que a eletricidade de mil usinas elétricas atravessou meu corpo, matando-me de tesão e

desespero.

Com a boceta completamente enxarcada e pulsante, a respiração acelerada, o peito arfando e a boca seca de tanto desejo, senti o leve explanar de seus dedos sobre a maçã de meu rosto, deslizando, descendo, até encontrar meus lábios e afundar dentro da minha boca.

Fechei meus olhos, recebendo aquela mísera intimidade como um sedento no deserto.

Envolvi minha língua ao redor daquele único dedo, saboreando-o, deixando que minha imaginação ditasse os movimentos que ela implorava para fazer em qualquer outra parte do corpo glorioso que praticamente pairava sobre mim, e me rendi. Deliciei-me com a sensação de tê-lo dentro de mim, ainda que tão pouco dele e tão pouco em mim.

− Ah, Elora! O que eu faço com você? -A voz rouca me perguntou, me lançando ainda mais profundamente na névoa de perdição e desejo que me cercava, arrancando de mim mais um gemido, dessa vez, arrastado e manhoso. Senti seu rosto se aproximar, sua boca desceu sobre meu pescoço e sua língua esticou-se, varrendo da junção entre meu ombro e pescoço até minha orelha. Abri a boca sem emitir som algum, sentindo meu corpo estremecer inteiro em antecipação e deleite por finalmente tê-lo mais um pouquinho para mim.

− Será que eu faço você gozar sem tocar na sua boceta? -

sussurrou, enquanto seu corpo roçava leve e provocativo em mim, em flexões que hora me incendiavam com o simples raspar, hora me faziam sentir frio, quando me abandonavam. Perguntou, não porque tinha dúvidas de ser capaz, mas para me provocar. Funcionou, a pergunta despertou em mim muito mais do que o desejo por mais, despertou a necessidade.

− Não, por favor, não! -Implorei em um gemido manhoso e completamente despudorado.

− Não, o que, Elora? -perguntou, mesmo sabendo o que eu queria dizer. Elevando minha tortura, roçando o nariz pela curva do meu pescoço, aproximando sua boca da minha, respirando o mesmo ar que eu, desafiando-me a conseguir falar. Abri a boca, mas som nenhum saiu. Ele lambeu meus lábios abertos e coloquei minha língua para fora, buscando a dele com fome e sede,

mas ele se afastou milímetros, estalou a língua e balançou a cabeça levemente.

− Não o que, Elora? Fala! -exigiu, pausadamente, logo depois, mordeu meu lábio e puxou-o entre os dentes, deixando seu peso tocar meu corpo, amolecido, preenchendo o último espaço vazio de mim com uma necessidade latente dele.

− Você! Eu preciso de você! -Gemi: − Preciso que me toque. -

Minhas mãos lembraram que ainda funcionavam, subiram por seus braços, sentindo cada relevo e reentrância, a pele macia sob meus dedos, o calor que emanava dele e incendiava até os cantos mais escuros e escondidos de mim mesma. Movimentei a cabeça, passeando meu nariz por seu rosto, esticando a língua por seu pescoço, puxando sua barba loira com os dentes. Ele se contorceu sobre mim, encarando-me. Os olhos verdes me atraiam, me sugavam, me desconectavam de absolutamente tudo ao redor.

Não havia nada, só ele, eu, e um desejo consumidor.

− Eu preciso de você me tocando, me lambendo, me chupando! -

Finalmente, disse, ofegante e deslumbrada, com a língua cheia do seu gosto. Minhas roupas pinicavam na pele, porque tudo em mim sabia que havia coisas demais entre nós, tecido demais, espaço demais.

− Fala! -ordenou em um sussurro.

− Me fodendo! Eu preciso de você me fodendo! -As palavras irromperam para fora da minha boca e sua língua invadiu-a. Dominou-a, conquistou-a, tomou absolutamente tudo de mim. Seu corpo colou completamente no meu e impulsionei meus quadris para cima,

desesperada, esfregando sua ereção no ponto exato do meu maior desespero. Gemi, desnorteada, e sua boca deslizou pelo meu queixo, pescoço, colo, até chegar à camiseta fina que eu vestia. Ele sorriu, puxou o tecido para baixo, expondo metade dos meus seios, lambeu-os, como um faminto, e meu corpo explodiu em mil pedaços.

Estremeci, me partindo em um gozo súbito e gostoso enquanto ele tinha um dos meus peitos na boca e o mamava, contornando o bico duro com a língua e, depois, chupando-o, arrastando os dentes sobre ele, ao mesmo tempo em que

suas mãos desciam pela lateral do meu corpo e enrolavam a blusa para cima, e interrompendo o trabalho de sua boca por breves segundos, apenas o suficiente para finalmente deixar meu tronco nu e completamente a sua mercê.

Ele abaixou a cabeça sobre a minha barriga, plantando um beijo abaixo do meu umbigo e subindo, lentamente, roçando a ponta do nariz e dos lábios por minha pele arrepiada até a linha abaixo dos meus seios, antes de fazer o caminho de volta, agora, parando com a boca no cós da minha calça. Vibrei, ansiosa pelo que viria a seguir, recuperada do orgasmo inesperado, mas desejosa por um muito melhor do que o primeiro, e ele viu isso no meu olhar.

− Você não quer a minha boca em você agora, quer? -perguntou, sorrindo de canto, se sentando sobre os meus quadris e desabotoando minha calça jeans

− Não... -Respondi com os olhos focados nos seus, mas ele desviou, fixando o olhar no triângulo de renda rosa que agora aparecia entre as duas partes abertas da minha calça. Com um sorriso escancarado, ele abaixou a cabeça, curvando o corpo e enfiando o nariz justamente naquele espaço, para logo depois, puxar uma inspiração profunda, aspirando meu cheiro.

− Tem certeza? -Perguntou, com a voz abafada pela posição, fazendo seu hálito quente atravessar a barreira do tecido fino que cobria meu púbis e minha boceta contrair, desejosa.

− Sim!!! -Respondi, arrastadamente, fechando os olhos e ele finalmente levantou-se. Suas mãos me despiram com rapidez, tirando

calcinha e calça de uma vez, e quando ouvi o farfalhar de roupas caindo no chão, abri os olhos para ele, que agora descia a própria cueca em um movimento ágil. Assim que o tecido deslizou pelos quadris, seu pau saltou, duro e grosso, glorioso, apontando para cima, com as veias evidentes e a cabeça brilhando.

Ofeguei, desejosa de tantas coisas ao mesmo tempo, sem saber o que escolher. Queria tocá-lo, lambê-lo, mas também queria encaixá-lo dentro de mim e deslizar sobre ele até o fundo, sentir-me sendo invadida e preenchida por completo, engolindo-o. Rebolar, para que ele alargasse minhas paredes e fodesse minha boceta ansiosa, pedinte por ele.

Dessa vez, os passos que o trouxeram até mim não foram lentos ou provocativos, foram ágeis e determinados, eu não fui a única que cansou de brincar. Sentei-me

na cama, não resistindo à vontade de senti-lo em minhas mãos e agarrei seu pau com firmeza quando tudo o que nos separava era o fato de eu estar sentada e ele ainda em pé.

Ele gemeu e o som me rasgou inteira. Sua mão segurou minha nuca, lambi os lábios, seus olhos brilharam, e decidi que teria tudo o que eu queria, mesmo que fosse um pouquinho de cada coisa.

Sem dar chance para resistência, curvei meu pescoço, abocanhei a glande e chupei-a como se fosse um pirulito delicioso. Foi a minha vez de gemer. Me remexi na cama, esfregando a boceta aberta sobre os lençóis e, precisando de mais enquanto o olhava e chupava a cabeça de seu pau, levei um dedo até minha própria intimidade e pressionei meu clitóris. A onda de prazer que me atingiu me fez fechar os olhos e abrir a boca em um gemido deliciado, ele aproveitou o momento, investindo duro e enfiando o pau até o fundo da minha garganta, quase me fazendo engasgar.

A sensação me despertou, e engoli com seu pau preso à minha boca. Um som parecido com um rugido escapou dele e em segundos minha boca foi abandonada e ele desceu o corpo sobre o meu na cama, me beijando, sentindo o próprio gosto na minha língua. Encaixei meu quadril ao redor de suas pernas e, rebolando, seu pau em minha entrada. Nos olhamos, ofegantes, por apenas um segundo e, sem

delicadeza, ele me penetrou. Gritei, recebendo a bem-vinda ardência do preenchimento.

Minhas costas arquearam, saindo da cama. Minha boca abriu, ele agarrou meus quadris e fez exatamente o que pedi, meu fodeu! Duro e rápido enquanto lambia, sugava e mordia minha pele, meus peitos, minha barriga e pescoço. Rebolei sem pudor e seus olhos se fecharam enquanto ele se perdia nas mesmas sensações em que eu me afogava.

Sua boca voltou a minha, lambendo-me e chupando.

Descontrolados, respirávamos o mesmo ar, nossos peitos subiam e desciam com velocidade, colados. Rolamos. Deitada por cima do seu corpo, tive minhas coxas agarradas, até me ver sentada em seu colo.

Usando os pés como impulso, subi pela primeira vez e, quando seus dentes

arranharam minha garganta antes de chupá-la, bati minha bunda em suas coxas, engolindo seu pau de uma vez e arrancando de nós dois gemidos altos e deliciados.

Sua mão deslizou pelas minhas costas, alcançando a raiz dos meus cabelos, puxou minha cabeça para trás, obrigando-me a dar livre acesso ao meu pescoço. Sua língua brincou ali e eu perdi o controle, subia e descia, cavalgando-o deliciosamente, gemendo cada vez mais alto, com meu corpo implorando por libertação com mais desespero a cada estocada, e quando sua mão puxou meu cabelo com força e seu quadril investiu contra mim ao mesmo tempo em que eu investia contra ele, me perdi.

Com um grito agudo e tremores, gozei, desmoronando em seus braços, amolecida e saciada. Mas seus quadris não me deram folga, continuaram em busca da própria libertação enquanto eu me agarrava ao seu corpo como se ele fosse um bote salva-vidas, até que ele também estremeceu embaixo de mim, e caímos os dois, de costas, na cama, um sobre o outro. Uma confusão de braços, pernas, suor e satisfação.

O riso veio solto, começou nos meus pensamentos, se apossou dos meus lábios, até irromper pela minha garganta em uma gargalhada gostosa de mulher bem fodida. Afundei meu nariz em seu



peito, aspirando seu cheiro, e logo pude ouvir sua risada se juntar a minha. Durou segundos, segundos de felicidade genuína.

Até que o som se transformou, e, de repente, não eram mais risadas, e sim o *trim-trim* irritante, como um toque de celular. Foi instantâneo, a sensação de languidez e saciedade do meu corpo virou-se em dormência, aquela sentida

quando se está há muito tempo parado na mesma posição.

Os cheiros e sons voltaram, eu podia aspirar o amaciante das roupas de cama ao meu redor, além do *trim-trim* irritante, podia ouvir alguns pássaros, buzinas de carros e a maldita música da Rita que o vizinho do prédio da frente adorava escutar, até mesmo a claridade tentava se infiltrar pelas minhas pálpebras fechadas. Então, me dei conta, tinha acordado.

Com os olhos fixos na parede de cortiça lotada de calendários, post its, e anotações sobre prazos finais, não consigo evitar pensar sobre os primeiros minutos do meu dia. Gozada. Acordei gozada. De novo.

Quanto tempo faz agora? Três semanas, certo? Mas quem se importa? Além do meu vibrador, é claro, que desde que o corredor resolveu bater ponto nos meus sonhos diariamente, tem ficado abandonado na gaveta da mesinha de cabeceira, pelo menos, hoje, foi um dos dias bons. Consegui gozar duas vezes.

Ouço a porta do apartamento do lado batendo. Lá se vai meu vizinho pervertido... Será que eu deveria agradecer a ele pelos orgasmos? Repito meu dilema diário e rio de mim mesma. Mas não é como se isso realmente fosse possível, já que há alguma força mágica que sempre me impede de vê-lo, desde que se mudou para cá, há dois meses atrás.

Ouço sua porta abrir e fechar em diferentes horários do dia, mas não importa quão rápido eu chegue ao corredor, nunca consigo pegá-

lo entrando ou saindo do apartamento. Nunca consigo vê-lo, e bem, a santa das vizinhas curiosas é testemunha de que eu tentei! A das vizinhas enraivecidas, e a das vizinhas excitadas com os sons de sexo do apartamento do lado também são.

Quando vi a empresa descarregando a mudança, era só curiosidade, então fiquei atenta aos sons do elevador, toda vez que ele apitava no andar, eu corria para o olho mágico da porta do meu apartamento, querendo saber se era o novo vizinho chegando em casa. Um, dois, três dias nesse vai e vem corrido pela minha própria casa, e nada. Fiz o vizinho do andar de baixo achar que eu tinha começado a treinar funcional em casa à toa, porque não vi nem mesmo um pedacinho da bunda do vizinho novo enquanto ele virava a esquina do corredor.

Na semana seguinte, reparei que ele tinha uma rotina, porque sua porta sempre se abria e fechava nos mesmos horários, e quando estava certa deles, passei a

fazer tocaia no olho mágico, mas, então, ele mudou os horários, e eu ficava plantada na porta como uma árvore criando raízes a troco de nada, porque ele simplesmente não aparecia. E todas as vezes em que eu ouvia a porta, nunca conseguia chegar ao corredor à tempo de vê-lo. Saía correndo feito uma louca desvairada de onde quer que eu estivesse no meu apartamento, só para dar de cara com o corredor vazio.

Exceto por uma vez, em que eu fiz a alegria do seu Marcelo, o vizinho do apartamento que fica do outro lado. Acontece que eu saí tão desabalada do banheiro, quando estava penteando o cabelo despois do banho, que esqueci que estava de sutiã e calcinha, e foi exatamente assim, que o seu Marcelo, meu vizinho de 72 anos, saindo pela porta com um saco de lixo na mão, me viu. Com os cabelos loiros molhados, o colo vermelho pela corrida rápida, e nada mais além de renda branca e pequena cobrindo o corpo.

Os olhos do pobre velho ficaram tão arregalados, que me preocupei. Pedi desculpas e voltei correndo para dentro, mas só ouvi a porta do seu João bater quase dez minutos depois. Acho que *piripaqueei* o velho. Passei uma semana assim. E foi na terceira

semana que a indignação tomou o lugar da curiosidade.

Aparentemente, bem ambientado em sua nova casa, o vizinho decidiu que o prédio inteiro precisava ter conhecimento das suas atividades noturnas, e, então, meu pesadelo travestido de gritos, gemidos e pancadinhas na parede do meu quarto, que é a mesma do quarto do infeliz, começou.

Todas as noites, religiosamente, meu querido vizinho transa escandalosamente com uma mulher, e nunca a mesma! Sempre, sempre uma diferente! Como eu sei disso? Porque a voz e o som dos gemidos nunca é o mesmo! Puta merda! Onde foi que eu cheguei?

Minha mãe ficaria orgulhosa, me tornei uma exímia analista de gemidos e sons de foda.

Minha fúria durou duas semanas. Duas semanas em que todos os dias, eu queria encontrá-lo, apenas para pedir que ele, encarecidamente, amordaçasse suas parceiras de foda, porque eu realmente gostaria de conseguir dormir uma noite sem estar molhada, excitada e latejando pelo sexo alheio. Era uma porra! Uma mistura de raiva e inveja em igual medida que estavam me tirando do sério.

Cheguei ao ponto de pensar em passar bilhetes por baixo da porta dele, já que não conseguia encontrá-lo.

E ele morava aqui há pouco tempo para eu reclamar com o síndico.

Além disso, o que eu diria? “Olha, seu Moacir! Preciso conversar com o senhor! Não está dando mais para aguentar! O meu vizinho novo transa demais! Pois é, seu Moacir! Toda noite, quase a noite toda! Não sei como o infeliz aguenta, mas aguenta, seu Moacir! As mulheres gritam tanto que tá impossível não sentir inveja!” É claro que não! Eu simplesmente não podia dizer uma coisa dessas.

Então engoli toda a minha raiva. Deixando-a livre apenas nos momentos em que permitia que minha imaginação corresse solta, planejando formas de fazer o maldito vizinho comedor brochar.

Pensei, por exemplo, em deixar um bolo na sua porta, um bolo batizado com algum remédio que o fizesse brochar, se aquela situação não melhorasse, eu não me responsabilizaria pelos meus atos! Mas, para minha imensa surpresa e, literalmente, satisfação,

duas semanas depois, toda a minha indignação se transformou em gratidão.

Com uma xícara quente nas mãos, me debruço sobre o balcão da cozinha americana do apartamento e marco um x na terceira tarefa do meu check list mental do meu ritual diário. A primeira, acordar gozada.

A segunda, me fazer humana depois de acordar, e, a terceira, namorar minha casa e dizer para mim mesma que falta muito pouco para que ela se torne completamente minha, de papel passado.

Quinze minutos depois, confiro as entregas dos próximos três dias.

Preciso concluir um livro e começar a tradução de um artigo científico.

A manhã passa em um borrão de palavras traduzidas do português para o francês, e quando a hora do almoço chega, meus pobres olhos só querem um descanso da tela brilhante do computador. Me levanto da cadeira e estico os braços atrás das costas, ouço o estalar da minha coluna e aproveito para relaxar o pescoço também.

O início da tarde já não passa tão rápido quanto eu gostaria.

Acontece que o trabalho com o artigo já começa chato. Mas não sei porque me espanto, afinal, é impossível que qualquer coisa sobre beringela seja realmente legal, e é justamente este o seu tema. Cristo!

Eu amo meu trabalho. Amo a língua francesa, amo o ato de transformar textos ao traduzi-los, amo procurar e esconder sentidos em palavras, frases e parágrafos. Para mim, é muito mais do que um processo mecânico, eu realmente gosto de fazer o que faço.

Gosto, principalmente, da liberdade que trabalhar para mim mesma me dá. Eu escolho meus dias e horários de trabalho, eu estipulo e lido com meus próprios prazos, eu não preciso lidar com colegas chatos ou com um ambiente de trabalho tóxico. Trabalho em casa, confortavelmente sentada na minha sala ou no meu quarto. Ao meu ver, só tem benefícios.

Mas, às vezes, acontece de um texto me dar uma surra. E, aparentemente, o maldito artigo sobre os benefícios do consumo de beringela será um desses textos. Sério, quem usa a palavra *estoicamente*? Ninguém em sã consciência, certo? Errado! O autor do maldito artigo utilizou, e eu já estou há mais de quarenta minutos

procurando uma palavra equivalente, mas vejam só? Aparentemente, os franceses são mais sensatos que os brasileiros, e para que ninguém decida que porque a palavra *estoicamente* existe, ela deve ser usada, os moradores da França simplesmente decidiram que não precisavam que ela existisse em seu vocabulário.

Uma porra! Com um suspiro frustrado, totalmente imersa no trabalho, começo a me preparar para procurar formas de substituir a palavra pelo seu significado, mas sou interrompida pelo alarme do celular que começa a tocar, anunciando a chegada da primeira melhor hora do meu dia. Não consigo me impedir de sorrir e, largando absolutamente tudo o que estou fazendo de lado, corro para a cozinha, pego uma garrafinha de suco, antes de me plantar na pequena varanda do apartamento, como todos os dias nesse horário.

Com os olhos fixos na rua, espero. Depois que o semáforo abre e fecha duas vezes, eu o vejo. Em seu ritmo habitual, ele corre. O short preto de tecido leve quase se agarra às coxas musculosas, a camiseta fina deixa seus bíceps e tríceps

flexionados a mostra, o cabelo loiro, curto dos lados e cumprido no topo, balança, enquanto seus lábios se movem, provavelmente, cantando em silêncio a música que ouve nos fones de ouvido.

Os óculos escuros protegem seus olhos do sol e acrescentam um que a mais de tesão naquela imagem teste de problemas cardíacos. O

homem é um deus loiro! Grande em todos os sentidos, alto, largo, com uma bunda deliciosa, e um rosto, que nem mesmo os óculos escuros conseguem fazer qualquer coisa para esconder a beleza.

Passo a língua pelos lábios, me debruçando sobre a grade de proteção e levando a garrafinha de suco de uva aos lábios enquanto o corredor passa, na calçada, seis andares abaixo de mim, e eu praticamente babo por ele. Faz quase um mês que o vi pela primeira vez. Eu estava aqui, nesse mesmo lugar, olhando para o nada, querendo abstrair minha mente, depois de muitas horas seguidas sentada diante da tela do computador, então ele passou. Correndo, gostoso, suado, e eu até apertei meus olhos para ter certeza de que eu não estava alucinando, afinal, o Thor só existe em filmes, certo?

Chamei pela santa das mulheres que não acreditavam no que os próprios olhos viam em voz alta, falando sozinha, me abanei, e quando ele estava quase sumindo da minha visão, achei que algum som tivesse chamado sua atenção, porque ele virou a cabeça, e foi quase como se estivesse olhando para mim, exceto pelo fato de que eu estava dez andares acima, olhando, pela sacada minúscula de um prédio, em meio a tantos outros dentro de um conjunto de prédios.

Ele não poderia estar olhando para mim, mesmo assim, a simples ideia fez minhas pernas bambearem e eu tive que me agarrar ao guarda-corpo da varanda para não cair de bunda no chão. Em alguns segundos, ele sumiu.

Coincidentemente, no dia seguinte eu estava no mesmo lugar, estendendo algumas roupas no varal de chão que deixo na varanda, na verdade, estendendo a calcinha que eu tinha molhado ao olhar para aquele homem na tarde anterior, quando ele passou outra vez. E, bem, no dia seguinte, eu precisei estender outra calcinha, e no outro, e no outro, e no outro...

Porque, desde então, todos os dias, às 15h, eu tenho um encontro com o deus nórdico corredor, e todos os dias, quando está quase chegando ao final do trecho

que meus olhos alcançam, ele olha *para mim*, tudo bem, tudo bem, não para mim, na minha direção. No início, achei que era um som, mas, depois, descobri que tem um outdoor com uma propaganda de lingerie bem na direção do meu prédio.

Aparentemente, o deus corredor gosta muito de renda vermelha.

Foi na quarta noite daquela semana que eu sonhei pela primeira vez. Fui dormir com a porta do quarto fechada, um travesseiro na cara e o ar condicionado ligado, tudo para diminuir o som da foda do meu vizinho pervertido, mas não adiantava, eu continuava ouvindo. Nas semanas anteriores, meu vibrador vinha fazendo hora extra, mas desde que o corredor tinha aparecido, ele não estava dando conta da minha mente fértil.

Porque ainda que eu me masturbasse e tivesse orgasmos deliciosos, bastava voltar a ouvir o comedor grunhir e gemer, para a imagem do gigante loiro invadir a minha mente e eu imaginá-lo diante

de mim, grunhindo e gemendo enquanto fazia o que queria com o meu corpo. Estava foda.

Aos trancos e barrancos, molhada, excitada, dolorida e sem conseguir tirar aquele corpo suado da cabeça, depois de muito rolar na cama, eu dormi, e sonhei. Foi um sonho sem preâmbulos, começou com a sua boca se banqueteando na minha, chupando, mordendo e lambendo, terminou com ele gozando, enterrado fundo dentro de mim, enquanto eu estava mole e jogada em cima da cama, saciada, satisfeita, feliz. E tem se repetido todas as noites desde então.

Nas noites seguintes, descobri que nos meus sonhos é ele o meu vizinho pervertido, e que é sempre comigo que ele faz suas perversões. Minha mente criativa já inventou tantas formas quanto foram possíveis de tudo começar. Ele já bateu na minha porta, me pedindo uma xícara de açúcar, nós já nos esbarramos no hall e sentimos uma atração irresistível, que fez com que começássemos a nos agarrar ali mesmo.

Eu já fui bater na porta dele, pedindo uma colher de sal, e tantas outras coisas... Mas, invariavelmente, não importa como comece, quando meu sono não é importunado, sempre termina igual, exatamente como no primeiro dia, com ele enterrado em mim até o fundo, logo depois de nós gozarmos, esses são os dias

bons.

Algumas vezes fui acordada antes da hora por um barulho na rua, ou uma ligação, esses são os dias ruins, dias em que eu tive meu orgasmo negado. Era sonho, mas a coisa toda é tão real, que meu mau humor ao acordar foi realíssimo!

Do alto do sexto andar, observo o vizinho dos meus sonhos se afastar de mim com a pele morena suada, e os cabelos, molhados de suor, jogados para trás. Então, como sempre, quando está quase saindo do meu campo de visão, ele olha para trás por apenas alguns segundos, e eu me permito acreditar que ele está me dizendo até mais tarde.

− Até mais tarde, corredor!



— Ai, Li! Eu mal posso acreditar que finalmente tenho o suficiente!

Meu Deus! Finalmente! Acho que no dia em que eu assinar o contrato, vou gritar da janela do prédio que aquele apartamento agora é meu! -

digo, afobada, como uma brincadeira, mas a cada segundo que passa, a ideia parece mais memorável na minha cabeça e eu decido que sim! Vou fazer isso. Minha irmã me encara divertida do outro lado da mesa do restaurante em que estamos.

— Ah, claro! Os vizinhos vão adorar, e os passantes vão te achar louca, na verdade! Tenho uma ideia! -diz, com um olhar diabólico no rosto: ¯Por que você não dá esse show pontualmente às três horas da tarde do dia? Nem um minuto a mais, nem um minuto a menos...

Estreito meus olhos para ela, entendendo exatamente qual é o seu ponto e passo as mãos pelos meus cabelos, organizando-os todos de um lado só do pescoço, depois, brinco com o pingente do meu cordão.

— Não sei... talvez essa não seja de todo uma má ideia, sabe?

Isso pode fazê-lo me notar...

Lívia revira os olhos.

— É sério, Elora! Você precisa parar com essa obsessão! Foi bonitinho no começo, mas, agora, já tá ficando esquisito...

Inclino minha cabeça e a observo.

— Achei que tivéssemos saído pra comemorar meu futuro, novo, velho apartamento... -levo a taça de vinho à boca, tomando um gole, deixando que o gosto amargo e doce, ao mesmo tempo, inunde meu paladar.

— E nós saímos...

— Então porque nós estamos falando sobre o que você insiste em chamar de minha obsessão pelo corredor gostoso? É sempre você a trazer o assunto à tona... Talvez seja você a obcecada no final das

contas... -Comento e tomo mais um gole. É a vez dela de estreitar os olhos para mim.

— Malditas aulas de argumentação e clube de debates! Eu juro por Deus que quando eu tiver filhos, eles nunca vão participar dessas coisas. -Gargalho!

— Você sabe que eu estar certa não é culpa dos debates que venci na época da escola, né?

— Uma ova! Duvido que sem todo aquele treino você seria tão boa em encontrar argumentos tão convincentes mesmo quando está errada! E, Elora, você pode dizer o que quiser, mas está errada! Isso não é normal! Já faz quase dois meses que... -Ela para de falar subitamente e eu sorrio.

Lívia olha para os lados, procurando qualquer curioso atento à nossa conversa, e,

não encontrando nenhum, aproxima a cabeça da minha, por cima da mesa, antes de sussurrar: ¯Que você sonha que está transando com um homem que nunca viu e acorda gozada, droga! -Gargalho alto, agora sim chamando atenção das demais pessoas no restaurante para nossa mesa.

— Por que você está sussurrando, Lívia? Todo mundo transa! E

quem não transa, devia transar! Aliás, acho que é esse o seu problema! Quanto tempo faz desde a última vez, em? -O rosto da minha irmã é tingido de vermelho e eu volto a gargalhar, Deus! Nós não poderíamos ser mais diferentes!

Ela sonha com o príncipe encantado chegando no cavalo branco, e, só perdeu a virgindade, porque foi enganada por um sapo travestido de príncipe, mas desde que se decepcionou com a verdade, parada nem começar a definir sua vida sexual. E eu, bem, não é como se eu saísse por aí à caça, mas também não dispenso boas oportunidades, e tampouco preciso de um homem para me satisfazer, meu amigo vibrador que o diga. E é isso o que digo a ela.

— O que você chama de obsessão, eu chamo de oportunidade, Lívia! Porque gozar com um vibrador é bom, mas gozar com um homem fazendo o que bem entende de mim, Deus! Isso é incrível! E,

se no momento eu não tenho um real, não serei eu a me esforçar para dispensar aquele que me visita em sonhos!

— Mas você não acha que isso te impede de encontrar justamente esse cara real? -pergunta, ainda com a pele avermelhada, ignorando completamente o questionamento que fiz, como eu sabia que faria.

— Não, eu não acho...

— Isso quer dizer que você tem um encontro para o dia dos namorados? -Suas sobrancelhas estão arqueadas, entre a dúvida, e a animação.

— Dia dos namorados? -Franzo a testa.

— Tá vendo só? É disso que eu estou falando! O dia dos namorados é em um mês e você nem tinha se dado conta! E nunca, Elora! Nunca! Desde a adolescência, você deixou de ter um encontro pro dia dos namorados! -ouço suas palavras e não posso dizer que ela está errada, porque seria mentira.

Mas, curiosamente, diferente de todos os anos anteriores, esse ano eu simplesmente não me importei com essa data, porque, honestamente, fazer questão de companhia nunca foi uma coisa emocional, foi sempre algo físico.

Eu simplesmente queria saber que ia transar no dia dos namorados, não é menos preocupante, eu sei, mas, bem, cada um com as suas manias, certo? Algumas pessoas colecionam palitos, outras, roubam, quando pensam que ninguém está olhando, eu? Eu marco noites de sexo todos os anos no dia dos namorados... é a vida... ela é estranha. Não há o que fazer quanto a isso.

Olho para o rosto da minha irmã, e enquanto penso no que dizer, muitas opções me passam pela cabeça, inclusive, a de virar a mesa e perguntar, novamente, sobre a sua própria vida emocional e, ou, sexual, mas decido pela honestidade.

— Bem, se você pensar bem, isso é um avanço, não um retrocesso... De alguma maneira, algo que não era exatamente saudável, precisar ter companhia no dia dos namorados,

simplesmente perdeu a importância, na verdade... Acho que eu deveria agradecer ao corredor por isso também! -Ela revira os olhos.

— Elora...

— Tudo bem, Li, você fez seu ponto... Agora podemos voltar à nossa comemoração?

— Eu só acho que...

— Lívia! -A interrompo com um tom definitivo e ela expira com força, antes de fixar seus grandes olhos castanho-escuros em mim, fazer um biquinho contrariado, e então, se render.

— Tudo bem! Tudo bem! Quando você vai falar com o seu Felipe?

— Amanhã mesmo! Não quero esperar nem mais um segundo, se ele quiser assinar os papéis amanhã, eu assino! -Minha irmã ri.

— Calma, Elora. Não é tão simples assim, ele ainda vai precisar analisar os documentos que fizemos, se você não tivesse uma brilhante advogada como irmã, seria ainda pior. De nada, aliás!

— Pelo quê? Por ter nascido? Se manca, Lívia! Eu nunca pedi você! Mesmo assim, um belo dia, mamãe chegou em casa com um pacotinho que mais parecia uma bola, de tão pequeno e redondo, e eu tive que viver com isso! Você quebrava minhas bonecas, roubava meus brinquedos, era sempre o centro das atenções...

Definitivamente, um péssimo negócio! Pedi a mamãe várias vezes pra te devolver, mas ela disse que era impossível, então, minha cara, nada que você fizer por mim, jamais vai ser o suficiente pra pagar tudo o que eu perdi ou tive que dividir com você!

Declaro e, ao final de meu discurso, minha irmã está se contorcendo em risadas, porque ela sabe que cada palavra é mentira.

Eu pedi por ela sim, eu amei cada segundo da sua existência, penteei seus cabelos e troquei suas fraldas. Eu a ensinei a escovar os dentes e a andar de bicicleta. Eu dei a ela sua primeira camisinha, e expliquei como usar, eu fui irmã mais velha e ela, a caçula, na verdade, ainda interpretamos esses mesmos papéis, mesmo que eu já tenha vinte e seis e ela vinte e dois, e que, frequentemente, Lívia insista em invertê-

los.

Não me seguro por muito tempo e, em instantes, somos duas gargalhando descontroladamente no meio do restaurante italiano.

Depois que nos acalmamos, Lívia segura em minha mão e, ainda com sorrisos estampados em nossos rostos, ela diz que me ama, e ao invés de responder que eu também, aperto sua bochecha, apenas para irritá-la, afinal, é disso que se trata o amor fraternal, não é?



A maquete no meio da sala de reuniões quase reluz de tão nova enquanto apresento os números para o conselho da Galvani &

Fortuna empreendimentos imobiliários. Preciso de um grande esforço para não deixar transparecer em minha voz toda a empolgação que sinto com o novo projeto, afinal, os homens sentados ao redor da mesa querem ver um homem de negócios, não um moleque se divertindo. Particularmente, não vejo nenhum problema em entender que é perfeitamente possível ser as duas coisas ao mesmo tempo, mas eles veem, e é do sim deles que eu dependo para tirar meu projeto do papel.

— É por isso, senhores, que esse é um investimento mais do que interessante, apesar de arriscado. -encerro meu discurso que já durava quase quarenta minutos, projetando na tela à frente da extensa mesa de reunião imagens e simulações 3d do Ilha Nova -

Residencial de luxo. Dessa vez, é mais forte do que eu, não consigo impedir que um sorriso se espalhe pelo meu rosto enquanto assisto pelo que deve ser a enésima vez tudo o que minha cabeça uma vez imaginou, quase como se já tivesse se tornado real.

Com as mãos no bolso da calça, deixo que cada imagem invada meus olhos, e elas se misturam as da minha própria imaginação.

Alguém com um olhar destreinado, poderia achar esse um investimento descabido, não eu. Investimentos imobiliários arriscados são a minha especialidade. Eu adoro os riscos, mas, mais do que eles, eu adoro provar

continuamente que sou capaz de superá-los. E esse…? Esse é um risco imenso, o meu tipo favorito.

Os prédios altíssimos despontam diante de olhares atentos.

Janelas largas e brilhantes, sacadas espaçosas e decorações luxuosas piscam na tela enquanto o vídeo sobe e desce, simulando o voo de um drone. Depois de explorar cada possibilidade dos edifícios, é a vez das áreas de lazer. As piscinas de borda infinita com vista para uma pequena praia artificial na parte traseira do condomínio, depois, as quadras de tênis, basquete, vôlei, e, por último, o campo de golfe, antes do slogan da futura campanha de vendas aparecer: “Ilha Nova, uma nova maneira de viver o luxo.”

A tela se apaga e eu me viro para o meu pequeno público, vestindo novamente minha máscara de imparcialidade diante dos ternos e gravatas à minha volta.

— É um investimento arriscado. -A primeira acusação soa firme e direta. Ótimo, eu prefiro assim.

— Se vocês procuram segurança, definitivamente, senhores, eu sou o homem errado para o trabalho, mas se procuram um retorno financeiro astronômico e digno do risco que lhes apresento, podem contar comigo. Esta é uma empresa de empreendimentos imobiliários que atua nos mais diversos campos, porém, convenhamos, não é construindo apartamentos de 60 metros quadrados que os senhores mantiveram e ampliaram suas fortunas.

Eles são sim uma parte importante da receita e do capital da GAF, mas não são a maior parte, nem aquela que os mantém ricos.

Risadas soam ao meu redor, e eu apenas balanço a cabeça.

— Nos mantém, meu amigo! Nos mantém! Não se esqueça de se incluir no grupo. -Um dos investidores comenta, mantendo o tom de diversão, que é exterminado pela próxima fala dita à mesa.

— Gustavo, eu entendo o que você quer dizer, mas, ainda assim, você está apresentando um risco de sessenta e cinco porcento como se fosse de três. -Giordano, um antigo investidor de pele enrugada, cabelos brancos, ralos no meio da cabeça, e pele morena, contrapõe e eu sorrio.

— Se você acha que eu estou apresentando esse risco como algo simples, Giordano, é porque não leu o valor estimado de retorno para cada um dos acionistas. Um empreendimento que tivesse apenas três porcento de risco, jamais poderia render tanto. -

Giordano franze o cenho com a minha resposta direta e nada floreada.

— Senhores... -Rodrigo intervém. Meu irmão me lança um olhar de advertência que eu ignoro. Definitivamente, é ele o paciente da prole, não eu. Depois de inúmeras reuniões, hoje não é o dia para questionamentos, não quando os riscos vêm sendo estabelecidos e

apresentados parcialmente há meses. Hoje é o dia de aprovar ou não o assumir deles. ¯Se ninguém tiver nada contra, vamos votar?

-Questiona, e o silêncio cai sobre a sala, setenta e quatro andares acima da avenida Rio Branco, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

Porém, antes que Rodrigo abra a boca, sua voz é calada.

— Na verdade, eu ainda tenho algo a dizer. -É claro que tem, ele sempre tem... Miguel e sua maldita incapacidade de aceitar uma derrota. Todos se voltam para o homem de olhos sínicos e sorriso falso. Miguel é aquele primo que ninguém gosta, mas é obrigado a aturar nas reuniões de família ano após ano, e, para minha infelicidade, sou obrigado a aturá-lo na empresa também. Sempre se opondo, sempre criticando, nunca contribuindo, sempre desejando ser mais do que é.

Uma sala maior, um cargo melhor, clientes mais importantes. Mas nunca, nunca mesmo, buscando conquistar qualquer dessas coisas.

Sempre acreditando que apenas seu nome e o charme, que ele jura ter, devam ser suficientes. Eu mal posso tolerá-lo, mas, como sempre, é óbvio que ele se oporia. E, se esse fosse um projeto como qualquer outro, estaria tudo bem, eu ficaria mais do que feliz em vê-lo se envergonhando mais uma vez, no entanto, esse não é só mais um projeto. É o projeto.

A aprovação do Ilha Nova e seu consequente sucesso levariam a GAF a um novo patamar sob a minha direção. Não é apenas dinheiro, é reconhecimento e realização. É aquilo de que eu estou constantemente em busca, ao contrário dele.

Volto meu olhar para Rodrigo e encontro seus olhos fixos em mim em um pedido silencioso. Calma, ele quer que eu tenha calma.

Meneio a cabeça, avisando ao meu irmão que não farei promessas.

— Nos ilumine, Miguel... -peço, falhando miseravelmente na missão de não soar irônico. Inclino a cabeça levemente, e passo a língua sobre os lábios. Seus olhos castanho escuros encontram os

meus e eu não consigo me impedir de pensar que quem quer que o veja assim, fingindo seriedade, vestindo um terno de milhares de reais e com uma postura enganosamente competente, poderia imaginar a cobra que é. Ele me olha por segundos a fio sem dizer nada, e eu imediatamente entendo do que isso se trata.

Miguel quer o meu lugar, sabe que não terá, e, por isso, vai me infernizar, nada novo sob o horizonte.

— Os ganhos são realmente ótimos, mas esses riscos... -

comenta com uma falsa despretensão, balança a cabeça para os lados, estala a língua e solta o corpo na cadeira, fazendo-a girar levemente.

— O quê? São altos demais? Acho que isso já ficou claro para todos Miguel? Você tem algo que seja realmente relevante para dizer? Questiono, declarando minha incapacidade de ser paciente, e nem preciso olhar para Rodrigo para saber que seus olhos estão fixados em mim.

— Na verdade, não. Meu ponto é que, considerando o tamanho deles, deveríamos analisar melhor antes de tomar uma decisão.

— Esse projeto vem sendo analisado há quase oito meses agora, Miguel. Eu vou ter que discordar de você, não acho que seja necessário mais tempo para pensar. -decreto, esperando, assim, que ele entenda o recado. A brincadeira acabou. Mas um sorriso debochado se abre em seus lábios, fazendo-me franzir o cenho e apertar minhas mãos, ainda nos bolsos de minha calça, em punhos.

— Lamento, Gustavo. Mas isso não vai acontecer, se vocês realmente quiserem votar, podemos fazer isso, mas vou deixar claro desde agora que meu voto será não. -Olho para ele tentando entender que porra esse filho da puta está fazendo. Em meu rosto, a expressão neutra permanece, algo que aprendi há muito tempo,

a necessidade de uma cara de poker constante quando se trata de negócios. Não saber disfarçar emoções, no meu ramo de atuação, pode custar milhões, e eu não sou um homem que perde milhões, sou o que ganha.

Balanço a cabeça para cima e para baixo, lentamente.

— Senhores, se vocês puderem nos dar licença, parece que essa reunião perdeu seu propósito. Alice os informará sobre uma nova data.

Dez dos doze membros do conselho se levantam e começam a caminhar para fora da sala de reuniões. Miguel, como esperado, permanece sentado no mesmo lugar, sem fazer questão alguma de disfarçar o sorriso debochado em sua boca. Ele não entende que são justamente atitudes como essa que o manterão eternamente afastado do lugar que ele diz que quer estar. Rodrigo se levanta, cumprimenta alguns dos acionistas, mas, diferente deles, também não sai, provavelmente, preocupado com o que acontecerá se me deixar sozinho com nosso querido primo.

Direciono meu olhar para ele com um “serio?” estampado em meu rosto e ele me devolve um olhar de “sim!” estampado no seu.

Sorrio, porque não posso negar, meu irmão me conhece. Sorrio e aceno, dispensando-o, ele me dá um último olhar de aviso e, finalmente, sai da sala, deixando-me sozinho com Miguel. Caminho até a pequena copa e preparo uma xícara de café, o silêncio toma conta da sala e eu seria capaz de apostar minha Lamborghini que Miguel não está mais sorrindo.

Tomo meu tempo, muito mais do que seria necessário para preparar e tomar um café, e quando finalmente dispenso meu olhar na direção do meu primo mimado, suas narinas se alargam a cada expiração e a raiva que sente está por todo o seu rosto. Me aproximo da mesa, levando minha xícara comigo e me sento, não ao seu lado como ele esperava, mas na cabeceira, onde é o meu lugar, para que ele não se esqueça de qual é o dele. Mais um gole de café, e então eu solto meu corpo na cadeira e fixo meus olhos nos seus.

— O que você quer, Miguel? -Ele dobra o lábio inferior em um sinal universal de que não sabe do que estou falando e abana o ar com uma das mãos, dispensando minha pergunta.

— Miguel, diferente de você, eu não tenho tempo a perder. Você tem dez

segundos, ou vai perder a pouca vantagem que conseguiu.

— Uma diretoria. -responde quase imediatamente, e eu estalo a língua. Tolo. Um homem que se permite ser intimidado dessa maneira, sequer vale meu tempo.

— Não vai acontecer, Miguel.

— Então o seu precioso projeto também não. Caso você tenha esquecido, precisa da aprovação unânime do conselho, eu faço parte dele, e vou votar não.

— Oh, Miguel... Não. Eu não esqueci. Ou nós não estaríamos aqui, porque, nos meus dias mais tranquilos, você ainda não vale o meu tempo. E eu estou te dizendo, um cargo na diretoria não vai acontecer. Todas as que temos estão sendo muito bem gerenciadas, e eu não vou criar uma nova só para agradar seu ego imenso.

Escolha outra coisa. Há um escritório vago no trigésimo nono... -

Sugiro, sabendo exatamente qual será sua resposta.

— Trigésimo nono? Esse é um prédio de setenta e quatro andares, e você quer dar a mim, um membro do conselho, um escritório no trigésimo nono andar? - questiona, e seu tom de voz deixa claro o quanto considera a sugestão ultrajante.

— Você se esquece, Miguel... -digo, girando a pequena colher dentro da xícara de café quase vazia e vendo o pouco conteúdo dentro dela girar. Meu tom é baixo e calmo: ¯De que é um membro do conselho porque seu pai assim quis, e não porque mereceu. Se esquece de que... Mesmo não trabalhando aqui há anos, ele mantém um escritório com o nome dele na porta no septuagésimo segundo andar, se esquece, Miguel... De que tudo o que você tem é muito mais do que merece, então me poupe se eu não me solidarizo com a sua necessidade por mais. Você quer mais, Miguel? Então cresça e mereça mais! -Minhas últimas palavras soam exatamente como são, quase como uma ordem e exaustas de ter paciência.

— Eu sou um Fortuna! -quase rosna para mim, fazendo-me sorrir.

— Assim como tantos outros ao redor do mundo, nós não distribuímos cargos na diretoria apenas porque alguém tem o mesmo sobrenome que está pendurado na porta da empresa, Miguel, não seja estúpido! -Ele expira com força e aperta os

olhos para mim, controlando a vontade, obviamente, crescente de se lançar contra mim e me socar. O que tem um efeito revigorante em mim, eu mesmo já não quero mais soca-lo para ensiná-lo a ser homem, quero apenas rir de sua infantilidade. Depois de vários minutos em silêncio, ele finalmente volta a falar.

— E se der errado? -Deslizo dois dedos pela minha própria testa, não entendendo aonde ele quer chegar.

— E se o que der errado, Miguel?

— Seu empreendimento. E se der errado. -Gargalho, deixando-o ainda mais irritado.

— Eu não jogo para dar errado, Miguel... Achei que você já tivesse aprendido isso... -Comento, ainda com um sorriso no rosto.

— Mas ainda é um risco de sessenta e cinco porcento...

— Poderiam ser noventa e nove, se eu não soubesse que posso lidar com ele, jamais assumiria...

— Então você não acha que pode dar errado?

— Você está com problemas para entender coisas simples, Miguel? Talvez deva procurar um neurologista...

— Eu só queria me certificar de que você está ciente do que disse, porque, nesse caso, eu já sei o que quero.

— E isso seria...? -Questiono com as sobrancelhas arqueadas, corpo solto na cadeira e um dos braços estendido sobre a mesa.

— Uma diretoria... -bufo, impaciente.

— Vou pedir a Alice para procurar os melhores neurologistas do país e enviar o contato pra você... -respondo, já me levantando.



— Se der errado. Se você não conseguir superar os sessenta e cinco porcento de risco. Eu quero uma diretoria. -responde, e eu finalmente entendo. Sorrio.

— Sabe, Miguel... Você teria nos poupado muito tempo se tivesse dito o que queria desde o começo. -Caminho até ele e estendo minha mão para um aperto. Ele olha para a minha mão, desconfiado, antes de perguntar:

— Simples assim?

— Eu não perco, Miguel. Nunca. E não estou disposto a começar agora, esse acordo e nada terão exatamente o mesmo significado para mim, depois que eu sair por aquela porta, eu nem mesmo vou me lembrar dele...

— Essa sua arrogância ainda vai te derrubar, Gustavo. E eu vou adorar assistir de camarote... -responde sorrindo.

— Talvez, mas, com certeza, esse camarote não estará em nenhum dos escritórios dos diretores dessa empresa, eu já disse e repito... A essa altura, você já deveria me conhecer melhor.

Depois de apertar minha mão, ele se vira e começa a caminhar a passos largos na direção da porta.

— E, Miguel... -chamo, assim que sua mão alcança a maçaneta.

— E se eu descobrir que você fez alguma coisa, qualquer coisa, Miguel, pra sabotar esse projeto, o único escritório que você terá é uma cela em uma prisão para crimes de colarinho branco. E não pense, nem por um fodido segundo, que o fato de sermos primos vai me impedir. Eu posso me esquecer disso ainda mais

rápido do que esquecerei esse acordo estúpido. -Miguel me direciona um olhar enraivecido, engole em seco e sai da sala, deixando-me com uma sensação familiar no peito. A de vitória.

A janela pequena rouba minha atenção na mesma medida que as imensas, do chão ao teto, na minha verdadeira casa, o fazem. A rua calma na madrugada, arborizada, e repleta de prédios tão altos, quanto aquele em que estou, faz um sorriso largo se espalhar pelo meu rosto, e eu quase me esqueço de que não estou sozinho, mas o farfalhar de roupas atrai minha atenção. Levo meus olhos até a mulher seminua, procurando por suas peças de roupa, espalhadas pelo chão, e vestindo-as, uma a uma.

Deslizo meu olhar pelo corpo de Melissa. Gostosa, incontestavelmente gostosa. Lembro-me que meu primeiro pensamento ao vê-la, foi se o carpete combinava com as cortinas.

Naquela tarde, durante uma reunião de negócios com a empresa de arquitetura em que ela trabalha, depois de ver seus cabelos ruivos caírem em cachos sobre os ombros e movimentarem-se, cobrindo e descobrindo o rosto de pele clara e coberto por sardas, eu simplesmente parei de pensar com a cabeça de cima, e dei graças a Deus por Rodrigo estar comigo, ou a reunião teria sido perdida.

Algumas noites depois, tive a resposta para a minha pergunta.

Sim. O carpete combina com as cortinas. Melissa é ruiva natural e cada pelo do seu corpo tem a mesma tonalidade, até mesmo os da boceta, que ela mantém aparados em formato de coração. Depois de vestida, ela caminha em minha direção em cima de saltos altíssimos que deixam suas pernas ainda mais longas e gostosas.

— Mesmo horário na semana que vem? -Pergunta.

— Mesmo horário.

— Na sua casa? -Pede, fazendo um biquinho manhoso e eu sorrio, deslizo dois dedos pelo seu maxilar e puxo seu rosto na direção do meu, antes de colar minha boca à sua. Lambo seus lábios, mordo-os, mas ela quer mais, e enfia a língua em minha boca. É um beijo bom e vazio, exatamente o tipo de beijo que eu gosto, o que me dá certeza de que não é nada além disso, um beijo.

— Ainda não, Melissa. Eu ainda fico por aqui mais algumas semanas, mas acredite em mim, ninguém quer mais voltar pra casa

do que eu, então, tão logo quanto for possível... -Paro de falar, foco os olhos na sua boca, antes de sorrir e terminar em uma voz sussurrada: ¯Eu vou foder seu rabo delicioso com você de quatro, na minha banheira. -Melissa geme e esfrega-se em mim, olho o relógio, duas e quarenta e oito da manhã. A hora do show está muito perto, e eu não vou dividi-lo com ninguém. Dou uma última lambida em sua boca e a afasto sutilmente. Ela entende o recado e, depois de alguns clicks de seu salto no chão, ouço a porta do apartamento sendo fechada.

O exterior do prédio atrai meus olhos e eu me perco na noite acesa do Rio de janeiro, imaginando o futuro próximo. Não sei quanto tempo se passa até que eu escute o primeiro gemido. Soa baixo, suave, quase manhoso, e, então, o segundo, e o terceiro, e, apesar de uma mulher ter acabado de sair da minha cama, meu pau começa a endurecer outra vez, como tem sido todas as noites, e, de um jeito fodido, não é por nenhuma das mulheres que deixam o apartamento que ele volta à vida.

É por uma que eu nunca sequer vi o rosto, mas que geme tão gostoso, que me obriga a me masturbar durante todas as madrugadas depois de ouvi-la gozar gritando. Na primeira vez, achei que fosse a televisão, mas os gemidos baixos eram naturais demais para se tratar de um filme pornô. Foi perturbador ficar duro minutos depois de ter dispensado minha companhia da noite, mas, quando gozei dando, na minha imaginação, um rosto para a desconhecida, eu soube que aquela porra não poderia ser de mais ninguém, só dela.

Depois, ao me dar conta de que as paredes eram realmente finas, pensei que podia se tratar de vingança, porque se eu a ouço, ela certamente me ouve, e as mulheres com quem costumo passar a noite não são nada silenciosas ou discretas, e eu me orgulho disso. Mas, quando isso aconteceu no dia seguinte, e no outro, e no outro, me dei conta de que não, não era algo premeditado, era natural demais, e, súbito como começava, terminava. Era como se assim que gozasse, ela dormisse, sem nem mesmo se levantar para

ir ao banheiro, ou para beber uma água, porque no instante em que os gemidos morriam, todo o som que atravessava a parede fazia o mesmo.

Por trás das minhas pálpebras fechadas, ela é diferente de todas as mulheres com

quem geralmente saio. Sua voz doce, contida e, ao mesmo tempo, ousada, deu forma a uma mulher loira, com cabelos médios e bagunçados, de corpo pequeno e volumoso, e um rosto determinado e abusado. Sim, definitivamente, abusado.

Não me permiti avançar muito na minha imaginação de como seria sua personalidade. Achei que seria demais para uma amiga de foda imaginária, ela só precisava de um corpo, um rosto e uma boceta para eu imaginar quente e molhada, mas esse traço, esse traço foi impossível de conter ouvindo a entrega com que ela goza, como estivesse desafiando qualquer um a dizer algo sobre isso.

Ela não é escandalosa, é, apenas, entregue. E, desde aquela primeira noite, três semanas depois de eu me mudar para cá, o som do céu e do inferno, ao mesmo tempo, me atormenta, há quase dois meses. Do céu, porque á a porra do gemido mais gostoso que já ouvi, do inferno, porque é a porra do gemido mais gostoso que eu já ouvi e, embora eu goste de fantasiar que sim, sei que eles não são meus. E, apesar de o filha da puta ser fodidamente silencioso, tenho certeza de que ela tem um parceiro, ou não gemeria como um relógio, todos os dias, às três da manhã. É foda.



Não, não... por favor, não... Luto com a minha consciência que insiste em ser desperta por "we are the champions" tocando na mesinha de cabeceira.

Não..., não... Eu estava tão perto, eu estava quase gozando!

Vem, vamos voltar a dormir, vamos voltar a sonhar! Digo para mim mesma, em silêncio, tentando, com todas as minhas forças, me agarrar ao sono, que, cada

vez mais, me repele. A música para, e eu me viro na cama, aninhando-me com meu travesseiro de corpo, o corredor 2.0, mas, alguns segundos depois, eu grunho irritada, e completamente desperta. Lá se foi o meu orgasmo! Ótimo! Hoje vai ser um daqueles dias, então.

Abro os olhos mau humorada, e o telefone, que continua tocando ao lado da cama, se recusa a se silenciar, quem quer que esteja ligando, quer muito falar comigo, e eu juro por Deus que se for uma ligação de telemarketing, não respondo pela minha grosseria, afinal, não há nada pior do que ter tido meu orgasmo roubado apenas para ouvir uma oferta imperdível de algo que eu não quero comprar. Rolo na cama outra vez e estico o braço, alcançando o aparelho que parece gritar, ao invés de apenas tocar, mas, ao olhar o nome brilhando na tela, todo o meu mau-humor é substituído por ansiedade e animação.

Fico tão empolgada, que deixo o celular cair na minha cara, mas não importa, nem isso vai estragar o que está prestes a acontecer.

Esfregando a palma da mão sobre a testa, recuso a ligação, me levanto da cama animada, e corro para o banheiro, porque se eu vou ter essa conversa, preciso já ser um ser humano novamente, afinal, vou me lembrar dela para o resto da vida. Em tempo recorde, escovo os dentes, lavo o rosto, e prendo o cabelo de qualquer jeito, então, finalmente, retorno a ligação.

¯Seu Felipe! Que bom falar com o senhor! Eu ia mesmo ligar!

Desculpe a demora em atender, mas agora eu estou aqui! Como vai o senhor? - Disparo tudo de uma única vez, incapaz de me conter, porque por mais que eu realmente me importe com o bem estar do meu senhorio, quero pular logo a parte dos cumprimentos da

conversa, e ir direto para aquela em que digo que já tenho o dinheiro para comprar o apartamento, quer dizer, o valor da entrada, o restante, financiarei para o resto da minha vida, mas quem se importa? Enquanto eu viver, o apartamento será meu.

Nos últimos cinco anos, esse lugar se tornou mais meu, do que qualquer outro em que eu já tenha colocado meus pés, e isso vai muito além da coisa física, é emocional. Eu amo minha família, mas chegou um momento em que eu precisava do meu espaço, da minha liberdade, eu precisava poder viver em meio a minha própria bagunça sem ter minha mãe gritando em meu ouvido para que

eu arrumasse. Seis meses depois da minha formatura, com o dinheiro que guardei ao longo do estágio remunerado que fiz, e estabilizada em um emprego, finalmente me mudei.

No início, tudo o que eu tinha era o básico, uma cama, um fogão e uma geladeira. Depois, veio a tv, e o sofá, e cada detalhe espalhado por esse apartamento, pelo meu cantinho. Levei mais de um ano até ter tudo o que queria, mas consegui, e a sensação de conquista me atinge cada vez que eu volto para casa. E em algum momento, a simples ideia de, um dia, precisar ir embora, passou a me entristecer. Então, quando meu senhorio, um velhinho fofo e muito gentil, há três anos atrás, me perguntou se eu não teria interesse em comprar o apartamento, eu praticamente gritei que sim. Mil vezes sim! Eu só não tinha o dinheiro, ainda...

Fizemos um acordo, ele esperaria que eu tivesse por até cinco anos, ou, então, passaria o apartamento adiante, porque nenhum de seus filhos queria se responsabilizar pelo imóvel, seu Felipe sentia-se cansado demais para lidar com um aluguel, e não confiava em imobiliárias. Desde então, minha missão de vida, o objetivo de cada trabalho que faço, tem sido juntar o suficiente para dar a entrada no valor de venda da minha casa, e conseguir um bom financiamento para o resto. Ontem, finalmente, esse momento chegou. Respiro com força e nem tento controlar o sorriso imenso que tenho no rosto enquanto seu Felipe responde ao meu cumprimento efusivo.

— Minha filha, eu não estou muito bem...

— O que houve, seu Felipe? Sou incapaz de me conter e interrompo sua fala, preocupada com seu bem estar, porque embora eu realmente tivesse pressa em chegar ao assunto principal, me importo com ele.

— Elora, minha filha, nós precisamos conversar... -seu tom é receoso, e minhas sobrancelhas se franzem. Pelo amor de Deus, seu Felipe! O senhor não vai me dizer que vai morrer, né?! Deus me livre!

— Éééh... hum... -murmuro, ganhando tempo e procurando o que dizer, realmente preocupada que o homem esteja enrolando para me dar a notícia de quem tem poucos anos de vida: ¯Claro, seu Felipe! O senhor precisa de alguma coisa?

— Minha filha, é exatamente sobre a venda do apartamento...

Minha filha, me desculpe estar fazendo isso por telefone, mas eu não estou me sentindo muito bem, não estou podendo sair de casa... -respiro aliviada. É sobre a venda que ele quer falar. Ufa!

Provavelmente, sobre o prazo, ou, talvez, não possa esperar por mais dois anos, graças a Deus, isso não é um problema, não mais.

— Seu Felipe! O que é isso?! Não tem problema nenhum, não!

Sua saúde é sua prioridade, oxi! Que desculpas o quê?! Não tenho pelo que desculpar o senhor não. E quanto à venda, eu consegui o dinheiro! Finalmente! Sei que demorou, mas já tenho o suficiente para dar a entrada em um financiamento, quando o senhor estiver se sentindo melhor, nós resolvemos isso. Eu posso mandar os documentos pelos correios, então o senhor leva todo o tempo que precisar pra analisar e, quando estiver melhor, nos reunimos, o que o senhor acha?

— Minha filha... -Começa, mas se interrompe. Ouço sua expiração profunda, que me dá a impressão de que ele não quer dizer suas próximas palavras e um frio estranho se instala na minha barriga: ¯Minha filha, eu... eu sinto muito... Mas... Mas eu não vou poder vender o apartamento pra você.... -Meus olhos e boca secam instantaneamente ao ouvi-lo. Sento no sofá atrás de mim, precisando de um apoio, ou vou cair.

Pisco, tentando umedecer meus olhos, e falhando. Abro a boca, mas nenhuma palavra sai por ela, tento raciocinar, processar o que foi dito, mas não consigo, simplesmente não consigo. Anos, ele teve anos para desistir, e faz isso logo agora? Agora que tinha deixado de ser sonho, de ser objetivo, e passado a ser conquista?

— Seu Felipe... -Começo, mas não consigo terminar, me interrompo e o silêncio que toma a linha é ensurdecedor. Mordo o lábio quando sinto meus olhos arderem e a decepção de arrastar pelo meu estômago e se instalar no meu coração.

— Minha filha... -É ele quem fala: ¯Eu sinto muito... muito mesmo….

— É por causa de dinheiro, Seu Felipe? Te ofereceram mais?

Talvez... Talvez eu possa igualar o valor... Eu não tenho agora, mas, com mais

tempo, com mais tempo, eu consigo! -Apelo, me recusando abrir mão da minha conquista tão facilmente, não posso fazer muito, mas se tiver algo que eu possa fazer, farei.

— Não, minha filha... Não é por causa de dinheiro... Uma empresa está comprando o prédio, o condomínio inteiro e todos os imóveis ao redor, eu não queria vender pra eles, mas eles estão comprando tudo, não faria diferença se só eu não vendesse... -Solto o corpo no encosto do sofá, sendo atingida pela notícia como se uma ventania tivesse me arrastado para quilômetros de onde realmente estou. Não tem solução, simplesmente, não tem.

Junto da frustração e da decepção, uma raiva cresce. Quer dizer, por que aqui? Por que esses prédios? Por que o meu apartamento?

Eu não quero sair daqui e, mesmo se quisesse, não vou encontrar um apartamento como esse, com uma localização como essa, pelo preço que eu estava prestes a pagar aqui. Bato a palma da mão sobre o meu rosto, escondendo-o, e lamentando-me muda, deixando, mais uma vez, que o silêncio perdure na ligação.

— Será que essa empresa vai revender os apartamentos depois de reformar, seu Felipe? -Uma pequena esperança brota e eu me vejo perguntando.

— Não, minha filha. Pelo que eu entendi, eles vão demolir tudo o que comprarem para construir algo muito maior.

— Demolir? -Grito, sem controle do meu próprio tom de voz e, sem conseguir evitar, passeio os olhos ao meu redor, por cada pedacinho do meu apartamento. Demolir, eles vão demolir a minha casa. A primeira lágrima rola, mas eu me recuso a me sentir triste, se eu tiver que sentir alguma coisa agora, que seja raiva. E apenas ela, e atendendo ao meu chamado, ela vem. Cresce, rodopia e gira, deixando-me trêmula, procurando, por um alvo, algo palpável, algo sobre o qual eu possa descontá-la.

— Como eles podem fazer isso, seu Felipe? Como eles podem despejar centenas de famílias e depois, demolir a casa delas? Meu Deus! Isso é tão errado! Tão... Tão... urg! Isso é tão absurdo! -

acuso, resmungo, grunho e choro, tudo ao mesmo tempo. -Minha voz começa firme, mas falha, ao pensar em tantos dos meus vizinhos que, assim como eu,

não são donos do apartamento em que moram, e que, além de não ganharem nada com a venda em massa do condomínio, precisarão reorganizar suas vidas inteiras.

Deus, isso é horrível! E eu juro que poderia estapear o responsável por isso! Quem teve essa ideia genial? Quem, em sã consciência, poderia achar que essa é uma boa ideia, que tipo de monstro capitalista faz uma coisa dessas e, depois, coloca a cabeça no travesseiro e dorme tranquilamente?

— Eu sinto muito, minha filha... Eu tentei, mas não há nada que eu, nem qualquer outra pessoa possa fazer. Eles estão decididos de que esse é o lugar perfeito pro empreendimento deles, parece que o presidente da empreiteira até se mudou aí pro prédio, parece que ele queria observar a redondeza antes de dar a palavra final e, depois de algum tempo, o que quer que ele tenha visto aí, deu a ele a certeza de que precisava. Eles estão pagando acima do valor de mercado, por isso, a maioria das pessoas aceitou, e quem não queria aceitar, ficou sem muitas opções.

As palavras do meu senhorio caem como fogo em gasolina. O

maldito CEO da empreiteira se mudou para cá? E ainda assim ele

pode fazer o que fez? Ele viu as famílias vivendo aqui, os cachorros brincando felizes pelas áreas comuns e, ainda assim, vai ser capaz de arrancar isso de cada inquilino que mora aqui de aluguel? Que tipo de criatura é esse homem? Deus, definitivamente, eu não apenas o estapearia, mas, reuniria todas as minhas paupérrimas habilidades em kung fu, aprendidas nos filmes do Jack Chan, e as descontaria nele.

— Talvez você o tenha conhecido, minha filha...

— Um CEO capaz de uma coisa dessas, seu Felipe?

Provavelmente, é um homem arrogante... E eu me lembraria se eu tivesse conhecido um vizinho novo assim...

— Que estranho, minha filha..., -diz em um tom curioso e eu quase posso ver seu rosto enrugado franzir o cenho, apenas ouvindo-o: ¯Porque parece que o primeiro apartamento comprado foi o que fica ao lado do seu, o 605. -E então, minha ficha cai! E aqui estamos nós, de volta ao estágio dois, mas, agora, muito, muito,

muito mais intenso! Vizinho fodedor, escandaloso, maldito!

— Seu Felipe, o senhor tem certeza que foi o 605 desse prédio?

— Tenho, minha filha! Foi o que me disseram quando entraram em contato, eu me recusei a vender, mas eles apresentaram as outras muitas outras propostas já assinadas, e falaram que, no seu andar, só faltava o 304, que o 305, inclusive, havia sido o primeiro.

Balanço a cabeça lentamente, não para seu Felipe, mas para mim, aperto meus dentes com força até sentir dor, mas ela não é nada em comparação a raiva que eu estou sentindo, e, junto com ela, há uma certeza, se as santas das vizinhas curiosas, enraivecidas e excitadas não me ajudaram a encontrar esse maldito antes, era em proteção, para que eu soubesse exatamente quem o infeliz é quando o visse pela primeira vez, e, eu tenho certeza, que a santa das vizinhas injustamente despejadas, assim como as outras, também não falhará.

Controlando meu próprio temperamento para não tratar mal o pobre homem que só fez me ajudar até aqui, encerro a ligação

educadamente, mas, assim que toco a tecla vermelha para desligar, nem mesmo me dou o trabalho de calçar os chinelos. Como uma flecha, atravesso meu apartamento, passo pela porta, deixando-a aberta, e mal chego à porta do apartamento 305, começo a esmurrá-la.

Eu não sei se o maldito está em casa, estive tão empolgada com a ligação que faria para seu Felipe, que realmente não reparei, como de costume, eu seu horário de saída. Mas, se for necessário, eu passarei o dia e a noite inteiros fazendo plantão aqui, a semana, o mês, não me importo, o maldito homem vai ganhar um rosto e saber o quanto eu o odeio.

Eu fui capaz de perdoá-lo por quase me matar de curiosidade.

Fui capaz de perdoá-lo por me manter acordada noites a fio. Fui capaz de perdoá-lo por me fazer morrer de tesão e me deixar tão excitada a ponto de me sentir dolorida. Eu fui capaz de me sentir grata por seus gemidos e grunhidos trazerem o corredor para os meus sonhos, e, por isso, dar um rosto para ele nunca foi realmente uma necessidade, mas, agora, tudo o que sou capaz de sentir por ele, é raiva, muita raiva! Porque, não bastasse arruinar um planejamento que venho fazendo há anos, o maldito ainda foi capaz de me fazer sentir gratidão!

Maldito, maldito, maldito!

Continuo esmurrando a porta, e, provavelmente, os outros vizinhos devem estar me olhando agora, mas não desvio meus olhos do prêmio, olho para frente, esperando o momento em que o infeliz, o comedor, o ladrão de sonhos alheios, finalmente ganhará um rosto e, quando ouço o click da porta, meu corpo está trêmulo, meus olhos estão vidrados e minhas narinas se alargam a cada respiração furiosa que dou.

É provável que eu esteja descabelada e, só agora me dou conta de que ainda estou de baby doll, mas dane-se! Eu realmente não me importo, tudo o que eu quero é saber o que devo visualizar em meus futuros sonhos de assassinato e tortura, não importa o quão louca eu pareça por estar esmurrando a porta de um vizinho

desconhecido, antes das oito da manhã, vestindo um baby doll minúsculo de renda e seda vermelhas.

E, então, a porta se abre, e meu coração para de bater. Pisco, com a boca aberta e a mente completamente vazia de palavras. Um homem imenso, em altura e músculos, vestindo uma camisa branca com os primeiros botões abertos, uma calça de tecido obviamente caro, cinza e riscado de xadrez, e calçando mocassins de couro, que deveriam ser proibidos de parecerem tão sexys, me encara com olhos curiosos, roubando meu ar, meu equilíbrio, e noção de espaço.

Ele rouba minhas certezas, meu preparo para lidar com a situação e, até mesmo, parte da minha fúria se esvai ao olhar para aqueles olhos grandes e verdes, para o maxilar quadrado e esculpido, para os pelos loiros da barba espessa e para os cabelos longos apenas no topo da cabeça. Há ainda os lábios, aqueles lábios grossos, rosados, incontestavelmente macios, fazem com que eu me sinta tonta, e, subitamente, molhada entre as pernas, porque o rosto dos meus futuros pesadelos não é desconhecido, é exatamente o mesmo rosto que venho encontrando em meu sono há dois meses, é o rosto do vizinho dos meus sonhos, o corredor.



Seminua, trêmula, com os olhos vidrados, a mulher me encara com uma expressão chocada e, em uma fração de segundo, percebo que ela vai cair. É instintivo. Colo meu corpo ao seu, passando um dos meus braços ao seu redor, segurando-a, mantendo-a de pé, quando, claramente, ela estava prestes a ceder, e o estremecimento que atravessa seu corpo é tão intenso quando aquele que atravessa o meu, mas nem mesmo isso a tira do seu estado de torpor. Meus olhos encontram os seus e eles são lindos.

Definitivamente, os olhos não são a primeira coisa que reparo em uma mulher, principalmente, uma que esmurra minha porta vestindo apenas um curto conjunto de dormir de seda vermelha. O problema é que ela não me deu tempo o suficiente para apreciar a vista como eu gostaria, então eu aceito o que me é dado.

Iris verde escuras com um círculo quase amarelo ao redor, lindos, e não consigo evitar a dúvida sobre eles escurecerem ou não quando ela goza. Porra, isso é demais até para mim! O título de cafajeste me é bem apropriado, mas eu não costumo sair por aí, imaginando os olhos de mulheres estranhas ao gozar. Passo a língua sobre os lábios, e o olhar da mulher continua vidrado, ela não o desvia de mim nem mesmo por um instante, a sensação que tenho, é a de que uma bolha se formou ao nosso redor.

Inspiro com força, meu nariz é inundado pelo cheiro de fruta, flores e capim, e, por alguma razão, acho que isso é apropriado à mulher em meus braços. Mesmo não fazendo ideia de quem ela é, a selvageria e o atrevimento estão impressos em seus olhos, tanto quanto o amarelado que circula o verde.

Seus lábios se entreabrem e eu sou atingido pelo seu hálito morno. Passo a língua pelos meus próprios lábios, antes de prender o inferior entre os dentes. As sobrancelhas franzidas convidam meus dedos a passear pela ruga entre elas, praticamente ordenam que eu largue no chão a caneca de café que seguro, e obedeça, mas eu não posso fazer isso, sei que não posso. Segundos, minutos, não sei quantos se passam até que ela estoure a bolha ao nosso redor com um pigarro seco, um pedido para que a solte.

Eu o faço, e a mulher loira, rapidamente, dá três passos para trás. Afastando-se de mim como se meu toque a tivesse queimado.

É a minha vez de franzir o cenho e, finalmente, podendo observá-la inteira, tenho uma imensa dificuldade em manter meus olhos presos ao seu rosto, já que suas roupas pequenas e transparentes deixam muito pouco para a imaginação.

Espero. No entanto, depois de quase colocar minha porta abaixo, depois de quase cair, depois de me prender em uma bolha de observação silenciosa mútua, ela permanece sem dizer nada por muito mais tempo do que seria adequado em uma situação normal, ainda mais nessa.

Seus cabelos loiros descendo pelos ombros, chegando até o meio das costas, sua pele clara, e todas as curvas nos lugares certos, ao dispor dos meus olhos, não são um convite ao desejo, são uma intimação, e eu começo a sentir a resposta entre as minhas pernas. *Se controla, Gustavo! Você não é a porra de um adolescente! É perfeitamente capaz de lidar com uma mulher...*

Bonita... Pro inferno com bonita! Deslumbrante nem começa a descrever...

Mordo o lábio, analisando a situação, mas não consigo chegar a nenhuma conclusão sobre o porquê de ter tido minha porta esmurrada pela mulher que, apesar de ter precisado ser amparada, tem uma postura óbvia de enfrentamento, quando não são nem mesmo oito da manhã, e ela ainda nem tirou do corpo gostoso as roupas com que dormiu.

— Pois não? -pergunto, ela fecha a boca, engole, e, depois, volta a abri-la, apenas para continuar não dizendo nada. Inclino a cabeça para o lado e tomo um gole do café esquecido na xícara, desde que abri a porta. Gelado, mas não me importo, preciso de alguma coisa para me distrair. Alguns vizinhos curiosos encaram a cena, assim como eu. Espero. E espero. E continuo esperando, uma eternidade inteira se passa sem que a mulher faça qualquer movimento, elevando

minha ansiedade a níveis estratosféricos, e me deixando sem opções.

— Você pretendia me dizer alguma coisa, ou costuma colocar portas de apartamentos abaixo por diversão? -pergunto divertido, estreitando meus olhos, agoniado pela expectativa de uma resposta.

Precisando, sem ter ideia do porquê, ouvir sua voz. Ela gagueja e engole ar algumas vezes, e, finalmente, minha necessidade descabida é atendida.

— Eu... -Uma sílaba. Uma única sílaba e eu sei quem ela é.

Esse timbre macio me atormenta todas as noites há meses, eu não precisaria de muito para reconhecê-lo, e consciente disso, refaço minha análise dela, deslizo meus olhos pelo seu corpo curvilíneo, pelas coxas grossas, pelos seios fartos, pelo colo claro, pelo queixo pequeno e pelos olhos esverdeados, e, de repente, é meu o olhar vidrado, porque imagens dela preenchem minha visão.

Nua, retorcendo-se embaixo de mim na cama enquanto geme em meu ouvido. Com as roupas frouxas pelo corpo e as pernas presas ao redor da minha cintura enquanto a fodo com força em uma parede. Com o olhar perdido e a boca aberta enquanto minha língua faz uma verdadeira festa entre as suas pernas, são muitas, muitas imagens. Tudo aquilo que eu imaginei diariamente nos últimos quase sessenta dias, enquanto a ouvia completamente entregue ao prazer, que eu fingia ser eu quem lhe dava, inunda minha mente, tomando cada curva de canto escuro da minha consciência. O

quanto a vizinha da minha imaginação é parecida com a realidade chega a ser impressionante.

— Você é a vizinha do 304... -Afirmo, e minha voz sai muito mais baixa e rouca do que seria apropriado, suas sobrancelhas se erguem, e, ainda assim, nenhum som sai de sua boca. Seus olhos se fixam nos meus, sua respiração ofega, ela entreabre os lábios, seu corpo treme de um jeito muito diferente do que tremia quando eu abri a porta.

O ar ao nosso redor muda e, agora, não sinto mais como se estivéssemos dentro de uma bolha, separados do restante do mundo, sinto como, se, de alguma forma bizarra, todo o resto tivesse deixado de existir e houvesse apenas nós dois. A vontade

de me aproximar dela e reivindicar aquilo que tenho desejado e imaginado há tanto tempo é quase sufocante e, em seus olhos, vejo um reconhecimento incompreensível, porém, delicioso.

Dou um passo em sua direção e ela dá um para trás, estreito meus olhos, para ela, e seus dentes maltratam o pobre lábio inferior, deixando-me ainda mais louco para cuidar dele, mais um passo para frente, mais um passo para trás. Em alguma parte minúscula e sensata da minha mente, a lembrança de que eu não a conheço, de que ela não é minha, insiste em surgir, mas sua voz é baixa demais, a lembrança é pequena demais, insignificante demais, para que eu preste atenção.

Um som alto e estridente soa, despertando a vizinha que preenche minhas madrugadas com seus gemidos e desejos do transe em que nos encontrávamos, e obrigando-me a sair dele também. A mudança em seu olhar é imediata, o reconhecimento que eu via se foi, e, agora, tudo o que existe nele é a raiva inicial.

Sua expressão é grave e levemente confusa, tenho certeza de que, assim como eu, ela não entende completamente o que aconteceu aqui. Quero perguntar tantas coisas a ela, o motivo da sua raiva, por que quase derrubou minha porta, mas, principalmente, de onde ela me conhece? Por que eu sei que nunca a vi, antes, eu jamais poderia esquecê-la, esses olhos seriam lembranças muito bem guardadas, independente das circunstâncias.

No entanto, antes que eu tenha a chance de dizer qualquer coisa, seu olhar possesso me encara uma vez mais, ela estica os braços ao lado do corpo, fecha as mãos em punho, da sua garganta sai um som, ao mesmo tempo, gutural e agudo e, ao encarar a cena, nenhuma palavra que não chilique me vem à cabeça. Então, achando que não havia me surpreendido o suficiente, a mulher me dá as costas, entra no apartamento ao lado do meu, e bate a porta com violência. Mas que diabos?!



— Você acha que ela pode ser um problema? -Rodrigo pergunta enquanto giro uma caneta displicentemente na ponta dos dedos. Sentado em meu escritório, contei a ele sobre o episódio dessa manhã, e, juntos, fomos capazes de concluir que há apenas um motivo para a mulher ter me olhado e agido daquela maneira, o início das compras dos imóveis.

Não gostei de descobrir que, de alguma forma, eu a estou prejudicando, mas, eu nunca deixaria que meu pau comandasse meus negócios. Então, a não ser que algo mude, o batente da sua porta é um limite que eu não vou ultrapassar.

Ainda no apartamento, passei um tempo considerável tentando, sozinho, descobrir do que tinha se tratado tudo aquilo. Cogitei, até mesmo, bater na porta dela e pedir explicações, mas considerando a forma como fui deixado plantado em minha própria porta sem que a mulher me desse nem mesmo a sombra de uma satisfação por suas atitudes, ela, provavelmente, nem me atenderia. E, diferente dela, eu não podia ensaiar colocar a porta do seu apartamento abaixo.

Com algumas ligações, descobrimos que Elora Viana subloca o apartamento 304, o qual, na verdade, é o único de todo o andar que ainda não foi comprado pela GAF. O proprietário tem resistido, e, depois de olhar naqueles olhos furiosos, determinados, e que pareciam, ao mesmo tempo, querer me devorar, e ver minha cabeça perfurada por uma estaca, não preciso ser nenhum gênio para saber o porquê. Ele não quer despejá-la.

— Não... Nada vai ser um problema pra esse empreendimento, Rodrigo. Nada pode ser um problema pra esse empreendimento. Se você está preocupado que eu brinque no parquinho onde não devo, pode ficar tranquilo... -Levanto a cabeça, encontrando uma expressão de deboche em seu rosto.

— Sério?! Depois de tudo o que você me contou? Eu só conseguiria ficar tranquilo se não te conhecesse, Gustavo! Porque, esse, definitivamente é o tipo de situação de merda em que você se meteria, só pelo desafio... Mulheres que te odeiam são o seu tipo favorito. -Sorrio, porque, como sempre, meu irmão não está errado.

Levanto minhas mãos em um sinal de rendição, reconhecendo que ele tem razão. Mas, nesse caso, especificamente, os riscos são altos demais, até para mim, que adoro riscos.

— Você não está errado, mas eu gosto de me arriscar, Rodrigo, não sou louco. Jamais colocaria uma boceta na frente dos negócios, não importa o quão gostoso a dona dela saiba gemer...

— Eu juro por Deus que eu te amo, porque você é meu irmão!

Mas às vezes você é um babaca de marca maior! A mulher não se resume aos seus órgãos sexuais, Gustavo! Porra, nossa mãe criou a gente melhor do que isso! -acusa e resmunga, aumentando meu sorriso.

— Ela conseguiu um de dois, Rodrigo. Isso é uma taxa de sucesso de cinquenta porcento, afinal, você é a cadela mais bem treinada que eu já vi na vida quando se trata de mulher. E como vai minha cunhada, aliás? -Rodrigo estreita os olhos para mim, mas, de repente, um sorriso se espalha pelo seu rosto antes de ele me responder.

— Vai chegar o dia, Gustavo, em que uma mulher vai te ter de joelhos, e quando esse dia chegar, eu não vou te dizer que te avisei, eu vou te abraçar, te dar os parabéns, e te dizer que, finalmente, você descobriu o significado da palavra felicidade. E minha belíssima esposa vai bem, obrigada. Querendo, inclusive, saber quando o tio Guga vai levar as gêmeas pra uma visita.

Dispenso sua praga com a mão e estalo a língua, em uma declaração clara de descrença.

— Esse dia não vai chegar, meu irmão. Cinquenta por cento é tudo o que nossa mãe terá para se orgulhar, e quanto as gêmeas, vocês sabem que só precisam me dizer o dia e a hora!

— Até amanhã eu te dou as duas coisas, Camilla e eu estamos mesmo

precisando de um tempo... -Reviro os olhos, fingindo cansaço, mas é só isso mesmo, fingimento. Meu irmão conheceu minha cunhada há quase dez anos, ainda na faculdade, e eles dizem que foi amor à primeira vista. Desde então, nunca mais se separou dela. Namoraram, noivaram, casaram, e trouxeram ao mundo as duas coisinhas mais preciosas que existem, Alice e Alicia, as gêmeas de sete anos de idade que eu digo, sem nenhuma vergonha, que me fazem de gato e sapato.

Eu admiro o relacionamento do meu irmão, não entendo, e nem quero um para mim, mas admiro. Essa coisa de escolher a mesma pessoa todos os dias quando você pode escolher uma para cada hora do dia, simplesmente não faz sentido para mim, por isso, a sugestão de Rodrigo nem me incomoda. Eu não tenho um trauma no passado ou algum tipo de pré-disposição genética que me impede de ter sentimentos, não, pelo contrário, eu os tenho, e muito intensos.

Amei e admirei meu pai durante toda a sua vida e, ainda hoje, quase seis anos depois de perdê-lo, meus sentimentos continuam tão intensos quanto quando eu ainda podia abraçá-lo. Amo minha mãe com todo o meu coração e faço de tudo por ela, o mesmo vale para o meu irmão, para as minhas sobrinhas, e, até mesmo para minha cunhada, mas escolher alguém a quem me ligar para o resto da vida? Não, isso não é algo que eu faria.

É a vez de Rodrigo me dispensar com um aceno.

— Vamos falar de trabalho, porque falar de relacionamento com você é um desperdício do meu tempo, e ele é precioso... Você sabe que isso é impossível, certo? Eu falo sobre não ter problemas ao longo do empreendimento, esse projeto tem problema como sobrenome, Gustavo. Serão muitos, e as chances de ele dar errado e nunca chegar a ser realmente concluído são maiores do que as de dar certo. 65 a 35, você conhece os riscos. E devia se preparar para eles...

Balanço a cabeça e franzo o nariz. Eu conheço os números, mas nesse sentido, eles não me interessam. Estalo a língua.

— Você tá pregando pro pastor da igreja, Rodrigo. Eu conheço os números, fui eu quem fez as contas, afinal. Mas isso não me preocupa, sempre lidei com os pepinos, não vai ser agora que vou deixar de lidar. Orçamento, dificuldades estruturais, tempo de investimento, aumento do valor de mercado, diminuição do tempo de licença de construção, essas coisas são de praxe...

— Sim, mas você sabe... Essa mulher...

Finjo estar dormindo e roncando diante da nova citação à vizinha do 304 e Rodrigo revira os olhos para mim.

— Quantos anos você tem? -pergunta, e eu finjo despertar, repentinamente, então, olhando para ele, esfregando as mãos nas pálpebras, respondo.

— Dormi? Desculpa! Mas é que você tá tão repetitivo... -Rodrigo bufa: ¯Eu já disse, irmão. Problemas são naturais em qualquer empreendimento, é de praxe, se não tiver, alguma coisa tá errada...

-Revirando os olhos e movendo a cabeça de um lado para o outro, em negação, volta a falar.

— O que não é de praxe é um empreendimento desse porte acabar estampando os jornais, não como um lançamento revolucionário, como você quer vendê-lo, mas como expulsão de moradores locais, Gustavo. Já imaginou se essa mulher decide começar a fazer barulho? Apontar seu projeto como elitização da região, enriquecimento da área e um milhão de outros adjetivos cabíveis? Alguém, disposto colocar sua porta abaixo, é potencialmente capaz de fazer um estrago, e você não devia ser tão leviano assim sobre isso...

Suas palavras trazem, imediatamente, a imagem daqueles olhos verde amarelados à minha mente, e eu não consigo deixar de sorrir.

Eu não precisei nem mesmo saber seu nome para ter certeza de que aquela mulher é capaz não apenas de criar problemas, mas de organizá-los como se ela fosse um maestro, e os problemas, sua

orquestra. Sorrio, porque, puta que pariu! Definitivamente, esse é o meu tipo de mulher... puta que me pariu!

É o meu tipo de mulher elevado à décima potência! Mordo o lábio, tendo a mente voltando a ser tomada pelas imagens que surgiram quando a tive em meus braços essa manhã. Tão gostosa!

Porra, a vizinha encrenqueira não poderia ser a senhora dos gatos que com certeza tem no prédio? Porque todo prédio tem uma.

Com o corpo jogado cadeira, os cotovelos apoiados em seus braços, e as mãos cruzadas sob meu queixo, balanço a cabeça lentamente. Publicidade negativa. De todos os riscos, esse é o único que realmente me preocuparia, porque é o único que eu não poderia controlar. No mundo atual, tudo que é necessário para se começar um incêndio publicitário, é uma centelha, e uma moradora despejada e insatisfeita com isso, seria como riscar um fósforo e jogá-lo sobre gasolina.

— Gustavo! -Rodrigo me chama com um tom de alerta e eu esfrego minha nunca e faço uma careta com os lábios.

— Eu sei... eu sei... vou manter o pau nas calças, Rodrigo. Juro que vou, e, além disso, ela é comprometida, eu já te disse...

— Isso nunca te impediu antes...

— Ué, eu não sou comprometido! -defendo-me e Rodrigo apenas me lança um olhar de reprovação.

— Gustavo, isso é muito sério, eu preciso te lembrar do que estamos arriscando aqui?

— Vai ficar tudo bem. Em último caso, podemos pagá-la pra ficar de boca fechada, não é o ideal, mas se for necessário...

Rodrigo bufa.

— Claro! Joga dinheiro em cima e pronto! Problema resolvido! -

diz, entre bufos, assobios e acenos desdenhosos. Meu irmão cruza as pernas, apoiando um tornozelo sobre o joelho, e me encara, com os braços soltos ao lado do corpo. ¯Não gostar nem começa a descrever como os investidores vão se sentir com isso. Gustavo? Já

imaginou se essa coisa deixa de ser uma reclamação única e passa a coletiva? O que você vai fazer? Distribuir dinheiro? Virar o papai noel? E estamos falando de pessoas que nem sequer são donas dos imóveis... Isso poderia cancelar o empreendimento antes mesmo que ele começasse.

— Seu otimismo é impressionante... -resmungo.

— Não é falta de otimismo, meu irmão. É sensatez de sobra, algo que te falta. Você, por acaso, considerou essa possibilidade?

— De que todos os inquilinos dos prédios se organizassem em um motim? Claro que não! Até porquê, isso é pouco provável, não é como se a gente estivesse expulsando moradores pobres de algum canto escuso, de onde, se saírem, eles não terão outras opções de moradia. Estamos falando da Tijuca, Rodrigo. Classe média baixa, no mínimo... Quem mora naqueles prédios pode, facilmente, conseguir outro teto pra por sobre a cabeça, e não vai perder tempo se preocupando com qualquer outra coisa.

— Ou, por serem classe média, vão pensar um pouco, concluir que podem nos atrapalhar, e fazer isso, justamente porque conseguir outro lugar para morar não vai ser exatamente uma preocupação, não estamos lidando com necessidade, irmão, estamos lidando com vontades, e, dependendo de quais sejam, podem ser muito mais perigosas.

— Você está sendo exagerado... -alerto

— E você está sendo displicente!...

— Por que você tá tão preocupado com isso, afinal?

— Eu não tô excessivamente preocupado, Gustavo! É você quem está tratando isso com muito menos atenção do que devia, e eu já tenho problemas demais pra ter que lidar com o Miguel em uma diretoria, porra! -diz, e eu finalmente entendo a raiz de toda a sua preocupação.

Rodrigo se importa muito mais em ter que aturar Miguel como diretor de algum setor da empresa do que com os milhões que

perderíamos se esse projeto não for concluído, e eu sou obrigado a concordar com isso, eu realmente tinha me esquecido do maldito acordo, aliás, como disse que faria. Mas lembrar dele não muda nada, Rodrigo está exagerando, e ele continua: ¬Não por algo que poderia ter sido evitado se você levasse a sério!

Expiro profundamente e encaro meu irmão. Os mesmos olhos verdes que encontro no espelho me encaram de volta, já o rosto, além das diferenças naturais por eu me parecer mais com nosso pai, e ele com nossa mãe, concretiza a falta de semelhança por ser liso, livre que qualquer pelo, e, agora, está sério.

Seu queixo anguloso se mantém empinado, deixando claro que não pretende voltar atrás.

Bufo, porque serei obrigado a dar o braço a torcer, Rodrigo é uma das poucas pessoas capazes de me fazerem repensar algo ou ceder, e o cretino se aproveita disso, seja em uma decisão de negócios, ou me convencendo a cuidar das gêmeas por um fim de semana para que ele e Camilla tenham um tempo sozinhos de vez em quando, embora, eu seja obrigado a admitir que ficar com as pestinhas não é sacrifício algum.

— Tudo bem, oh, grande sábio! O que você sugere que eu faça? -pergunto, levantando e abaixando as mãos, fingindo adoração.

— Fale com a mulher! Mantenha-se por perto...-quase grita, frustrado com a minha teimosia, mas a essa altura da vida, ele deveria saber melhor. Gargalho.

— Irmão, você precisa se decidir, você quer que eu me mantenha longe dela ou que eu fique por perto, afinal?

— O nível de idiotice que você consegue alcançar quando se esforça sempre me surpreende! Eu quero que você mantenha seu pênis longe dela, Gustavo, mas que o CEO da GAF esteja perto, acompanhando um problema em potencial, pronto para solucioná-lo antes mesmo de ele acontecer.

— Rodrigo, você ouviu o que eu te disse? Ela, simplesmente, se recusou a falar comigo. Depois de quase colocar minha porta abaixo, me deus as costas e foi embora sem dizer nenhuma outra palavra além de eu.,

— Não se faça do que você não é, Gustavo! É óbvio que alguma coisa a abalou, a mulher não teria esmurrado sua porta até ser atendida por pura diversão, se ela fez, é porque tinha muitas coisas a te dizer, mas alguma coisa aconteceu, nós só não sabemos o que. -diz e eu desvio os olhos dos seus, quer dizer, não é como se eu soubesse o que fez com ela saísse correndo, mas também não é como se eu não tivesse um palpite, eu só não contei para o meu irmão:

Em qualquer outra situação, poderíamos contratar um gerenciador de crises, ou um relações públicas pra lidar com isso, mas ela é sua vizinha, e foi a sua porta que ela quase colocou abaixo, pra ela o empreendimento ganhou um rosto, e é o seu. As coisas se tornaram pessoais...

— Tudo bem, Rodrigo. Você venceu... vou tentar me aproximar da mulher e entender sua dor, talvez, nós até façamos tranças nos cabelos um do outro, quem sabe não marcamos uma manicure também? -Ele me dispensa um olhar furioso e resmunga algo que se parece muito com “com essas roupas que você usa, não me admiraria que saíssem em um dia de compras!”, mas não tenho certeza se foi isso mesmo. Então, eu apenas o ignoro e continuo:

¬Mas eu realmente acho que você tá sendo paranoico, não existe gravidade nessa situação, Rodrigo! É só uma vizinha que perdeu o controle sobre si mesma, mas que, até onde a gente sabe, já se arrependeu, já até esqueceu do que fez. Ela pode, inclusive, não querer me ver nem pintado de ouro, envergonhada pelo próprio comportamento. -digo, aproximando o corpo da mesa diante de mim e colocando sobre ela meus cotovelos.

— Vo.cê.não.sa.be! -sibila.

— Nem você! Então, por que, ao invés de surtarmos sobre o que pode ou não acontecer, a gente não volta ao trabalho pra dar ao projeto que tanto te preocupa, a chance de dar certo?

— Eu desisto, mas, depois, Gustavo! Não venha dizer que eu não avisei! -declara, frustrado, apontando o dedo na minha direção.

— Relaxa, mamãe galinha! Eu vou fazer o que você quer. -Digo, dispensando-o com um aceno, afinal, o que poderia dar tão errado assim? Não é como se eu fosse voltar para o apartamento e descobrir que a vizinha começou um boicote ao empreendimento...

né?



Ando de um lado para o outro na sala do meu apartamento, tentando fazer com que minhas pernas acompanhem o ritmo ensandecido dos meus sentimentos. Pensando, pensando e pensando, mas sem achar nem mesmo a sombra de qualquer coisa que possa ser considerada uma solução.

“Elora, você precisa respirar, porque, nesse momento, você não está fazendo nenhum sentido!” foram as palavras de Lívia, quando minutos depois de ter batido a porta do meu apartamento, arranquei-a do trabalho, para contar o que aconteceu. Quer dizer, quais as chances? Eu precisava ver alguém para ter certeza de que não estava alucinando, de que tudo aquilo era real e não mais um dos meus sonhos inventados, no qual, de repente, o meu herói, doador generoso de orgasmos, se transformou no vilão, fodedor, escandaloso, e ladrão mesquinho de apartamentos duramente conquistados.

Sentada com minha irmã, à mesa de um pequeno café, perto do escritório em que ela trabalha, respirei fundo antes de contar tudo outra vez e, depois, uma terceira, e uma quarta, só para garantir que estava dizendo tudo, ao final, ela ainda achava que eu não estava fazendo sentido. Tudo bem, não posso realmente julgá-la por isso.

Quer dizer, de novo, quais eram as chances?

Desisti das santas, definitivamente, eu estava enganada ao pensar que elas estavam cuidando de mim, não estavam! Estavam debochando, gargalhando, se divertindo um monte as minhas custas enquanto me viam babar e gozar loucamente pelo mesmo homem a quem, todas as noites, eu desejava, intimamente, que acordasse brocha.

Que mundo injusto, meu Deus! E o pior? O pior foi o atestado de trouxa que entreguei de bandeja nas mãos do infeliz. Cada vez que me lembro de que nem mesmo consegui falar, minha raiva volta a alcançar níveis imensuráveis e eu sofro. Agora, enquanto quase faço um buraco no chão da minha sala, tento controlar os milhares de sentimentos que me transtornam. Quer dizer. Isso não pode ficar assim, certo? Nem gritar com o maldito eu consegui. Preciso fazer

alguma coisa, qualquer coisa para recuperar minimamente a minha dignidade! Mas oque, meu Deus? O quê?

O que posso fazer para me sentir menos dominada pela sua presença em minha vida, que, embora até essa manhã fosse vista como positiva, sempre foi sufocante? Nosso encontro não poderia ter deixado isso mais claro. Deus, eu queria esmurrá-lo, e, na mesma proporção, queria que ele nunca tivesse me soltado, queria colocar um oceano entre nós dois e, queria, desesperadamente, me jogar em seus braços, assaltar sua boca, e descobrir se ela tinha um gosto tão bom quanto eu vinha imaginando há tanto tempo.

Foi tão difícil me afastar, tão difícil não deixar que sua presença me controlasse, que a única maneira que encontrei de fazer isso foi fugindo, correndo e surtando. Sim! Deus, essa vergonha eu passei no crédito.

Desde que somos crianças, Lívia diz que meu grau máximo de irritação é o surto. O surto nada mais é do que o esticar dos meus dois braços ao lado do corpo, o fechar das minhas mãos em punho, e um grito que não consegue se decidir se é grito ou grunhido, e foi exatamente o que fiz ao me dar conta de que nenhuma das palavras que planejei arremessar contra ele, sairia da minha boca. Não quando tudo o que minha língua queria fazer era lamber aqueles lábios, sentir o gosto daquela pele e molhar aquele pescoço.

Molhar. Molhada. Eu fiquei molhada. De novo. Bastou vê-lo, e pronto. O delivery de excitação fez seu trabalho, deixando-me pronta. Injusto. Eu não consigo parar de repetir o quanto isso é injusto. Esfrego as mãos pelo rosto e expiro com força.

— Vamos lá, Elora! Você é melhor que isso! Você é muito melhor que isso! Tudo bem... O que passou, passou! Acontece!

Poderia ter acontecido com qualquer pessoa, ok? Com qualquer uma... -Jogo a cabeça para trás enquanto continuo meus passos apressados: — E daí que você

ficou completamente excitada só de olhar pro cara? E daí, que, do jeito que seu corpo reagiu, você, provavelmente, teria aberto as pernas pra ele mais rápido do que um foguete atravessaria a rua? E daí, em? -Pergunto para mim

mesma em voz alta, só para choramingar, também em voz alta, depois de ouvir o último dos absurdos que eu disse. Deus! Mais rápido que um foguete atravessaria a rua? Sério, Elora?

— Mas por que tão gostoso, santa das vizinhas desesperadas?

Em? Por que tão gostoso? Ele não podia ser um CEO normal?

Velho, ou, pelo menos, de meia idade? Mas não! Tinha que ser uma versão maior, mais loira, e real do João Pedro Govêa[1], aquela perdição de homem que, até hoje de manhã, eu achava que só existia nos livros?

Eu sei que eu disse que estava com inveja da Eliza[2], eu sei que disse que queria um contrato para chamar de meu, universo, mas eu nunca disse que também queria ser despejada, poxa?! Minha inveja dela era brincadeira! Não era para você entubar isso em mim sem vaselina, não! Quer dizer... eu até gosto da coisa... Mas tem que ter lubrificante, no seco é difícil... -Desembesto a falar e só me dou conta do quão longe comecei a divagar quando me pego falando sobre sexo anal e lubrificantes, quando toda a minha energia deveria estar concentrada em encontrar uma solução para o meu problema.

O meu imenso, realmente, muito grande, problema. Muito grande... hum... Mordo o lábio. *Será que ele é, na verdade, tão grande quanto nos meus sonhos? Deus, o homem sabia me fazer gritar....*

— Elora do céu! Se controla! Se controla, porque você tá falando do motivo do seu despejo! do DESPEJO, ELORA!

ACORDA! -grito as últimas palavras, lembrando-me de que não posso, outra vez, me deixar ser seduzida pelo maldito homem. O

que fazer, o que fazer?! Gritar com ele, agora, está fora de cogitação. Queimei essa carta depois do vexame que dei essa manhã, porque, nesse momento, isso só me faria parecer ainda mais louca do que a gritaria em si teria me feito parecer. Eu preciso de um plano, mas para quê?

O que eu poderia fazer para impedi-lo, ou mudar de ideia? Quer dizer, na vida real, o despejo não vem com um CEO a tiracolo, é só ficar sem teto mesmo...

— Eu poderia seduzi-lo... -As palavras irrompem pela minha boca e eu gargalho. Rio até a barriga doer e lágrimas escorrerem pelos cantos dos olhos, porque, Deus! Não! Eu não o seduziria nem que me pagassem para isso. Até porque, convenhamos, um homem que tem uma mulher a cada noite em sua cama, não seria nem remotamente afetado em seus planos megalômanos de construção desenfreada pela minha sedução, não importa o quão linda e gostosa eu saiba que sou.

— Bem, eu poderia falar com ele... -faço um bico com os lábios e o balanço para cima, para baixo, para um lado e para o outro, isso não vai funcionar, vai?... Não, não vai..., pensa, Elora... Pensa! O

que você poderia fazer? *Se ao menos tivesse alguém para me ajudar, afinal, duas cabeças pensam melhor que uma!* Levo as duas mãos ao rosto, esfregando-o, mas logo em seguida, deixo que meus braços caiam ao lado do corpo, ao mesmo tempo em que meus olhos se arregalam.

— Puta merda! É isso! É isso! -Minha voz sai alta, quase gritada, e dou pulinhos no mesmo lugar, comemorando com um sorriso de orelha a orelha e com o coração dividido entre o alívio, o nervosismo e a ansiedade, por ter algo que eu realmente possa fazer, quase gritando eureca, sentindo que fiz a maior descoberta de todos os tempos. Pode não ser uma solução, mas é alguma coisa, e é melhor, muito melhor que nada. Duas cabeças pensam melhor que uma, o quão melhor as dezenas que moram nesse prédio de aluguel não podem pensar juntas?

Tudo bem, mas como eu vou reunir todas essas pessoas? Quer dizer... Eu não conheço todas, só algumas... Vejamos, eu poderia mandar mensagem no grupo de whatsapp do condomínio, mas todos poderiam ver, e, aqueles que são proprietários e estão animados com a perspectiva de vender seus apartamentos pelos valores acima do mercado que seu Felipe disse que a empreiteira

está oferecendo, provavelmente não ficarão satisfeitos com o movimento que estou querendo iniciar e, aí, eu corro um grande risco de sofrer um linchamento virtual, então não. Essa, definitivamente, não é a melhor opção.

Posso enviar e-mails, mas, Deus! Eu precisaria analisar a lista de todos os destinatários do grupo do condomínio e, eu ainda teria o mesmo problema que

tenho com o whatsapp. *Como as pessoas se contactavam antes da internet, meu Deus? Cartas?* Mas, como alcançar só as pessoas que me interessam? Outra vez, me pego andando de um lado para o outro na sala, mas não me julgo, ou me paro. Continuo andando, porque isso me ajuda a pensar, estar em movimento sempre ajudou.

Um, dois, feijão com arroz, três quatro, feijão no prato... Vamos lá, Elora... Como eram feitas as coisas antes? Forço minha mente, procurando por alternativas, e nada... Não é possível, precisa existir um jeito, viro o corpo, pronta para andar até o final da sala e dar meia volta só para começar tudo outra vez, mas meu quadro de cortiça, em que prendo todo tipo de papel importante, desde contas a pagar aos meus briefings de tradução e prazos finais, captura meus olhos, porque me lembra do quadro de avisos do condomínio que, hoje em dia, mais parece uma imensa sessão de classificados, todo prestador de serviços prega um panfleto lá, eu mesma estou sempre renovando meu flyer de tradução no quadro.

Inclino a cabeça, olhando para a estrutura de madeira que está ali há anos, mas que nunca significou tanto como agora. Sorrio.

Aperto meus olhos e as mãos em punhos, tento me controlar, mas dois segundos depois, estou dando pulinhos infantis outra vez, porque é isso! É exatamente isso o que eu vou fazer, não é? Prestar um serviço? Vender esperança?

O quadro, então! Bato palmas como uma criança animada, a esperança faz isso com as pessoas. Nem um segundo depois, me lanço na cadeira, e, diante do computador, a primeira coisa que faço é criar um e-mail anônimo, parte fundamental do meu plano anti-

linchamento virtual. Depois, preparo um anúncio, não preciso pensar muito para saber o que colocar nele.

Mora de aluguel e não quer ser despejado pelo projeto de extermínio do condomínio? Mande um email para mim: juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com

Decoro o cartaz com a imagem de um imenso diabo com uma bola de demolição na mão e imprimo várias cópias. Com elas em mãos, pego também alguns panfletos do meu trabalho como tradutora e giro a maçaneta do apartamento, pronta para espalhá-

los por cada canto desse condomínio, em cada mural, de cada bloco, ou andar, depois, enviarei mensagens para os locatários que conheço por WhatsApp, e pedir para que eles espalhem para todos aqueles que eles conhecem.

A excitação percorre minhas veias como sangue, mas, assim que abro a porta, sou atingida por sua presença como por uma marreta, o impacto é tamanho que dou alguns passos para trás, me atrapalho com as minhas próprias pernas e derrubo todas as folhas no chão.

O maldito ladrão de sonhos e de apartamentos está diante de mim com o braço erguido no ar e a mão fechada em punho, como se estivesse prestes a bater na porta no momento em que a abri.

Pisco, atordoada, e antes que eu seja capaz de organizar meus próprios pensamentos, ele já está de joelhos, evocando imagens que se repetiram nos meus sonhos por noites a fio e me desestabilizando completamente.

Sinto minha pele esquentar e minha respiração descompassar, fico tão desconectada da realidade ao meu redor, que é só quando o percebo lendo um dos meus panfletos anti-despejo que me dou conta do que está acontecendo e de quê, novamente, eu ainda não consegui dizer nem mesmo uma palavra.



Olho para o papel em minhas mãos lendo-o pela quarta ou quinta vez. Eu odeio quando Rodrigo está certo, mas o diabo no cartaz me faz ter vontade de rir, e, não consigo evitar me perguntar se é assim que a mulher realmente me vê.

Parei em sua porta determinado a conversar com ela, ouvi-la e fingir que me importo o suficiente para diminuir a animosidade que ela, claramente, acredita

existir entre nós. Mas a porta foi aberta antes que eu tivesse a oportunidade de bater e a surpresa, ao se deparar comigo ali, ficou evidente em seus olhos arregalados e na repetição das ações de hoje pela manhã.

Bastou me ver para que ela desse passos apressados para trás, e, com os braços ocupados, atrapalhou-se, tropeçou, e deixou que tudo caísse no chão. Seguindo meu plano de me mostrar amigável, fui rápido em me por de joelhos para ajudá-la e estranhei que ela não espelhasse o gesto, afinal, essa é a sua casa e esses são seus papéis.

Eu não pretendia ler o que estava escrito, mas a imagem do imenso diabo obrigou-me a fazê-lo e as palavras ali impressas eram tudo, menos o que eu esperava encontrar. A mulher que parece, cheira, e, provavelmente, tem gosto de problema, está pronta para causar exatamente isso, problemas, e ao invés de me sentir abalado e preocupado com a descoberta, tenho apenas vontade de sorrir.

Ergo meus olhos lentamente, aproveitando a oportunidade, passeando-os por cada centímetro do seu corpo que alcanço. As pernas longas, de coxas grossas, estão menos expostas do que essa manhã, mas ainda são um verdadeiro banquete para o olhar.

Os quadris largos atiçam minha imaginação, porque quero saber qual é a sensação de apertar minhas palmas contra a carne macia, afundar meus dedos nela antes de deslizá-los para baixo, e apertar sua bunda deliciosamente redonda. A cintura bem marcada leva a um par de seios fartos, e ainda que o decote da blusa não seja nada indecente ou mostre o tanto que eu gostaria de ver, o contorno é mais do que suficiente para deixar minha imaginação satisfeita.

Pela segunda vez em menos de cinco minutos, a visão dela me tira dos trilhos. Elora é linda, incontestavelmente gostosa e, assim que vejo seu rosto, entendo o porquê de ela não estar ao meu lado, recolhendo os próprios papéis. Seus olhos injetados, lábios entreabertos e bochechas coradas deixam claro o quanto minha presença lhe afeta, e a percepção me deixa a ponto de me levantar e mostrar a ela que posso, quero e vou fazer muito mais do que isso. Mas, embora eu queira, e muito, como os papéis em minhas mãos evidenciam, eu não posso, e eu não vou.

Com uma expiração profunda, me levanto e estendo as folhas que reuni na direção dela. Depois de piscar algumas vezes, ela os recolhe e abraça-os junto ao peito, como se, assim, pudesse esconder seu conteúdo de mim. Bem, tarde

demais para isso, linda.

— Um Diabo, hein? -pergunto, tentando soar divertido com suas intenções: ¯Não é essa a impressão que eu costumo causar nas mulheres... -Uma de suas sobrancelhas se ergue, seus lábios formam

um

bico

desdenhoso,

e

eu

quero,

quase

desesperadamente, agarrá-la aqui mesmo, e mostrar para ela que desprezo é a última coisa que ela sentiria se eu fizesse o que tenho em mente.

— Ah, eu sei! Elas costumam te chamar de muitas coisas..., deus, inclusive... -responde ácida, e eu franzo minhas sobrancelhas, antes de finalmente entender. Fecho os meus olhos, deixando o entendimento da informação obvia me atingir. Eu já imaginava, mas, por alguma razão, agora que ela tem um rosto, a confirmação não me traz nenhum tipo de satisfação, só incômodo. Ela me ouve.

Todas as noites, assim como eu a ouço, ela me ouve.

— Você também me ouve... -sussurro mais para mim do que para ela, mas Elora é rápida em responder...

— Mas é claro que eu ouço! Provavelmente, o seu Marcelo, a Laís, e cada vizinho desse andar, quiçá os dos andares de cima e de baixo, também ouvem! -acusa, mas não parece irritada com isso, parece, apenas, desesperada para se apegar a algo com que possa me atacar, e perceber isso só me diz que ela está ainda mais

afetada do que achei que estivesse, e porra! Eu sou um filho da puta, mas isso me dá uma satisfação sem tamanho, uma que eu ainda não estou disposto a abandonar, por isso, não preciso pensar muito sobre quais serão minhas próximas palavras.

— Bom, você também não é exatamente silenciosa... -devolvo, falsamente despretensioso, mas atento a cada centímetro do seu rosto, e quando ela reage, me parabenizo por isso. Suas sobrancelhas se erguem e seus olhos se arregalam, sua pele ganha um tom levemente avermelhado, ela engole em seco e passa a bater o pé no chão involuntariamente.

— O quê? -solta de uma vez, genuinamente surpresa que eu tenha dito o que disse, porque não pode ser com o fato de que eu a ouço. Se ela me ouve, precisa saber que o processo inverso também aconteceria.

— Eu disse... -começo, olhando em seus olhos: ¯Que você também não é exatamente silenciosa... Mas eu realmente não tenho nenhuma reclamação sobre isso... -sussurro a última parte, provocativamente, e sua respiração fica suspensa. Os círculos amarelos de seus olhos quase somem, de tanto que os esverdeados crescem, e seus lábios se entreabrem em surpresa.

Ela pisca, e então, balança a cabeça para um lado e para o outro, e como se o gesto tivesse afastado a névoa de desconcerto que havia em seu olhar, ele se torna duro e enraivecido, eu diria.

— Você tá me chamando de barulhenta? -questiona, me olhando estreitamente e com a cabeça levemente inclinada para o lado: ¯Você? Logo você? Que me rouba horas preciosas de sono todas as noites, tem a audácia de me chamar de barulhenta? Isso é algum tipo de piada?

Seu queixo empinado e postura afrontada, e, ao mesmo tempo, de afronta, transformam meu rosto, fazendo-me sorrir, o que serve de combustível para a irritação dela: ¯Por favor, glorioso senhor, todo poderoso, me ilumine! Que tipo de barulho tão incomodo eu faço pra você?

— Eu nunca disse que eles me incomodavam, Elora... -

respondo, meneando a cabeça e colocando as mãos nos bolsos, ansioso para que ela comece a fazer as perguntas certas e para ver sua reação às minhas respostas, já que ela realmente parece ainda não ter entendido do que eu estou falando.

— Vo... Você sabe meu nome? Como isso é possível? E é claro que eu não te incomodo! EU. NÃO. FA. ÇO. BA. RU. LHOS! -sibila.

Ergo uma sobrancelha questionadora e debochada.

— Sei seu nome, porque depois de você quase colocar minha porta abaixo essa manhã, e, depois, sair sem me dizer mais do que uma palavra, precisei descobrir, o que nos leva ao fato, ah, mas você faz... Você realmente faz... Aliás, como um relógio... Como você acha que eu soube quem você era assim que ouvi sua voz?

— Do que diabos você tá falando? Meu Deus, eu não te conheço! Eu nem sei seu nome, e eu não quero falar com você!

Como foi que nós chegamos a isso? -faz a primeira pergunta em voz alta, mas as seguintes saem tão baixinhas que eu me pergunto se eram dirigidas a mim, ou a ela mesma. Algo fácil de perceber sobre Elora é que ela não tem muito controle sobre as próprias emoções e reações. Elora é o tipo de mulher que te atira um prato na cabeça se você se esforçar muito para tirá-la do sério.

Percebo que enquanto eu admirava os efeitos da fúria e do óbvio desconforto que estar perto de mim causa em seu rosto e colo, o silêncio se estendeu entre nós e sua expressão demonstra uma insatisfação cada vez maior em continuar esperando que eu a responda. Não resisto, aproximo meu rosto do seu, não deixando-o tão próximo quanto eu gostaria, ou quanto estivemos hoje mais cedo, mas o suficiente para que eu possa admirar cada detalhe da aureola amarelada que circula seus olhos, ela enrijece, mas não se afasta. Encara-me, desafiando-me a acabar com o espaço que existe entre nós e eu tenho certeza de que se eu tentasse, ela me estapearia o rosto sem pensar duas vezes.

— Meu nome é Gustavo, aliás... -Digo e seus olhos se desviam dos meus em uma atitude de desdém, cansaço, e seu eu tivesse

qualquer dúvida sobre cruzar ou não a linha que atravessarei ao dizer o que pretendo, elas acabariam exatamente no momento em que Elora me desafia com sua indiferença: ¯Dos seus gemidos! -

sussurro. Seus olhos quase saltam para fora, imediatamente, convidando-me a mergulhar neles, um convite que tenho uma dificuldade imensa em recusar, mas o faço. Seus lábios se entreabrem, soprando ar morno na minha direção, e eu quero tanto saber que gosto ela tem, que minha boca seca.

— O quê? -questiona, virando o rosto levemente, precisando de uma confirmação de que entendeu certo.

— Todas as madrugadas, as três da manhã... Você não tem ideia do que isso faz comigo... Toda maldita noite! -Me pego sussurrando a última parte, precisando que ela saiba, mesmo que não tenha ideia do quanto ou há quanto tempo.

— Você... Você... Você não pode sair por aí dizendo isso pras pessoas! -acusa em uma voz fraca e sussurrada, que não convenceria ninguém de que o sentimento que a percorre é realmente raiva. Volto a passear meus olhos pelo seu corpo, mas é logo a primeira parada que os prende.

Seus mamilos rígidos, apontando na camiseta fina, fazem eu morder o lábio, imaginando a sensação de passear a língua por eles, e depois chupá-los. Engolindo em seco, subo meu olhar, encontrando, outra vez, seus olhos verdes, e ela parece tão pressionada a se aproximar de mim quanto eu estou de me aproximar dela: ¯O que você está fazendo aqui? O que você quer de mim, Gustavo? -Meu nome em sua boca soa... porra! Perfeito!

Começo a me perguntar se em algum momento vou ser capaz de manter uma conversa com essa mulher sem imaginá-la em posições diferentes enquanto geme meu nome. Expiro com força, encarando-a, desejando-a, dizendo para ela com meu olhar o quanto basta que ela diga uma única palavra. Vejo o entendimento em seu olhar, assim como o desejo e a determinação em limitar nosso contato a isso, desejo e reconhecimento, ela não vai ceder, não facilmente...porra...

— Eu acho que já ficou claro o que eu quero de você, Elora...

Assim como já ficou claro que você quer a mesma coisa... -Dou um passo a frente, tornando ainda menor o espaço que nos separa e ela arfa. Mas se mantém firme, só que, agora, eu já não tenho mais certeza se do que me atingirá se eu acabar com a distância entre nós, sua mão ou sua boca, sei o que gostaria que me atingisse, apenas. Sua respiração descompassada e seus olhos vidrados não me dão nenhuma pista sequer. Tudo o que sei é o que o seu corpo me diz, que ela me deseja tanto quanto quer me odiar: ¯Você não gosta de mim... -afirmo e, imediatamente, em silêncio, minha cabeça completa “mas seu corpo gosta...”

¯Não! Não gostava antes de saber quem você é, e gosto ainda menos agora que sei. -Lambe os lábios, umedecendo-os e, assim como fiz hoje pela manhã,

acompanho o movimento de sua língua sem qualquer tipo de pudor. Ela não perde a minha atenção e suas próximas palavras deixam claro que a parte dela que está saindo vitoriosa não é aquela que eu gostaria: ¯Então, por favor, vai embora, porque eu tenho mais o que fazer! -Sua voz diz cada uma dessas palavras de maneira firme e imponente, mas seu corpo, ah, seu corpo. A conversa da qual ele participa é uma completamente diferente.

— Espalhar esses cartazes, eu imagino? -questiono, fazendo sinal com a cabeça para os papeis fortemente abraçados e, provavelmente, já amassados.

— Não é da sua conta! -diz, entredentes. Estreito meus olhos para ela. Isso, definitivamente, não está indo como planejei, e essa é toda a maldita porra do problema. Porque a cada vez que ela me desafia, eu quero dobrá-la. E esse é um caminho perigoso. Penso em Rodrigo, meu irmão me mataria. Sim, ele me mataria, mas, se analisarmos friamente, foi ele quem mandou eu me manter por perto e disse que a isso havia ficado pessoal para Elora, ele estava certo.

Só estava errado quanto a forma de resolver isso.

Sorrio. Um sorriso de “eu sei o que você está pensando, porque seu corpo me diz em alto e bom som”. Eu não estava louco essa

manhã quando fui atingido por aquelas sensações ao tocá-la. E, agora, eu sei que foram exatamente as mesmas que a atingiram. Só que enquanto eu as acho bem-vindas, a mulher a minha frente, claramente, está apavorada com elas. Por quê?

Não preciso pensar muito. O motivo pisca em minha mente, levando do meu rosto o sorriso. O namorado. Ela tem um namorado.

— Seu namorado está em casa?

— Namorado? -pergunta com as sobrancelhas franzidas.

— Noivo? Esposo? Companheiro? Amigo Colorido? -sugiro diferentes opções quando, a cada uma que escuta, ela parece mais perdida sobre o que estou falando: ¯O cara que provoca seus gemidos? -digo, por último, sem poder acreditar no que seu desconhecimento está sugerindo, e, contra o meu bom senso, sentindo uma animação crescente.

Seus olhos se arregalam outra vez e ela arfa.

— Ai, meu Deus! Outra vez isso?! -diz, irritada.

— Nós paramos de falar deles?

— Você não pode me dizer esse tipo de coisa!

— Mas você me disse exatamente esse tipo de coisa! -rebato:

¯Não me diga que você é do tipo dois pesos, duas medidas?

— Mas o que eu disse era verdade! -Silaba, e eu ergo minhas sobrancelhas enquanto um sorriso de canto de boca surge em meus lábios.

— E você acha que eu estou brincando? -questiono, baixo, e seu corpo estremece levemente: ¯Eu não estou, Elora... cada palavra do que eu disse é verdade, e, se não fosse, como eu saberia que você ri depois de gozar?

É instantâneo, ela foge, definitivamente, horrorizada com a constatação de que estou dizendo a verdade, me deixando intrigado. Como ela poderia achar que eu não ouviria?

— Parceiro! -diz, apressadamente, e meu rosto deve espelhar minha confusão, porque ela continua: ¯Meu parceiro não está em casa! Foi o que você perguntou, certo? -meneio a cabeça, desconfiado.

— E como isso é diferente de um namorado? -Cruzo os braços na frente do corpo e não perco o olhar que Elora dá ao movimento, acompanhando a flexão dos músculos para se encaixarem na nova posição. Ela morde os lábios e, depois, sacode a cabeça rapidamente, como se lembrasse de que não deve fazer isso, e, então, volta a me olhar com firmeza. Rio, incapaz de me impedir, e a raiva em seus olhos aumenta.

— Isso não é da sua conta, e se você já acabou o que quer que tenha vindo fazer aqui, tchau, porque, até onde eu sei, esse apartamento ainda é meu. -Ensaia dar um passo à frente, mas, ao se dar conta de que isso vai deixá-la muito próxima de mim se eu não me mover, exatamente o que pretendo fazer, ela para.

— Com licença? -pede entredentes.

Arrasto meus olhos para baixo, encarando os papeis agarrados em seus seios,

demorando-me ali, antes de voltar a encará-la.

— Você sabe que não pode mais espalhar isso por aí, certo? -

questiono, e ela finge-se de desentendida: ¯Você foi esperta o suficiente pra saber que precisava fazer isso anonimamente, e, bem... Parece que o anonimato acabou...

— Eu realmente não gosto de você! -quase rosna e eu sorrio, antes de dar passos para trás, deixando seu apartamento sem desviar meus olhos dos seus.

— A gente se vê, Elora... -A porta bate a centímetros do meu nariz, e eu gargalho. Ando na direção do meu apartamento, já tirando o celular do bolso e discando o número de Rodrigo. Ele atende no segundo toque.

— Conseguiu falar com ela? -São as primeiras palavras que diz.

— Boa tarde pra você também, Rodrigo...

— Deixa de conversa fiada, Gustavo! Nós passamos a manhã inteira juntos e a minha tarde vai ser ótima se você me disser que conseguiu falar com a mulher e resolver o problema.

— Bem, então eu lamento informar, mas a sua tarde vai ser meio boa, porque eu falei com a Elora, mas não, eu não consegui resolver nada. Você estava certo de todas os jeitos errados... Ela está disposta a criar problemas, isso se tornou pessoal pra ela e, não, ela não quer conversar sobre isso com o CEO da GAF...

— Puta que pariu! Era o que eu temia, isso pode dar merda, Gustavo! Isso pode dar uma merda gigante!

— Relaxa, irmão! Eu tenho um plano!

¯Que plano?

— O seu! Me aproximar dela e impedir que a mulher faça qualquer loucura.

— Gustavo, não foi isso que eu sugeri... Esse tipo de aproximação foi exatamente o que eu disse pra você não tentar, eu disse, com todas as letras possíveis pra você deixar a porra do pau dentro das calças! -Gargalho.

— Irmão, é como você disse, as coisas ficaram pessoais, e eu não conheço nada que seja mais pessoal do que sexo...

— Gustavo...

— Relaxa, Rodrigo, eu sei o que eu estou fazendo!

— Eu realmente espero, porque se você fizer merda e tudo isso for pelos ares, eu me demito e você vai ter que lidar com o Miguel sozinho! E as gêmeas ficam com você no final de semana que vem.

-Despeja tudo sobre mim e desliga o telefone sem nem mesmo me dar tchau. Mas, ainda assim, deixa um sorriso em meu rosto, porque ele não ter tentado me impedir, é quase como ter me dado sua benção. Rodrigo sempre foi o sensato de nós dois e, muitas vezes, por mais que eu nunca vá reconhecer isso em voz alta, foram seus conselhos que me salvaram de me meter em grandes problemas.

— Você não perde por esperar, Elora... -murmuro para mim mesmo enquanto desabotoo a camisa, me preparando para minha corrida diária.



Jogo o corpo no sofá, sentindo-me exausta, tão abalada por uma conversa que não levou nem mesmo dez minutos, como imagino que estaria por uma luta corpo a corpo. Por quê? Por que eu precisava reagir tão intensamente à presença e à proximidade desse homem? Mas é óbvio que aconteceria! Se ele era capaz de me deixar molhada a 6 andares de distância, sem me olhar, sem que eu pudesse sentir seu cheiro, o calor do seu corpo, ou do seu hálito, é claro que estar tão perto dele faria miséria de mim. Afinal, não era com isso que eu sonhava?!

Os sonhos! Deus, eu espero que eles parem de uma vez por todas agora, porque eu não suportaria ter que continuar a vê-lo todas as noites. As noites, oh céus! Ele me ouve! E como? O que ele ouve? Se eu nem mesmo sabia que fazia barulhos? Meu Deus!

Eu gemo por ele, para ele, para aquele maldito vizinho fodedor! Eu não posso acreditar nisso! Quão azarada uma mulher é capaz de ser, em? Logo eu? Crente e devota de uma quantidade tão grande de santidades?

Minha nossa senhora das mulheres que passam vergonha no crédito, porque não tem mais saldo em conta para passar no débito, ajudai-me. Mas tê-lo tão perto... tão... tão perto... Ter aquele cheiro maravilhoso assaltando meu nariz, aquela barba loira e cheia provocando minha imaginação, aquele olhar me devorando inteira sem nenhum pudor, quer dizer, que tipo de pessoa olha tão descarada e lascivamente para um completo desconhecido quando o tal desconhecido está diante de si?

Gustavo, Gustavo faz esse tipo de coisa. E a cada passo que ele dava na minha direção, meu corpo parecia receber uma gota a mais de um forte paralisante, e eu me sentia exatamente como nos meus sonhos, quando tudo o que eu conseguia fazer era olhar para ele e apreciar cada pedacinho daquele corpo enquanto ele me torturava, despindo-se lentamente.

Basta pensar na palavra despir para que imagens dele sem camisa, deslizando a bermuda por aquelas coxas duras e musculosas encham minha mente e eu, imediatamente, abro os

olhos, que nem mesmo tinha me dado conta de ter fechado, até agora, recusando-me a ser vencida, mais uma vez, por esse homem. Chega! Duas vezes por dia são o meu limite e ele já está para lá de ultrapassado.

Encaro os papéis aos quais estive agarrada nos últimos minutos, agora, soltos sobre o colo. Inúteis, agora eles são inúteis. Tanto esforço e tempo dedicado para encontrar uma possível solução, para nada, para que em uma visita inconveniente, que é tudo o que aquele homem sabe ser, o infeliz colocar meus planos abaixo.

Deito a cabeça para trás, no encosto do sofá, e volto a fechar os olhos. Levo as mãos ao rosto, esfregando-o, a ardência em meus olhos anuncia o que está por vir e, em segundos, lágrimas molham minhas bochechas. Esse é o problema com

a esperança. Ela é poderosa e um dos maiores agentes de transformação que existem, mas também pode ser um incrível agente de devastação quando arrancada de nós, e, para mim, esse processo sempre foi ainda mais difícil.

Administrar expectativas nunca foi meu forte. Se as crio, não tenho dose ou medida, deixo que cresçam desenfreadamente e tornem-se gigantes, monstros que se alimentam de todo e qualquer sentimento que possa provocar calma e tranquilidade. Das coisas mais complicadas, às mais banais. Por exemplo, se marco de tomar um sorvete com alguém e essa pessoa desmarca em cima da hora, fico frustrada, é mais forte do que eu, porque eu planejei aquilo, esperei também, e, como num passe de mágica, tudo ruiu.

É por isso que a perda do apartamento me dói tanto. Porque foram anos criando e alimentando expectativas do grande momento em que ele seria todo e oficialmente meu. Fiz planos, desejei coisas e sacrifiquei inúmeros outros desejos e vontades em prol desse. Eu não estaria preparada para perder qualquer que fosse o desejo no qual eu tivesse investido tanto tempo e dinheiro, mas, a perda desse, especificamente, está me doendo demais. Sentada no sofá, enquanto deixo que as lágrimas deslizem pelo meu rosto, com um dos meus braços cobrindo os olhos, o toque do meu despertador

soa no meu bolso e eu o amaldiçoo silenciosamente, porque sei exatamente do que se trata.

A música anuncia aquela que, até ontem, eu considerava ser a melhor hora do meu dia, e que, agora, é só uma lembrança do quão trouxa sou capaz de ser. Levanto os quadris, fazendo com que a pilha de papéis em minhas coxas deslize e se espalhe em uma completa bagunça pelo chão, o que só me deixa mais irritada.

Desligo o despertador e jogo o celular no sofá, de qualquer jeito.

Sinto-me quase sufocar com a vontade, necessidade de odiar esse homem que invadiu minhas fantasias e, agora, ao revelar-se, tem destruído meus sonhos literal e figurativamente. E, pelo qual, ainda assim, eu me sinto tão atraída, a ponto de temer que em algum momento não serei mais capaz de resistir se ele continuar agindo da maneira que age.

Afinal, há menos de vinte e quatro horas senti seu toque de verdade pela primeira vez, e, se antes eu desejava seu toque e tinha minhas calcinhas

arruinadas pelo simples pensamento de tê-

lo, agora, quase sinto que preciso dele e quanto às minhas calcinhas, não há dúvidas de que, contra todo o meu bom senso ou vontade de me manter longe de Gustavo, ele continua dominando a habilidade arruiná-las sem nem mesmo chegar perto delas.

Inspiro e expiro profundamente várias vezes, na tentativa de me acalmar, porque sei que preciso ser racional se quiser alguma chance de resolver isso. Eu não faço ideia de como, mas em algum lugar, há uma solução para o meu problema que não seja simplesmente me conformar. Com os olhos fechados, deixo que os minutos se arrastem e levem com eles a ansiedade, e deixando para mim apenas aquela sensação pesada no peito, de que algo ruim aconteceu, mas sou impotente quanto a isso.

Impotência. Deus, como eu odeio senti-la. Passo a língua sobre os lábios e imediatamente e um olhar esverdeado se ascende diante das minhas pálpebras cerradas. A forma como o cretino acompanhou cada movimento da minha língua quando fiz isso mais cedo... Bem, uma coisa precisa ser dita sobre Gustavo... Gustavo...



texto o nome em minha língua, em voz alta, ouvindo-o em minha própria voz e sentindo um prazer estranho em dizê-lo. O vizinho pervertido agora não só tem rosto, como tem nome, e minhas fantasias em suas mãos.

Balanço a cabeça de um lado para o outro. Ele é direto, preciso reconhecer. Mais do que qualquer um que eu já tenho conhecido, até mesmo que eu. Quer dizer, ele se comportou como se estivéssemos em uma balada e precisasse deixar claro quais eram as suas intenções comigo, foi quase inapropriado. Você não diz, na

porta de uma pessoa que conhece há menos de vinte e quatro horas, que a ouve gemer há dois meses, você não diz que a quer, você não invade pessoal dela, deixando claro que entende o quanto a afeta. Você não... Mas Gustavo, definitivamente, sim.

Mas o que é que eu estava esperando? Um homem que dorme com uma mulher a cada noite, não é exatamente alguém que busca compreensão ou profundidade emocional. Gustavo fode, e, por algum motivo, entrei em seu radar, assim como ele entrou no meu.

Se ele não fosse o maldito CEO da empreiteira seria tudo tão mais fácil para a minha libido descontrolada. Eu poderia, facilmente, ignorar o fato de que ele é um comedor e transar com ele, quer dizer, por que não? Nós dois somos adultos e vacinados, cientes de que a única coisa a sair de qualquer tipo de relação que tenhamos serão orgasmos, ficaria tudo bem. Mas o que eu não posso e não vou, de jeito nenhum, é me envolver com alguém que está tentando roubar minha casa de mim.

Tiro o braço de cima dos meus olhos, e, direcionando-os para baixo, fixo meu olhar bem no meio das minhas pernas.

— Não vamos! Ouviu, dona Maria?! Você deixe de ser assanhada! Se você quer transar, ótimo! Vamos transar hoje, mas, definitivamente, não com ele!

— O que você quer? -solto ao abrir a porta e encontrar, pela segunda vez, hoje, Gustavo, agora, com o peito nu, vestindo apenas um short de pijamas, os cabelos molhados, um sorriso estampado no rosto, e uma xícara vazia nas mãos.

Um sorriso cafajeste que eu começo a acreditar ser uma marca registrada sua se espalha pela boca de lábios grossos e rosados.

— Uma xícara de açúcar? Por favor? -Estende o objeto para mim com uma carinha de cachorro abandonado e eu fico dividida entre apreciar a maldita expressão pedinte, e me sentir incrédula sobre a cara de pau desse homem. Felizmente, é meu bom senso quem vence a batalha interna e eu escolho a segunda opção.

— E você achou, de verdade, que seria uma boa ideia vir pedir justamente pra mulher que te disse que não gosta de você pelo menos umas 300 vezes hoje? -questiono, tentando, com todas as minhas forças, fazê-lo entender que eu o quero

longe de mim.

Faz um som de descrença com os lábios, me dirige um olhar de

“sério?!” e tudo o que sou capaz de fazer é observar, como se eu fosse a plateia do espetáculo de interpretação artística performado por Gustavo, porque uma coisa se pode dizer sobre esse homem, duas, aliás. A primeira, o filho da mãe é gostoso demais, eu nem sei por qual santa chamar, e preciso de um esforço imenso para manter meus olhos no seu rosto, quando tudo o que eles querem é deslizar por sua pele morena e devorar a visão que é o corpo enorme seminu.

Deus, está calor aqui, né? Onde eu consigo um ar condicionado, um ventilador, um balde de gelo, um leque? Qualquer coisa!

Qualquer coisa que abaixe a temperatura infernal desse apartamento! E a segunda, qual era a segunda mesmo? Não sei..., me perdi... Ai, Deus! Por que tão gostoso? Por quê?! Isso é tão injusto! Sinto partes muito específicas do meu corpo contraírem, aparentemente, apenas se inundar diante da visão ou dos pensamentos que o maldito me causa, já não é mais o suficiente para o meu corpo, agora, ele precisa de outros tipos de manifestação. Inferno, inferno, inferno!

— Foram só três, eu sei contar, se tivessem sido trezentas, eu não estaria aqui... - Me arranca dos meus devaneios com a piadinha infame.

— Promete que se eu te disser que não gosto de você mais duzentas e noventa e sete vezes você desaparece para sempre?

Jura de mindinho? -questiono, com os olhos estreitados e ele gargalha. Inspiro com força, buscando pela paciência que não tenho e começando a me sentir tentada a arremessar um objeto pesado, ou, apenas a xícara que continua estendida na minha direção, em seu rosto, para arrancar dele o sorriso ridiculamente depravado, sexy, gostoso, oh Deus! Lá vamos nós, outra vez!

Não, Elora, não! Foco! Firme! Você consegue! É só um homem ridiculamente grande e que fode como nenhum outro que você já tenha ouvido... Oh céus, o plano não era abstrair? Por que? POR

QUE, logo eu, sou obrigada a passar por isso?!

— Se você prometer que até lá vai parar de fingir, talvez possamos fazer um acordo... -sugere e, mais uma vez, sinto-me piscar. Maldito homem quente da porra!

— Huum... curioso! Logo você, falar em parar de fingir? Então, quer dizer que, se eu entrar na sua casa agora e procurar, eu realmente não vou encontrar nem um grão de açúcar?

— Não! Não vai... -responde, desviando os olhos dos meus e, de repente, achando as paredes ao seu redor, o batente e até mesmo maçaneta da porta muito interessantes.

— Sério? Porque a sua porta é logo aqui ao lado, vizinho!

— Tudo bem? Quer saber, eu não vou ficar aqui sendo falsamente acusado, se você não acredita em mim, vamos lá! -

Declara em um tom tão absurdamente sonso, que é impossível perder sua desfaçatez. Deus, como é sínico! E, enquanto ele abre espaço na minha própria porta e faz uma reverência tosca com o braço para que eu vá na frente, entendo qual é o seu plano e balanço a cabeça, em negação.

— Meu Deus! Você é inacreditável! Qual é o seu problema?

— Inacreditável? Eu? Por que? É você quem tá, repetidamente, duvidando de mim! Eu só quero te mostrar que sou honesto...

— Gustavo, eu não preciso de conhecer mais do que já te conheço, que é nada, pra saber que não existe um único fio de cabelo honesto nessa sua cabeça cafajeste! Me poupe! -brado e ele leva a mão ao peito, como se tivesse se ofendido, então, estreita os olhos, e dá um passo a frente. Instintivamente, dou um passo para trás, e o ar ao nosso redor muda. Ofego, puta merda, puta merda!

Maldito, maldito, maldito.

A torneira entre minhas pernas se abre instantaneamente, seduzida pelo cretino que provoca o caráter revolucionário dos meus hormônios, porque basta que ele se aproxime, para que eles peguem em placas e faixas onde se lê: “queremos transar!”, “sexo agora!”, “abaixo à resistência!” e, alguns, mais ousados, ser armam de coquetéis molotov de tesão e saem arremessando-os pelas paredes do

meu útero.

Outra vez, ele invade meu espaço pessoal e anda um passo largo na minha direção. Decido que fugir apenas o estimula, aparentemente, Gustavo é um caçador e minha postura assustada só está alimentando seus instintos cachorros. Permaneço parada, e, repetindo a cena pela terceira vez no mesmo dia, seu rosto se aproxima do meu muito além do que seria aceitável para duas pessoas que não se conhecem, ou que não tem qualquer tipo de intimidade, quando ele abre a boca, seu hálito quente faz mais do que aquecer meu nariz e boca, aquece meu sangue, quase fervendo-o, e eu me pergunto se isso realmente é possível, porque é exatamente como me sinto.

Minha pele se arrepia, e meu corpo inteiro, já em alerta, é impactado pelos efeitos de sua proximidade. Meus seios endurecem, tornam-se pesados, e pensar que se ele baixar os olhos verá meus mamilos duros, me deixa puta, e, ao mesmo tempo, faz com que eu queria levar seu olhar exatamente para lá. Esse é o maior dos meus problemas quando o assunto é esse homem. Minha

mente quer afastá-lo, meu corpo quer se jogar em seus braços e deixar que ele faça o que quiser.

— Bem, Elora, eu acho que nós dois podemos concordar que o meu problema é você. Não acha? -Rio. Porque a ironia do comentário, assim como a presença de quem o fez, é impossível de se ignorar.

— Eu sou o seu problema? -Questiono, conseguindo imprimir quase nada da afronta que eu gostaria em minha voz: ¯Da última vez que chequei, vizinho, era você quem queria me expulsar da minha casa, era você quem, continuamente, estava invadindo meu espaço pessoal, foi você que, em menos de vinte e quatro horas, me disse mais coisas inapropriadas do que eu jamais ouvi minha vida inteira... E eu sou o seu problema? Você não acha isso, no mínimo, irônico? -É a vez dele de sorrir.

— Bom, vizinha... -Em seus lábios, a palavra ganha um tom provocativo que jamais deveria ser empregado para dizê-la, mas puta merda! Eu gosto! Gosto tanto que, imediatamente, minha mente viaja para uma realidade em que ele a sussurra em meu ouvido enquanto se mete dentro de mim de novo e de novo, e eu preciso me segurar ao batente da porta para manter minhas pernas firmes: ¯Eu não vou negar, você realmente tem um ponto... Mas, veja bem como eu enxergo

as coisas... Da última vez que eu chequei, você era a mulher que me atormentou com a porra dos gemidos mais gostosos que eu já ouvi por dois meses, e que me obrigava a me masturbar noite após noite, mesmo que eu tivesse tido inúmeras rodadas de sexo apenas alguns minutos antes de ouvir você...

Suas palavras atingem minha boceta como um chicote, e a vontade de experimentar seu toque se torna tamanha, que me sinto dolorida. Engulo em seco e não preciso de um espelho para saber que, agora, minhas pupilas estão imensas. Respiro ofegante, saber que, ainda que de forma completamente inesperada, as fantasias que venho alimentando há meses não são unilaterais como eu pensava, gira uma chave dentro de mim, e minha santa das

mulheres inconsequentes! Ela não deveria ter sido tocada. Faço o meu melhor para ignorá-la, para fingir que não sinto, não vejo, o desejo tão duramente contido desde que descobri que o rosto dos meus sonhos e pesadelos é o mesmo, de repente, parece ter tido suas amarras soltas.

— Eu devia me sentir lisonjeada? -Consigo dizer, mas diferente do tom sarcástico que eu pretendia empregar, minha voz sai rouca, baixa, quase sussurrada, e escorrendo tesão.

— Devia! Porque isso não é tudo... Da última vez que chequei, você era a mulher que, depois de meses me atormentando sem ter um rosto, quase colocou minha porta abaixo de manhã e me desestabilizou, porque ao invés de me preocupar com os seus motivos, tudo o que eu conseguia fazer era olhar pro seu pijama de seda vermelha minúsculo. Ah, Elora! Da última vez que eu chequei, você era uma pedra imensa no meu sapato, um enorme problema em potencial pra um negócio que pode me custar milhões se não der certo, mas, ao invés de pensar nisso, tudo o que eu consigo pensar quando olho pra você, é no quanto eu quero te foder, e eu só te vi três vezes na vida, porra!

Desisto de tentar controlar minha respiração e abro a boca, expirando livremente por ela, desesperada pelo ar que, repentinamente, me foi roubado pelas suas palavras e pelas imagens que elas invocaram. Deus, esse homem... Eu... Eu simplesmente... Não posso! Porque eu o quero assim, exatamente assim... Minha santa das mulheres que estão a um toque de abrir as pernas para quem não deveriam, tenha compaixão de mim! Ele dá mais um passo em minha direção, e, agora, estamos separados por um fiapo de nada, o espaço é tão insignificante que, talvez, nem mesmo um fio de cabelo pudesse passar por ele. Fechos os

olhos, incapaz de suportar a intensidade do seu olhar, da sua presença, da minha própria fraqueza.

Gustavo não me toca, mas meu corpo queima com suas palavras em um incêndio proporcional ao que me teria sido causado pelo uso de um lança chamas. Ele abaixa a cabeça, e sinto seu olhar em

mim, mesmo que não o veja, e, então, lambe os lábios. Sua boca está tão perto da minha que quase sinto seu gosto, seu toque, sua saliva em mim.

— Então, você é sim o meu problema, e eu não sou um homem que deixe pendências pra trás, vizinha.... -De novo, a palavra em seus lábios faz eu me sentir escorrer, e, não satisfeito, ele me dá o golpe final.

— Me diz, Elora... Você vai gritar? -pergunta com a boca quase colando na minha, umedeço os lábios, precisando ocupar minha língua com alguma coisa que a impeça de se enfiar na boca dele. A pergunta consegue me desestabilizar ainda mais, porque embora eu não faça ideia do que ele está falando, a simples menção a me fazer gritar preenche minha mente de imagens desesperadoramente desejadas, mas ele não acha que elas sejam o suficiente, e continua:

Quando eu te foder naquela parede pela qual você me atormenta há meses? Você vai gritar pro prédio inteiro ouvir que eu estou te comendo? -Arrebenta com violência o último fio que sustentava meu controle e resistência. Completamente rendida, mesmo sem ter nenhum centímetro de sua pele em mim, eu gemo, e, então, ele se afasta, me deixando com um frio súbito e obrigando-me a abrir os olhos. Já do lado de fora do batente da minha porta, o sorriso cretino volta a se espalhar pelos seus lábios, me dizendo que ele sabia, o tempo todo, exatamente o que estava fazendo.

Prende-me em seu olhar tempo o suficiente para que a certeza disso se assente em minha mente, coração e estômago, vira as costas e deixa-me aqui. Sozinha, molhada, plantada e mais excitada do que nenhuma das suas corridas diárias ou que as nossas preliminares nos sonhos jamais deixaram.

Filho. De. Uma. Puta!

Fico parada, ofegante, lutando para recuperar o controle de mim mesma por vários minutos antes de conseguir me mover e fechar minha própria porta. Quando isso acontece, há em mim uma batalha gigante acontecendo, o desejo

luta contra a raiva crescente e eu

não preciso saber quem vai sair vitorioso para não ter dúvidas de uma coisa: essa foi a última vez que ele me paralisou desse jeito, ou eu não me chamo Elora Viana.



— Puta que pariu! -Grunho para mim mesmo depois de bater a porta do apartamento e me lançar sobre o sofá ainda com a xícara vazia nas mãos. Mulherzinha terrível! Expiro com força, expulsando todo o ar dos meus pulmões antes de puxar uma nova remessa. A voz de Rodrigo, me alertando sobre o perigo do jogo que eu pretendia fazer, sopra em minha cabeça, e eu repito a já conhecida frase: odeio quando meu irmão está certo. Eu sabia que não deveria ir até ela pela segunda vez hoje. Não quando eu ainda não tinha um plano sobre como lidar com a loira pronto em minha mente. Mas não consegui, foi mais forte do que eu.

A vontade de provocá-la era absurda, e eu não sou o tipo de homem que se nega os próprios caprichos. Era simples, bater em sua porta sem camisa, desestabilizá-la, brincar com seu desejo e, depois, sair, como se não fosse nada demais, o que, se formos sinceros, poderia, até mesmo ser chamado de justiça, já que, hoje, por duas vezes, ela me deixou com o pau na mão. O que seria uma pequena provocação? Nada... Não deveria ser nada, mas a mulher se recusou a se manter passiva e, sem nem mesmo estar tentando, deixou-me tão rendido quanto vi em seus olhos que ela estava. Seu olhar vidrado, lábios entreabertos, sua pele quente e arrepiada tão próxima, me puxaram para a perdição, e suas palavras e postura de combate fizeram o restante do trabalho, quase derrotando-me em meu próprio jogo.

Deus sabe o quão difícil foi me afastar quando tudo o que eu queria era agarrar aquele corpo curvilíneo, prender suas pernas ao redor da minha cintura e fazer com ela exatamente o que disse que faria, fodê-

la até que gritasse meu nome para cada morador desse prédio ouvir.

O mais seguro seria me afastar, porque se Elora pode ser um problema se deixada sozinha, me envolver com ela tem se mostrado, no curto período de tempo de um dia, poder se tornar um problema ainda maior. Eu deveria me sentir alertado por isso, mas sinto-me apenas eletrizado, eu e minha maldita obsessão por riscos.

Se o corpo de Elora cede a cada movimento que faço em sua direção, sua mente deixa claro que erguerá uma barreira tão poderosa

quanto a muralha da China. E isso me excita mais do que qualquer reação de seu corpo, mesmo que elas façam um belíssimo trabalho em me deixar duro. A cada resposta que aquela boca esperta me dá, a vontade de lhe dar coisas mais interessantes para fazer do que me responder, cresce.

Não é que eu não goste de suas afrontas, eu adoro suas palavras ácidas e perguntas sarcásticas, porra! Eu adoro, ainda que eu tenha começado a ouvi-las somente hoje. A sensação é de que, na verdade, nos conhecemos há meses. É como se a cada noite que fui mantido cativo por seus gemidos, eu a estivesse conhecendo, e, me pergunto se ela se sente da mesma forma com relação a mim, mas isso soa absurdo visto sob qualquer que seja o ângulo. Afasto o pensamento.

Nós nãos nos conhecemos, é só uma atração irrefreável, acho que todo mundo passa por isso uma vez na vida.

E é claro que, na minha vez, tinha que ser com a mulher que quer me foder, e não do jeito que eu gostaria de ser fodido. Olho para baixo, me deparando com a ereção dolorida entre as pernas, louco para ligar o foda-se, passar pela porta, e colocar a do apartamento vizinho abaixo, até que ela abra e eu ceda aos meus próprios desejos, aos nossos próprios desejos, não importa o quanto ela esteja disposta a negar. Mas não posso. Eu preciso de um plano, um bem calculado.

Elora é uma mulher inteligente, e, claramente, passional, mas, ainda assim, inteligente. Acredito que em algum momento ela vá cair em si de que sua frustração com a perda do apartamento não é motivo o suficiente para me causar

problemas, mas, até lá, preciso garantir que não seja tarde demais para que ela desista.

Então, resta-me apenas uma opção, manter sua mente ocupada, comigo. Sem conseguir me impedir, sorrio. Porque eu vou adorar cada segundo dessa ocupação, principalmente aqueles que eu passar dentro dela. Existem apenas dois obstáculos, o primeiro, a determinação da mulher. Sou bom em ler pessoas, e algo que está estampado por toda a atitude de Elora é que seduzi-la não é uma possibilidade, porque não importa o quanto ela deseje, ainda que se entregue, ela não vai se render. Não, Elora precisa da sensação de controle, ela precisa acreditar que é ela quem está dando as cartas.



O segundo obstáculo, “o companheiro”. Um gosto amargo se espalha pela minha boca. Mas, sendo honesto, ele devia me agradecer, porque se a minha mulher reagisse a qualquer outro homem como Elora reage a mim, eu deveria saber que ela não é minha.

Rolo na cama, sozinho, de um lado para o outro. Uma semana inteira sem que qualquer mulher pise nesse quarto. Bufo. Mas para o meu plano dar certo, Elora precisa estar receptiva a mim, e, claramente, ouvir minhas fodas não fez nada nesse sentido até agora, então, até segunda ordem, minhas atividades noturnas estão banidas desse apartamento, o que é uma porra, mas vai valer a pena.

O teto branco e liso atrai a atenção dos meus olhos, mas não a mantém por muito tempo, porque minha cabeça está obcecada, fixa em uma única coisa. Na vizinha. Sozinho, pude ficar atento à movimentação no corredor e, tenho quase certeza de que não ouvi nenhuma porta abrir ou fechar, o que quer dizer que o tal companheiro não veio hoje. Uma coincidência bem-vinda, se me perguntarem.

Eu poderia bater em sua porta, mas tenho amor à vida. Tenho certeza de que se o fizesse, ela me acertaria com alguma coisa depois do meu pedido de ontem. Sorrio com o pensamento, a bastarda é um risco à minha vida, definitivamente, meu tipo de mulher.

Expiro com força, sentindo-me energizado pelo desafio implícito nessa brincadeira de gato e rato. Uma semana. Rio, porque a impressão que tenho é que se passaram muito mais. Eu não planejava bater em sua porta todos os dias na última semana inteira, mas a vontade de falar com ela, de provocá-la, é quase tão grande quanto a que sinto de tocá-la, de sentir seu cheiro, de beijá-la. É uma porra louca e inexplicável, mas se nunca questionei meus impulsos antes, não será agora que vou começar, não justamente com esse que tem o par de pernas mais gostoso em que já pus meus olhos.

Sento-me na cama. Desistindo de dormir. Olho ao meu redor, o quarto, em tons de azul marinho e madeira, é bonito, confortável, mas não se parece com estar em casa.

Já que um dos meus vícios está fora do meu alcance, por enquanto, decido alimentar o outro, cafeína. Em poucos passos chego à cozinha, o apartamento não é minúsculo, mas porra! Eu sinto falta da minha casa! Ainda que eu tenha feito questão de equipá-lo com tudo o que eu gosto, ainda que eu tenha feito questão de decorá-lo, para garantir meu próprio conforto, sabendo que isso quase poderia ser chamado de desperdício, uma vez que, cedo ou tarde, esse prédio ruirá, não é a mesma coisa. Mas em toda conquista, sacrifícios são necessários. E, o que seriam alguns poucos meses, certo? Errado.

Eu pretendia voltar para casa no mais tardar, duas semanas após o início da compra dos imóveis, mas, ao que parece, a vizinha de sobrenome problema vai me manter aqui por mais tempo. Ah, mas ela vai me recompensar por isso. Ah, se vai! Eu só preciso descobrir uma forma de fazê-la acreditar que essa é uma decisão sua... *Vamos lá, Gustavo! Você é um homem inteligente, camarada*... Divago comigo mesmo enquanto aperto os botões, programando meu café do jeito que gosto, forte, com uma mistura de diferentes grãos moídos na hora.

Apoiado na ilha da cozinha, cruzo os braços na frente do corpo, olhando para frente e não vendo absolutamente nada. O pensamento que domina minha cabeça tem a pele clara, os cabelos loiros, olhos verdes, e lábios capazes de enlouquecer qualquer homem com imaginação: “o que será que Elora está fazendo agora?”

“Será que já dormiu?” “Em que parte do apartamento está?”

Desvio meu olhar para o relógio e constato que falta pouco para meia noite. Aguço os ouvidos, tentando ouvir algo no apartamento ao lado, mas tudo parece silencioso e, ao mesmo tempo em que fico satisfeito por seu maldito companheiro provavelmente não ter aparecido hoje, sinto-me decepcionado, porque não terei minha dose diária dos seus gemidos.

Honestamente, me admirei de ter continuado a ouvi-los depois de ela ter parecido tão genuinamente surpresa com o fato de que eu a

ouço. Porque, baseado nas pequenas doses de sua personalidade que recebi, a louca seria perfeitamente capaz de parar de transar apenas para não me dar mais esse prazer. Estalo a língua e apoio as mãos atrás da cabeça.

Louca. Completamente louca, passional, determinada, porra! Só de imaginar tudo isso na cama, fico duro. Se eu tivesse seu telefone, ligaria para ela só para provocá-la sobre ouvir seus gemidos ou não essa noite. É impossível impedir o sorriso que se espalha pelo meu rosto. Mas eu não tenho... Eu poderia procurá-la no grupo de whatsapp do condomínio... *E produzir provas contra você mesmo de que está assediando uma moradora, Gustavo?* Não! Definitivamente não, porque eu sei que suas ameaças não foram da boca para fora.

Aquela mulher é capaz de me processar, e esse é justamente o tipo de problema que estou tentando evitar com tudo isso, meu grilo falante interior me olha com uma sobrancelha arqueada, em deboche.

— Foda-se! -digo para ninguém além de mim mesmo, e a cafeteira apita, avisando que o café, cujo cheiro já inunda o apartamento inteiro, está pronto.

Precisaria ser anônimo, algo que fizesse com que ela soubesse que sou eu, sem que eu dissesse de maneira explícita... Puta que pariu! Eu estou parecendo a porra de um adolescente, mas e daí?

Qual é o grande problema disso? A psicologia não vive dizendo que devemos manter nossa criança interior viva, saudável e feliz? É

exatamente o que estou fazendo...

Tudo bem, admito, talvez, levar uma mulher para a cama não seja exatamente

uma tarefa infantil, mas, implicar com ela para isso, definitivamente é. É como no jardim de infância, quando puxar o cabelo de uma garota significava que gostávamos dela. Nada mudou, só que, agora, ao invés de puxões de cabelos, jogamos palavras ácidas, e ao invés de isso querer dizer que gostamos dela, quer dizer que queremos transar com ela.

Sirvo uma quantidade generosa de café e penso em formas anônimas de me comunicar com a loira brava. Eu poderia passar bilhetes por baixo da sua porta, mas, outra vez, *provas contra mim mesmo*. Algo mais difícil de rastrear seria... A lembrança de ter dito

exatamente a palavra anônimo para Elora assalta minha mente, e eu quase posso ver os papéis espalhados no batente da sua porta da primeira vez em que estive lá, inclino a cabeça para o lado, revendo, dentro da minha própria cabeça, os panfletos que a encrenqueira pretendia espalhar por aí, e são eles quem me dizem exatamente o que fazer.

Gargalho, porque ela não perde por esperar. Ela vai ficar tão puta!

Não tenho dúvidas. Armado com minha dose extragrande de cafeína, vou para o quarto que uso como home office no apartamento. Me sento diante do computador e, em cinco minutos tenho um novo e completamente

anônimo

endereço

de

e-mail:

anonimoqueteouvegemer@linket.com.

É impossível me impedir de rir, definitivamente, um moleque. Uma rápida pesquisa em um site de buscas me dá o que eu quero, e depois de anexar a imagem escolhida ao corpo do e-mail, junto com a mensagem curta, mas eficiente, digito o endereço bobo e impossível de esquecer desde que o vi impresso sobre a imagem de um imenso diabo segurando uma bola de demolição. Então, clico em enviar.



9- ELORA

Basta sair do elevador para que eu veja. Um imenso vaso de flores sobre o capacho do meu apartamento. Reviro os olhos, porque sei exatamente de quem vieram, depois de quinze dias de uma perseguição insistente, e de uma enxurrada de e-mails que, embora anônimos, não poderiam ser mais óbvios nem se tentassem, não poderiam ser de qualquer outra pessoa além de Gustavo.

Duas semanas desde que eu bati a porta em sua cara pela primeira vez. Sete malditos dias tendo que lidar com sua presença física insistente, e outros sete recebendo todo tipo de e-mail absurdo e sem noção. Começou na noite em que ele apareceu sem camisa na minha porta com a desculpa de precisar de uma xícara de açúcar. No dia seguinte, ele precisava de sal, no outro, de café, no quarto dia, era feijão, no sexto, arroz, no sétimo, não havia xícara em suas mãos. O

cretino me pediu um sabonete e teve a pachorra de dizer que preferia um que eu já tivesse usado.

Não importava o quanto minha cara fosse de poucos amigos ao abrir a porta, ele estava sempre sorrindo. No oitavo dia, achei que minhas ameaças de o processar por assédio haviam surtido efeito, porque ele não apareceu, e para meu próprio desespero, lamentei por isso. Chamei pela santa das mulheres loucas e que não sabem o que querem, mas de nada adiantou, ou ela se recusou a me ouvir, ou, mesmo com sua ajuda, ainda não fui capaz de compreender como e porque, de repente, brigar com Gustavo se tornou um ritual do qual eu senti falta.

Mas minha paz/incompreensão interior não durou muito tempo.

Depois de sete dias sem ouvir nenhum som despudorado através da parede do quarto, achei que poderia concluir que não mais os ouviria.

Por alguma razão sobre a qual eu não queria refletir, Gustavo teve a decência de me dar sossego, pelo menos na realidade, já que nos meus sonhos ele continuava sendo figurinha marcada.

Rolei para um lado e para o outro na cama, apertei meus olhos, me cobri até a cabeça, me descobri, deixei todo o corpo quentinho, menos

meus pés, e, depois, os cobri também, mas não adiantou. Nada fez com que o sono viesse, minha mente continuava alerta, se questionando o porquê de ele não ter aparecido para me importunar hoje, e me julgando por estar tão preocupada com isso também. Por isso, quando ouvi o zumbido da vibração na mesinha de cabeceira, agradeci à santa das mulheres insones pela benção, se fosse uma solicitação de orçamento, eu me levantaria imediatamente para responder, mas não era.

Franzi as sobrancelhas ao constatar que o e-mail havia sido enviado para o endereço anônimo que criei para os cartazes, porque ninguém, exceto eu, sabia de sua existência. Ao ler o nome do remetente, engasguei com a minha própria saliva, tamanho foi o meu choque com o sujeito. ***Anônimo que te ouve gemer*** era o nome do remetente e eu soube imediatamente que eu não era, de fato, a única que tinha aquele endereço. Havia mais uma pessoa no mundo todo que o tinha também, e, como ele parece adorar fazer, decidiu invadir mais esse pedaço da minha vida que deveria ser de meu único e exclusivo acesso.

Contra o meu bom senso, deixei que a curiosidade me vencesse e, ao abrir a mensagem eletrônica, me deparei com a imensa foto de um anjo nu, com a legenda:

anonimoqueteouvegemer@linket.com -20/05/2021 20:37h

“Eu prometo que posso te levar ao céu... Deixa?”

— CRETINO! -gritei, esperando que ele ouvisse, mas acho que não funcionou, porque quando se deu conta de que eu não tinha a menor intenção de responder, chegou uma segunda mensagem, me perguntando o que eu estava fazendo, e que

foi devidamente ignorada, assim como a primeira.

E, confirmando minhas suspeitas de que o babaca é alimentado por negativas, isso o estimulou a mandar uma terceira, dizendo que estava ansioso pelo nosso encontro. Essa fez com que eu erguesse minhas sobrancelhas e com que meus dedos coçassem para responder “QUE ENCONTRO, SEU LUNÁTICO?”

Mas não o fiz, mantive meu tratamento de silêncio, e ele, o seu de insistência. Perto das duas da manhã, chegou uma quarta que perguntava se eu ainda estava acordada, ou se estava no nosso lugar de sempre. Eu queria dormir, juro que queria, mas enganei-me ao achar que não me obrigar a ouvir suas fodas, ou a olhar para o seu rosto diabolicamente lindo, Gustavo estaria me fazendo um favor.

Porque apesar da ausência de gemidos, passei aquela noite e todos os dias que se seguiram, recebendo e-mails incômodos de tantas maneiras diferentes, que chega a ser difícil descrever.

São incômodos, porque vêm dele, porque são inconvenientes e sem sentido. São incômodos, porque eu quero, desesperadamente, me afastar desse homem e ele continua empurrando sua presença em minha vida por todos os lugares em que vê uma passagem, não importa o quão estreita seja.

São incômodos, porque não se limitaram àquela noite, começaram a chegar já durante a manhã seguinte, me desejando bom dia, dizendo que havia sentido falta dos meus gemidos, já que me recusei a dar isso a ele, dormindo na sala, e que mal podia esperar para ouvi-los enquanto olhava em meus olhos.

São incômodos, porque durante os últimos sete dias, o maldito deus nórdico corredor/ vizinho barulhento/ CEO ladrão de apartamentos duramente conquistados, continuou me mandando emails ao longo de todo o dia com toda sorte de coisas, desde cumprimentos a fotos simples da sua rotina e eu não conseguia entender o porquê.

São incômodos porque mais de uma vez, me vi querendo responder e conversar com ele, porque uma parte miserável de mim, no fundo, bem fundo mesmo, na lama da minha consciência, queria saber mais sobre aquele que foi o objeto dos meus desejos e fantasias por tanto tempo e, muitas outras vezes, me peguei ansiosa, esperando por qual outro pedacinho de si mesmo ele me daria sem que eu precisasse dar o braço a torcer e pedir.

São incômodos, porque fazem a minha parte racional questionar qual é a razão para ele estar se esforçando tanto. Não nos conhecemos, ele não sabe nada, ou quase nada a meu respeito,

assim como eu não sei nada sobre ele, além de que é um cafajeste.

Então, porque, depois de tanto tempo me desejando através da parede, como disse, ele decidiu que agora é uma boa hora para me importunar? *Talvez, porque ele queira mostrar que não é nenhum tipo de monstro... Um cafajeste, com certeza.... Mas, talvez, você esteja exagerando em suas declarações de ódio eterno...*

A escorpiana que existe em mim duela com essa parte da minha consciência gritando “Cortem-lhe a cabeça!” e apontando o dedo em riste enquanto deixa claro que não, esse homem não pode ser uma boa pessoa, e se está se esforçando tanto, certamente tem motivos escusos e não, não devemos dar a ele a chance de explicar qualquer coisa, principalmente, porque ele nem mesmo pediu por essa chance!

Eu o acusei de tentar roubar meu apartamento e tudo o que ele fez foi me perguntar se eu gritaria quando me fodesse contra uma parede.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, sentindo meu corpo estremecer com a lembrança que atravessa minha mente pela milionésima vez desde que aconteceu, assim como a imagem criada por essas palavras. Pego o vaso com as flores mais coloridas, exóticas, e lindas que já vi. Achei que alguém como ele mandaria rosas, porque mais genéricas do que elas, impossível.

Entro no apartamento, coloco o vaso sobre a bancada da cozinha e estico os dedos sobre o arranjo, passando-os sobre as pétalas que embora tenham a textura aveludada, não são delicadas e se apresentam em diferentes formatos, envolvidas e embrenhadas em folhagens verdes de diferentes tons. Sua última mensagem reclamava da minha falta de educação, dizendo que meu jeito antissocial era selvagem.

Como se eu o estivesse ignorando por falta de traquejo social, Deus! Está para nascer um homem mais cretino do que esse. Do meio das flores e folhas, retiro um envelope branco. Mordo o lábio, perguntando-me se devo ou não ler. A curiosidade vence a birra, e eu abro o cartão.

“Selvagens, estupidamente lindas, e únicas, me lembraram você...



Franzo o cenho para o papel grosso e branco, a letra corrida é feia, e eu quase comemoro, porque alguma coisa nesse homem precisava ser. Deslizo os olhos para baixo e a dúvida que se assentava, lentamente, rastejando pela minha consciência como uma verdadeira cobra, sobre eu poder estar sendo muito radical em afastá-lo, sem jamais realmente ouvi-lo, é morta com uma estaca bem no meio de sua cabeça quando meu olhar encontra o restante das palavras no bilhete.

“Me diz que não estar ouvindo seus gemidos por uma semana tem um lado bom, e significa que você e seu “companheiro” terminaram?

Gustavo Fortuna.”

Expiro com força, movendo a cabeça para um lado e para o outro.

Qual é o problema desse homem?! *“Você, Elora! Você é meu problema”* sua voz grossa e rouca invade meus pensamentos.

— Não é possível, Lívia! Eu preciso poder fazer alguma coisa quanto a isso! Isso é assédio, droga! -reclamo com minha irmã e ela solta um suspiro cansado.

— Elora, eu te disse isso da primeira vez que você me ligou, e vou dizer de novo, e continuarei dizendo... Você não tem provas. O e-mail é anônimo, e você disse que ele nunca mais bateu na sua porta.

— É claro que não! Ele encontrou uma outra forma de me importunar! O maldito não me deixa em paz, Lívia, são pelo menos dez e-mails por dia, eu

preciso poder fazer alguma coisa!

— Eu já disse... -soa exausta por ter que se repetir: ¯Você pode fazer um boletim de ocorrência sobre o assédio virtual que está sofrendo, mas não vai conseguir acusá-lo, já que não tem provas de que está vindo dele!

— Você é advogada! Faz alguma coisa! Pelo amor de Deus! -

brado, ao mesmo tempo que imploro, e minha irmã mais nova não demonstra nenhum dos dois sentimentos que eu gostaria de ter

provocado, nem disposição para obedecer a minha ordem, nem pena da minha súplica. Ela apenas suspira antes de me responder com um tom irritadiço.

— Eu sou advogada corporativa, Elora! Definitivamente, esse não é o tipo de trabalho que eu faço! Pelo amor de Deus digo eu, tenha dó de mim! Se você tem um problema com o seu vizinho, bata na porta dele e resolva!! -Passo a mão pelos cabelos, afastando-os do rosto enquanto faço um verdadeiro contorcionismo pra vestir uma blusa com uma mão só.

— Muito obrigada por nada! -Grito e desligo o telefone! Odiando o fato de ela estar certa sobre a minha impotência, sobre o fato de que, se eu quiser resolver isso, vou precisar falar com o maldito, porque tenho certeza de que isso é justamente o que ele queria. Não foi coincidência que no momento em que os e-mails começaram, ele tenha sumido, *ou que você tenha parado de ouvi-lo transar*... minha mente irritante sussurra e eu a calo, olhando para ela de cara feia.

Saio do meu quarto e, na sala, olho para o meu quadro, analisando meus próximos prazos de entrega enquanto meus pensamentos continuam fixos na mesma questão, aquela que me fez ligar para Lívia pela décima vez essa semana para falar do mesmíssimo assunto. Eu não quero vê-lo.

Deus, definitivamente não quero. Não confio em mim perto daquele homem que deixou de preencher minhas noites e passou a preencher meus dias. Agora, não são mais relegados a ele os pensamentos que tenho quando estou inconsciente e vulnerável, sua presença, cheiro e a quantidade absurda de sensações que atravessaram meu corpo quando me tocou, mesmo que tão rapidamente, assaltam minha mente constantemente quando estou acordada, roubando meu tempo e dignidade.

Eu odeio pensar nele. Odeio a forma como meu corpo reage às lembranças, ou como minha cabeça parece amar projetar suas palavras em imagens vívidas que repete, em qualquer oportunidade que tenha, em um looping infinito, diante dos meus olhos, sendo muito mais perturbador do que músicas chiclete de comerciais de televisão.

Odeio que o queira tanto, odeio que eu não possa tê-lo porque ele é um bastardo, odeio que ele, de alguma forma, me olhe como se me conhecesse, e, mais do que tudo, odeio a sensação de que o conheço, quando, na verdade, não importa por quanto tempo eu tenha fantasiado com ele, faz apenas quinze dias que sei seu nome. Tudo o que tive antes disso foram seus gemidos e grunhidos para outras mulheres, ou momentos roubados em que eu gostava de imaginar que ele me olhava.

Desde a segunda noite de e-mails, fico acordada até tarde da noite, vergonhosamente, esperando pelo próximo, e, provavelmente por isso, não tenho mais sonhos. Odeio que ele tenha esse tipo de poder sobre mim, o de me deixar suspensa em expectativa, fosse pelo horário da sua corrida diária, que eu, aliás, tenho me recusado a assistir, mesmo que não tenha tido coragem de desligar o desativar o despertador, ou pela próxima mensagem sobre o seu dia, ou perguntando sobre o meu, ou com qualquer coisa absurda, mesmo que eu não tenha a intenção de responder.

Como se atraído pelos meus pensamentos, o celular vibra em minha mão e eu já nem espero que seja qualquer outra coisa que não mais um e-mail. Baixo os olhos para tela e lá está: Anônimo que te ouve gemer. Perdi as contas de quantas vezes, na última semana, pensei em excluir o endereço de e-mail que se tornou completamente inútil para mim, mas assim como me falta coragem para desativar o lembrete de que a hora da corrida está prestes a começar, me falta para isso também.

Deslizo o dedo pela tela do aparelho, desbloqueando-o e, ao abrir o aplicativo de e-mails, me deparo com a foto de uma flor, uma igual a alguma das muitas que compõem o arranjo que enfeita a bancada da minha cozinha neste exato momento. Eu quis jogá-lo fora, mas bem, sabemos que coragem não é exatamente o meu forte. Inclino a cabeça para o lado, lendo a mensagem curta escrita sob a foto enviada:

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:11h

“Tão linda quanto você, mas o seu cheiro só você tem...”

Expiro, cansada do conflito de sentimentos constante em que passei os últimos dias. Mordo o lábio, e passo alguns minutos desviando os olhos entre o arranjo de flores e o celular na palma das minhas mãos. Decido assumir o controle, nem que seja apenas um pedacinho dele.

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:11h

“Por que você está fazendo isso?” Digito e toco em enviar.



O celular vibra sobre a mesa e eu mal posso acreditar! Porra, finalmente! Gargalho, satisfeito. Pego-o com pressa, abrindo o email que eu espero há quase uma semana. Confesso, achei que ela levaria menos tempo, mas as flores, definitivamente, foram uma boa jogada, mesmo que enviá-las não pudesse ter sido mais natural. A verdade é que na última semana eu me tornei um verdadeiro perseguidor.

Encontrei e vasculhei as redes sociais de Elora de ponta a ponta, vi cada foto, post ou compartilhamento, quis curtir muitos, comentar em todos, mas controlei-me, seguindo o mesmo princípio de não criar provas contra mim mesmo. Afinal, saber de alguma coisa, não significa que você pode comprová-la, não é esse, afinal, o princípio que move toda a política e corrupção brasileiras? Sabemos que eles roubam, mas, como não podemos provar, eles continuam fazendo...

Elora sabe que eu a estou perseguindo, mas como não pode provar, nada pode

fazer para me impedir, e eu continuo fazendo...

Comecei precisando de mais informações sobre ela, mais material para as dezenas de e-mails que envio para ela diariamente, mas, depois, isso deixou de ser necessário, porque me vi perguntando coisas sobre ela que eu realmente queria saber, e contando para ela pequenos detalhes do meu dia, e de mim. O

anonimato, mesmo que falso, me deu uma sensação de segurança difícil de explicar. Mas continuei a vasculhar suas redes sociais apenas pelo prazer de ver seu rosto e corpo em várias fotos, de conhecer um pouco mais de seus pensamentos, saber os lugares que frequenta, e seus gostos e desgostos.

Descobri algumas coisas: ela vai sempre à mesma boate, sempre com o mesmo grupo de amigos, trabalha para si mesma há dois anos, seu doce preferido é cheesecake, ama a família e, baseado nas fotos que vi, tem uma excelente relação com eles. Elora não é o tipo de pessoa que posta tudo o que faz, mas, olhando suas redes sociais é possível ter um contorno de quem ela é. Isso, é claro, se

tudo o que estiver lá não for uma grande mentira, como costuma ser, em muitos casos.

Mas, sinceramente, a mulher que conheci não me parece ser esse tipo de pessoa. Não o que não mente, o que montaria toda uma vida falsa apenas para que as pessoas tivessem aquela ideia sobre ela. Mas houve um aspecto importante que me chamou atenção.

Vasculhei anos de postagens em diferentes redes, e sabe o que não encontrei? O companheiro desaparecido que não dá as caras há exatos sete dias. O último namoro de Elora parece ter terminado há um ano e meio atrás, que é quando ela parou de postar qualquer coisa relacionada a um homem moreno de estatura mediana.

Desde então, nada. Isso me fez pensar em quando confrontei Elora sobre o tipo de relação que ela mantinha com o homem que a fazia gemer. Passo a língua sobre os lábios e sacudo a cabeça, afastando as imagens que querem tomar conta dela com o simples piscar da cena diante dos meus olhos. Quando confrontada, ela pareceu não saber de quem eu estava falando, e, depois, repentinamente, atirou a palavra companheiro contra mim, como se tivesse um significado muito diferente daqueles que lhe ofereci antes.

Cheguei a duas possibilidades, a primeira é que Elora esteja mentindo sobre a existência desse tal companheiro, e isso só fez com que eu me perguntasse o porquê ela faria isso. A segunda, é que eles não tenham exatamente um relacionamento, o cara é só uma foda casual. Qualquer uma das duas opções me servem, independente de eu entender ou não a primeira.

Deslizo as mãos pelo rosto, encarando na tela os primeiros passos do meu plano de aproximação finalmente dando certo.

Quando vi as flores, naturalmente pensei em Elora, foi mais forte do que eu parar o carro e enviá-las para ela. Nem mesmo passou pela minha cabeça que eu poderia ter pedido à minha secretária que enviasse quaisquer outras flores de quaisquer outras floriculturas.

Aquelas pareciam ter seu nome escrito nelas, e seriam aquelas que eu enviaria, ainda que isso fizesse com que eu me atrasasse para uma reunião importante. Eu me tornei a porra de um maldito Stalker. Na loja, a primeira frase a ser escrita no cartão veio fácil e, contrariando minhas expectativas de mim comigo mesmo, a segunda também.

Me importava sim saber se existia ou não um merda que a fazia gemer, e logo me vi acrescentando ao cartão a pergunta de um milhão de dólares: “Seu caso acabou?” Guardei a de dois milhões para mim mesmo: “Ele algum dia existiu?”

“Por que você está fazendo isso?” questiona o primeiro e-mail que ela me manda e a resposta desliza pela ponta dos meus dedos sem que eu precise me esforçar.

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:13h

“Por que você me odeia sem me conhecer. Eu não sou o lobo mau, Elora. Você está sendo injusta, e eu só quero a chance de te provar isso...”

Não é mentira, é uma meia verdade. Se não fosse pelo empreendimento, eu ainda iria querer transar com ela, mas, com certeza, me preocuparia muito menos em ser discreto para conseguir o que quero. Olho para o aparelho sobre a mesa, ansioso por sua próxima resposta, que, como se ela tivesse a intenção de me castigar, só chega quase quinze minutos depois.

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:14h

“Não é o que parece quando você me persegue com e-mails por UMA SEMANA depois de eu ter deixado muito claro que não gosto de você e que não quero falar com você.” -Sorrio, porque essa mulher, porra...

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:14h

“Você sabe que eu nunca admitiria isso, certo?”

Ergo uma sobrancelha, ainda que ela não possa ver.

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:14h

“Você é um cretino!”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:15h

“Não nego!”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:15h

“Qual é o seu problema, porra?”

Balanço a cabeça de um lado para o outro, você está tornando as coisas muito fáceis, Elora...

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:16h

“Achei que já tivéssemos estabelecido isso... Você! Você era meu problema há duas semanas atrás e continua sendo nesse exato momento!”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:16h

“*carinha revirando os olhos*... Você precisa parar com esses emails!”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:16h

“Se eu estivesse te mandando e-mails, coisas que eu não estou, eu aceitaria parar se você aceitasse jantar comigo...”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:17h

“Isso também seria um crime, chama-se chantagem...”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:17h

“Eu chamo de negociação...”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:17h

“Uma negociação chantagista...”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:17h

“Uma negociação que te daria paz... Do que você tem medo, Elora?”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:18h

“Eu não tenho medo de nada!”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:18h

“Então janta comigo...”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:18h

“Eu sei o que você está fazendo! E não vai funcionar!”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:19h

“Entendo... Bom... Sendo assim, é melhor a gente parar com essa conversa... Preciso enviar alguns e-mails...”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:19h

“Você sabe que eu vou contar os segundos pra isso acabar se eu aceitar esse jantar, certo?”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:20h

“Estou contando com isso, porque depois do jantar, vem a melhor parte! A sobremesa!”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:20h

“Você é um Stalker pervertido! Eu não vou sair com você!! Isso seria perigoso!”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:21h

“Rsrsrs... Então que bom que estou te convidando para jantar no meu apartamento, vizinha... Cem porcento seguro!”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:22h

“Você acabou de me dizer quem é!!! *carinha orgulhosa*”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:22 h

“Quantos vizinhos você tem, Elora?”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:23 h

“Você é inacreditável!”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:22 h

“Vou te esperar às 20:00hs. Até mais tarde, problema!”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:25 h

“Vou levar uma confissão de que você é o vizinho que está me assediando, e você vai ter que assinar!”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -27/05/2021 - 15:25h

“Assino, depois da sobremesa...”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 27/05/2021 –

15:25h

“Adeus, Gustavo!”

Um sorriso vitorioso se estende de ponta a ponta em meus lábios e é assim que Rodrigo me encontra ao entrar na sala sem bater.

Desvio meu olhar para ele, e seus olhos se estreitam para mim.

— Que porra de sorriso maníaco é esse no seu rosto? -Sorrio ainda mais largamente.

— Elora aceitou jantar comigo...

— Gustavo...

— Não! Nós estamos conversando sobre isso há dias, e eu não vou mudar de ideia, Rodrigo. É uma solução viável. Só aceita...!



Ele bufa.

— Mas depois não diga que eu não avisei! Eu juro por Deus, Gustavo! Se essa merda toda explodir na sua cara, eu vou pedir demissão e você vai ter que lidar com as consequências sozinho!

— Tudo já está dando certo, Rodrigo! Tudo já está dando certo!

Mesa posta, ok. Menu encaminhado, ok. Vinho escolhido, ok.

Lugares lado a lado, ok. Imaginar a reação de Elora, ao se dar conta de que terá que se sentar tão perto de mim, faz um sorriso largo surgir em meu rosto, mas saber que possivelmente passarei todo o jantar de pau duro, não é lá uma ideia muito confortável.

Sacudo a cabeça, lido com isso quando for a hora. Engulo, sentindo uma sensação incômoda no fundo do estômago, algo que se parece com ansiedade. É a mesma sensação de quando estou prestes a fechar um grande negócio. Mas não é o jantar a causa da minha ansiedade, é a expectativa pela batalha que eu sei que está por vir. Elora não vai se render facilmente a estar aqui, e isso vai ser uma delícia.

A campainha toca e eu me dirijo até a porta, abro-a de uma vez e a visão que encontro não poderia ser mais inesperada. Gargalho, jogando a cabeça para trás e completamente sem controle do meu próprio corpo. Depois de alguns minutos, minha barriga dói e lágrimas escorrem pelos cantos dos meus olhos, e eu nem mesmo consigo abri-los. Ouço o bufo indignado que ela dá, luto para recuperar o controle sobre mim mesmo, mas basta olhar para ela e o riso volta a me dominar. Puta que pariu, ela é foda!

— Quer que eu volte mais tarde? -questiona, azeda, no entanto, tenho certeza de que sabia exatamente o que estava fazendo ao escolher o que vestir.

Seu corpo é praticamente engolido por uma calça larga de moletom e por uma imensa camiseta, que um dia foi branca, mas hoje está encardida, e não tenho dúvidas, com alguns furos. Seus cabelos estão amontoados no alto da cabeça em um coque desleixado, seus pés estão descalços, e seu rosto está completamente limpo de maquiagem.

Luto comigo mesmo, tomo inspirações profundas, buscando controle. Querendo acabar com minha crise de risos, mantenho os olhos fechados, porque sem olhar para ela vai ser mais fácil.

Quando finalmente recobro o controle sobre as minhas próprias emoções, meu olhar encontra aquele par de pedras verde amareladas encarando-me sob uma única sobrancelha arqueada, e uma expressão entediada no rosto.

Sorrio largo e dou um passo na direção da mulher que decidiu me afrontar desde o primeiro segundo do jantar. Ela dá um passo para trás naquilo que está se tornando nossa coreografia ensaiada.

Mais um passo para frente, mais um para trás.

— Você sabe que meu apartamento fica do outro lado, certo? -

ironizo.

— Sim, mas não é minha culpa se você está tentando me encurralar! Eu concordei em jantar com você, não em deixar você me tocar! -Deixo que meus olhos passem por todo o seu corpo e passo a língua sobre seus lábios em uma provocação deliberada.

— Tem tanto medo do meu toque que precisa se esconder atrás de roupas ridículas e se manter a pelo menos um braço de distância de mim?

— Será que você consegue passar cinco minutos sem ser um completo cretino? -pergunta, soando cansada e eu faço uma cara de ofendido.

— Vou tentar, linda... Mas não posso prometer, é mais forte do que eu. -pisco para ela e seus olhos reviram.

— Quer fazer o favor de não me chamar assim?

— Assim como? De linda?

— Exatamente!

— E por que eu faria isso se você é linda?

— Porque pouco interessa o que eu sou, ou não! Nós não temos intimidade pra esse tipo de coisa! -Meneio a cabeça, e, outra vez, deslizo meu olhar dos seus olhos até a ponta dos seus dedos dos pés só para subi-los, lentamente, até encontrar seus lábios entreabertos, sua pele aquecida e suas pupilas dilatadas.

— Considerando o que eu já ouvi de você, eu acho que nós temos intimidade mais do que o suficiente pra isso, Elora...

Ela sacode a cabeça de um lado para o outro.

— Isso foi uma péssima ideia! -Ensaia virar as costas para mim e dar meia volta, sou mais rápido, grudando meu corpo ao seu e envolvendo sua cintura com meus braços. Elora arfa e engole em seco quando encontra meu olhar.

— Péssima ideia foi você escolher se vestir assim achando que faria algo pra me parar, Elora... Não vai... -sussurro em seu ouvido:

¯Você poderia vestir um saco de batatas, e, ainda assim, eu não conseguiria desviar meus olhos de você... -Passo o nariz pelo contorno de sua orelha, arrepiando sua pele: ¯Você é linda... -

Mordisco seu lóbulo e ela estremece em meus braços: ¯Gostosa...

-Lambo atrás da sua orelha e um gemido baixinho escapa de sua boca: ¯E porra! Eu mal posso esperar pra fazer algo além de olhar esse corpo delicioso que você tem... -Volto meu rosto para frente e digo as últimas palavras com os olhos fixos nos seus.

Ela puxa o ar com força, pisca, morde o lábio inferior, e, dessa vez, não me impeço, levo meu polegar ao seu lábio, soltando-o de entre seus dentes. Sua língua sai para lamber os lábios enquanto meu dedo ainda está lá, e eu posso ver a luta interior dela. Tanto quanto quer se afastar, quer lamber a ponta do meu

dedo e isso é o suficiente para eu sentir meu pau latejar, de tão duro.

— Você trouxe a declaração? -Minha voz sai baixa, rouca, cheia de um desejo que parece aumentar a cada segundo que passo diante de Elora. Mas, ainda que a porra do papel seja a última coisa que me interessa, forço a pergunta para fora de minha boca, sabendo que isso a fará ficar. Ela pisca e, como se tivesse apertado um interruptor, seu rosto assume uma postura de determinação quando é lembrada do que tem a ganhar com tudo isso.

— Trouxe! E uma caneta também! -responde, com o olhar anuviado de segundos antes já longe do seu rosto.

— Ótimo! Então nós vamos jantar... - a solto e ela estica a coluna, deixando a postura ereta e altiva, em um contraste extremo com as roupas surradas que escolheu usar. Faço um sinal com a mão para que ela passe na minha frente, olho sua bunda redonda e empinada, que mesmo dentro da calça larga ainda é uma delícia e sorrio. Isso vai ser muito divertido.

— Procurando saídas? -Brinco, quando a percebo, discretamente, analisando o ambiente ao seu redor e ela revira os olhos.

— Fica à vontade, por favor. -Aponto para a mesa. Sua testa se franze ao ver a disposição dos lugares. Vou até a cozinha conferir o forno e pegar o vinho. Com ele em mãos, me viro para apoiar a garrafa na ilha e abri-la e pego Elora, já sentada à mesa, me encarando. Imediatamente, ela desvia os olhos, como uma colegial, é a minha vez de parecer impaciente.

Me aproximo da mesa e inclino a garrafa para servir vinho em sua taça, mas ela me impede, pousando a mão sobre o vidro com a palma virada para baixo.

— Não, obrigada! -Encaro seu rosto, esperando por uma explicação, e ela desdenha.

— Já não basta eu estar no seu apartamento? Eu não conheço você, Gustavo! Não vou beber nada do que me oferecer! -Gargalho.

— Elora, você é hilária! Quer dizer que está tudo bem comer o que eu te ofereço, mas beber não? Você sabe que eu poderia te drogar com alimentos sólidos também, certo?

— Qual é o seu problema? É sério! Quem diz esse tipo de coisa?

— Pessoas honestas dizem esse tipo de coisa! Vamos lá, Elora...? Eu não vou te envenenar, ou te drogar. Só quero conversar com você. Quer ver? -despejo um pouco do vinho na minha própria taça, e, depois de deixá-lo respirar por uns instantes, tomo um gole generoso e ergo minhas sobrancelhas para ela em um questionamento silencioso. Outra vez, Elora revira os olhos, antes de tirar a mão que me impedia de servi-la. Ela faz muito isso, percebo, revirar os olhos, é o pacote completo da mulher malcriada.

Sorrio, porque eu vou adorar dar uns tapas nessa bunda gostosa.

Ela estreita os olhos para mim e, depois, respira fundo. Me sento ao seu lado e ela me encara por quase um minuto inteiro, eu conto.

— O que você realmente quer de mim, Gustavo? Quer dizer, pra que tudo isso? -Sua cabeça balança lentamente para um lado e para o outro, como se realmente tivesse dificuldades para entender.

Arrasto meu corpo na cadeira, aproximando-me dela e encaixando minhas pernas entre as suas.

— Você não pode fingir que não sente isso. -Sua boca se abre, mas eu levo meus dedos até seus lábios e os deslizo ali: ¯Eu quero uma chance, só... Eu não sou um homem romântico e não vou te prometer flores e bombons, mas eu posso te garantir um sexo quente, suado, e gostoso! -suas pupilas se dilatam ao me ouvir, e eu sei que ela está imaginando: ¯Me ouvir te deixava louca de tesão, Elora? Tanto quanto te ouvir me deixava? Porque, porra! Eu fico duro só de lembrar de você gemendo... -Aproximo o rosto do seu, meus olhos encaram sua boca por segundos intermináveis.

— Sua boceta latejava como o meu pau enquanto você me ouvia gemer? Você ficava molhada pra mim, linda? -roço o nariz na

pele de sua bochecha e aspiro seu cheiro profundamente. Seus lábios tremem e ela fecha os olhos aproveitando a sensação, mesmo que seu corpo inteiro deixe o claro o quanto luta para não senti-la.

Elora puxa o ar com força, engolindo-o, o tom avermelhado de seu rosto não deixa dúvidas quanto ao caminho que seus pensamentos estão tomando.

— Eu não posso transar com você...-Diz, mas sua voz é sussurrada e seus olhos se abrem lentamente para se fixar na minha boca. Lambo os lábios bem devagar, provocando-a.

— E por que não? Você não tá se guardando pro homem certo, tá? -Ela ri, desgostosa, pela minha piada infame.

— Não, Gustavo, mas mesmo que eu não fosse muito esperta, e eu sou, ainda assim, eu seria capaz de entender que você é o cara errado de todos os jeitos certos. -Meneio a cabeça, porque não posso discordar dela.

— Eu sou o cara perfeito pra você se divertir... -Sussurro, aproximando minha boca da sua, deixando-a tão próxima quanto é possível sem beijá-la. Seus olhos se prendem aos meus, procurando, investigando, e, outra vez, como num passe de mágicas, tudo some. Ela se afasta, frustrando-me. Porra, tão perto!

— Eu não costumo negar diversão, mas eu tenho certeza de que você não vale o perigo... -diz, com rosto e tom sérios.

Estreito os meus olhos para ela.

— Perigo?

— Você pode até não ser o lobo mau, Gustavo! Mas, com certeza, não é a chapeuzinho vermelho. Eu também não sou! Ela era idiota, eu não. -Respira fundo, desvia os olhos para os lados, passeando-os pela casa, e volta a falar: Você quer que eu admita que tenho tesão em você? Muito bem, eu tenho! Um tesão que me faz subir pelas paredes, me deixa tonta toda vez que você chega

perto de mim, e me incendeia quando você me toca! Satisfeito? Era isso que queria ouvir?

Diz, aproximando novamente o rosto do meu, mas, dessa vez, não é desejo e alienação que vejo neles, é combate, certeza e uma porra de briga que me excita além do limite para um jantar que ainda nem começou. ¯Um tesão, Gustavo, que obrigou meu vibrador a fazer hora extra durante os dois meses em que fui obrigada a ouvir suas fodas. -Meu pau pulsa dentro da calça com a menção ao brinquedo, porque, porra! Eu adoraria usar um nela!

Sorrio, ela balança a cabeça:

¬Um tesão que faz a minha pobre boceta alagar só de olhar pra você e contrair cada vez que você faz esse maldito movimento de chegar perto o suficiente pra me beijar. Mas eu não sou idiota, merda! -Agora, sua respiração ofega, e ela está linda para uma porra com olhos e pele queimando, de raiva, de desejo... Elora passa a língua pelos lábios, imitando o movimento que fiz minutos atrás e, assim como pretendi fazer com ela naquele momento, sua boca está tão perto da minha que eu quase sinto seu gosto. O calor do seu hálito me atinge como uma marreta e o latejar nas minhas calças dói.

Nos encaramos em um duelo por algum tempo, tesão versus tesão, determinação versus determinação. Até que ela quebra o silêncio com uma respiração pesada e palavras que não poderiam fazer uma miséria maior de mim nem que tentassem.

— Eu não sei porque eu sou um meio pra um fim pra você, mas eu sou, e eu não vou deixar você me usar! Nem fodendo! Não importa o quanto sim, Gustavo! Eu gritaria, gritaria alto, pro prédio, pro condomínio, pra rua inteira ouvir, se você me fodesse contra a maldita parede dos nossos quartos.

E, oficialmente, sou nocauteado. Puta que pariu, eu poderia me apaixonar por essa mulher! Porra! Que mulher! Olho para ela embasbacado. Ela sorri de canto, sentindo-se, com todo o direito, vitoriosa. Afasto o corpo do seu, tendo sido vencido no meu próprio

jogo, ainda incapaz de pensar e reorganizar minhas fileiras, afinal, essa foi apenas a primeira batalha.

O forno apita e sem dizer nada, me levanto da mesa. Não perco o alívio em sua expiração quando se vê livre da minha presença, deixando-me ainda mais excitado por saber que ela é determinada a ponto de ser capaz de controlar seus instintos. Porra! Eu mal posso esperar para vê-la perder o controle. Meu desejo por essa mulher cresce a níveis irracionais. Eu a quero, e, até o final dessa noite, terei descoberto uma forma de tê-la.



Levo a taça de vinho a boca, precisando de algo para acabar com a secura que tomou conta dela enquanto vejo o maldito homem desfilar seus passos lentos até a cozinha. Lindo, como sempre, lindo. Diferente de mim que me esforcei para estar em meu pior, Gustavo parece ter se esforçado para estar em seu melhor.

A calça jeans e escura abraça as pernas grossas e musculosas, a camiseta fina, de malha branca, envolve seu peitoral definido, deixando boa parte de seus braços fortes expostos e delineando perfeitamente as costas largas e a barriga que, puta merda! É uma perdição para os olhos.

Seus cabelos estão penteados para trás, e até as veias de seu pescoço estão indecentes hoje. Tudo nele me atrai e desconcentra, mas eu estava exausta da figura pateticamente passiva que me tornava todas as vezes que me via diante dele.

As palavras ditas parecem ter arrancado um imenso peso de mim, mas nada fizeram para diminuir ou aliviar o desejo que sinto por ele. Não sei se é o fato de estar em seu apartamento, aquele onde sei que ele faz miséria de mulheres como eu, se é a mesa tão cuidadosamente posta para dois, ou se é, simplesmente, a forma como ele olha para mim.

Mas toda a minha pele está quente desde o segundo em que coloquei meus pés aqui dentro e, mesmo antes do meu rompante de sinceridade, respirar já era uma tarefa difícil. Ele vira o rosto, olhando-me por cima do ombro e sorri.

Mordo o lábio, outra vez, precisando de algo para me concentrar além da torneira aberta entre as minhas pernas desde que o infeliz abriu a porta esta

noite. Ele volta a concentrar sua atenção na bancada diante de si, e a sensação que tenho, quando seus olhos me deixam, é ambígua. Sinto-me libertada, e, ao mesmo tempo, abandonada.

Expiro profundamente e tão baixinho quanto é possível. Um jantar, Elora! Você já deixou claro que não está disposta a ceder.

Vocês comem, ele assina a porcaria do papel, e pronto! Resolvido!

Tudo volta a ficar em paz, e você ainda vai ter tempo de conseguir um encontro para o dia dos namorados. Torço os lábios para o pensamento, porque, se há algo certo, é que eu não quero arrumar um encontro para o famigerado dia. Fecho os olhos, apertando-os.

Ao abri-los, deixo que passeiem novamente pelo ambiente ao meu redor, descobrindo-o. O apartamento se parece muito com o meu, mas é maior. Os móveis são planejados e sofisticados, fazendo com que eu me pergunte se já estavam aqui quando Gustavo o comprou. Não faria sentido que ele tivesse mobiliado o apartamento apenas para demoli-lo depois, não é?

Minha atenção é atraída pela imensa televisão pendurada em uma das paredes e isso não me espanta, é claro que ele teria algo assim. De novo, a sensação de conhecê-lo me assalta, e expulso-a.

Porque ela é enganosa e serve como justificativa para atitudes que eu não estou disposta a tomar. Continuo minha observação silenciosa, e, olhando para o espaço dele, posso descobrir algumas coisas.

Gustavo gosta de basquete. A camisa autografada emoldurada em uma das paredes deixa isso evidente, e se sozinha ela não fosse o suficiente, as bolas expostas como itens decorativos, seriam. A decoração da casa é minimalista e masculina. O sofá escuro, espaçoso e aparentemente muito confortável, é convidativo, o tapete felpudo me deixa louca de curiosidade para colocar meus pés nele, e o imenso quadro com uma Harley Davidson deixa claro outro dos gostos de Gustavo, uma motocicleta.

— Gosta do que vê? -Pergunta, parado ao meu lado, observando meu escrutínio da sua casa. Inclino a cabeça, encarando-o, de baixo.

— Gosto. Só me surpreende que você tenha perdido tempo decorando um lugar

que pretende demolir... -Ele sorri com o canto da boca e senta-se ao meu lado. Inspiro com força o cheiro incrível do que quer que seja o que está diante de mim. Olho para a travessa e minha boca se enche de água.

— Você cozinhou isso? -desfaço e refaço meu coque, precisando ocupar minhas mãos e o sorriso cafajeste volta a tomar conta do rosto de Gustavo.

— Tudo o que você colocar na boca hoje foi tocado pelas minhas mãos, inclusive a sobremesa... -A pergunta era simples, mas, aparentemente, transformar qualquer coisa em algo com conotação sexual é um dom com o qual o homenzarrão a minha frente foi abençoado. Rio sozinha da piada, e ele sorri de volta, achando que suas palavras cheias de duplo sentido são a razão do meu sorriso.

Decido não esclarecer, se um sorriso é tudo o que vai ter de mim, deixe que tenha. Gustavo começa a servir meu prato e eu percebo que é uma massa coberta por molho branco. Passo a língua sobre os lábios, isso parece muito bom.

Ele deixa o prato a minha frente com um sorriso no rosto, como se soubesse exatamente o que estou pensando e começa a servir a si mesmo. Espero, como manda a educação, e, quando finalmente termina, o homem pega a garrafa de vinho, servindo mais nas duas taças.

Ele faz um sinal bobo com a mão, dizendo-me para fazer as honras e eu não me faço de rogada. Levo o garfo ao prato, e, depois de pegar uma quantidade educadamente aceitável, o levo a boca.

Puta merda! Que delícia.

Olho para o homem imenso, quente, lindo, à minha frente, morta de vontade de choramingar. Porque não bastava tudo isso, e ele ainda sabe cozinhar? Isso é judiação com as mulheres que estão tentando não ter um caso com o vizinho.

Meus pensamentos devem estar estampados em meu rosto, porque Gustavo gargalha antes de começar a comer. Balanço a cabeça em negação, lentamente. Frustrada por ser obrigada a lidar com isso. Uma garfada, duas garfadas, três... Um silêncio confortável se instala enquanto me ocupo com a comida irritantemente divina, mas ele não dura muito.

— Meu nome completo é Gustavo Fortuna Maltez, eu tenho trinta e três anos, a

idade de Cristo quando morreu, sou formado em Engenharia, adoro motos, luto box, sou viciado em café, e não tenho disposição para animais de estimação. Sou o irmão caçula, e tenho duas sobrinhas lindas, são gêmeas. -Despeja as informações sobre mim como se eu as tivesse pedido e, ao terminar de falar, faz uma pequena pausa apenas para sorrir cafajestemente para mim: ¯Sua vez, agora fala de você... -pede, e eu ergo as sobrancelhas. Seu rosto assume uma expressão inocente que faz meus olhos se revirarem.

— Nós estamos fazendo uma troca, agora? -ironizo.

— Sempre estivemos! Você janta comigo, eu assino seus papéis... Eu falo de mim, você fala de você... -responde como se estivesse explicando que dois mais dois são quatro.

— O que você quer saber?

— Tudo! -surpreende-me. Prendo meus olhos aos seus, tentando entender a razão de tudo isso, porque a desculpa que ele deu não me convence. Gustavo é assumidamente um cachorro, todo esse esforço simplesmente não combina com a palavra ordinário estampada em sua testa.

— Por quê, Gustavo? -A pergunta é simples.

— Eu não sei... -responde, simplesmente, desarmando-me.

Dobro os lábios para dentro da boca, ainda o observando. Expiro, e sem que me dê por mim, mordo o lábio em um reflexo nervoso. São seus olhos, que, subitamente se desviam para a minha boca, tornando-se mais escuros a cada segundo, que me dizem o que estou fazendo.

— Tenho vinte e seis anos... -cedo. Afinal, que mal poderia fazer dar algumas informações a meu respeito? ¬Nasci e cresci em Madureira, na zona norte do Rio, e até os dez anos de idade, queria ser astronauta, mas mudei de ideia quando descobri que não poderia comer e sentir o gosto das coisas. E, bom, eu gosto muito

de comer... -Seus olhos desviam para o meu prato, revirado e perto de ficar vazio. Seus olhos sorriem tanto quanto seus lábios.

— E você revira os olhos frequentemente... -Comenta e franzo minhas sobrancelhas.

— O quê?

— Você nem sempre percebe, né? Mas faz isso o tempo todo, uma autêntica criança mal criada...

Percebo o que estou fazendo, mas não me impeço de revirar os olhos.

— E quando desistiu de ser astronauta, decidiu que seria o quê?

— Poliglota! -ele gargalha.

— Ninguém te disse que isso não é uma profissão? -estalo a língua, porque sim, me disseram.

— Disseram, e por isso eu me formei em Biologia. Por que, Deus? Não sei! Já que meu diploma só serve como enfeite de gaveta desde que o recebi! Nem na parede ele fica. Ela é reservada pros meus certificados de línguas, e pra sua informação e de todo mundo que me disse que ser poliglota não era profissão, hoje, são elas que me sustentam! -balança a cabeça, ainda divertido, ainda sorrindo.

— E quantas línguas você fala?

— Seis!

— Seis? -questiona com as sobrancelhas quase alcançando as raízes dos cabelos e é a minha vez de rir.

— Sim, seis! Português, inglês, espanhol, francês, alemão e grego.

— Grego?

— Grego!

— Por quê? -Soa um pouco desconfiado.

— Porque é bonito, ué! -estreita os olhos para mim.

— Então fala alguma coisa em Grego! -Gargalho, é exatamente o mesmo pedido que ouço de qualquer pessoa que receba a informação de que sou capaz de falar grego.

— eísai epikíndynos. -digo devagar.

— O que você disse? -seus olhos brilham na expectativa pela resposta e cravo os dentes em meu lábio inferior.

— Se você descobrir, ganha um desejo! -Pisco.

— Quê? Peraí! Isso não é justo! -protesta: ¯Você não avisou antes, eu não estava preparado! -Soa, ao mesmo tempo, indignado e pedinte: ¯Elora! Qual é? Repete?

Gargalho.

— Mas é claro que não! Essa é a graça da coisa. O jogo é meu, eu faço as regras! -Sua cabeça balança lentamente e sob seu olhar, levo à boca as últimas garfadas do que ainda tinha em meu prato.

Olho, desejosa, para a travessa diante de mim, porque, nossa! É

uma massa simples, mas deliciosa com o molho de queijo e as iscas de carne, que eu tenho quase certeza serem filét mignon.

— Come, Elora... -Diz e eu dou de ombros, servindo-me de mais. No entanto,

meu braço paralisa no ar, com o pegador a caminho do prato quando ouço sua próxima frase:

— Mas guarde espaço para a sobremesa! -estalo a língua.

— Não vai acontecer, Gustavo. -Termino de me servir e olho para ele.

— E por que não? -Seu corpo se aproxima do meu, envolvendo-me outra vez na maldita bolha que insiste em nos cercar toda vez que ficamos um pouco mais perto. Respiro fundo, seus olhos verdes me escrutinam, desafiam.

— Porque é uma péssima ideia! Um jantar não muda os fatos, você ainda não presta, e eu ainda sei disso.

— Então você só transa com homens que prestam? -Gargalho.

— Deus, não! Na maioria das vezes, eu nem tento descobrir, não preciso saber, não vou conviver com eles tempo o suficiente pra isso fazer diferença.

— Então por que eu recebo tratamento especial?

— Geralmente, as pessoas gostam de receber tratamento especial!

— Não quando isso me impede de estar dentro de você! -Abro a boca, chocada por ele continuar dizendo coisas assim como se estivesse falando sobre o clima.

— Você é sempre tão direto?

— Sou!

— E funciona sempre?

— Eu não costumo precisar pedir, muito menos insistir... -

Deslizo os olhos pela sua pele, pelos seus lábios, pelos braços fortes, pelo peitoral largo, pela barriga definida, e minha santa das mulheres em apuros, por uma ereção. Engulo em seco, não conseguindo parar de olhar.

— Pode ser toda sua, Elora... -Sussurra, finalmente atraindo minha atenção de volta para o seu olhar. Minha língua umedece meus lábios, e sinto a boceta latejar. Como foi que viemos parar aqui? Estávamos falando sobre grego e, de

repente, isso.

— Não... -respondo, minha voz muito mais baixa do que eu gostaria.

— Do que você tem tanto medo? -De você. Minha mente responde imediatamente, mas não são essas as palavras que saem da minha boca.

— De nada, Gustavo... A questão não é essa... -Atentamente, me analisa antes de seus lábios sentenciarem.

— Mentirosa! -Inclino a cabeça, encarando-o, revirando meus olhos.

— Eu sei o que você está fazendo!

— E o que seria?

— Fazendo com que eu me sinta desafiada a fazer o que você quer! -Dá de ombros e dobra o lábio inferior em uma atitude de desdém.

— Mas nem por isso deixa ser verdade. Eu quero você, você me quer, mas é medrosa. -Bufo.

— Eu sou medrosa?

— Sim, você é! -Me desafia.

— E do que exatamente eu tenho medo, Gustavo? -Com o garfo sobre o prato, sou obrigada a questioná-lo.

— Eu não faço ideia, mas você tem! Seria do seu companheiro descobrir? Linda, eu não sou ciumento!

— Nossa! -Quase cuspo a palavra. Sentindo-me ultrajada, provocada e, ao mesmo tempo, seduzida pela safadeza do cretino:

¯Não, Gustavo, eu não teria porque temer que alguém descobrisse qualquer coisa! -Solto sem me dar conta do que estou dizendo até que seu sorriso cafajeste e sua sobrancelha arqueada encontrem meus olhos. Oh, merda!

— Não? Então vocês terminaram? -Há um brilho satisfeito em seus olhos que não estava lá antes, e eu me pergunto o porquê, já que ele acabou de dizer que

não é ciumento.

— Não, Gustavo. Mas não é nada sério. É só sexo... -Minto, porque poderia ser verdade. Sexo casual é algo que costumava fazer parte da minha rotina antes de o vizinho fodedor/ deus nórdico corredor/ CEO ladrão de apartamentos duramente conquistados aparecer na minha vida. Olho para ele e não consigo evitar a pergunta causadora de tudo isso.

Seu olhar me escrutina e eu mordo meu lábio. Minha santa das mulheres resignadas. Será que algum dia eu vou parar de me sentir afetada por esse homem? Ele sorri cafajeste e apoia um braço dobrado sobre o encosto da sua cadeira.

— Enfim... Agora que nós já resolvemos isso, eu vou ser obrigada a voltar a ouvir você pela parede? Porque se não fosse pelos seus e-mails, essa semana teria sido perfeita! -comento, enquanto levo a taça de vinho a boca e ele gargalha.

— Elora, eu não sei o que te deu essa impressão, mas não resolvemos absolutamente nada. E eu planejo que você me ouça no seu ouvido, linda. Definitivamente, não do outro lado da parede. -

Gemo, desgostosa.

— Porra, Gustavo! Eu to tentado aqui! Você precisa parar de me dizer essas coisas! -Vira o corpo na minha direção, outra vez, encaixando as pernas entre as minhas, tocando minha pele com a sua, que, mesmo coberta por jeans, me provoca e arrepia.

— Eu tenho uma proposta pra você...

— Você já me fez uma proposta e eu já disse que não... -

dispenso-o com a mão, fazendo um imenso esforço para não deixar que a maldita bolha me sele dentro dela. Ele balança a cabeça e estala a língua, negando.

— Eu acho que você tem medo de se apaixonar por mim... -

Solta, e eu pisco freneticamente. Suas palavras me atingem como tapas, porque,

porra! É muita pretensão da parte dele sugerir algo do tipo, e é uma audácia sem tamanho que o infeliz esteja certo.

Essa química indiscutível, essa sensação de reconhecimento e, ao mesmo tempo, a forma como seu jeito arrogante, petulante, me instiga e irrita, acendem todos os alertas de autopreservação existentes no meu corpo. Meus lábios se entreabrem, passo a língua sobre eles com o coração batendo acelerado no peito como se tivesse acabado de correr uma maratona.

— Eu nunca me apaixonaria por alguém como você, Gustavo!

Sou inteligente demais pra isso! Já você... -Olho-o de cima a baixo, antes de continuar: ¯Definitivamente, é o tipo de cara que se apaixonaria por mim e, depois, encheria meu saco, me perseguindo, como um cachorrinho, e eu tenho zero vocação pra cuidadora de animal de estimação! -Devolvo, e ele sorri imenso.

— Ótimo! Então vai ser fácil aceitar minha proposta! -reviro os olhos.

— Jura, Gustavo?

— Juro. Na verdade, você só tem a ganhar... -colo uma expressão de cansaço no rosto e faço um gesto com a mão, dizendo para que ele continue.

— É uma aposta! -Isso ganha minha atenção e eu franzo o cenho.

— Uma aposta? -Balança a cabeça, confirmando.

— E o prêmio seria?

— Essa é a parte boa! Se eu ganhar, não preciso de prêmio, porque até lá, eu já vou ter recebido exatamente o que quero, você na minha cama! -Estalo a língua, dispensando-o e desvio meus olhos de seu rosto: ¯Mas se você ganhar, eu cancelo o empreendimento. -Viro o rosto em sua direção em uma velocidade digna do flash.

— O que você disse? -Ele sorri.

— Agora eu tenho sua atenção!

— Gustavo, essa é uma brincadeira muito estúpida de se fazer!

-Acuso, chateada pela sua falta de respeito a forma como me sinto, mas o que é que eu estava esperando? Não é justamente esse perfil que me faz ter certeza de que o melhor é colocar um mundo de distância entre nossas camas? Me remexo na cadeira, pensando seriamente em me levantar e ir embora.

— Eu não estou brincando... -Olho em seus olhos, procurando qualquer sinal de mentira como se fosse possível encontrá-lo. Eu não conheço Gustavo e, embora já tenha tido sim a impressão de ver sinceridade em seu olhar, até onde eu sei, ele poderia ser perfeitamente capaz de camuflar ou dissimular os próprios sentimentos.

— Você pode fazer isso? Quer dizer, você faria isso? Por uma transa?

— Por uma transa qualquer? Não... Por dois meses transando com você? Com certeza! Mas não se engane, Elora... Eu não entro em batalhas perdidas. Se estou te oferecendo isso, é porque não acho que você vá ganhar...

Encaro o homem sentado à minha frente. Seus olhos transbordam desejo, determinação e desafio. Inclino a cabeça para o lado, ainda com dificuldade de acreditar que ele possa, realmente, estar me fazendo uma proposta como essa.

— Sua empresa não tem um conselho, alguém que possa te impedir de fazer coisas como essa, quer dizer? Se você faz esse tipo de coisa, como vocês ainda não faliram? -Ele gargalha.

— Eu te disse, Elora... Não jogo pra perder. Mas, pra sua informação... -Apoia os cotovelos sobre os joelhos e deixa o rosto absurdamente próximo do meu. Inspiro o ar que ele expira e me perco no contorno dos seus lábios, distraindo-me daquilo em que eu realmente deveria estar pensando: ¯ Sim, eu tenho um conselho...

E então? -Me desperta.

— Não! -respondo rápido, e ele sorri.

— Eu sabia! -Desdenha, voltando o corpo para trás e retomando a posição anterior, com o braço sobre o encosto da cadeira: ¯Medrosa!

— Eu não sou medrosa! Mas isso é absurdo! Gustavo, você está se ouvindo?

— Sim, eu estou! E, até onde sei, tô te fazendo um imenso favor, tô te dando a chance de manter seu precioso apartamento, e tudo o que você precisa fazer é não se apaixonar por mim, algo que você disse que jamais aconteceria... E, é claro, fazer eu me apaixonar por você, algo que você disse que obviamente aconteceria... Ao meu ver, você tá com toda a vantagem, e, de quebra, ainda vai ter tudo isso... -Faz um aceno com a mão para o próprio corpo: ¯Pra você, por dois meses inteiros, pra fazer o que quiser! -Pisca um único olho e sorri safadamente.

— Isso não pode ser legal! -argumento.

— Acredite, é!

— Você já fez algo assim antes, né, seu cretino? -Atiro contra ele, de repente, indignada. Seu rosto assume uma expressão provocadora com olhos pequenos.

— Com ciúmes, Elora? Já? -Estala a língua e eu derrubo minha cabeça para trás, apoiando-a no encosto da minha cadeira, fingindo estar sofrendo um derrame. Ele gargalha.

— Tudo bem, engraçadinha... Mas sim! Qualquer acordo que siga as normas é legalmente válido. Podemos fazer um acordo informal num guardanapo até, desde que eu esteja sóbrio, dominando minhas faculdades mentais, e assine, é válido. E não, Elora... Eu nunca fiz isso... Parece que você desperta meus instintos mais loucos no final das contas... -comenta, despretensiosamente, depois, leva mais uma garfada a boca enquanto permaneço em silêncio.

— Eu ligaria pro meu advogado pra que ele confirmasse, mas não acho que você acreditaria na palavra dele, então, pode consultar qualquer outro... -Olha para o relógio pendurado na parede: ¯Mas se você for fazer isso, sugiro que seja rápida, essa oferta só é válida até o final da sobremesa.

Minha boca se abre em choque. Deus, isso é sério. Olho enquanto ele se levanta, retirando da mesa a travessa em que a massa foi servida e caminha com ela nas mãos na direção da

cozinha. Acompanho seus passos, lambo meus lábios, enfio os dedos pelas raízes dos meus cabelos, soltando-os do coque e prendo algumas mechas atrás da

orelha.

Engulo em seco, ao mesmo tempo, chocada, impressionada e horrorizada. Minha santa das mulheres com propostas absurdas nas mãos, ajudai-me. Quer dizer, o que eu deveria fazer? Ele está me oferecendo a chance de manter meu apartamento, e tudo o que eu tenho que fazer é não me apaixonar por ele e fazer com que ele se apaixone por mim! *Pelo amor de Deus, Elora! Eu não acredito que você realmente está cogitando isso!* A parte sensata de mim me recrimina e eu abro a boca, pronta para responder em voz alta a confusão que minha mente se tornou.

Mas fecho-a, porque se sozinha isso já seria loucura, acompanhada, nem se fala! Expiro com força, expulsando todo o ar que há em meus pulmões, inspiro, enchendo-os outra vez. Gustavo abre a geladeira, retirando lá de dentro um prato redondo coberto por uma cúpula de inox. Segundos depois ele já está ao meu lado, deixando-a sobre a mesa e incendiando meus olhos com os seus.

— Isso é sério? -Não consigo evitar perguntar.

— Cada palavra...

— E como você pode agir tão calmamente? Gustavo... -Ele senta novamente ao meu lado e pega minhas mãos que, dentro das suas, parecem pequenas. Seu toque em minhas palmas envia pequenos choques pelo meu corpo e a forma como ele me encara me diz que ele também sentiu.

— É exatamente isso o que eu quero, Elora... Mais disso... E eu não sou homem de frear meus impulsos, nunca fui, e não vai ser agora que vou começar.

— Isso é loucura...

— Isso é uma proposta justa... Só depende de você...

— Eu preciso de mais tempo...

— Não... -É rápido em rebater: ¯É uma oferta única, você mesmo disse, eu estou colocando muita coisa em jogo aqui, o mínimo de preservação que mereço é não te dar tempo pra pensar direito e perceber que é uma péssima ideia... Eu preciso da sua impulsividade a meu favor. -Sorri de canto.

— Então por que raios você tá me dizendo isso?

— Por que isso não muda o fato de que você tem só mais uns minutos pra decidir se quer a chance de manter seu apartamento, ou não... Você não tem nada a perder...

Meu lábio protestaria se pudesse pelo castigo que lhe dou com meus dentes enquanto os dedos de Gustavo fazem círculos lentos nas palmas suadas de minhas mãos. Suas palavras não me convencem. Algo em meu interior grita que sim, eu tenho muito a perder. Mas é a perspectiva de ter mais a ganhar que define as próximas palavras que saem pela minha boca.

— Eu preciso fazer uma ligação! -Ele balança a cabeça devagar, concordando. E sem me dar a chance de pensar muito a respeito, me levanto, já sacando o celular do bolso da calça e procurando o contato de Lívia. Caminho até a sacada do apartamento enquanto a chamada é realizada e ela atende no terceiro toque.

— Eu juro que se você me disser mais uma vez que eu preciso fazer alguma coisa sobre os malditos e-mails, eu te bloqueio!

Expiro, resignada. Ai que saudades de quando esse era o maior problema que Gustavo me causava.

— Não, Lívia! Eu preciso saber se é legalmente válido fazer um acordo de milhões de reais informalmente.

— O quê? -soa alarmada e confusa.

— É isso! Eu quero saber se alguém pode me fazer uma proposta de milhões de reais de maneira informal, sem advogados e tabelião e, ainda assim, isso ser legalmente válido.

— Elora, como assim? Do que você tá falando?

— Lívia! Eu não posso explicar agora! Eu só preciso saber se é ou não legalmente válido, droga!

— Não é simples assim! A lei é aberta à interpretações! Quer dizer, em teoria, sim! É legalmente válido se o acordo cumprir alguns requisitos, como, por exemplo, ser registrado em papel, assinado, e que ambas as partes estejam

cientes do que estão fazendo, sóbrias e totalmente em domínio de suas faculdades mentais, mas...

— Só isso? -A interrompo.

— Em tese sim, mas...

— Tudo bem, Lívia! Obrigada!

— Elora, o que está acontecendo?

— Eu te ligo amanhã, agora eu preciso ir!

— Elora...

— Eu preciso ir, irmã! -Ela suspira, derrotada.

— Tudo bem, Elora! Boa noite. -Desligo o telefone sem nem mesmo responder. Olho para a rua abaixo de mim, dessa vez, de uma perspectiva diferente daquela que me encara todos os dias quando olho para o mesmo destino.

A rua, acesa pela iluminação pública, tem seus bares e restaurantes em pleno funcionamento, passantes andando normalmente, e carros, motos, ônibus e vans zunindo pelo asfalto.

Lá embaixo, a vida continua acontecendo como se eu não tivesse uma proposta absolutamente descabida em mãos.

Respiro fundo e fecho os olhos, agarrando o guarda corpo até que os nós dos meus dedos fiquem brancos. Não posso fazer isso, simplesmente não posso. É loucura demais, quer dizer, quem, em sã consciência, apostaria algo assim? A vida não é um maldito filme da sessão da tarde!

A sensação de perda se estabelece em meu peito como óleo quente, encontrando e espalhando-se por todos os lugares, porque,

por mais absurda que fosse a proposta, a simples esperança de que não estaria tudo perdido, mudou tudo, mesmo que apenas por alguns minutos.

E também não posso fingir para mim mesma que por um segundo não desejei

uma desculpa para fazer exatamente aquilo que quero, pular em cima daquele homem malditamente gostoso.

Precisava ser justamente ele a pedra no meu sapato? Quer dizer, a cretinice dá para relevar, mas o fato de estar se colocando entre meu sonho e eu não. Isso não. É estupidez? Talvez... Mas se eu não puder culpá-lo, a quem culparei? Puxo e expulso o ar com força várias vezes, reunindo a coragem necessária para acabar com isso.

Não funciona, não me sinto pronta para colocar um ponto final nessa história que nem mesmo começou, mas vou assim mesmo.

Viro-me e caminho a passos lentos de volta para a sala, onde Gustavo me espera no mesmo lugar em que o deixei, sentado à mesa, que agora tem pratos de sobremesa diante das cadeiras em que ambos estivemos sentados.

Olho para ele e, depois de alguns segundos de um duelo silencioso, desvio o olhar. Tomo mais uma inspiração profunda e, finalmente, dou minha resposta.

— Não. -Decepção atravessa seu rosto e ele acena com a cabeça para cima e para baixo, lentamente.

— Achei que você era mais corajosa que isso, mas parece que eu me enganei...

— Não, Gustavo! Chega desse seu joguinho psicológico, minha resposta é não. Obrigada pelo jantar, mas eu vou dispensar a sobremesa. Enfio a mão no bolso, tirando de lá a declaração que trouxe e uma caneta. Estendo-a para ele com um pedido silencioso e ele não protesta, apenas pega as duas coisas e deixa sua assinatura sobre o papel sem nem mesmo ler.

Agradeço com um aceno e me encaminho para a porta. Quando alcanço a maçaneta, dou uma olhada para trás e Gustavo continua lá, sentado no mesmo lugar, sem nem mesmo me olhar ou se

levantar para se despedir. Isso só me dá certeza de que fiz a escolha certa.

Giro a fechadura e saio pelo corredor, estendo a mão para abrir minha própria porta e dou uma última olhada para o apartamento vizinho, esperando encontrar não sei o que, mas não encontro, tudo o que há para ser visto é o vazio de sempre.



Olho para a Cheesecake sobre a mesa, ainda coberta pela cúpula de inox, e fecho os olhos, frustrado. Porra, eu achei que daria certo! Eu realmente achei. O plano se formou em minha mente assim que ela disse que não tinha medo de nada. Mentirosa. Eu sabia que tinha, só não fazia ideia do que. Joguei verde, colhi maduro.

No momento em que ela me desafiou, que disse que eu cairia de amores por ela como um cachorrinho, eu sabia exatamente o que fazer. Era a oportunidade perfeita de conseguir o que eu queria dando a ela a sensação de estar no controle, não tinha como dar errado. Mas deu.

Medrosa da porra! Bufo, inconformado que ela simplesmente tenha virado as costas e saído, como se nada do que aconteceu no caralho da noite inteira tivesse importância. Como se eu fosse um qualquer que ela conheceu há dez segundos, e não alguém que estava lhe oferecendo a oportunidade de ter exatamente o que ela quer.

Foda-se! Eu não me importo com o que ela quer, até porque, ela não teria, mas, porra! Eu me importo com o que eu quero, e, nesse momento, é ela! Ela que se recusa, terminantemente, a ceder!

Maldito gosto por coisas arriscadas e improváveis, sempre me fodendo! Esfrego as mãos no rosto, tentando espantar a sensação de derrota, mas de nada adianta.

Levanto-me da cadeira em um salto, espalho uma das palmas pelo cabelo, deslizando-a nele e alcançando a nuca, apoiando-a e fazendo uma pequena pressão. Fecho os olhos, tentando acalmar meus pensamentos. Inspiro e expiro,

mas, inferno! Não! Foda-se!

Foda-se, foda-se, foda-se! Aquela mulher me deve, pelo menos, que eu saiba o gosto que tem sua boca!

Em passos largos, cruzo a sala, saindo do meu apartamento.

Paro diante da porta do apartamento 304 e, repetindo o que Elora

fez naquela manhã há duas semanas, não bato, esmurro-a em um imenso estardalhaço, ensaiando colocá-la no chão.

Ouço seus passos apressados e ela abre a porta dizendo meu nome, mas não lhe dou chance para qualquer coisa. Assim que a tenho diante de mim, envolvo seu corpo em meus braços e desço minha boca sobre a sua com fome, raiva e a certeza de que isso é o mínimo que mereço.

Invado-a com minha língua e exploro cada canto. A princípio, ela não reage, deixa que eu sinta seu gosto, lamba seus lábios, aproveite seu calor sem qualquer tipo de participação ou impedimento, mas bastam alguns segundos do toque para que ela se entregue completamente. Sua língua encontra a minha e se envolve nela, lambe, chupa, massageia. Entra e sai da minha boca, devorando-me com a mesma intensidade que a devoro.

Meses de desejo contido, semanas de provocações e farpas trocadas irrompem em um beijo longo, gostoso, quente feito o inferno, que acende meu corpo inteiro, e acaba com qualquer pensamento idiota que eu pudesse ter sobre desistir de Elora em minha cama. Sua boca é um banquete, e eu, um faminto.

Enfio meus dedos pelas raízes de seus cabelos soltos e pressiono sua cabeça contra a minha, aprofundando nossa troca.

Aperto seu corpo dentro do meu abraço, apertando-a contra mim e tirando seus pés do chão, sentindo algo semelhante a desespero para que não haja qualquer coisa entre nós: tempo, espaço, roupas... Eu quero essa mulher com uma necessidade inexplicável.

Meu pau endurece dolorosamente com o pouco que tenho dela durante o beijo.Nos beijamos até que a falta de ar se torne insuportável e sejamos obrigados a parar.

— Você tá me deixando louco, porra! Amanhã de manhã, Elora!

Você tem até amanhã de manhã! Se você não me procurar, a noite você já não vai mais me encontrar aqui... -intimo com a boca ainda colada à sua antes de abrir os olhos e admirá-la por alguns segundos. Ela ainda tem os olhos fechados, a pele arrepiada, os

lábios, inchados e vermelhos, puxando e soltando o ar, e o corpo já não está mais escondido embaixo de roupas largas e desleixadas.

Há uma camisola fina, azul, sobre ele, deixando cada uma de suas curvas expostas. Linda para um caralho!

— Eu saio de casa às 9:00h. -Digo, antes de, contra cada fibra do meu corpo, soltá-la e me afastar. Viro as costas e entro no meu próprio apartamento sem nem mesmo dar chance para que ela rebata.

É uma noite de merda.

Nem tento, porque sei que não serei capaz de dormir. Minha expectativa é de que a qualquer momento Elora bata em minha porta, dizendo que mudou de ideia. Mas ela não bate. Quando as seis da manhã chegam, estou desesperado para dispersar a energia acumulada em mim, mas dispenso a saída para o treino de box e, vestido com roupas apropriadas, ensaio meus movimentos em casa mesmo.

Por quase duas horas, enquanto dou socos e pontapés guiados pela televisão, não penso em Elora, porque não há espaço para ela e minha mente se torna um vazio bem-vindo, depois da noite desgraçada que tive. Mas o treino acaba e eu me vejo sendo arremessado de volta ao caos dos meus próprios pensamentos e da espera por algo que eu nem mesmo sei se vai acontecer.

Saio do banho com uma toalha enrolada na cintura, outra em volta do pescoço, jogada sobre os ombros, e com a cabeça cheia de perguntas sobre como fazer Elora mudar de ideia, ou, que outras investidas eu poderia fazer para que ela finalmente ceda. Expiro com força e jogo o corpo sobre a cama. O relógio, pendurado na parede do quarto, me diz que já são oito e dez.

— Mulher teimosa pra caralho! -resmungo, sem conseguir me conter. Eu não entendo essa porra. Se eu quero algo, pego. Foda-se o que vão pensar, e muitas

vezes, fodam-se também as consequências. Prefiro pedir perdão a pedir permissão, a vida é uma só. Então, minha cabeça não processa, como, sentindo o tesão

que a própria infeliz admitiu sentir, ela continua negando a si mesma o que quer.

Em um salto me coloco de pé e me enfio no pequeno closet em busca do que vestir. A falta de paciência para escolhas só confirma meu estado de espírito pobre e eu acabo com um jeans escuro e uma camisa branca. Quase posso ouvir as piadinhas de Rodrigo sobre eu não me vestir como um homem sério e blá blá blá...

Café. Preciso de café. Passos arrastados me levam até à cozinha e programo a cafeteira. O tic-tac do relógio, que deveria ser mudo, insiste em me importunar, sussurrando, em meu ouvido, que ela não vem. O café fica pronto, eu tomo uma xícara, duas, quatro, e, quando estou prestes a me servir da quinta, digo a mim mesmo para virar homem, ela não virá.

Deixo a caneca suja dentro da pia, reúno minha bolsa de trabalho e paletó, aguardo mais alguns minutos, parado diante da porta, ainda que o relógio esfregue na minha cara que não deu certo.

Acompanho o ponteiro dos segundos dar a volta completa, até que a hora marque nove e um. Balanço a cabeça, lentamente, para cima e para baixo e abro a porta.

A silhueta curvilínea, de costas para mim, em fuga, deixa-me estático apenas por um segundo, e eu sorrio.

— Vai a algum lugar, Elora? -questiono e ela vira-se para mim.

Seus cabelos presos em uma bagunça no alto da cabeça, os círculos levemente escurecidos ao redor dos olhos e a mesma camisola que vi ontem à noite, denunciam que sua noite foi tão ruim quanto a minha e me dizem que, ou ela realmente não tem qualquer pudor em andar seminua pelo corredor do prédio, ou que vir aqui dessa vez foi uma decisão tão impulsiva quanto da outra. Conto com a segunda.

Sua língua passeia sobre os lábios antes de seus dentes morderem o inferior enquanto olhos verde e amarelos me encaram ansiosamente.

— Eu... Eu...

— Estava fugindo... -completo com um tom de ironia que não diz nada sobre a aflição martelando meu estômago. *Vamos lá, Elora! Você não é a porra de uma mocinha inocente! Tenha bolas, caralho!*

Mais um passeio de língua sobre os lábios, mais um afundar de dentes neles, ela fecha os olhos, expira com força, e, quando os abre, estão cheios de uma determinação que deixam um gosto amargo de derrota em minha boca.

— Eu aceito! -Pisco, pego de surpresa.

— Você o quê? -Ela, obviamente, revira os olhos.

— Eu aceito, e agradeceria se você levasse mais de dois segundos pra fazer eu me arrepender disso! -Um sorriso imenso e honesto se espalha em meu rosto e dou um passo na sua direção.

Ela ensaia dar andar para trás, e puxo seu braço, colando sua frente à minha antes que ela tenha a chance de fugir.

— Aonde você pensa que vai?

— Pra minha casa? -Gargalho.

— Acho que não, Elora. Nossa aposta começou, e cada um usa as armas que tem, eu vou começar com a minha mais potente.

— Qual? Sua personalidade encantadora? -Debocha, apesar do estremecimento que atravessa seu corpo e da dilatação imediata de suas pupilas com a sugestão óbvia do meu tom.

Sorrio um sorriso preguiçoso e aproximo meus lábios do seu ouvido. Passo o nariz lentamente pelo contorno da sua orelha, eriçando sua pele e cheirando seus cabelos, ela reprime um gemido, mas eu ouço, então, sussurro.

— O meu pau. -Antes que ela possa processar, seu corpo está imprensado contra a parede ao lado da porta e ela para de respirar.

Sem desviar meus olhos dos seus, enfio os dentes em seu lábio inferior, judiando

dele, exatamente como ela faz. Seu corpo inteiro estremece quando as pontas dos meus dedos se infiltram

lentamente sob a barra da sua camisola, tocando a pele nua da sua coxa.

— Nós estamos na porra do corredor, Gustavo! -sussurra, ainda que sua intenção tivesse sido soar incisiva. Cheiro a pele do seu pescoço e arrasto minha língua da curva do seu maxilar até parar sobre seus lábios.

— Então você não devia ter esperado o caralho do último segundo! -Assalto sua boca. Enfio a língua nela sem cuidado ou pudor, sem dar a mínima para o fato de que realmente estamos no corredor e de que qualquer vizinho desavisado pode sair de casa às nove da manhã e se deparar com uma verdadeira cena. Eu realmente não poderia me importar menos.

Durante a noite, me perguntei se eu não estava fantasiando sobre o quão malditamente bom tinha sido beijar sua boca, e, agora, tenho certeza de que não, eu não estava. Elora tem gosto de conquista, e eu ainda não experimentei nada melhor.

Seus lábios se encaixam aos meus de um jeito perfeito, delicioso, como nada que nos leve para o céu deve ser. Suas mãos deslizam pelos meus braços, amassando o tecido da minha camisa e alcançando meu pescoço. Suas unhas deslizam pela minha nuca, arranhando minha pele e deixando uma sensação de ardência deliciosa no caminho que seus dedos fazem até agarrar meus cabelos e provoca espasmos no meu pau.

Forço uma de minhas mãos em sua nuca e uma de minhas pernas entre as suas, puxo as raízes do seu cabelo e moo minha ereção dolorida em sua barriga. Ela geme baixinho, e esfrega-se de volta, esquecida dos protestos e do quanto o ato despudorado a preocupou instantes atrás.

Quando meus pulmões imploram por ar, estico a língua sobre seus lábios, descendo-a por seu queixo, pescoço, garganta, colo, até chegar ao vale entre seus seios com uma Elora já completamente entregue em minhas mãos. Ela se oferece, empinando-se na direção da minha boca, exibindo os bicos

pontudos de seus peitos para os meus olhos, enquanto monta uma de minhas coxas e esfrega-se nela, no meio do corredor do prédio, e nada nunca foi tão sexy.

Seus olhos se abrem lentamente e eu acompanho suas pálpebras subindo devagar. Nossos olhares se encontram, se demoram, presos um ao outro. Meu peito sobe e desce em um ritmo descompassado, o rosto de Elora está avermelhado e seus olhos verdes, imensos. O tecido da minha calça está molhado pela sua excitação, deixando o ar ao nosso redor impregnado com o seu cheiro.

O celular vibra no meu bolso, ameaçando puxar-me de volta para a realidade, mas eu me recuso a ir, ainda não, não sem a porra do prêmio que eu estou desejando há meses. Elora olha para o meu bolso, provavelmente, sentindo na própria pele a vibração do aparelho, depois, concentra-se novamente em meu rosto, antes de sussurrar algo muito parecido com um “nem fodendo”, e atacar minha boca.

Ela me beija faminta, voraz, tão cheia de tesão quanto eu. Agarro suas coxas, tirando-a do chão e ela prende as pernas ao redor da minha cintura. É tudo o que eu preciso. Beijando-a com os olhos abertos e cruzo a curta distância que nos afasta do meu quarto. O

que eu tenho em mente agora, definitivamente, precisa ser feito em privado.

Eu não a jogo na cama. Prenso-a contra a parede, Elora geme em minha boca, impulsiona o corpo para cima e para baixo, esfrega o meio de suas pernas abertas em mim, agarra meus cabelos, arranha minha pele. Ela faz tudo isso com olhos abertos, encarando-me com intensidade, tesão. Seu toque parece estar em todos os lugares ao mesmo tempo até que alcança os botões de minha camisa. Ela os desfaz com perícia.

Não é um toque tímido ou sutil. É forte, intenso, possessivo e, porra, eu adoro. Elora tem tanta fome de mim quanto eu dela, e nada seria mais excitante do que essa constatação. Minha língua sai de sua boca, lambendo sua pele, deixando um rastro molhado

por onde passa. Sua cabeça se inclina para trás, dando-me espaço, pedindo por mais da minha boca.

Dou com gosto e enrolo a camisola fina para cima, até que ela alcance os ombros de Elora. Passo-a por sua cabeça e sua imagem quase nua, coberta, somente, por uma pequena calcinha preta e lisa, me atinge com violência. Engulo em seco e sinto os pequenos tremores no meu nariz a cada respiração que dou na busca por

controle para não rasgar a mulher diante mim imediatamente.

Aperto sua cintura, enfiando os dedos em sua pele com força e ela se retorce sob eles, seus olhos estreitos e boca entreaberta, a expressão embriagada em seu rosto, o som de apreciação que solta, são as reações perfeitas ao toque rude e fazem um arrepio percorrer minha espinha. Mergulho em um dos seus seios, sugando-o e enchendo-me com seu sabor e cheiro. Seus cabelos, longos e, agora, soltos, roçam meu pescoço, meu rosto, provocando minha pele.

Uma das mãos de Elora desce pelo meu peito, abdômen, encontra minha ereção e, ainda por cima do tecido, ela a aperta, puta que pariu! Grunho, preciso abandonar a mamada, porque a sensação me obriga a ranger os dentes. Ao levantar os olhos, encontro um olhar esverdeado cheio de luxúria me encarando de volta. A expressão é igualmente entregue e exigente.

Mordo seu mamilo, seu corpo inteiro estremece e eu enfio a mão dentro de sua calcinha, encontrando-a encharcada.

— Porra, Elora! -murmuro com a boca ainda em sua pele, seu aperto em meu pau se torna mais firme, meu dedo desliza para dentro dela e a sensação da boceta sugando-o viaja diretamente para minha virilha. Ela geme quando enfio o dedo até o final, retiro, e volto a penetrá-la, dessa vez, com dois dedos.

— Gustavo... -choraminga meu nome e eu descubro que essa é a minha nova canção preferida. Abro os dedos e os fecho dentro dela, esticando, alargando a boceta apertada e sendo cada vez mais consumido pelo desejo de me enterrar profundamente nela.

Subo minha boca, agora, lambendo seu peito, ombro, pescoço, de baixo para cima, até alcançar sua orelha e mordiscá-la inteira, repetidamente.

— Ah, Elora! Eu vou comer essa boceta até que meu nome seja tudo o que você vai ser capaz de dizer!

Com a cabeça jogada para trás, Elora geme e rebola sem jamais deixar de me tocar.

— Eu quero você pelado! -Sua voz tem um tom delicioso de ordem e eu sorrio com a boca colada à sua orelha. Suas mãos arrancam o que restava da camisa de dentro da calça e ela empurra o tecido pelos meus ombros, obrigando-me a me

afastar, e deixando meu tronco nu.

Seu peito sobe e desce, seu olhar assumiu um tom selvagem de verde, e ele me diz que se eu não der o que ela quer, Elora certamente tomará. Encaixo as mãos sob seus braços, ela solta as pernas de minha cintura e firma os pés no chão, deixando-me livre para fazer exatamente o que pediu. Minhas bolas doem, tamanha é a vontade de fodê-la, e é só por isso que não provoco um pouco mais a mandona diante de mim.

Seus olhos acompanham meus movimentos enquanto desfaço o cinto, e eu mantenho os meus nos dela. Ela observa tudo, faminta.

Como se minha imagem fosse um verdadeiro oásis, passa a língua sobre os lábios devagar, sinto o efeito da provocação no latejar do meu pau que se torna constante e a safada sorri, me dizendo que sabe exatamente o que está fazendo.

— Você é uma provocadora, não é? -Minha voz sai grossa, rouca, completamente consumida pelo desejo. Não resisto, e, enquanto desabotoo a calça, abocanho um mamilo rosado, chupo-o.

Elora geme, remexe-se, não perco seu apertar de coxas e abocanho o outro mamilo, fazendo o mesmo trabalho, lambendo, chupando, mordendo. Estico sua pele, puxando-a com os lábios e língua enquanto vou me afastando, antes de soltar o peito que estava em minha boca.

Ao me afastar, não me sinto preparado para a imagem que encontro. Elora afastou a calcinha para o lado e tem os dedos afundados nas próprias dobras. Me olha com a boca levemente aberta e os olhos perdidos em tesão enquanto move os dedos devagar na boceta, porra!

Engulo em seco, bebendo a visão da mulher nua, gostosa feito o inferno, se masturbando para mim. Seus gemidos aumentam em volume e frequência, enchendo o quarto, tomando minha mente e assaltando de mim mesmo o controle do meu corpo. Os sons que por tanto tempo fantasiei que fossem para mim, finalmente são, e superam em anos luz a minha imaginação. A dor em minhas bolas é uma verdadeira agonia a essa altura, quando ela afunda os dedos na vulva gostosa, melada, apertada, e grita, eu me perco.

Esqueço absolutamente tudo o que não seja ela, não ouço nada que não sejam seus gemidos. Passo as mãos pelos cabelos, pelo pescoço, lambo os lábios,

desesperado para tocá-la e, ao mesmo tempo, sem querer perder um segundo sequer do espetáculo se desenrolando diante dos meus olhos. Sem me despir, tiro meu pau para fora da cueca, duro, com a cabeça larga babando, e com as veias saltadas. O olhar de Elora se torna ainda mais bêbado enquanto ela acompanha os movimentos lentos de vai e vem que faço devagar.

Ela abre ainda mais as pernas e eu não sei no que quero prestar atenção. Se na boceta sendo tão deliciosamente acariciada, ou no seu rosto, entregue ao prazer. Meu coração retumba no peito e o sangue correndo em minhas veias parece ter ganhado a velocidade de uma motocicleta, minha respiração não consegue decidir se acelera ou para. Os gemidos de Elora tornam-se mais intensos, seus gritos, mais frequentes, eu acelero meu próprio ritmo.

Seu cheiro está impregnado do meu nariz. A cada inspiração profunda que tomo, ele me atinge novamente como se fosse a primeira vez. Aperto meu pau, o prazer é intenso, nenhuma porra de punheta nunca foi tão boa! Não deixo que meus olhos se fechem.

— Gustavo... -Geme alto e sinto o gozo chegando, subindo pelas minhas bolas.

Tumf.. Tumf... Tumf...

De repente, ambos somos arrancados da nossa bolha por murros violentos na porta do apartamento. Os olhos de Elora se arregalam e eu paro, literalmente, com o pau na mão, para escutar a voz de Rodrigo praticamente gritando meu nome do lado de fora. Fecho os olhos, sem poder acreditar nessa porra. Puta que pariu!

Quando volto meu olhar para Elora, ela já não tem mais a mão dentro da calcinha, seus ombros estão retos e seus olhos despertos, apesar da respiração continuar descompassada. Eu vou matar Rodrigo, eu vou! Porra, eu juro que vou! Ela pega a camisola, jogada no chão, e parece querer vesti-la, mas eu a impeço, segurando suas mãos.

— Não tem a menor chance de eu deixar você sair daqui sem te comer, Elora. Não se atreva a se vestir, porra!

— Gusta..

— Não. se. a.tre.va. a. se. ves.tir! -praticamente grunho a sílabas e ela revira os

olhos. O gesto, com sua pele avermelhada e coberta por uma fina camada de suor, torna-se muito mais sugestivo e eu lambo sua boca, pronto para mergulhar minha língua nela, mas uma nova sessão de murros na porta obriga-me a parar.

— Eu já volto! -Aviso, abotoando a calça e subindo o zíper, mas não me dando ao trabalho de fechar o cinto.

Saio do quarto e caminho até a porta em passos apressados.

Com a mão na maçaneta, respiro fundo, só depois a giro com a expressão mais amedrontadora que consigo colocar no rosto.

Expressão essa que é imediatamente substituída por um cenho franzido quando me deparo não apenas com Rodrigo, mas com Alícia e Alice penduradas uma em cada um de seus braços, ambas com mochilas nas costas.

— Você não atende mais a porra do telefone, caralho?! -Quase rosna para mim antes que eu tenha a chance de perguntar o que está acontecendo aqui.

— Irmããããããããã! O papai falou palavrão! -Alice acusa com os olhos arregalados.

Rodrigo bufa, só então se dando conta das palavras que escolheu e passa as duas mãos pelo rosto. Olha para baixo e agacha-se, ficando na altura da filha.

— Desculpa, filha! O papai está nervoso... -Deixa um beijo na testa de Alice e, então, promete: ¯Se você não contar pra mamãe, o papai promete que te compra um novo unicórnio. -Mesmo sem ter ideia do que está acontecendo, e tendo quase certeza de que minha foda, foi, definitivamente, empatada, não consigo segurar o riso ao ver meu irmão comprando a filha, porque tem medo da esposa, uma mulher de um metro e meio. Gargalho, e os olhos de Rodrigo me alcançam quase imediatamente.

É ele quem agora veste uma expressão de pouquíssimos amigos.

— Eu preciso que você fique com elas! Aconteceu uma emergência... -Diz, olhando de rabo de olho para as meninas, deixando claro que não quer que elas saibam o que houve: ¯

Camilla e eu precisaremos correr pra Petrópolis.

Franzo as sobrancelhas, mas ele, discretamente, balança a cabeça em negação. Eu concordo devagar.

— Bom! Quem quer biscoitos de chocolate? -Pergunto com um sorriso, que não poderia ser mais falso nem se eu tentasse, para as minhas sobrinhas. Agora, preocupado com o que pode ter acontecido.

— Tio... -Alice, a mais tímida das minhas sobrinhas, me chama e eu, assim como seu pai, me agacho, para ficar da sua altura.

— Sim, princesa...

— Por que seu rosto ficou torto de repente? -Pergunta, fazendo menção ao meu sorriso falso e eu gargalho, entregando para ela um mais do que verdadeiro. Beijo sua testa e puxo-a para um abraço.

— Tio, por que você tá sem roupa? -Alícia, mais ousada, pergunta. E meu sorriso ganha ainda mais vida. Já Rodrigo, parece só então se dar conta do meu estado e, seu rosto se contorce primeiro em surpresa, depois em compreensão e, por último, em desgosto.

— Você tá sozinho, Gustavo? -Questiona e eu nego, balançando a cabeça: ¯Você não trabalha mais?

Ergo uma sobrancelha para ele, meu irmão bufa.

— Sim, eu trabalho e, se você quer saber, o que eu estava fazendo pode até ser considerado como trabalho...

— Sério, Gustavo? Desde quando fo...-Começa a falar, mas se interrompe a tempo, felizmente para ele, porque tenho certeza de que se as gêmeas contassem para a mãe que o papai falou foder, ele teria um problema muito maior do que se elas contarem que ele falou caralho. Rio com o pensamento e Elora escolhe esse momento para aparecer na sala. Viro o pescoço ao ouvir seus passos, encontrando-a vestida pela minha camisa.

Essa imagem vai ficar presa a minha mente por muito tempo.

Pisco para ela que está vermelha por se deparar com Rodrigo e as meninas na porta.

— Meninas, porque vocês não se apresentam pra tia Elora?

Mostrem pra ela onde o tio esconde os biscoitos de chocolate. -peço e Alice inclina a cabeça levemente enquanto observa a mulher parada ao lado do balcão da cozinha.

— Quais, tio? Os bons ou os outros? -questiona, sem desviar os olhos de Elora. Levo meu olhar para ela também e sorrio ainda mais largamente.

— Não sei, meninas... O que vocês acham? Os bons ou os outros? -pergunto baixinho, em tom de confidência.

— Acho que os bons, tio! Ela tem nome de princesa! -Alice sussurra também.

— E você, Alícia? O que acha? -Ela estreita os olhos, como se assim pudesse enxergar muito melhor, e eu me controlo para não gargalhar.

— Por que ela está usando a sua roupa, tio? -questiona, também sussurrado, ao invés de responder e eu engasgo.

— Hum...-enrolo, tentando ganhar tempo, enquanto penso em uma desculpa aceitável para uma menina de oito anos e ela espera, atenta.

— Porque o tio derrubou café nela! Aí tive que emprestar uma roupa pra ela trocar.

Alicia balança a cabeça, concordando.

— Tudo bem! Acho que devemos dar o biscoito bom pra ela, afinal, ela tá usando sua roupa! -sentencia, e eu concordo, balançando a cabeça.

— Então que tal vocês mostrarem a ela enquanto eu falo com o papai? -Elas concordam e passam pela porta. Rodrigo e eu, finalmente, nos levantamos e, olhando para dentro, encontro o olhar de Elora, interrogativo e levemente desesperado. Rio, e encosto a porta, deixando apenas uma fresta entreaberta e que Elora lide com as meninas sem nem mesmo tê-las apresentado.

— Sério, Gustavo? Porra! A vizinha? -Rodrigo diz antes mesmo que meus olhos tenham encontrado seu rosto: ¯E você ainda tem a cara de pau de dizer que era trabalho?

— Qual é a emergência? -Ignoro seus questionamentos. Ele respira fundo, inclina a cabeça e, por fim, balança, negando, desistindo de mim.

— A mãe da Camilla sofreu um acidente doméstico. Precisamos ir até lá.

— Entendo... -Apoio a mão no queixo: ¯Voltam hoje?

— Espero que sim... -responde, já parecendo cansado, às nove da manhã. Levo as mãos ao seu rosto, amparando-o.

— Ei, vai dar tudo certo! -Ele suspira, depois, concorda com um aceno e eu o abraço. Rodrigo retribui, e eu sei que o que quer que tenha acontecido, o está preocupando demais.

— Eu te ligo pra avisar como estão as coisas. -Desvencilha-se do abraço e eu concordo, com os braços cruzados na frente do peito. Ele se vira para sair, mas para dois passos depois, e me olha.

— Não faz merda, cara... -pede, resignado, e eu sorrio.

— Pode ser um pouco tarde demais pra isso... -Seus olhos se estreitam.

— Cuida dos seus sogros, irmão. Quando estiver tudo bem, conversamos...

— Gustavo... -Seu tom é de aviso.

— Quando você voltar, Rodrigo... -respondo no mesmo tom.

— Puta que pariu! -resmunga e sai caminhando na direção do elevador.



Quatro olhos verdes me encaram, curiosos. Verdes como os do tio. Os cabelos loiros, lisos, com cachos nas pontas, estão enfeitados de uma maneira completamente diferente. Enquanto uma usa um único laço cor de rosa, a outra usa uma faixa colorida. As sobrinhas de Gustavo são gêmeas perturbadoramente idênticas, e eu não sei quem encara a quem com mais curiosidade, se elas a mim, ou eu a elas, se bem que, sendo honesta, não é bem curiosidade o que sinto, é vontade de sair correndo.

Deus, como foi que isso aconteceu? Quer dizer, ontem mesmo eu saí desse apartamento certa, determinada, a nunca mais voltar e, agora, cá estou, vestindo uma camisola por baixo de uma camisa de Gustavo, enquanto duas bonecas de porcelana que não poderiam ser mais lindas, fofas, e assustadoras, nem se tentassem, me encaram.

Eu não pretendia voltar aqui. Realmente, não pretendia. Quer dizer, essa ideia, essa aposta, se tivesse um sobrenome, seria estúpida. Isso não vai dar certo. Gustavo é um cafajeste com c maiúsculo e eu não tenho a menor vocação para ser centro de reabilitação de homem, por isso, não, eu não quero sua paixão, porque ela seria muito mais problema do que solução.

Então, o que eu estou fazendo aqui? Minha vontade é de esfregar as mãos pelo rosto e apertá-las contra as raízes dos cabelos, mas, isso, provavelmente, assustaria os dois pares de bolas de gude que continuam me observando, em silêncio. Elas não dizem nada, eu não digo nada.

O que eu deveria dizer? “Oh, nossa! Como vocês são lindas?”,

“Foi um prazer conhecê-las, mas eu não sei lidar com seres recém chegados a esse mundo, então até a próxima, pessoal!” Ou, talvez...

Não! Definitivamente, isso não...

Oh, Deus! Onde eu amarrei meu burro? Santa das mulheres que tem crianças com olhos grandes e pedintes a encarando, você

existe? Posso chamar por você? Chapolin Colorado? Você poderá me salvar?

— Você é muda? -A menina com faixa colorida no cabelo pergunta e os olhos da outra se arregalam em horror.

— Alicia! -sussurra baixinho: ¯Essa não é uma pergunta educada! -Alerta à irmã e eu sorrio, ela está certa. Mas Alicia não parece se importar.

— Mas ela não fala nada... -Inclina a cabeça para o lado, observando-me com mais atenção: ¯Ei, você nos escuta? -

pergunta, acenando a mão diante dos meus olhos e, depois disso, perco o controle, gargalho.

— Ela ri! -Alicia comemora, como se tivesse feito uma grande descoberta, enquanto sua gêmea sacode a cabeça lentamente, parecendo envergonhada.

— Eu falo... -Finalmente respondo à pergunta.

— Ah, ufa! Eu tava preocupada! Porque não sei usar sinalização! -franzo o cenho.

— Não sabe usar o quê? -inclino-me sobre a ilha da cozinha.

— É linguagem de sinais, Alicia! -a irmã corrige, fazendo um novo sorriso brotar em meu rosto e Alicia desdenha, balançando a cabeça, deixando claro que não acha usar o nome correto importante.

— Eu sou a Alícia! -diz para mim com os ombros retos e a postura corrigida. Ela veste calças jeans, uma camiseta vermelha e tênis, sua irmã usa um vestidinho florido. Essas meninas só tem o rosto parecido mesmo, porque o resto, obviamente, não poderia ser mais diferente.

— E aquela é a Alice, minha gêmea! -sorrio.

— É um prazer conhecer vocês duas! - Alicia estende a mão para um aperto. Me surpreendo, mas não serei eu a mal educada em uma conversa com uma criança, certo? Dou a volta na ilha e

aperto sua mão. Alice se aproxima devagar e ergue a cabeça para mim, mas não entende a mão como sua irmã.

— Você pode abaixar um pouco? -questiona, e eu o faço, mesmo sem saber o porquê. Quando estou agachada e da sua altura, ela envolve os braços em meu pescoço, abraçando-me e pegando-me completamente de surpresa. Levo alguns segundos para me dar conta de que preciso retribuir.

— É um prazer te conhecer! -diz em meu ouvido e eu descubro que estava errada. Se elas tentarem, podem sim ser mais fofas!

Alice, pelo menos. Alicia não parece muito disposta a esse tipo de tentativa.

— É sim, meu amor! -O vocativo carinhoso escorrega pela minha boca sem que eu tenha chance de detê-lo e, quando olho para a menina e a vejo sorrindo, percebo que funcionou, então está tudo bem.

Nesse momento, a porta se abre e é com essa cena que Gustavo se depara. Ele sorri para as meninas, não seu sorriso habitualmente cafajeste. É um sorriso gentil, carinhoso, que alcança os olhos e não tem nada de segundas intenções, ironia ou arrogância. Me sinto uma invasora diante da constatação.

Mal pisco e sou abandonada. As meninas correm para o tio que se agacha e, quando atingido pelas duas, finge ter sido derrubado no chão. É nesse momento que eu percebo que posso estar encrencada. Veja bem, não me leve a mal. Eu não sou uma tola que distribui sentimentos por aí como se fossem panfletos. Mas, desde o primeiro contato, meu corpo já deixou muito claro o tipo de controle que Gustavo exerce sobre ele.

Outra coisa que também não sou? Estúpida. Embora adore ler romances água com açúcar, sou perfeitamente capaz de reconhecer que uma atração como essa é uma excelente porta de entrada para sentimentos não convidados. Eu não quero sentimentos. Não quero, porque não os desejo. Não quero, porque, se os desejasse, Gustavo



seria o último homem sobre a face da terra por quem eu, algum dia, decidiria, de livre e espontânea vontade, desenvolvê-los.

Eis o porquê de eu estar encrencada. Porque sentimentos não convidados estão pouco se lixando para a minha vontade. Por isso, eu queria distância de Gustavo. Por isso, eu corri ontem. Por isso, eu teria feito da parede que separa os nossos apartamentos um verdadeiro oceano de distância, se não fosse o maldito beijo.

O beijo, que me roubou o ar, as dúvidas e certezas. O beijo que me disse que eu precisava de mais dele. O beijo que fez com que todas as minhas ressalvas entrassem em um ônibus com destino à terra dos ignorados. O beijo que me fodeu. E eu ainda nem fui devidamente fodida, puta merda!

Minha santa das mulheres perdidas e preocupadas em estarem fazendo uma grandessíssima merda, ajudai-me! Respiro profundamente enquanto observo os três rolarem pelo chão, gargalhando, sentindo uma necessidade imensa de, mais uma vez, sair correndo. Mas, como parece ser a especialidade dele, Gustavo me rouba isso também.

— Meninas, eu acho que a tia Elora também quer um especial de gargalhadas.

As meninas me olham com olhos e lábios sorridentes e, antes que eu tenha a chance de pensar sobre quando é que eu fui promovida a tia, sou agarrada. Entre braços e pernas infantis que me puxam para baixo, me vejo sem coragem de acabar com a brincadeira, e vou ao chão também, sendo coberta por dois corpinhos pequenos e serelepes enquanto o único pensamento em minha mente é: “Como é que eu vim parar aqui?”

Eu não tinha a menor intenção de passar o dia. Nenhuma. Nada mesmo. Mas a

vida é uma vendedora de sexy shop cujos produtos

favoritos são vibradores e consolos que ela está adorando testar na minha bunda. Depois de minutos no chão, desfrutando do especial de gargalhadas, levantei-me, pronta para ir para casa. Crianças não são o meu forte, eu não desgosto delas, sinceramente, eu só não sei lidar com coisas tão pequenas e quebráveis.

Não tive a chance. As meninas levantaram-se junto comigo e, quando dei por mim, estava sentada na banqueta, comendo os biscoitos de chocolate bons. Aparentemente, nessa casa existem dois tipos. Os bons, reservados apenas para as meninas e para quem elas decidirem que é digno, e os outros, destinados às outras visitas.

Senti-me lisonjeada por ter sido considerada digna deles, estava pronta para agradecer pela gentileza, me despedir, e, finalmente, voltar para casa. Mas, depois dos biscoitos, elas precisavam de alguém para interpretar a rainha em sua brincadeira de realeza, porque nas visitas ao tio, o rei nunca tinha uma companheira. “Era a primeira vez desde sempre”, disseram as duas, e eu cedi, afinal, seria só mais uma horinha...

Mas, depois dessa brincadeira, veio o almoço, e o tio Gustavo precisava de ajuda para preparar o melhor macarrão com queijo do mundo, disse o próprio cretino na frente das meninas, tirando de mim qualquer possibilidade de negar sem magoá-las. E, meu pai!

Por que eu me importava em magoá-las? Provavelmente, eu nunca voltaria a vê-las *! Porque você não é uma velha bruxa que deixa criancinhas tristes, Elora! Ora bolas!*

Depois, eu ainda não podia ir embora, afinal, era a hora do cinema, e todo mundo sabe que no cinema, as pessoas se sentam de dois em dois, certo? Se eu fosse embora, quem sentaria com o tio Gustavo?

— Tadinho, ele vai ficar sozinho, tia Elora! -Choramingaram e, depois de, pelo menos, ter tido a chance de ir para casa me vestir adequadamente, entrei num carro com destino a um shopping para assistir ao mais novo lançamento da pixar.

O filme foi divertidíssimo, as meninas são uns amores, mas a cada minuto passado com o trio, a pergunta “que raios estou fazendo aqui?” era mais profundamente marcada em minha mente.

Quer dizer, seria esse um golpe de Gustavo em nossa aposta? A presença das meninas, com certeza, não. Mas forçar-me a participar de seu dia incrível de tio?

Porque sim, eu precisaria admitir. Ele era incrível com elas.

Atencioso e responsável na medida certa. Nem sim's nem não's em excesso. E elas o adoram. Cada palavra que sai da sua boca é ouvida com atenção e expectativa. Nas poucas horas em que estive na companhia dos três, ficou muito claro que as visitas das meninas são momentos frequentes e especiais para eles. Então, por que diabos eu estava no meio de um programa família, no meio da tarde de uma quarta-feira?

Nenhuma resposta dava conta dessa pergunta além da óbvia.

Gustavo estava usando sua relação com as sobrinhas para me derreter. Mas ele seria capaz de algo assim? A pergunta fez com que eu revirasse meus olhos internos, definitivamente, ele seria capaz de algo assim, concluí, negando com a cabeça a cara de pau do infeliz. O dia passou e eu fui envolvida cada vez mais profundamente na teia de pedidos e olhares de gatos de botas de Alícia e Alice.

E, confirmando minhas suspeitas, o que o tio Gustavo fez ou disse sobre isso? Nada. O cretino não fez qualquer esforço para me ajudar, parecia estar se divertindo com o fato de que eu era incapaz de dizer não àquelas duas que, provavelmente, vinham tomando aulas sobre como serem manipuladoras com o tio.

Mas a lei do retorno nunca falha, e foi no final da tarde que ela chegou para morder a bunda de Gustavo. Quando enquanto estávamos sentados no chão da sala, rodeados por peças de dois quebra-cabeças comprados na ida ao cinema, e tomando sorvete, Alícia, a curiosidade travestida de criança fofa, perguntou.

— Tio, a tia Elora é sua namorada? -Gustavo engasgou com a colher que tinha na boca e eu levantei meu pote de sorvete para

esconder meu sorriso. Chupa essa, cretino! Quero ver você se virar agora, disse com meus olhos e ele estreitou os seus para mim enquanto tossia desesperadamente e as meninas batiam em suas costas com as pequenas mãozinhas.

— Hum... -enrolou, levando mais uma colher de sorvete à boca enquanto as duas

aguardavam em expectativa.

— É! -declarou com simplicidade e foi a minha vez de me engasgar. Engoli errado, o sorvete desceu por onde não deveria, a falta de ar foi instantânea e as mãozinhas infantis passaram a bater em minhas costas. Puxei o ar, mas ele não veio. Engoli de novo, de novo, e de novo, e, na décima oitava vez, possivelmente, finalmente percebi que não morreria asfixiada.

— Não precisa ter vergonha não, tia! A gente sabe como namoros funcionam! -Alícia declarou com sua melhor expressão de adulta e, se eu não estivesse tão desesperada para dar na cara do tio dela, eu teria rido. Coisa que o infeliz estava fazendo. Ele não só não moveu um único dedo para me ajudar enquanto eu quase morria, como não fazia a menor questão de disfarçar seu divertimento com a minha situação.

— Eu também tenho um namorado! -Alícia soltou, arrancando o sorriso da cara do meu vizinho safado, mas, infelizmente, eu não poderia aproveitar a vitória, porque a informação me deixou tão chocada quanto a ele.

— Você tem o quê? -Gustavo perguntou com um tom sério.

— Um namorado, tio! -respondeu, virando-se para ele e eu olhei para a outra menina, que olhava para a irmã com cara de desapontamento e balançava a cabeça para um lado e para o outro, em negação.

— E seu pai sabe disso? -perguntou com o cenho franzido e, reagindo exatamente da maneira que eu tive vontade, Alicia revirou os olhos.



— É claro que não, tio! É segredo, ué! -Não me contive, ri.

Gustavo me olhou de cara feia. Ergui as mãos em rendição e fingi seriedade.

— E quantos anos tem seu namorado secreto, Alicia? -

questionei o óbvio.

— Sete, tia! Ele é do primeiro ano! -Sorri, encarando o rosto ainda sério de Gustavo que parecia ignorar a idade do menino.

— Alicia, você ainda é muito nova pra namorar... -alertou com voz suave, porém, firmemente.

— O que você e seu namorado fazem juntos? -perguntei com a intenção de acalmar o homem que olhava para a sobrinha como se, de repente, ela tivesse ficado verde e criado antenas. Gustavo parecia nunca ter tido oito anos.

— Nós dividimos o lanche, tia! -Segurei o riso.

— E o que mais, gatinha? -Ela franziu a testa e uniu as sobrancelhas, como se a pergunta fosse absurda.

— Nada, ué. A gente se encontra no recreio e lancha junto. O

que mais a gente poderia fazer, tia? -disse as últimas palavras com um tom de descrença que fez com que eu me pergunte se isso é uma criança ou um anão.

Gustavo respirou audivelmente, aliviado, e eu gargalhei. Alicia olhou entre nós dois sem fazer ideia do que motivou nossas reações, e Alice desistiu de acompanhar a conversa há algum tempo, entretendo-se com seu quebra-cabeças.

A pequena namoradeira balançou a cabeça, abandonando a vontade de nos entender e insistiu no assunto que nem deveria ter começado.

¯E quando vocês vão se casar?

— Dormiram. -A voz de Gustavo interrompe a recapitulação do dia que eu fazia dentro da minha cabeça.

— Graças a Deus! -choramingo, curvando-me sobre a bancada da cozinha. Sentindo-me exausta depois de um dia inteiro de brincadeiras, a energia dessas

crianças parece infinita. Gustavo ri.

— Acho que exagerei no meu plano, talvez um passeio no parque tivesse sido o suficiente.

Arregalo os olhos, chocada com a cara de pau do cafajeste.

¯Você sabe o que dizem, né? Não existe nada mais sexy do que um homem com crianças... -Meu queixo vai ao chão e ele gargalha enquanto se aproxima de mim e envolve os braços ao redor de minha cintura.

— Não, Elora! Eu não planejei isso. -Desfaz a confusão: ¯Nem se eu fosse louco, teria interrompido o que estávamos fazendo mais cedo, justamente naquele momento, pra te mostrar o quanto eu sou um tio amado, definitivamente, se eu tivesse pensado nisso, seria em outra hora....

— E você sempre exibe suas sobrinhas para mulheres aleatórias? -curvo a cabeça para trás para poder ver muito bem sua cara de pau. Ele leva uma das mãos ao peito, fingindo-se de ofendido.

— Mas é claro que não! Só pra minha namorada! -diz, com um sorriso imenso.

— Qual é o seu problema? -viro o rosto de um lado para o outro com a boca aberta e os braços apoiados na cintura.

Sua boca se aproxima da minha e ele lambe meus lábios devagar.

— Você continua sendo meu problema, Elora... Nada mudou... -

sussurra em minha boca, e aperta ainda mais os braços, apoiando as mãos espalmadas em minhas costas. Meu corpo relaxa, gostando do toque. Traidor! Eu tinha certeza de que no momento

em que experimentasse o toque de Gustavo, ele se renderia sem qualquer pudor. E aqui estamos.

Uma parte muito específica de mim é despertada pelas lembranças de hoje de manhã e pelo calor da sua boca na minha.

Suspiro, realmente cansada, apesar da vontade crescente em meu estômago de

terminar o que começamos.

— Você não devia ter dito que eu sou sua namorada, Gustavo!

Você nem me conhece! Até onde sabe, eu posso ser um louca, uma psicopata! -Sua gargalhada não é nada controlada, e eu belisco seu braço, alertando-o sobre as meninas dormindo no quarto.

— Elora, até onde eu sei, você é louca! Ainda não confirmei nem descartei seu laudo de psicopatia, mais de loucura? Esse tá mais do que certo! -Reviro os olhos: ¯E não é como se eu fosse ter qualquer outra pessoa na minha vida pelos próximos dois meses... Definitivamente, eu não acho que transar com outras mulheres enquanto você ouve vá contar muitos pontos a meu favor, e eu já te disse, Elora... Eu não entraria em uma aposta que eu não tivesse chances de ganhar...

Pisco, atordoada.

— Você tá me dizendo que isso aqui é exclusivo?

— Da minha parte? Com certeza! Da sua? Fica a seu critério, mas, eu devo avisar que vou ficar muito menos suscetível a me apaixonar se você dormir com outros... -Seu tom é sério, mas o sorriso cafajeste em seus lábios conta uma história diferente, e eu realmente não sei se ele está debochando de mim.

— Gustavo...

— O quê? Seu parceiro? -me interrompe com a pergunta e estreita os olhos para mim. Levo alguns segundos para me dar conta do que é que ele está falando. Certo, a mentira que contei...

Inclino a cabeça observando-o. Qual seria sua reação ao descobrir que o único parceiro que frequentou minha cama nos últimos meses

foi ele? Nos meus sonhos...travestido de corredor... O infeliz é invasivo até quando não sabe disso.

Gargalho, porque ele nunca vai saber. Eu nunca vou massagear seu ego desse jeito. Ele me encara, sem entender o motivo da minha diversão súbita.

— Ciúmes, Gustavo? Achei que você tivesse dito que não era ciumento... -debocho.

— Pra foder? Não, não sou nem um pouco, Elora... -Enfia as mãos pelos meus cabelos e minhas pernas bambeiam. Mordo o lábio e seus olhos acompanham o movimento: ¯Pra me apaixonar? Não sei dizer o que é preciso, porque nunca aconteceu... Mas saber que a minha mulher tá fodendo outro, com certeza, não é um bom começo! -seu olhar é intenso o suficiente para me confundir e excitar.

— Sua mulher? -Apesar das outras perguntas que suas palavras despertaram em mim, esse é o primeiro questionamento que meu cérebro estúpido solta pela minha boca. Arqueio uma sobrancelha, cobrindo com ironia o alvoroço que duas palavrinhas causaram dentro de mim.

— Nunca me importei em dividir meus brinquedos, Elora... -Seu tom é quente, lento, sussurrado, malditamente sedutor: ¯Mas quando levo algo a sério... -Firma meus olhos nos seus, puxando meu cabelo, ofego. Sua voz assume uma dureza até agora ainda não usada quando ele continua: ¯Gosto de ter certeza de que ninguém além de mim vai colocar as mãos.

A boca paira sobre a minha, como se quisesse provar com os gestos aquilo que me diz. Meu corpo anseia em se entregar, derreter nas mãos deles. Mas não vai ser tão simples, graças a Deus, uma parte, pequena, mas ainda assim, funcional, do meu cérebro se mantém ativa.

— Então essa aposta já deu errado... -forço as palavras para fora da boca, mesmo que a única coisa que ela queira fazer, tão perto assim da dele, seja beijá-lo.

— Quê? -afasta-se milímetros e franze o cenho.

— A aposta é que você se apaixone por mim sem que eu me apaixone por você, mas, pra isso, eu não posso me relacionar com outras pessoas. Como isso me ajuda a me manter emocionalmente distante?

O sorriso que ele dá é tão grande que poderia servir de ponte até a Asia.

— Esse não é um problema meu...

— Filho de uma puta! -constato, chocada, que ele já tinha pensado nisso!

— Você... Você... -estou tão indignada, que não consigo articular as palavras e ele se aproveita disso para falar mais.

— Eu disse, Elora. Eu não entro em jogos que eu possa perder.

E, desse jeito, eu só ganho, porque de qualquer maneira, você perde... -Empurro seu peito com as mãos, mas ele não cede.

Mantém-me presa em seus braços com as mãos agarradas aos meus cabelos.

— Você é um maldito cretino!

— Eu nunca disse que não era...

— Eu posso desistir... -Atiro, e ele estala a língua.

— Pode... É verdade... Nós ainda nem assinamos nada... Eu, sinceramente, não tenho nada contra... Afinal, eu ganharia desse jeito também, já que você estaria reconhecendo com todas as letras que se apaixonaria por mim...

Balanço a cabeça para os lados.

— Você é tão arrogante... -Observo seu rosto com os olhos estreitados. Faço um bico com meus lábios e o movimento para um lado e para o outro. A língua de Gustavo o lambe com ansiedade e eu sinto carícia entre as pernas.

¯Quero mudar os termos do nosso acordo... -declaro com o lábio inferior preso entres os dentes.

¯Eu também nunca disse que eu não era...-comenta, despreocupado: ¯Você não pode mudar as regras do jogo depois que ele já começou, Elora... -seu nariz brinca com a pele da minha bochecha, acariciando e arrepiando ali.

— Você mesmo disse, a gente ainda não assinou nada, então, teoricamente, não começamos nada... -Ele se afasta o suficiente para que eu veja todo o seu rosto e sorri, antes de desviar os olhos dos meus, girar a cabeça, lentamente para o lado, e então, voltar para mim, sussurrando em meu ouvido.

— E o que é que nós estávamos fazendo enquanto minha boca te mamava, Elora? Enquanto eu esfregava meu pau olhando você afundar os dedos nas

próprias dobras? -As palavras me atravessam muito além dos ouvidos, chicoteiam minha pele, estremecem minhas pernas e enxarcam minha calcinha ainda mais do que simplesmente olhar para Gustavo já faz.

¯Enquanto meus dedos estavam enterrados na sua boceta, Elora? Desculpa, se eu acho que um papel importa muito menos do que eu saber, exatamente, que cheiro, que gosto você tem... -

Esforço-me para não gemer, olho para baixo, fugindo do seu olhar, não querendo dar a ele a satisfação de ver o quanto me afetou apenas com algumas palavras, o quanto meu corpo traidor cede fácil diante do desejo explícito em sua voz.

Mas ele não deixa, puxa os cabelos em minha nunca, obrigando-me a encontrar seu olhar verde, tão escuro quanto eu imagino que o meu está. Deixo que minha língua vá para fora e lamba seus lábios, sinto a textura deles, o sabor, o calor, enquanto permaneço completamente presa no desejo que parece sair por seus poros só para me atingir em todos os lugares.

Minha respiração descompassa e a vontade de devorá-lo cresce desenfreada dentro de mim. Porra, eu quero esse homem! Demais!

— Rodrigo está vindo buscar as meninas... -a voz macia, aveludada e rouca deixa claro o motivo de ele estar me dando essa informação: ¯E você sabe o que isso significa? -questiona, roçando a lateral do rosto no meu antes de deixar um beijo no lóbulo da minha orelha. Sorrio.

— Que eu finalmente vou descobrir a potência da sua melhor arma. - Mordo seu lábio inferior, puxando-o para mim.



Fecho a porta e viro-me na direção em que Elora está. Apoiada à bancada da cozinha, seu corpo gostoso, vestindo roupas simples, praticamente chama pelo meu nome. Seus olhos me analisam de cima a baixo antes que um sorriso safado curve seus lábios. Ah, essa mulher! Se eu não tomar cuidado, ela vai me foder muito além do que estou disposto a ser fodido.

Não planejei passar o dia com ela. Mas Elora parecia tão assustada em suas primeiras interações com minhas sobrinhas, que, a princípio, achei que seria divertido vê-la se desdobrando.

Depois, curiosamente, as meninas se abriram como não costumam fazer para estranhos em geral, e começaram a inventar todo tipo de justificativa para que a princesa Elora ficasse mais um pouco.

Ao longo do dia, de assustada, Elora passou a receptiva e carinhosa. É impossível não amar Alícia e Alice, mas, ainda assim, sua forma de lidar com elas fez mais um alerta acender em minha cabeça, eu preciso tomar cuidado. Há muito mais do que uma paixão envolvida nessa história. Há um empreendimento de milhões de reais que não pode, de maneira alguma, dar errado.

São suas mãos, passeando pelos meus braços, que me arrancam dos meus pensamentos e me dou conta de que ela está diante de mim, e não mais há alguns metros de distância.

— Eu não sei no que você estava pensando, Gustavo... Mas, agora, eu quero sua cabeça aqui! -exige, antes de puxá-la para baixo com as mãos e colar nossas bocas. Sua língua se apossa de cada canto até encontrar a minha e chupá-la, lambê-la, massageá-la deliciosamente, entregue e, ao mesmo tempo, exigente. O corpo quente de Elora se esfrega ao meu.

Ela afunda as unhas em minha nuca, castigando a pele de um jeito que parece ser o seu preferido, e, se eu tiver que ser honesto, do jeito que as coisas vão, vai se tornar o meu também. Agarro sua cintura, puxo-a para mim, seus pés saem do chão enquanto nos

beijamos duro, rude, e gostoso para caralho. Sua pele arrepia e isso parece aumentar sua fome.

O ar fica cada vez mais escasso em meus pulmões e meu peito sobe e desce descompassado à medida que o beijo vai se tornando mais e mais intenso. Subo

uma de minhas mãos pelas suas costas, ela estremece sob o toque. Mordo seu lábio inferior, estico-o, puxando-o para mim. Seus olhos se abrem e ela observa enquanto mato a vontade de fazer com sua boca exatamente o que ela faz, repetidamente, quando está excitada.

Suas mãos descem pelo meu pescoço, ombros, pela lateral do meu tronco, infiltram-se sob minha camiseta, enrolam-na com pressa, puxam-na para cima, até que seja arremessada pela minha cabeça e a fome dos olhos e nas ações de Elora deixa-me impossivelmente duro.

— Minha vez! -grunho, enfiando as mãos por baixo de sua camiseta e arrancando-a sem qualquer delicadeza. Gemidos baixos respondem à dureza dos meus toques. Meu próximo alvo é seu sutiã, a peça é bonita, mas eu realmente não me importo com isso agora, tudo o que me interessa sobre ele é que, para minha satisfação, abre na frente. Desço minha boca até um de seus peitos e deixo uma mordida enquanto abro a peça de lingerie, Elora empina-se e aperta minha cabeça contra sua pele, querendo mais.

No momento em que o fecho se abre, empurro o sutiã por seus ombros e ele cai no chão, deixando os globos redondos completamente nus diante dos meus olhos. Passeio meu nariz sobre a pele sensível, provocando-a ainda mais, antes de abocanhar um dos mamilos duros e chupá-los com força. Ela geme alto, agarra meus cabelos, puxa-os enquanto mamo seus peitos, um depois do outro.

— Tão gostosa! Me deixa faminto...

Seguro seus quadris e colo-os a mim, moendo minha ereção já dolorida onde alcanço por alguns instantes. Elora vira-se de costas, curva o corpo e esfrega a bunda em minha ereção. Minhas mãos

procuram seus seios nus, e os agarram enquanto ela rebola, me provocando a ponto de quase gozar nas calças. Amasso um de seus mamilos entre meu polegar e indicador e com a outra mão, agarro seus cabelos, virando sua cabeça em minha direção.

Seus lábios entreabertos expulsam ar morno de sua boca e seus olhos são quentes, perdidos e bêbados, tudo ao mesmo tempo.

Nego com a cabeça, sem poder acreditar no quão malditamente quente essa mulher consegue ser, e beijo-a. Engulo seus gemidos enquanto esfrego o pau em

sua bunda, ela me masturba em movimentos de sobe, desce e rebolado, me enlouquecendo completamente.

Um grunhido soa alto ao nosso redor e percebo que foi da minha boca que saiu. Elora não só o engole como parece ser estimulada por ele, porque agarra meu lábio inferior entre os dentes e o morde com força. Junta uma das mãos sobre a minha que agarra seus cabelos e desce-a pelo próprio corpo, me conduzindo até o fecho de sua calça jeans.

A maneira como ela se entrega sem nenhum receio rompe alguma coisa dentro de mim, e eu não desabotoo sua calça. Enfio os dedos dentro dela, alcançando sua boceta completamente melada e fazendo-a arfar, interrompendo o beijo devorador que trocávamos e mantendo a boca aberta na minha, ao mesmo tempo em que algo entre um gemido e grito atravessa sua garganta.

— Toda meladinha... Que boceta gostosa, Elora! Que caralho de boceta gostosa... Tô louco pra sentir seu gosto... -murmuro em sua boca, procuro seu grelinho, encontro e esfrego-o asperamente.

Ela grita. Grita alto, grita para mim, levando-me ao limite. Viro-a de frente, querendo ver todo o seu rosto enquanto ela faz mais do que gritar e gemer, enquanto ela vai gozar para mim.

Por minutos não fazemos nada além de respirar ofegantes e encarar um ao outro, não sei o que Elora faz durante esse tempo, mas eu tento entender como é possível que tudo pareça tão fodidamente perfeito. Acaricio seu rosto com o meu e cheiro sua

pele, devagar, provoco-a com a ponta do nariz enquanto vou descendo pelo seu corpo, até estar de joelhos diante dela.

Seu rosto afetado ganha um sorriso.

— Eu disse que você ia cair de joelhos por mim... -provoca. Rio e desabotoo sua calça.

Com os dedos enganchados na lateral do jeans, inclino a cabeça para trás e olho para ela. Seu peito arfa, subindo e descendo rapidamente e sua pele exposta está avermelhada. Os lábios entreabertos, os olhos vidrados, os cabelos bagunçados e os seios deliciosos fazem uma vista e tanto aqui de baixo.

— Todas as vezes que você quiser, linda! E todas as que eu quiser também! -respondo, abocanhando seu sexo ainda por cima da roupa, fazendo-a gemer.

Puxo suas calças e calcinha para baixo de uma vez, expondo a boceta completamente depilada para os meus olhos. Aproximo o rosto do monte gostoso e aspiro seu cheiro. Puta que pariu! O

latejar em minha calça se torna mais intenso e eu tenho certeza de que meu pau está babando por ela.

Elora levanta uma perna por vez, saindo completamente de dentro das roupas e ficando nua diante de mim. Com o nariz colado à sua pele, desço o rosto devagar, esfregando-o por cada pedacinho que alcanço em seu monte de vênus, em sua virilha, até encontrar seus grandes lábios, ao mesmo tempo em que toco o vale entre seus seios com um único dedo e vou arrastando-o para baixo.

Passo a língua devagar por cima da pele que cobre suas dobras, as pernas de Elora estremecem e ela segura-se em meus ombros.

— Teu cheiro é uma delícia, Elora... -Sopro lentamente por toda a extensão da boceta ainda fechada e um gemido baixo deixa os lábios dela: ¯Abre as pernas pra mim, gostosa! -ordeno e ela faz, deixando toda a sua umidade bem ao alcance do meu nariz, lábios e língua.

Agarro seus quadris, firmando-a e encaixo minha boca ali. De cima para baixo, lambo sua boceta inteira, ela geme. Seu gosto em minha língua deixa-me a ponto de perder o controle, respiro fundo, mas seu cheiro me inunda, não fazendo nada para melhorar minha situação.

Elora ofega e respira audivelmente entre os gemidos e, surpreendendo-me mais uma vez, suas mãos deslizam sobre as minhas, desvencilhando seu corpo de mim. Ela dá passos para trás, afastando-se. Observo com uma sobrancelha arqueada enquanto ela caminha completamente nua até a ilha da cozinha e, sobe nela, sentando-se, e abrindo as pernas.

Gostosa. Gostosa como deveria ser proibido que uma mulher fosse, porque tenho certeza de que corro o risco de ficar viciado, e eu sei disso sem ainda nem mesmo ter estado dentro dela.

— Refeições devem ser feitas à mesa! -declara com os olhos brilhantes, e, então,

deita-se, e arreganha-se ainda mais, deixando a boceta molhada e rosada completamente exposta para mim.

Esfrega-se contra a pedra fria do balcão e geme, gostosa, provocante. A visão é um tapa na cara e um aperto gostoso para caralho no pau. Fico tão embasbacado que levo alguns segundos para me pôr em movimento.

Levanto-me em um salto e em três passos estou diante de Elora, agarro suas coxas, mantendo-as completamente abertas, e mergulho entre suas pernas. Sem dó, lambo suas dobras de ponta a ponta, infiltrando minha língua entre elas, seu gosto e cheiro inundam minha língua e nariz e eu sei que não preciso de mais nada para declarar, estou, oficialmente, viciado, e nem a porra do fim do mundo me arrancaria do meio de suas pernas antes que ela goze para mim.

Beijo sua boceta com fome, apalpo suas coxas, bebo a excitação que escorre da vulva melada, não como se fosse a mais deliciosa das bebidas, seu mel é o caralho da bebida mais deliciosa que já esteve em minha boca. Encontro seu grelinho duro e chupo-o. Elora

grita, convulsiona sob mim, ergue os quadris, esfrega-se em meu rosto, enlouquecendo-me no processo.

Minhas bolas pesam e apertam, o latejar em meu pau agora é uma constante, e a cada centímetro da boceta que minha língua descobre, sinto-me mais ansioso para me afundar dentro dela. Abro a boca, minha língua molha tudo o que toca, deixo beijos rápidos ao redor da bocetinha gostosa, acaricio suas pernas e roço o nariz em toda pele que encontro até chegar ao cuzinho apertado.

Circulo-o com a língua e o corpo de Elora derrete-se ainda mais em minhas mãos. Suas pernas ameaçam fechar-se em um reflexo, mas eu as mantenho abertas agarrando firmemente suas coxas.

Minha língua lambe, circula, e empurra contra o anelzinho gostoso.

Gemidos alucinados, cada vez mais altos, enchem o apartamento e concentram todo o sangue do meu corpo em meu membro duro como a porra de um taco de basebol.

Desço uma de minhas mãos pela sua coxa, acaricio a parte interna de seu joelho, subo outra vez, alcançando sua virilha, passando por ela, circulando o clitóris

excitado, descendo um pouco mais e enfiando dois dedos de uma vez na vulva melada, ao mesmo tempo em que minha língua chicoteia seu cu.

Ela grita, alto, agudo, agarra meus cabelos e força meu rosto contra o cu, ergue os quadris ao encontro da minha boca, inundando minha mente com imagens que eu acho que não poderiam ser mais sexys, até que ela me entregue a próxima.

Aumento o ritmo dos dedos e forço minha língua a entrar no cuzinho, fodendo-a em seus dois buracos apertados.

Elora goza gritando alto, descontrolada, e eu não preciso de mais nada. Levanto o corpo e puxo suas pernas, escorregando-a até que ela esteja na ponta da ilha e então, com os pés no chão. Seus olhos estão completamente bêbados de prazer no momento em que enlaça meu pescoço com os braços e enfia a língua em minha boca, roubando de mim o próprio gosto.

Beijo-a, apertando o corpo nu, curvilíneo e quente ao meu, agarrando sua bunda, apalpando suas curvas, tocando-a em todos os lugares. Sua mão busca meu membro, mas eu a paro e Elora interrompe o beijo, buscando em meus olhos a resposta que lhe dou com palavras.

— Depois! -rosno em sua boca, e viro seu corpo, dobrando-a sobre a mesma ilha em que a devorei instantes atrás. Ela empina a bunda e abre as pernas, entregando-me a visão mais fodidamente sensual que esse apartamento já viu.

— Eu sei que te prometi uma parede, linda...

— Mas tá muito longe! -completa, manhosa, impaciente, soando tão desesperada quanto eu.

Tiro uma camisinha da carteira e dispenso o que não me interessa, jogando sobre a pedra fria, ao lado do corpo de Elora.

Não me dou tempo para me despir, tiro o pau de dentro da cueca molhada pelo pré-gozo, visto o preservativo e me encaixo entre as pernas da mulher empinada para mim.

Pincelo meu pau em sua boceta, escorregando-o pela umidade que pinga entre suas pernas, uma mistura da sua própria excitação com minha saliva. Elora

rebola, roçando meu pau ainda mais nela, procurando o encaixe, masturbando-me com seus movimentos.

— Brinca depois, porra! -resmunga, me fazendo sorrir. Agarro as raízes de seus cabelos na nuca e, segurando-as firme, rasgo sua carne com a minha. O som que sai de sua boca arrepia meu corpo inteiro e o apertar da sua boceta ao meu redor me faz ranger os dentes. Aperto sua cintura e curvo meu corpo, lambendo sua coluna enquanto mantenho seus fios de cabelo presos em um rabo de cavalo.

Ela me toma inteiro, de uma vez. Sua boceta me suga, pedindo por mais, e eu dou. Saio devagar para me afundar com força uma segunda, uma terceira, uma quarta vez. Meus olhos se fecham, aproveitando cada milésimo de segundo da maldita sensação de estar dentro dela, ouvindo seus gemidos longos, arrastados, e

muito, muito mais gostosos do que aqueles que ouvi por meses, porque esses são meus.

Me afundo nela cada vez mais rápido em estocadas curtas. Sua bunda empinada começa a encontrar-me no meio do caminho, e sua boceta parece levar-me cada vez mais fundo. Sons grunhidos saem de minha garganta e gotas de suor escorrem pela minha testa, peito e costas.

— Essa porra de boceta gostosa! Fala pra mim, Elora! Teu rabo é tão gostoso assim? Em? Quando eu comer esse cuzinho você vai gritar gostoso como tá gritando agora, porra?

A única resposta que recebo são gemidos e gritos ainda mais altos, pedidos, soltos e descoordenados, para que eu não pare. Seu corpo inteiro reage ao som da minha voz como se ela fosse um conjunto de dedos tocando e eriçando a pele. Escorrego a mão que segurava seu quadril para frente, enfiando-a entre as suas pernas, encontrando o grelinho e esfregando-o, antes de beliscá-lo.

Inclino o corpo sobre o seu, mordo seu pescoço antes de beijá-lo.

Elora empurra a bunda na minha direção outra vez, e todo o meu controle vai para o ralo. Passo a fodê-la sem misericórdia. Meto rápido e com força, sem parar. Ela grita, se sacode, e quando volto a beliscar seu clitóris, Elora explode, estremecendo inteira sob mim e o apertar mais intenso de sua boceta em meu pau arranca de mim o que faltava para o orgasmo. Gozo, comendo-a sem parar

até que ela tenha ordenhado toda a porra que é só dela.

Fecho os olhos e colo os lábios em suas costas, um som familiar alcança meus ouvidos, Elora rindo. Ela sempre ri depois de gozar, mas, aparentemente, só funciona para penetração. A constatação atrai um pensamento inconveniente, o fato de que todas as vezes que a ouvi gozar, tinha um fodido exatamente no mesmo lugar em que estou agora.

Apesar de o único som que sai de sua garganta ser uma risadinha cada vez mais baixa, eu quase posso ouvir sua voz em minha cabeça “Ciúmes, Gustavo?” Foda-se. Definitivamente, não.

Dispenso os pensamentos e aperto os braços ao redor do corpo nu ainda encaixado a mim da forma mais primitiva possível, e apenas uma ideia permanece fixa em minha cabeça enquanto cheiro a pele quente, suada e gostosa: esse lugar é todo meu pelos próximos 59

dias.



A pedra fria imprensa minha frente enquanto o corpo quente de Gustavo imprensa minhas costas. A pele suada desliza sobre a minha à medida que nossas respirações ofegantes tentam se controlar. Deus, eu fiz isso! Eu realmente fiz isso! Eu transei com o vizinho fodedor, e porra! Eu entendo cada uma das malditas mulheres que o chamaram de deus. O homem sabe como usar o que tem entre as pernas.

Malditas por que, Elora? Minha consciência cheia de sororidade escolhe o pior momento possível para me alertar eu fecho os olhos, reconhecendo que não, elas

não são malditas, e ignorando completamente o que quer que tenha me feito chamá-las assim.

Porque qualquer outro momento não seria bom o suficiente para refletir sobre isso, e o agora, certamente não o é.

Os lábios de Gustavo deixam uma trilha de beijos pela minha coluna, acalmando minha pele sensível e, ao mesmo tempo, me dizendo que nós ainda não acabamos. Levo alguns minutos para controlar minha respiração durante os quais meu vizinho cretino não faz qualquer questão de me soltar e eu não posso dizer que não gosto disso, porque eu gosto, e muito, mas eu nunca vou deixar que ele saiba disso...

— Se você não se importar, eu realmente gostaria de me levantar agora... -Finjo desgosto e ele ri e sai de dentro de mim com delicadeza. Me levanto e ao me virar, seus braços me envolvem imediatamente.

— Com medo de que eu fuja? -debocho.

— Pode apostar que sim! -reconhece com um sorriso cafajeste no rosto e eu estreito meus olhos para o homem covardemente lindo. Sim! O universo foi covarde ao colocar um homem desses fodendo minha vida e esperar que eu realmente fosse resistir a imensa vontade de deixar que ele fodesse meu corpo, desculpa mundo, não fui capaz...



— E então, já se apaixonou? -Gustavo sussurra e lambe meu maxilar, fecho os olhos, aproveitando o toque provocante.

— Você vai precisar de mais do que isso...

— Então que bom que nós temos a noite toda...

E nós aproveitamos cada minuto dela. No sofá, na poltrona, e, por último, na cama. A parede ficou para outro dia.

A madrugada já está alta quando me desvencilho dos braços duros que em cercavam e ele resmunga, sonolento. Saio do quarto, buscando minhas roupas. As encontro na sala, espalhadas, exatamente como deixamos, e enquanto as visto, um Gustavo nu, com os cabelos bagunçados e esfregando os olhos se apoia no batente do corredor, me observando.

— Isso é realmente necessário? -Questiona quando eu termino de me vestir.

— Isso o quê? Dormir na minha própria cama? Definitivamente!

Detesto dormir na cama alheia!

— Meu colchão é ruim? É isso que você tá dizendo? -gargalho.

— Não! Mas, pra mim, o meu é melhor. -Pego meus sapatos, ao lado da porta e ele continua me encarando, de longe.

— Então por que eu não vou dormir no seu colchão maravilhoso? -Ergue uma sobrancelha, deixando claro que pensa saber exatamente o que eu estou fazendo. Não jogue com o jogador, Elora, sabe quantas vezes eu já usei essa porra de desculpa?

— Posso imaginar que tantas quanto eu, e é por isso que você não devia ficar putinho! É madrugada e eu vou dormir, boa noite, Gustavo! -Sem olhar para trás, saio pela porta, fechando-a assim que passo.

— Você não pode estar falando sério... -Lívia diz, segurando o registro do acordo que fiz com Gustavo em mãos.

Sentada no sofá da minha sala, minha irmã ergue os olhos, alcançando-me, de pé, com a pergunta explícita em seu rosto. Ela realmente não acredita. Balanço a cabeça confirmando, e ela repete o gesto, instantes antes de negar.

— E foi consumado ontem... -concluo com palavras aquilo que comecei a dizer com gestos.

— Você transou com ele? -questiona, olhando-me de baixo com repreensão clara na voz. Mas tudo o que ouço são os grunhidos roucos e gemidos fortes de Gustavo em meu ouvido. Meus, todos meus, a noite toda. Fecho os olhos, sendo arrebatada pelas lembranças da noite passada e mordo o lábio.

— É sério isso? Você realmente vai ficar com essa cara de quem tá lembrando da foda da noite passada enquanto eu tô falando com você? -Meus olhos se arregalam e minhas sobrancelhas se erguem com o tom usado por Lívia. Abro a boca, mas fecho sem dizer nada. Inclino a cabeça para o lado, estudando-a. É óbvio que minha irmã está irritada, eu só não tenho ideia do porquê. Estreito os olhos para ela e concordo lentamente.

— Okey... Você quer me dizer sobre o que é tudo isso? Porque, com certeza, não é sobre a minha aposta com meu vizinho... -Ela suspira, passa as mãos pelos cabelos, deixa os papéis sobre a mesinha de centro a sua frente e esconde o rosto nas mãos. Dou a volta e sento-me ao seu lado no sofá. Passo meu braço ao redor de sua cintura e ela deita a cabeça em meu ombro.

Ficamos assim, lado a lado, em silêncio, por algum tempo. A situação deixa-me cada vez mais curiosa, mas espero, sei que quando se sentir confortável, Lívia vai falar. Minha irmã sempre foi assim, desde que éramos crianças. Eu a amo como se ela fosse uma parte de mim, mas nós duas não poderíamos ser mais diferentes.

Sorrio, porque o pensamento me traz à memória outras duas irmãs que não poderiam ter personalidades mais diferentes, apesar dos rostos idênticos. Alícia e Alice. Enquanto a primeira é quase um furacão, curiosa, bruta e falante, a segunda é delicada, tímida e paciente.

— Sei lá... Eu só... Não sei, ok? Eu só... -Expira com força, levanta a cabeça do meu ombro e os sentimentos em seus olhos fazem meu cenho se franzir. Levo a mão ao seu rosto, acariciando sua bochecha e ela pisca com força.

— Eu acho que... -Respira profundamente: - Eu conheci um cara... -diz e um sorriso começa a se formar em meu rosto, mas ela balança a cabeça, negando e minhas sobrancelhas se erguem em confusão.

— Casado, Elora... O filho da puta é casado, e deixou pra me contar isso depois que eu já tivesse envolvida... Depois que... -

Inclina a cabeça para trás, vejo que ela está contendo as lágrimas e uma fúria assassina começa a crescer dentro de mim.

— Depois que o quê, Lívia?

— Depois que eu transei com ele. -Diz, de uma vez, e meu queixo vai ao chão. Quer dizer, puta que pariu! Minha irmãzinha, que sonha com flores, um altar, e o príncipe chegando num cavalo branco, transou com um homem casado? Pisco várias vezes, absorvendo a informação.

— Lívia...

— Eu sei, eu sei! Estúpida! Mil vezes, estúpida!

— Não! -Prendo suas bochechas entre as palmas das minhas mãos e a encaro seriamente: ¯Não! Ele é o cretino aqui! Ele é o filho da puta que enganou à esposa e a você. Você não sabia, você não tem culpa! -seus olhos enchem-se de água e, dessa vez, ela não segura. As lágrimas rolam pelo seu rosto e eu a abraço forte.

Acaricio suas costas, tentando confortá-la.

Não leva um minuto para que ela me afaste, negando com a cabeça.

— Vo-você não entende... -gagueja: ¯Eu não sabia... da primeira vez...-Não consigo esconder meu choque por saber que houve uma segunda vez, e que ela aconteceu depois de minha irmã saber que o homem era casado: ¯Mas das outras sim...

— Outras? -A palavra foge de mim sem que eu nem mesmo pense. Lívia estremece e abaixa a cabeça, escondendo-se, envergonhada. Respiro profundamente, me recompondo. Apoio os dedos sob seu queixo e ergo seu rosto.

— Por que você não começa pelo começo, Lili? -Ela chora.

Chora, chora e chora, até que soluços irrompam pela sua garganta e eu tenha que me levantar para buscar um copo de água com açúcar. Quase trinta minutos se passam até que minha irmã se torne capaz de falar outra vez.

— Eu o conheci no trabalho... Um cliente, grande, importante...

Ele estava se divorciando. -Começa e, depois de algumas poucas palavras, pausa, respira fundo e bebe mais alguns goles de sua água.

— Passamos muitas horas juntos, a empresa dele estava passando por uma fusão e eu era a advogada do caso... E o jeito como ele me olha, Elora... -Balança a cabeça, negando: ¯Faz eu me sentir como se mais nada além de mim importasse no mundo.

Eu só... Ele era tudo o que eu queria... o que eu esperava há tanto tempo... Lindo, inteligente... divertido, e fazia eu me sentir especial de um jeito que eu não sabia que queria ser, até ele me dizer que eu era...

Balanço a cabeça, concordando, mas não digo nada. Continuo escutando.

— Ele começou a se insinuar depois de dois meses que estávamos trabalhando juntos. Eu neguei, porque ele era meu cliente, eu jamais faria algo assim. Ele disse que entendia e realmente me deixou em paz... E eu comecei a sentir falta das suas

palavras doces, dos toques despretensiosos e nada acidentais, dos olhares roubados... Eu... Eu percebi que queria aquilo, que queria ele... Só que eu não ia dizer, não depois de dispensá-lo, e porque eu acreditava na minha justificativa, ele era meu cliente.

As palavras de Lívia vão se tornando mais firmes a cada frase dita. Quanto mais ela fala da forma como o tal homem faz com que ela se sinta, mais brilhantes seus olhos se tornam. O que é preocupante e lindo de se ver na mesma medida.

— Mas o caso acabou. A fusão foi concluída e nossa relação profissional encerrada. Na mesma noite, quando eu estava saindo do escritório, ele me esperava, encostado no meu carro, no estacionamento. -Ela olha para cima como se pudesse ver no ar as cenas que narra. Mordo o lábio, precisando fazer alguma coisa enquanto processo a torrente de informações sendo despejadas sobre mim.

— Ele disse que não era mais meu cliente. E eu fiquei muda, querendo ficar e querendo correr, e ele me beijou. Deus, ele me beijou de um jeito que fez meus pés saírem do chão, meu coração acelerar, me fez voar e cair, tudo ao mesmo tempo... e depois disso, as coisas só aconteceram...

— Há quanto tempo isso tá rolando, Lívia? -Minha irmã parece ainda mais envergonhada e desvia os olhos.

— Três meses. -Responde, sem olhar para mim.

— Três meses? Trê... -A constatação me atinge e eu paro de falar no meio da palavra. Pisco algumas vezes antes de voltar focar meu olhar em Lívia, que parece querer olhar para todos os lugares, menos para o meu rosto.

— Foi por isso que você ficou tão sem graça quando eu perguntei há quanto tempo você não transava naquela noite?

Quando saímos pra comemorar a compra do apartamento! -acuso:

¯Eu achei que fosse por eu estar falando de sexo... Lívia...

Passo a língua sobre os lábios e me remexo no sofá.

¯Por que você não me contou? -questiono, magoada, e ela volta a olhar para mim. O que vejo acaba com qualquer chateação que eu pudesse estar sentindo.

— No começo, eu só não queria falar nada sem ter certeza ainda... Você sabe... a gente saiu algumas vezes, e era só isso...

Até que uma noite, as coisas simplesmente aconteceram, não foi nada planejado, foi natural, foi... perfeito... -a última palavra sai baixinha por seus lábios e novas lágrimas molham suas bochechas.

— E depois? -Ela ri, desgostosa.

— Naquela noite, depois de eu ter me entregado completamente, o telefone tocou e, ao invés de desligar, por acidente, deboche, ou misericórdia do destino, Téo atendeu e colocou na viva voz. Era a esposa dele... Foi a melhor e a pior noite da minha vida ao mesmo tempo, foi como me sentir no topo do mundo, só pra ser empurrada lá de cima logo em seguida...

— Mas ele não tava se divorciando? E o que você fez? -

questiono, sentindo-me solidária, mas realmente muito curiosa, a culpa me cutuca, mas Deus, de repente, a vida da minha irmã virou uma novela mexicana

e eu tenho três meses de episódios atrasados para assistir.

— Fugi... Saí do hotel feito uma louca, desvairada... Eu só queria não ter que olhar pra cama em que eu tinha acabado de transar com um homem casado... - Lívia soa triste, eu tenho tantas perguntas, quero entender tantas coisas, mas coloco minha curiosidade de lado e a abraço, deixando que ela me conte apenas o que quiser. Suspiro. Definitivamente, eu não esperava por essa, meus problemas com Gustavo quase parecem pequenos agora.

O silêncio toma conta da sala enquanto minha irmã aceita todo conforto que lhe dou.

— No dia seguinte, ele estava, de novo, encostado no meu carro, dessa vez, de manhã cedo, na hora em que eu saía pra trabalhar. Ele pediu desculpas, me deu mil e uma justificativas, e eu não quis saber de nenhuma delas, vê-lo me deixou louca de tantos

jeitos diferentes, Elora! Eu queria estapeá-lo, e queria beijá-lo. -Luto contra o sorriso que quer se espalhar pelo meu rosto pelo simples fato de eu saber exatamente qual é a sensação.

— Ele não me deixou em paz. Me ligava, mandava mensagens, e-mails, aparecia na porta de casa, no estacionamento do trabalho...

-Diz, e, agora, muita coisa faz sentido. Como, por exemplo, sua irritação com meus telefonemas insistindo para que ela me ajudasse a tomar alguma providência legal contra o assédio de Gustavo.

— Eu ameacei pedir uma medida restritiva contra ele, ameacei ir a um repórter, e ele disse que não se importava de ser exposto, ou processado, se isso significaria que não ia perder a melhor coisa que aconteceu na vida dele nos últimos anos. - Lívia suspira, parecendo exausta.

— Ele simplesmente sabia dizer todas as coisas certas.... E eu cedi, concordei com um café, que acabou numa cama de hotel... E, desde então, tem sido um inferno, porque eu me julgo e recrimino, mas continuo cedendo todas as vezes, todas as malditas vezes...

Eu simplesmente não consigo me manter longe... -Seco uma lágrima que desliza pelo seu rosto e acaricio sua bochecha.

— E o divórcio dele? -Lívia balança a cabeça, descrente.

— É uma grande confusão. Se ele não mente pra mim, a esposa não aceita, porque tem muita coisa em jogo, ações, dinheiro, propriedades... E tudo continua se arrastando eternamente... Mas é com ela que ele mora, Elora... É na cama dela que ele dorme... -A dor em sua voz deixa uma coisa muito clara, e meu coração se aperta por dois motivos. O primeiro, eu daria qualquer coisa para não ver minha irmã sofrer, o segundo, medo de me ver na mesma situação que Lívia aperta meu estômago e faz um bolo travar minha garganta.

— Você se apaixonou... -sussurro e ela balança a cabeça, devagar, confirmando...

— Eu sou tão idiota! -Diz, e cobre o rosto com as mãos outra vez. Pego-as nas minhas, abaixando-as, deixando seus olhos livres



para encontrarem os meus.

— Não, você não é, você é humana, e tá tudo bem... Agora eu só preciso saber de uma coisa... O que você quer ouvir? A verdade, ou o que vai fazer você se sentir melhor?

Lívia me olha com olhos pidões e a resposta escrita em seu rosto.

— Tudo bem! O que vai fazer você se sentir melhor, então... Eu vou buscar o chocolate!

Deitada em minha cama, a parede compartilhada com Gustavo me encara e debocha de mim. Suspiro, exausta, depois da tarde inusitada que passei com Lívia. A minha irmãzinha, romântica incurável, envolvida com um homem

casado. Se eu não tivesse ouvido de sua própria boca, não teria acreditado. Eu nunca a julgaria por isso, porém isso não torna toda a situação menos surpreendente.

Ainda não fui capaz de desenvolver uma opinião, principalmente, porque sei que faltam muitas peças a esse quebra-cabeças, mas depois que Lívia foi embora, quase duas horas atrás, cumpri meu expediente de Stalker por um ano inteiro. Procurei por Teodoro Lima em todas as redes sociais, li todas as colunas e notícias que encontrei a seu respeito, vasculhei o google e fui tão profundo quanto o raso que consigo acessar da deep web[3] me permitiu.

O homem é bonito, não se pode negar, e cafajeste também.

Mesmo sendo casado, nos últimos dois anos, há um número exorbitante de fotos dele com mulheres que não são sua esposa estampando as capas de jornais e revistas. Me pergunto como foi que Lívia não viu isso. Logo ela, sempre tão cuidadosa, tão preocupada, tão metódica...

Parece que esse não é o ano das irmãs Viana, talvez devêssemos visitar papai e mamãe... Colo de mãe é sempre bom, e todas as vezes que visito nossos pais, nunca volto para casa com as mesmas dúvidas que tinha quando cheguei à Miguel Pereira, onde eles moram agora.

Bom, mas uma coisa eu tenho que reconhecer sobre o tal Téo.

Nos últimos seis meses, ele não foi fotografado com qualquer mulher, nem mesmo com a esposa, e, pelos meus cálculos, apesar de o “relacionamento” dele com minha irmã ter apenas três meses, faz cinco desde que ele demonstrou interesse por ela. E, se a ausência de fotos significar uma ausência de casos, talvez eu não precise arrancar as bolas dele, e os dois só precisem de tempo para se ajustar.

Eu não diria isso para ela, porque esse é um desejo, não uma certeza. Se ela tivesse escolhido ouvir a verdade ao invés do que a confortaria, eu ateria aconselhado a se afastar dele, pelo menos por um tempo. Tempo o suficiente para que ela colocasse a cabeça no lugar e ele resolvesse a própria vida, porque não é justo que minha irmã tenha vergonha de si mesma por estar quebrando um compromisso que não é dela. Nenhuma mulher deveria passar por isso... Aliás, ninguém, seja homem ou mulher, deveria.

Tenho quase certeza de que Lívia sabia que era exatamente isso que eu diria, e, por isso, escolheu não ouvir. O celular, ao meu lado na cama, vibra, e eu expiro com força antes de pegá-lo. Reviro os olhos ao ver que, como esperava, é uma mensagem de Gustavo, apenas, logicamente, não da forma como eu esperava.

Apesar de termos trocado telefones, coisa que ele disse ser fundamental para o andamento correto de nossa aposta, já que uma de suas armas de sedução seriam nudes, não foi uma mensagem por aplicativo que ele me enviou, mas sim um e-mail. Um que veio do endereço *anônimo que te ouve gemer.*

anonimoqueteouvegemer@linket.com -29/05/2021 - 21:12h

“Na minha casa ou na sua?”

Estalo a língua com a cara de pau do infeliz.

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 29/05/2021 –

21:12h

“Em nenhuma das duas! Estou exausta!”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -29/05/2021 - 21:12h

“Porra, Elora! Primeiro, você foge na primeira noite, e, agora, ainda não temos nem um dia de namoro e você já tá usando a desculpa da dor de cabeça?”

Gargalho.

anonimoqueteouvegemer@linket.com -29/05/2021 - 21:13h

“Eu posso ouvir você rindo...”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 29/05/2021 –

21:14h

“Bom que seus ouvidos estejam funcionando bem, já que os olhos não, ou seria um problema de interpretação de texto? É

verdade... Você é de exatas, né, lindo? Tia Elora explica pra você: Eu disse que

estou cansada, não que estou com dor de cabeça!

Quando eu não quiser transar com você simplesmente porque não quero, não espere desculpas, eu vou dizer que não quero! A garagem é minha e estaciona quem e quando eu quiser. E, Gustavo, eu não fugi de nada, e nós NÃO ESTAMOS NAMORANDO!”

Agora, sou eu quem ouve sua gargalhada do outro lado da parede. Espero pelo próximo e-mail, mas ele não chega. Minutos depois, ouço batidas em minha porta e sei que o cretino teve o cuidado de não bater a própria apenas para me surpreender.

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 29/05/2021 –

21:18h

“Não vou te receber, Gustavo! Eu disse que estou cansada!”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -29/05/2021 - 21:18h

“Você disse que estava cansada pra transar, não pra me ver...”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 29/05/2021 –

21:19h

“Gustavo, isso é autoexplicativo... Ver você me cansa... Não preciso falar isso toda hora...”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -29/05/2021 - 21:19h

“Mentirosa! Me ver te excita!”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 29/05/2021 –

21:19h

“Gustavo, agora, falar com você tá me cansando... Boa noite!”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -29/05/2021 - 21:19h

“Eu trouxe comida...”

Merda. Isso é golpe baixo! Minha boca enche d’água só de pensar na comida gostosa que ele serviu duas noites atrás. Gemo, frustrada, dividida entre deixá-lo sozinho, em silêncio, plantado em minha porta, até que desista e volte para o próprio apartamento, ou perguntar o que ele trouxe. Meu estômago mimado vence.

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 29/05/2021 –

21:23h

“O que você trouxe?”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -29/05/2021 - 21:23h

“Você vai ter que me deixar entrar pra descobrir...”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 29/05/2021 –

21:23h

“Tentando comprar sexo com comida, Gustavo?”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -29/05/2021 - 21:24h

“Agora é você quem tá com problemas pra interpretar texto, mas não tem problema! Tio Gustavo explica, eu disse entrar, não estacionar.” Rio, é impossível me impedir.

“Você é tão irritante...”

anonimoqueteouvegemer@linket.com -29/05/2021 - 21:24h

“A recíproca é verdadeira, linda! Agora abre a porta e me deixa comer você?”

“Ops! Foi o corretor! Eu quis dizer comer você!”

“Meu Deus, ele está terrível hoje! Comer com você, linda! Eu quis dizer, comer com você!”

juntossomosmaisfortesedfuno@linket.com – 29/05/2021 –

21:25h

“É bom que essa comida esteja gostosa!”

Levanto da cama, antes de sair do quarto, o espelho chama minha atenção. Olho o top curto, o short soltinho, os cabelos bagunçados de quem os estava roçando em lençóis. Troco de roupas? *Nhé... Não!* Definitivamente, não vou me arrumar para ele!

Deixo o espelho para trás e me encaminho para a porta da sala.

Giro a maçaneta e contra a minha vontade, a visão ainda me atinge

como

uma

onda

gigante,

me

desequilibrando

momentaneamente,

e

molhando

minha

calcinha,

permanentemente. Deus, quando é que isso vai parar? Como sempre, Gustavo tem um sorriso cafajeste no rosto e eu reviro os olhos antes de dar espaço para que ele passe. Atrás dele, dou uma boa conferida em sua bunda envolta em um tecido caro, é uma bela bunda.

Aproveito que ele não está me vendo para conferi-lo inteiro.

Calças jeans escuras, uma camisa listrada, com as mangas dobradas até a altura dos cotovelos, e mocassins marrons vestem o corpo alto, largo, grande. Um pequeno arrepio atravessa minha coluna ao pensar nesses adjetivos. Admiro o conjunto que exala poder, inspiro profundamente e sou atingida com força por uma mistura do cheiro do que quer que ele tenha em mãos e do seu perfume.

— O cheiro é bom... – comento, e Gustavo me olha sobre o ombro me dando uma piscadela, como se pudesse ler minha mente

e soubesse que eu falava não só da comida. Ele caminha até minha cozinha, entra e começa a abrir os armários e as gavetas, procurando pelos utensílios que quer como se estivesse em casa.

Cruzo os braços na frente do corpo, observando, sem fala, e meu coração salta no peito com a visão. É uma visão tentadora. O

homem é lindo e, se fosse domesticável, minha santa das mulheres adestradoras de homem, a senhora sabe do que estou falando.

Acorda, Elora! Nem você sabe do que está falando.

Meu grilo interior grita, e eu sou obrigada a concordar. Deus, Gustavo me deixa tonta! Em todos os sentidos possíveis. Balanço a cabeça, expulsando os pensamentos doidos e aleatórios e decido que é a hora de dizer algo sobre a folga do infeliz.

— Você sempre invade a cozinha alheia e age como se fosse sua, Gustavo?

— Não, linda... Só as das minhas namoradas, e, como você é a primeira, esse é um privilégio só seu!

— O quê? Você nunca teve uma namorada aos trinta e três anos? -pergunto, chocada, aproximando-me da bancada da cozinha e sentando-me em uma banqueta enquanto ele trabalha.

— Não... Nunca... -diz, termina de pôr os lugares e abre minha geladeira. Não sei porque isso ainda me surpreende, mas o faz, e eu balanço a cabeça, incrédula.

— Tudo bem, Gustavo... Qual é a história? Passado sombrio?

Seu pai era um canalha? Sua mãe traiu seu pai? O que rolou?

Ele gargalha com uma garrafa de vinho pela metade nas mãos e passa os olhos pelo rótulo. Ergue uma sobrancelha, julgando meu vinho barato, mas depois dá de ombros, conformando-se.

— Me lembra de da próxima vez, trazer a bebida... -pede e eu franzo o cenho em um questionamento debochado.

— Não gosta do meu vinho, Gustavo?

— Vinho? Isso aqui não é vinho, Elora... Isso aqui é uva fermentada...

É a minha vez de gargalhar.

— E não é essa a definição de vinho?

— Com certeza não! Vinho é uma bebida incrível para paladares apurados. Vinho é o que bebemos ontem e o que vamos beber amanhã.

— Deus, é claro que você é esnobe também... É o pacote completo de cretino... E nós não vamos beber nada amanhã...-Seus olhos encontram os meus, desafiadores: ¯O quê? Você acha que agora minha vida vai girar ao seu redor? Eu tenho mais o que fazer, lindo!

Ele estala a língua e balança a cabeça lentamente de um lado para o outro.

— Antes de qualquer coisa, não, eu não sou esnobe, eu ou um apreciador de coisas gostosas, é diferente... -diz, olhando-me de cima abaixo deixando muito claro que não é sobre vinho que está falando: ¯E você tem certeza de que realmente aceitou essa aposta pra tentar manter seu apartamento, Elora? Porque eu tô começando achar que você só quer se aproveitar do meu corpinho sexy... Dois meses não é muito tempo, se eu fosse você, não desperdiçaria um minuto sequer, nem do meu corpo, nem de oportunidades pra tentar fazer eu me apaixonar por você...-Usa um tom de falsa repreensão e balança a cabeça, como se estivesse desapontado.

Apoio meus cotovelos sobre a bancada.

— Você pareceu apreciar muito o meu esforço na noite passada... -seus olhos se estreitam para mim e inclino minha cabeça para o lado, apoiando-a sobre as costas de minhas mãos: ¯

A noite toda... Eu não me esforcei o suficiente, lindo? -começo em um tom sussurrado e termino em um falsamente inocente, para, logo em seguida, morder meu lábio inferior, porque sei que ele adora isso.

Por último, passo a língua sobre os lábios bem devagar, deixando-os bem molhados. Gustavo fecha os olhos e aperta os dentes por um segundo. Olho para suas calças, uma ereção potente já dá sinais de sua presença, e eu gargalho.

Um sorriso de canto surge nos lábios dele e sua cabeça balança para cima e para baixo. Ele se aproxima de mim, trazendo consigo o vinho do qual desdenhou e senta-se ao meu lado, com o corpo virado na minha direção.

— Você fode gostoso que é uma porra, Elora... Um tesão, uma verdadeira encantadora de serpentes! -Diz com a boca bem perto da minha e a secura se espalha por ela instantaneamente. Merda, merda, merda! A facilidade com que esse maldito rouba o controle das minhas mãos é tão irritante.

— Mas se planeja que eu me apaixone por você, vai ter que fazer muito mais do que me enlouquecer com a sua sentada deliciosa, ou gritar meu nome enquanto eu como essa bocetinha gostosa...-Vira-se e começa a servir o próprio prato como se não tivesse acabado de me dizer barbaridades, e eu? Eu permaneço estática.

— A comida vai esfriar... -debocha, depois de levar a terceira garfada a boca enquanto continuo parada no mesmo lugar. Nego com um aceno e começo a me servir também.

— Você precisa parar de falar essas coisas!

— Por quê? -pergunta e eu abro a boca, pronta para responder, mas me recuso a lhe dar essa vitória.

— Porque te deixa excitada? Esse é todo o motivo que eu preciso para te dizer coisas como essas com uma frequência ainda maior!

Bufo. Levo a primeira garfada do risoto que ele trouxe a boca e é impossível não

gemer com o gosto que explode em minha língua.

Puta que pariu! O maldito tinha que cozinhar tão bem assim? Ouço sua risadinha baixa, mas ignoro.

— Você não se veste como um CEO... -mudo drasticamente de assunto e a expressão divertida em seu rosto me diz que não vou gostar da resposta.

— É como é que um CEO se veste? -questiona.

— Não sei... Com ternos escuros e gravatas sóbrias? -digo e aproveito para deslizar meus olhos mais uma vez pelo corpo grande e bem vestido, apesar da maneira nada convencional.

— Meu irmão pensa como você...

— Rodrigo, né? O pai das meninas?

— Isso... Ele adora dizer que eu tenho que aprender a me vestir como um homem de negócios, e eu sempre digo pra ele que é mais do que suficiente que eu saiba ganhar dinheiro como um homem de negócios... Eu não preciso usar roupas insossas pra isso...

— Roupas insossas? -ironizo: ¬Não me diga que você é um metrossexual?

— E se eu fosse? -Ele tem uma sobrancelha arqueada em desafio e eu nego, lentamente.

— Nada... Eu só não consigo te imaginar fazendo manicure e pedicure... -Meus olhos se desviam para os seus dedos grandes, para as suas unhas, mais especificamente, e ele ri alto.

— Não, eu não sou metrossexual... Eu só gosto de roupas...

Acho que elas dizem muito a meu respeito...

É a minha vez de rir, porque, definitivamente, as roupas de Gustavo dizem algo a seu respeito: que ele é rico e gostoso.

— O que é tão engraçado? -questiona e eu dispenso a resposta com um aceno.

Um silêncio estranhamente confortável se instala entre nós até ser quebrado pela vibração do meu celular sobre a mesa. Estico o olhar para ver a notificação e descubro uma mensagem de Lívia se desculpando por não ter dado a menor atenção ao acordo que fiz

com Gustavo, e pedindo para que eu envie uma foto para que ela possa analisar com calma.

Deixo para responder mais tarde, mas minha expressão deve ter entregado a preocupação que senti assim que vi o nome de Lívia na tela, porque Gustavo pergunta.

— Algo errado?

— Não... É só minha irmã...

— E o que há de errado com ela?

— E por que você acha que há alguma coisa de errado com ela?

Ele sorri.

— Digamos que sou muito bom em ler pessoas...

— E você leu no meu rosto que há algo de errado com a minha irmã? -Ergo minhas sobrancelhas, deixando clara a minha descrença.

— Eu li no seu rosto que a mensagem dela te deixou preocupada... -Estalo a língua, dispensando-o.

— Não é nada demais... -desconverso e ele vira o corpo de lado na banqueta, ficando de frente para mim.

— Vamos lá, namorada... Deixa eu ser útil pra você de outras formas além de alimentar suas fomes...

— Eu não sou sua namorada! -digo entredentes e seu sorriso fica ainda maior.

— Continue dizendo isso pra você mesma... -pisca, como se compartilhássemos um segredo e, de repente, estou irritada com ele. Céus, por que esse homem é

assim?

— Eu acho bom você se lembrar que essa casa ainda é minha e que eu posso expulsar você dela...

— Agora que você já se aproveitou dos meus dotes quer me expulsar, né?

— Exatamente! -sorrio, vitoriosa.

— Bem, é você quem perde... Vai ficar sem a sobremesa.

Reviro os olhos.

— Eu já falei que não vou transar com você hoje!

— Continua dizendo isso pra si mesma, linda! Mas eu não tava falando de sexo...

Coloco um dedo na boca, pensativa. Merda. Ele trouxe a sobremesa também? Eu poderia expulsá-lo e manter suas travessas cativas, seria justo... Ai, minha santa das mulheres glutonas, ajudai-me! Não bastasse meu corpo me trair pelo desejo que sente por esse homem, agora, vai me trair também pelo estômago?

— Qual é a sobremesa? -pergunto, curiosa e ele balança a cabeça em negação e estala a língua.

— Ah, não, amor! Agora você vai ter que me dar algo em troca...

— Gustavo, eu não sou seu amor! -resmungo e ele sorri imenso, parecendo ter sua felicidade alimentada pela minha irritação: ¯E eu já tô te dando algo em troca, não chutei sua bunda porta a fora! Sinta-se lisonjeado!

Volta a negar e estalar a língua.

— Não, amor... -Fecho os olhos e inspiro profundamente, pedindo a todas as minhas santas paciência para lidar com esse maldito: ¯Você não tá me deixando ficar por mim, mas porque é interesseira e quer a sobremesa... Se você quiser comer a cheesecake...

Meus olhos se abrem e minha boca, que ainda tem o gosto do risoto, se enche de

água. Puta merda, Cheesecake é a minha sobremesa preferida e a expressão cínica no rosto de Gustavo me diz que ele sabe disso e, por isso, fez a pausa dramática depois de dizer qual era o doce.

¯Se... você quiser comer a cheesecake que eu fiz com todo carinho, porque sou um ótimo namorado, vai ter que reconhecer justamente isso...

— Nem fodendo, Gustavo! Eu não posso reconhecer que você é um namorado incrível, porque nem meu namorado você é! – O

maldito assume uma expressão de quem ganhou na loteria e eu me amaldiçoo por me tornar tão estúpida quando estou com ele. Deus, meus neurônios parecem simplesmente parar de funcionar! Como é que eu não vi isso vindo?

— Então é isso o que eu quero! Que você diga que eu sou seu namorado! -reviro os olhos.

— Você sabe que eu dizer as palavras não vai torná-las verdadeiras, certo? -aponto o óbvio e ele inclina a cabeça, parecendo ponderar.

— Você tem razão! -concorda e eu reviro os olhos, outra vez.

— Dãããã... É claro que eu tenho razão! -Levo minha taça de vinho à boca e estou no meio de um gole quando Gustavo me responde, quase fazendo-me cuspir o maldito vinho.

— É por isso que você vai assumir um relacionamento sério comigo no facebook!

— Quê? -engasgo, por ter forçado o vinho para baixo, me impedindo de cuspi-lo, mas engolindo errado e tendo um acesso de tosse.

— É isso! É perfeito! Você tá coberta de razão, você dizer isso não torna real, mas as outras pessoas saberem? Isso, definitivamente, torna tudo muito real!

Tusso e meus olhos ardem. Tenho certeza de que estão vermelhos. Deus, por que eu não podia ter um outro vizinho velho?

Quer dizer, seu Marcelo é um vizinho incrível, por que o vizinho do outro lado não podia ser um seu Jonas, um seu Ezequiel, ou um seu Romildo, por exemplo?

Por que precisava ser esse maldito travestido de homem gostoso? Que rebola esses quadris de um jeito enlouquecedor, e fode minha cabeça tão bem quanto faz com meu corpo? Eu não merecia, Deus! Eu não merecia! Isso é castigo pelo quê? Pelo tempo que não vou à igreja? Qual é? Eu posso não me confessar há anos, mas todas as minhas santas conhecem os meus pecados e elas me perdoaram, Deus! Elas me perdoaram!

Ninguém avisou para o senhor? Esse homem é penitência demais! Isso é castigo para criminoso grande e grave, não para uma pobre mulher que não se confessa. Até porque, convenhamos, ele só piora minha situação, porque em menos de uma hora, já me fez cometer cinco dos sete pecados capitais.

Inveja de todo e qualquer ser humano que não é obrigado a aturar Gustavo. Ira com a prepotência, arrogância, e com o nível extraordinário de inconveniência que esse homem é capaz de alcançar. Gula pela comida irritantemente gostosa e pela cheesecake que eu continuo me perguntando de que tamanho é, e se existe alguma maneira de eu não precisar dividi-la com Gustavo.

Preguiça de aturá-lo e luxúria pelo corpo maravilhoso dele. só me faltaram a avareza e a soberba. Ou seja, esse castigo por não ter me confessado, Deus, só está me dando mais pecados para confessar.

— E então? Pronta para reconhecer? Ou ainda quer passar mais um tempo em marte? -Gustavo me arranca dos pensamentos em que eu chutava sua cara como uma bola de futebol.

— Ninguém nem olha mais o facebook, homem! Por que você faz tanta questão disso? Que inferno! -E lá se vai, ira outra vez: ¯

Você é o pior castigo que existe! Eu juro que é!

— De novo, você tem razão! Porra, Elora! Isso é tão sexy! Uma mulher que tá sempre certa...

Fecho os olhos brevemente, respiro, olho para cima, brigando com Deus de novo, e então, respondo, buscando paciência no mais

íntimo do meu ser.

— Todas as mulheres estão sempre certas, porque vocês, homens, estão,

constantemente, errados.

— Tudo bem! Eu posso viver com isso! -pisca para mim, dizendo-me que está aprontando alguma coisa. Ele não se daria por vencido tão facilmente.

— O que você tá tramando, Gustavo?

— Que bom que você perguntou! Além de postar no facebook que tá num relacionamento sério comigo, você vai postar uma foto nossa no instagram! E nada de legenda de Emoji! Eu quero palavras! Palavras sinceras e bonitas! -Exige e não sei como meu queixo não vai ao chão com a cara de pau do infeliz. Olho para ele, meus olhos piscam, tentando, de alguma forma, conferir se tudo isso é realidade.

Lambo os lábios e inclino a cabeça.

— Quão boa é a câmera do seu telefone? Porque nós podemos tirar no meu se você quiser... -comenta, já enfiando a mão no bolso e tirando de lá o aparelho. Isso me desperta e eu finalmente falo.

— Gustavo! Isso não vai acontecer! Eu não vou assumir um namoro com você!

— E por que não? -estreita os olhos para mim.

— Deus, seu lunático! E por que sim? Por que, na maldita face da terra, eu faria algo assim?

— Porque se você não fizer, não come a sobremesa...

— Você não pode achar que vai me comprar tão facilmente, Gustavo! Eu não sou a porra de um animal faminto, uma sobremesa não vai me convencer a fazer uma loucura dessas!

— Nem se eu disser que eu menti?

— Mas é claro que você mentiu, Gustavo... E sobre o que?

— Eu não fiz a Cheesecake... -Demora-se nas palavras, como se elas tivessem um gosto tão delicioso quanto a porcaria da torta deve ter e, enfim, diz aquelas que me jogam na lona: ¯Ela é da Dulce Delicatessem...

— Ah, não, porra! -choramingo. A Cheesecake da Dulce Delicatessem é, simplesmente, a melhor cheesecake de todo o universo, e o fato de Gustavo saber que isso pode me convencer, me diz exatamente de onde ele tirou a informação de que essa era minha sobremesa preferida. Do mesmíssimo lugar que ele tenta me convencer a profanar com sua presença, as minhas redes sociais.

Gustavo me stalkeou. Odeio admitir, mas Lívia estava certa e eu devia deixar meus perfis fechados apenas para que amigos possam ver o que posto, isso teria evitado uma situação como essa. Inspiro, fechando os olhos, abro-os, olhando para o rosto diabolicamente bonito a minha frente, tão enganoso quanto um rosto pode ser.

Mordo o lábio. Inacreditavelmente, cogitando fazer o que ele quer. Eu amo tanto essa torta, e faz tempo demais que eu não a como, e o que é que fazer a vontade desse cretino mudaria em minha vida? Nada... Exceto que meus contatinhos achariam que eu estou comprometida... Mas, em contrapartida, se eu decidir que isso não é exclusivo em algum momento dos próximos dois meses, vou adorar ver Gustavo pagar por essa situação ao ser apontado como corno.

A perspectiva faz um sorriso imenso brotar em meu rosto e Gustavo meu olha desconfiado.

— Tudo bem! Aceito! -digo, e sua desconfiança cresce ainda mais.

— Tudo bem? Simples assim?

— Achou fácil demais, Gustavo? É porque você ainda não viu quantas fotos vamos ter que tirar até que eu considere que uma está boa o suficiente pra postar...

— Por que eu tenho a impressão de que você não tá fazendo isso só pela cheesecake?

— Porque, talvez... você não seja tão burro quanto finge ser...

Ele abre a boca, mas lambe os lábios e engole as palavras que estava prestes a dizer, fechando-a.

Pego meu próprio celular sobre a bancada e, em minutos, tenho um novo status

de relacionamento. Assim que posto, Gustavo aprova em seu próprio perfil e, pronto! Simples assim, notificação atrás de notificação começa a aparecer na barra superior da tela do meu telefone e o celular de Gustavo passa apitar como uma Maria fumaça.

E, em uma olhadela, vejo que há mensagens de pelo menos cinco mulheres diferentes. Posso apostar minha preciosa cheesecake que todas elas têm alguma relação com sua atualização de status.

— Pronto para a foto? -questiono com um sorriso no rosto que é maior a cada segundo que Gustavo parece perdido e desconcertado com a minha mudança de atitude com o reconhecimento do nosso relacionamento falso. Talvez essa seja uma boa estratégia para lidar com ele, afinal, virar a mesa...

Ele acena com a cabeça e eu me levanto, colando meu corpo ao seu e esticando o braço, enquadrando-nos na tela. Por ela, vejo seus olhos estreitos para mim e não seguro o riso de satisfação que foge da minha garganta. Mas eu deveria saber que não seria fácil assim, com ele, nunca é, parece que nenhum de nós nunca consegue ganhar do outro.

Às vezes, tenho a impressão de que somos iguais demais para que haja um vencedor em qualquer dos nossos embates. Quando toco a tela do aparelho, disparando a foto, a mão de Gustavo agarra minha nuca, virando meu rosto em sua direção e sua boca desce sobre a minha como se meus lábios fossem a verdadeira refeição da noite. O flash dispara e eu tenho certeza de que vou odiar essa

foto, mas algo em mim vibra quando penso em quantas outras mensagens Gustavo vai receber depois que eu a postar.

E aí está, mais um pecado. Avareza. Resta apenas um, e, algo me diz que, muito em breve, esse homem me tornará uma pecadora completa.



Os papéis sobre a mesa parecem um pequeno exército de problemas. Giro o pulso, oito e meia da manhã, se isso não for indício de que esse será um dia de merda, eu não sei o que é.

Passo os olhos outra vez sobre a manchete que estampa a capa de cinco jornais diferentes. Nossa maior fornecedora de materiais elétricos foi indiciada por envolvimento em um esquema de lavagem de dinheiro governamental.

Balanço a cabeça, negando. Esfrego as mãos no rosto, mas quando libero os olhos, as manchetes continuam as mesmas, e os papéis e jornais diante de mim, no mesmo lugar. Expiro, articulando em minha mente as medidas necessárias para que toda essa merda não respingue na GAF. Definitivamente, esse não era o tipo de coisa com o qual eu esperava lidar, não quando tenho bolas azuis depois de Elora ter realmente se recusado a transar comigo.

A maldita comeu a cheesecake quase inteira, só me deixou tirar uma fatia mínima, e, depois, me colocou para fora de seu apartamento, alegando que a torta estava paga, e ainda teve a cara de pau de arrematar a frase com um “namorado”. Eu não pude acreditar na audácia daquela mulher.

Ela, simplesmente, me dispensou... Disse que estava cansada...

Quem se cansa de um sexo como aquele que fizemos? Porra, eu seria incapaz de me negar a transar com ela mesmo depois de correr oitenta quilômetros. E eu duvido, sinceramente, que ela realmente estivesse imune ao desejo que parece nos cercar desde muito antes de dividirmos os mesmos cômodos.

Se ele era imenso quando nos ouvíamos através de uma parede, agora, ele é

sufocante, então é impossível que ela não tenha sofrido ao me mandar embora, mas a maldita da mulher é tão obstinada quanto gostosa, e quando coloca alguma coisa na cabeça, porra...

Não há santo que tire.

Pego o copo de café sobre a mesa e o levo até a boca. Meu vício amargo se espalha pela minha língua, relaxando meu corpo, mas

não fazendo nada pela minha mente, que continua cheia dos problemas da GAF e sendo assaltada a cada dois segundos por lembranças do corpo nu de Elora. Não sei se algum dia vou ser capaz de superar a imagem dele nu, deitado sobre a bancada da cozinha, com os cabelos espalhados e as pernas grossas arreganhadas para os meus olhos, expondo a boceta úmida, avermelhada...

— Porra, Elora!! -resmungo para ninguém além de mim enquanto sou obrigado a ajeitar as calças, que, subitamente, tornaram-se desconfortáveis e apertadas. Bolas azuis, caralho!

¯Você tá namorando? A vizinha? -Rodrigo já abre a porta perguntando, giro em minha cadeira, escondendo dele meu rosto atormentado, e aproveitando para ver a hora exata no relógio sobre a bancada atrás de mim.

— Oito horas. Demorou mais do que imaginei. Achei que você me ligaria imediatamente... parabéns, irmão! Você está melhorando muito quando o assunto é autocontrole...-Ironizo e ele assume uma expressão grave. Grave demais para o assunto discutido.

— Gustavo...

— Não me venha com Gustavo... Eu sei o que estou fazendo, porra! Eu não sou um moleque, Rodrigo! -Reclamo, muito mais irritado com a dor entre minhas pernas do que com o excesso de cuidado de Rodrigo. Ele só apareceu na hora errada com o assunto certo para que eu descarregue minha frustração.

— Sabe mesmo? Porque, primeiro, Alicia e Alice chegam em casa falando do quão incrível foi passar o dia com o tio Gustavo e a namorada dele que tem nome de princesa... -É imediato, ouvir essas palavras alivia a carga pesada com a qual o dia já começou, e é impossível impedir que um sorriso surja no canto dos meus lábios com essas lembranças daquele dia.

Foi realmente um dia muito bom, inteiramente bom... Tirando o começo de agonia que aquela mulher me deu, deixando-me esperar

até o último segundo, e fazendo-me acreditar que não aceitaria a aposta, é claro.

¯E ontem, eu estava muito bem, trabalhando, quando Camilla invadiu meu escritório em casa para me mostrar sua atualização de status de relacionamento. Ela estava aos gritos, Gustavo! Aos gritos! Nem meia hora depois nossa mãe me ligou querendo saber se eu já conhecia a sua namorada e quando ela iria conhecê-la, ela estava tão feliz, que eu não tive coragem de contar pra ela que isso, provavelmente, era algum tipo de piada sua... Mandei que ela te ligasse, esse é um problema seu!

Concordo, movimentando a cabeça para baixo e para cima.

— Gustavo... -Bufo, porque não importa, ele vai me repreender, mesmo depois de eu ter dito que não deveria fazê-lo.

— Fala, Rodrigo...

— O que você está fazendo? -senta-se na cadeira diante de mim, abrindo o paletó e cruzando uma perna sobre a outra, apoiando o tornozelo no joelho.

— Mantendo o empreendimento seguro... Pelos próximos dois meses Elora vai estar distraída demais com a nossa aposta pra se preocupar com qualquer coisa. Eu sou uma excelente distração, sabia? -Pisco para ele e meu irmão deixa que a cabeça pensa de lado enquanto me dirige um olhar incrédulo: ¯O que acaba de se tornar ainda mais necessário... Viu isso? -questiono, empurrando os jornais sobre a mesa em sua direção.

— Você sabe que está falando de uma pessoa, certo? Uma com sentimentos? -me devolve as perguntas enquanto passa os olhos pelas manchetes: ¯Sim, eu vi... Uma porra!

Um som de desdém atravessa minha garganta sem que eu faça nada para detê-lo.

— Elora não é nenhuma criança, Rodrigo. Ela sabia exatamente onde estava se metendo quando aceitou a aposta. E, antes que você chore mais, eu avisei a ela que não sei jogar pra perder, e que

se estava propondo algo assim, é porque acreditava na minha própria vitória! Alguma ideia pro plano de contenção? -Pergunto por último sobre aquele que é o problema mais sério, e franzo o cenho ao me dar conta disso, mas não me apego ao pensamento.

— Nós podemos, por favor, falar de um problema por vez? -

Pede, e eu concordo com um aceno.

— Tudo bem, alguma ideia? -Reforço a pergunta, mas Rodrigo não me dá chances.

— Nem fodendo! Primeiro, nós vamos falar sobre a sua vizinha!

Reviro os olhos e, imediatamente, me repreendo. Porra! Isso é sério? Agora eu vou pegar as manias de Elora? E isso em o quê?!

Três dias? Onde eu vou estar daqui a um mês? *Viciado em cheesecake, provavelmente...* Meu subconsciente piadista sopra as palavras e eu não evito o sorriso que vem junto com elas.

Rodrigo me observa por alguns minutos em silêncio, depois, balança a cabeça, negando.

— E se ela ganhar?

— O quê? -Mal posso acreditar que ele realmente tenha sugerido algo assim...

— E se ela ganhar? -Repete, um pouco mais alto, como se tivesse sido o volume de sua voz o que causou minha incompreensão.

— Rodrigo...

— Não me venha com Rodrigo! -Usa minhas palavras contra mim: ¯Quanto tempo faz que você conhece essa garota, Gustavo?

Duas semanas? Três? Você diz que tem tudo sob controle, mas da maneira que eu vejo as coisas, nesse curto espaço de tempo, ela já conseguiu de você o que eu vi você negar a mulheres que passaram muito mais tempo na sua cama do que ela na sua vida. E

sabe o que mais? Ela nem precisou te pedir! Você a apresentou pra Alice e Alícia, passou um dia brincando de família feliz, e, agora,

assumiu a porra de um namoro, Gustavo! Você assumiu a porra de um namoro!

Diz, sério. Meu cenho se franze diante de suas palavras. Ele não está errado, mas as coisas não são como meu irmão está fazendo com que pareçam. Quer dizer, eu tenho o controle sobre tudo o que já aconteceu.

Elora estava no meu apartamento quando as meninas chegaram, porque eu dei um ultimato a ela.

Passou o dia conosco, porque eu insisti.

Assumiu um namoro comigo, porque eu achei que seria divertido e também me seria útil... Ou será que me tornei vítima da minha própria armadilha e Elora está me manipulando enquanto dá a mim a sensação de controle?

Repenso tudo o que já aconteceu desde que a louca bateu em minha porta pela primeira vez... Linda, a porra de uma visão! Assim que pus meus olhos nela, eu soube que tê-la seria uma delícia, mas eu realmente não tinha ideia do quanto, não até que ela estivesse em minha cama.

Elora dá e toma na mesma medida, e puta merda! Eu adoro isso!

Adoro a forma como ela exige toda a minha atenção, e como me entrega toda a sua sem reservas. Nua, nos meus braços, ela parece se esquecer do quanto eu a irrito, do quanto ela detesta minha companhia e, eu diria, até mesmo da aposta. Ela não é minha pela metade, por aquelas horas, ela é inteira minha como ninguém jamais havia ousado ser, e mais do que isso, ela não aceita que eu seja menos do que inteiramente seu, e isso é foda demais.

Não, definitivamente, ela não está me manipulando, mas se eu tiver que ser honesto, a sugestão de Rodrigo tem seu mérito. A resistência de Elora tem tornado minha vontade de dominá-la cada vez maior, e, como consequência disso, eu tenho aberto um espaço cada vez maior para ela em minha vida. Um espaço que nunca havia sido ocupado por quem quer que fosse, e isso é perigoso.

Sorrio... porque, definitivamente, a maldita é o meu tipo de mulher, um que eu ainda não tinha encontrado por aí, e por isso, agradecia aos céus todos os dias.

Porque eu sempre tive certeza de que não resistiria ao desafio, e se esse tal tipo existisse fora da minha imaginação e realmente viesse a cruzar meu caminho, se eu não tivesse cuidado, poderia acabar na palma da mão da infeliz.

Felizmente, Elora não tem a menor intenção de ter-me em suas palmas, não para além da aposta... Eu só preciso mantê-la distraída por tempo o suficiente...

Com os pensamentos devidamente organizados, volto a prestar atenção em Rodrigo e ele tem os olhos estreitados e uma expressão de dúvida no rosto.

— Você não vai rebater? -questiona, desconfiado, e eu sorrio.

— Não, você tá certo... -declaro e sua expressão passa de duvidosa para algo quase assustado, fazendo-me gargalhar.

— Mas que porra... -resmunga, passando as mãos pelos cabelos e franzindo o cenho: ¯Desde quanto você assume tão fácil quando tá errado, Gustavo?

— Desde que eu tô errado, ué... Só que esse, meu irmão, é um evento raro...

— Então você vai parar com isso? E pode me dizer o que vai fazer? Porque a porra da aposta já foi feita...

— Nada, Rodrigo... Eu não vou fazer nada... Como você mesmo disse, a posta tá feita, e eu não sou homem de voltar atrás com a minha palavra.

Rodrigo joga a cabeça para trás, apoiando-a no encosto de sua cadeira e fechando os olhos.

— Então você reconhece que tá fazendo merda, mas vai continuar fazendo merda, é isso?

— Eu nunca reconheci isso... Eu disse que você estava certo, foi você quem deduziu que eu estava arrependido do que fazia...

— Então você sabe que está errado, mas não se arrepende? -

Seu tom é tão incrédulo quanto seu rosto é julgador.

— Rodrigo, você tá convivendo demais com crianças de oito anos. Quem foi que

te disse que eu acho que tô errado, porra? Você estar certo não significa, necessariamente, que eu esteja errado.

Sim, você tá certo, dei a Elora experiências e um título, por assim dizer, que eu não tinha dado a nenhuma outra mulher antes, é verdade, mas isso não significa nada! Na verdade, se eu dei, é porque ela não quer! -Explico, o que seria óbvio para qualquer um que a conhecesse, mas que, para um expectador de fora da relação completamente fora dos padrões que estamos construindo, pode parecer realmente difícil de ver.

— Elora não dava a mínima pra conhecer as meninas, Rodrigo, e quando conheceu, ficou apavorada, olhando-as como se tivesse medo de quebrar um vaso de cristal muito caro. Elora não se importa em ser chamada de minha namorada, eu tive que suborná-

la com comida, e, ainda assim, tenho quase certeza de que aquela cabecinha só aceitou, porque encontrou uma forma de eu me ferrar com isso, ela simplesmente não liga, então eu não me importo em ceder, porque não significa nada. -A cada palavra dita, a diversão em minha voz aumenta.

— Conhecer Alícia e a Alice não fez com que Elora começasse a escrever nossos nomes envoltos por um coração em seu diário.

Passar o dia com elas não fez com que Elora começasse a planejar nosso casamento e pensar qual seria o melhor lugar pra recepção.

Ser, oficialmente, minha namorada, vale muito menos pra ela do que a porra de uma fatia de cheesecake da Dulce Delicatessem... Ela simplesmente não se importa, por isso, eu não me importo também...

— E você devia parecer tão orgulhoso ou satisfeito com isso quanto soou?

Sorrio.

— Vai se foder!

— Cuidado, Gustavo... Ou eu vou começar a achar que ela é a mulher por que eu tô esperando há anos...

— Achei que Camilla fosse essa mulher. -Debocho.

— Pode debochar à vontade... Mas esse tom, esse olhar, e essa disposição em se arriscar? Ah, meu irmão... Eu já vi tudo isso antes... No espelho... Tudo bem... Vamos falar sobre o plano de contenção...

— Simples assim? Você vai deixar pra lá? -questiono e sorriso que toma seu rosto é indício o suficiente de que vem merda por aí.

— Vou... -afirma e puxa os jornais pra si: ¯Acho que a primeira coisa que devemos fazer é soltar uma nota de repúdio, a segunda, contratar um gerenciador de crises que possa acompanhar isso de perto.

Levo alguns segundos observando-o, tentando descobrir suas intenções, mas sua expressão divertida não me diz nada além do fato de que ele as tem. Desisto, em algum momento, vou ter que lidar com elas, de uma forma ou de outra.



— Se você me pedir outro sabonete usado, juro que enfio um na sua bunda! -São as primeiras palavras que digo ao abrir a porta para um Gustavo com os cabelos bagunçados, os primeiros botões da camisa abertos, parte dela para fora da calça, o paletó pendurado sobre o braço, exaustão estampada no rosto e olhos de pidão: ¯Um caminhão passou por cima de você? -pergunto, ao me dar conta de seu estado e ele sorri de canto.

Gustavo dá dois passos em minha direção, e, antes que eu tenha a chance de entender, prever ou parar, beija minha testa, depois, meu nariz, e, por último, minha boca. Um toque de lábios sutil, depois, outro, então, sua língua desliza sobre os meus lábios, pedindo passagem e, a essa altura, eu já estou mais do que disposta lhe dar.

Abro a boca devagar e ela entra. Inspiro, seu cheiro enche meu nariz, seu braço circula minha cintura e meu coração salta no peito pelas sensações muito além das físicas que se arrastam sob a minha pele.

É um beijo lento, gostoso, quente, que deixa muito claro que não, eu ainda não posso transar com ele de novo. Expulsei-o ontem e, certamente, o expulsarei hoje também. Sua boca não devora a minha, ela experimenta, lambe, saboreia, devagar, muito devagar, enlouquecedoramente devagar. Sua mão sobe para o meu rosto e acaricia minha bochecha, meus mamilos endurecem, minha calcinha fica molhada, minha pele arrepiada, e minha cabeça extremamente confusa sobre o que está acontecendo aqui.

O problema não são as reações do meu corpo, e sim as outras. As outras que não deveriam estar aqui. As outras que não tem permissão para estar aqui. Mas que como um cachorro teimoso, arrastam as unhas sob a superfície dos meus pensamentos, exigindo passagem, ignoro-as. O beijo acaba e Gustavo cola a testa à minha, tornando minha confusão ainda maior.

Carinhoso. Gustavo, de repente, está carinhoso, e com isso eu não sei lidar. Deem-me o implicante, o arrogante, o irritante, o cafajeste e o filho da puta. Deem-me o que me diz coisas obscenas como se estivesse falando do tempo, o que me fode com uma vontade animal e me deixa completamente louca por isso. Tenho armas para usar

contra todos esses, mas Deus! Contra o carinhoso não! Minha nossa senhora das mulheres que não sabem lidar com um inimigo perigoso, ajudai-me.

Ergo os olhos e encontro os seus fechados. Ele move o rosto devagar, acariciando o meu, mordo meu lábio, pensando no que dizer e no que fazer. Mas ele fala antes de mim.

— Foi um dia de merda! -Diz, deixando mais um beijo em minha testa antes de se afastar do meu corpo e passar por mim, entrando no meu apartamento e deixando-me em minha própria porta sem saber o que fazer. Quer dizer, eu não o convidei para entrar. Eu não quero esse Gustavo aqui, mas tampouco posso expulsá-lo. Em uma escala de zero a dez, quão bruxa eu seria se o fizesse?

Suspiro, derrotada, e fecho a porta. Viro-me em sua direção, encostando-me na porta, e o encontro em minha cozinha, abrindo a geladeira e tirando de lá uma garrafa de água. Rio.

— Gustavo, você tem certeza que nunca namorou na vida?

Porque, olha! Você é realmente muito bom em se sentir à vontade na casa alheia... -Ele sorri imenso. Um sorriso que transforma o rosto exausto.

— Eu aprendo rápido... -Comenta, levando minha garrafa d’água direto a boca e eu grito para que ele não faça isso, mas de nada adianta! O cretino faz assim mesmo. Corro para arrancar a garrafa de suas mãos, mas quando o alcanço, ele já encheu o gargalo com sua saliva.

— Porra, Gustavo! COPO! Conhece? É uma incrível invenção da humanidade pra que você não babe as garrafas de água alheias! -Ele gargalha e, dessa vez, o som me irrita.

— Eu acabei de babar sua boca, linda! Que diferença faz eu babar a garrafa de água?

— Não interessa, seu babaca! E se eu receber uma visita? Ela é obrigada a beber água contaminada com a sua baba?

— Ciúmes, Elora? -questiona, eu fecho os olhos e respiro fundo.

Deus! Tudo bem, eu pedi por isso, certo? O Gustavo cretino está de

volta, obrigada! Valeu mesmo, universo! Mas, como eu disse, com esse eu sei lidar.

— O que você quer, Gustavo?

— Ver minha namorada, ué... Ela me nega sexo... Mas, ainda assim, é minha namorada, certo...? -Estica os braços sobre a bancada da cozinha, inclinando o corpo sobre ela e meus olhos são atraídos pelas veias saltadas de seus braços. Mordo o lábio, observando, e isso o encoraja.

Ele dá um passo em minha direção e eu um passo para trás.

— Achei que tivéssemos passado dessa fase...

— Que fase?

— A que você foge de mim...

— E por que não passamos também da que você me encurrala?

— Porque eu adoro essa! -pisca um olho para mim, estica um dos braços, envolve-me nele, e puxa-me contra o seu corpo. Meu peito bate contra o seu e eu quase gemo com o contato. Maldito corpo traidor.

— Até quando você vai continuar castigando nós dois com isso, em Elora? -Sussurra em meu ouvido e prende o lóbulo da minha orelha entre os lábios. Seu nariz toca a pele sensível atrás da minha orelha e eu me remexo em seus braços, como a merda de uma gata no cio. Ele solta um risinho baixo e eu quase agradeço, porque sua estupidez dá forças à minha resolução.

— Não seja dramático... Só faz um dia, Gustavo! E se seu problema é falta de sexo, eu tenho certeza de que no seu celular tem pelo menos meia dúzia de contatos que podem resolver isso pra você!

Ele gargalha, jogando a cabeça para trás e fazendo-me revirar os olhos.

— Meia dúzia? Que tal se a gente multiplicar isso por dez? Talvez vinte, linda? -questiona e eu colo no rosto minha melhor expressão de exaustão. Ele aproxima o rosto do meu, quase colando a boca na minha: ¯Mas meu problema não é falta de sexo, Elora, a porra do

meu problema continua sendo o mesmo desde a primeira vez que eu te ouvi gemer sem nem saber como era seu rosto! -Seus braços aumentam o aperto ao redor da minha cintura e eu luto contra vontade de fechar os olhos e aproveitar as sensações despertadas pelo toque firme do seu corpo no meu.

— Meu problema é que eu quero sexo com você... -seu hálito morno invade meus lábios entreabertos e o ar que ele expira se torna aquele que eu inspiro: Mas você, por alguma razão, tá me negando isso... Você só não pode esperar que eu aceite sem lutar... E eu vou lutar com a minha arma mais potente... -Sussurra, antes de moer a ereção em minha barriga e atacar minha boca.

Não resisto, enfio minha língua por sua boca, lambo e saboreio cada milímetro que alcanço, tão gostoso... Minha santa das mulheres que estão sendo bem beijadas, porque esse homem tinha que beijar tão gostoso? Sua língua varre minha boca, ocupando todos os lugares ao mesmo tempo, até passar a fazer

movimentos lentos e ritmados de penetração, ao mesmo tempo em que ele me pressiona contra o próprio corpo e esfrega sua ereção deliciosa em mim. Gemo, incapaz de me conter.

— Porra, Elora... Deixa eu foder você? Eu não consegui pensar em nada além disso na porra do dia inteiro de merda que eu tive... Eu tô viciado em estar dentro de você, linda! Tô viciado em te ouvir gemer... Em te ver empinadinha pra mim...

Suas mãos deslizam pelo meu corpo enquanto suas palavras fazem o mesmo pelos meus pensamentos e ele entende a minha falta de negativa como concordância. Levanta a barra do meu vestido e sem cerimônia alguma, enfia um dedo entre as minhas pernas, afasta a minha calcinha, e me penetra. Abro a boca, gemendo arrastado, e jogo a cabeça para trás, aproveitando a sensação deliciosa que a invasão de seus dedos me traz.

— Molhadinha pra mim... -fala, com a boca na minha, e rebolo em sua mão, vencida.

Ele desce os lábios pela minha garganta, beijando, lambendo, chupando, e eu quero que ele abaixe as alças do meu vestido para



que eu possa esfregar meus mamilos excitados em seu peito. Como se lesse meus pensamentos, sua mão livre sobe pelo meu braço, desce a alça do vestido, liberando um dos meus peitos e apertando o bico entre o polegar e o indicador. A combinação de toques me faz gritar, de tão gostosa.

— Isso, gostosa! Grita pra mim! Eu adoro te ouvir gemer, Elora!

Puta que pariu! Me deixa louco!

Sua boca volta a encontrar a minha e ele engole meus gemidos, sinto quanto ele enfia mais um dedo em mim e passa me foder forte, rápido, delicioso. Monto seus dedos, esfregando me em sua pélvis, subindo e descendo os quadris ao encontro deles, gemendo a cada investida ou movimento que ele faz dentro de mim, me alongando, me alargando.

A ardência se estica dentro de mim como uma linha. Delicioso, absolutamente delicioso. E quando ele move os dedos em gancho, sinto minhas paredes se apertarem e eu explodo em seus dedos.

Gozo com um grito, seguido por uma gargalhada deliciosa, sinto que Gustavo também está sorrindo e sei que perdi. Definitivamente, minha resolução de não transar com ele falhou miseravelmente...

Seus lábios acariciam a pele do meu pescoço enquanto seus dedos continuam entrando e saindo de mim, agora, mais devagar. Ele mantém a penetração até que todos os tremores do meu corpo já tenham passado, e, quando finalmente para, leva os dedos até o nariz e aspira o cheiro profundamente, antes de enfiá-los na boca e gemer, como se estivesse provando a mais saborosa das delícias.

— Sua vez! -afirma, espalhado sobre o meu sofá com a maior cara de pau do mundo e eu olho para ele deixando claro que não, não é minha vez. O corpo seminu intima meus olhos e eu resisto tanto quanto é possível, o que não é muito.

Depois que transamos, Gustavo entrou no meu banheiro, tomou banho como se estivesse em casa e saiu de lá usando apenas uma cueca box. Quando perguntei se ele não pretendia se vestir, ele disse que já estava vestido.

Definitivamente, a falta de vergonha na cara desse homem não tem limites.

— Gosta do que vê, Elora? -pergunta quando percebe meus olhos passeando por sua barriga definida, peitoral musculoso e braços fortes nus. Deixo que meus olhos olhem à vontade o corpo grande, forte, e quase pelado.

— Acho que nós já deixamos claro que sim, Gustavo, eu gosto, ou você não estaria no meu sofá, seminu... -respondo e ele dá uma piscadinha safada.

— Eu adoraria que você estivesse seminua também! O que aconteceu com as camisolas sexys que você adora desfilar pelo corredor, agora, definitivamente, era o momento de você usá-las, não isso aí... -acusa, apontando para o meu pijama de ovelhinhas e eu sorrio imenso.

— Com medo de brochar, Gustavo? O quê? Meu pijama não é suficientemente sexy pra você? -Ele gargalha e se arrasta pelo sofá, até encostar a lateral do corpo no meu, então, vira-se, deixando nossos rostos frente a frente antes de me responder.

— Elora, eu já disse uma vez, mas parece que você não ouviu, não acreditou, ou esqueceu. Não tem problema, eu repito... -A voz é rouca e sexy como o inferno. De repente, fomos do bobão que estava brincando com a comida para o homem sexy das cavernas e eu simplesmente não consigo entender como é possível que ele tenha feito essa mudança tão rápido.

— Você pode vestir até um saco de batatas, Elora...e, ainda assim, eu vou te achar linda, gostosa e sexy pra caralho... Não existe jeito de o meu pau não subir pra você, linda! Pode ficar despreocupada... -Estalo a língua, dispensando suas palavras, mesmo que eu tenha sido extremamente afetada por elas. Ele desliza o nariz pela curva do meu pescoço, muito ciente do efeito da sua proximidade

sobre mim e eu empurro seu corpo e olho para ele de cara feia. Ele sorri, pisca um olho, e se afasta, voltando para sua ponta do sofá.

— Qual é, Elora! Deixa de ser frouxa! Tá com medo de não conseguir? -Volta a falar sobre o jogo bobo que começou essa conversa e eu seria capaz de agradecer por isso, se, obviamente, não estivéssemos falando de Gustavo. Seus olhos se estreitam e suas sobrancelhas sobem e descem em uma provocação explícita.

— Duas coisas. Primeiro, você sabe que tá falando sobre fazer a própria boca de cesta pra biscoitos, certo? -Inclino a cabeça para o lado e faço gestos com as mãos, como se estivesse explicando algo muito complicado para uma criança.

— Quer dizer, não é realmente algo que se desafie alguém a fazer como se fosse muito difícil ou impossível. Você entende isso, Gustavo? Você não tá me desafiando a pilotar um foguete da Nasa, mas a conseguir pegar mais biscoitos com a boca do que você, tudo bem? -Sorrio e aceno com a cabeça, como se ele tivesse me respondido que sim, tudo bem, coisa que ele não faz: Ótimo! E

quantos anos você acha que eu tenho, Gustavo? Eu já te falei que isso não vai funcionar... Essa coisa de me desafiar a fazer o que você quer...

— Funcionou pra você dormir comigo... -Murmura, vitorioso, e é a minha vez de estreitar os olhos. Penso em rebater, mas bastam alguns instantes para que eu me dê conta de que é exatamente isso o que ele quer. Que eu diga que aceitei a aposta porque estava louca para transar com ele. É verdade? É! Mas ele nunca vai ouvir isso de mim! E é o que digo.

— Eu nunca vou admitir isso pra você, Gustavo... -Ele sorri safado e estende a mão para mim em um convite para que eu me deite em seu colo. Nego...

— E por que não? Sinceridade é a base de um bom relacionamento! -Gargalho.

— Nós não temos um relacionamento, Gustavo!

— Com licença... -Diz em tom irônico: ¯Da última vez que eu chequei, você era minha namorada, e existem até fotos pra provar!

— Você me coagiu a reconhecer um namoro com você, e existe uma foto! Uma que não prova nada! Até onde qualquer pessoa sabe, pode ser uma montagem feita por um hacker que invadiu minha conta do instagram!

— Um hacker? -Balanço a cabeça, concordando.

— Definitivamente, um hacker!

— Que invadiu sua conta do instagram só pra colocar uma montagem em que você beija a boca do solteiro mais cobiçado da cidade? -Não seguro o riso, ele sai fácil pela minha boca e eu jogo a cabeça no encosto do sofá enquanto gargalho com o corpo inteiro.

Ele se aproveita da minha distração e me puxa para o seu colo.

Deito a cabeça em suas pernas e rolo de um lado para o outro enquanto me remexo, rindo.

— Você não faz ideia da sorte que tem! -Resmunga baixinho e eu rio mais.

Não me dou conta do que ele está fazendo até ser tarde demais e o flash iluminar

meu rosto uma, duas, três vezes.

— Pra que isso? -Abandono o riso, subitamente desconfiada.

Tento me levantar de seu colo, mas um de seus braços me firma no sofá enquanto com o outro, ele mexe no celular.

— Gustavo... -Chamo outra vez, preocupada com o sorrisinho cínico em seu rosto e com a ausência de resposta: ͡O que é que você tá fazendo?...

— Nada, amor! Só garantindo que todo mundo saiba que aquela postagem não é obra de um hacker... -Diz, dando mais alguns toques na tela do celular e arregalo os olhos

— Prontinho! -exclama, colocando o celular diante dos meus olhos. Um carrossel! Ele fez um maldito carrossel com as fotos que tirou de nós dois agora, e ninguém que tenha olhos vai conseguir

imaginar que não sejam de verdade, porque, de novo, as fotos ficaram absurdamente perfeitas.

Eu, com a cabeça nas coxas de Gustavo, gargalhando, vestindo um pijama fofo de ovelhas enquanto ele aparece sorridente, com o tronco nu, e uma das mãos em meus cabelos. É a definição de cena doméstica perfeita, e, agora, além de eternizada em três fotos, está postada no instagram como prova incontestável da nossa felicidade.

Olho para o aparelho incrédula enquanto notificação atrás de notificação começa a surgir no topo da tela como se o telefone estivesse passando por um curto circuito. Franzo as sobrancelhas e uma pergunta cuja resposta pode ser assustadora me confronta.

— Gustavo... Quantos seguidores você tem? -pergunto, muito preocupada com a resposta e o sorriso que ilumina seu rosto é o suficiente para me fazer fechar os olhos e gemer, frustrada.

Sinto sua aproximação sem ver. Ele beija minha orelha antes de me dar uma resposta sussurrada.

— Dois milhões e cem...

— Puta que pariu! -Levanto tão rápido que bato nossas testas e nós dois gritamos com a dor.

Levo a mão a testa, espelhando sua reação, esfregando ali, mas, sinceramente, nesse momento, a dor na testa é a menor de minhas preocupações. Dois milhões e cem seguidores?

— Gustavo!

— Porra, Elora! Isso doeu!

— Jura, Gustavo? Eu nem percebi... Gustavo, por que raios você faria uma coisa dessas? Por que diabos você postaria isso no seu instagram?

Ele suspira, fingindo cansaço e revira os olhos.

— Porque é verdade...

— Não é verdade!



— É claro que é! E já passou da hora de você admitir isso pra você mesma...

— E por que isso é tão importante pra você, Gustavo? Por que é tão importante pra você que a gente assuma um namoro que não existe? -digo as três últimas palavras entredentes.

Ele sorri. Parecendo esquecer a dor na testa e todo o resto que não sou eu, olha para mim do jeito cafajeste que é só dele.

— Porque te irrita! -responde simplesmente e eu abro a boca, mas fecho. Estreito os olhos para, logo em seguida, arregalá-los. Expulso o ar dos pulmões, estico os braços ao redor do corpo, fecho as mãos em punho e, antes que eu possa ou queira me impedir, acontece, aquele som que não se decide entre ser grito ou grunhido escapa da minha garganta, oficializando o surto.

Agarro uma almofada do sofá e atiro contra Gustavo, que se desvia dela. Pego uma segunda e uma terceira e todas elas erram seu alvo.

— SAI DA MINHA CASA AGORA! -Grito e ele gargalha.

— SAI! -reforço: ¯Você queria me irritar? Parabéns! Conseguiu!

Agora sai!

O celular vibra sobre a minha mesa de trabalho pela milésima vez no dia. Depois da gracinha de Gustavo, precisei tornar todas as minhas redes sociais privadas, porque, de repente, centenas de pessoas que eu nunca vi na vida decidiram que me seguir seria interessante, outras, principalmente mulheres, começaram a me mandar mensagens, querendo saber se nosso namoro era real, e até mesmo páginas de fofoca online entraram em contato querendo uma informação exclusiva.

O resultado? Um dia de trabalho praticamente perdido, porque eu simplesmente não consigo me concentrar em absolutamente nada. Já tentei desligar a internet, colocar o celular no modo avião e, até

desligar o telefone, mas nada adiantou. Nenhuma dessas precauções foi capaz de devolver a capacidade de concentração perdida.

Solto o corpo na cadeira e ela se move. Apoio a cabeça no encosto e fecho os olhos. Que bagunça, meu Deus! Que bagunça. Há algumas semanas atrás, se alguém me dissesse que eu estaria nessa situação, com certeza, eu diria a essa pessoa que ela era louca e surtada, porque não, meu vizinho fodedor e o corredor por quem eu babava diariamente, e com quem eu sonhava todas as noites, não podiam ser a mesma pessoa.

E, não, definitivamente, eu não me envolveria com ele da maneira mais absurda e incomum que a mente humana seria capaz de imaginar com a intenção de que ele não compre e coloque meu apartamento abaixo. Quer dizer, quais as

chances? Essa pergunta continua a rondar minha mente apesar de todas as provas que o universo já me deu de que independente de elas serem muitas ou poucas, o fato é que aconteceu. E esse é só o começo do problema.

Gustavo está ganhando. Não é como se estivéssemos mantendo um placar, mas, se existisse um, a pontuação seria clara como água.

Ele estaria me dando uma surra. Até agora, o bastardo tem tudo o que quer, me tem em sua cama, não sempre que quer, mas muito mais do que eu gostaria de estar nela, e, eu estou tão longe de fazer com ele se apaixone de mim quanto o Oiapoque é do Chui, e isso precisa mudar.

“Porque te irrita!” ele respondeu quando o questionei sobre suas razões para fazer coisas como a maldita postagem. Depois de muito pensar sobre isso, percebi uma coisa, embora eu insista em dizer que não serei manipulada por ele, o maldito tem apertado todos os botões certos para me ter exatamente onde quer, bem longe do seu coraçãozinho pequeno e, provavelmente, oco.

Ele me irrita, me deixa louca de raiva e, assim, a última coisa em meus pensamentos sempre será qualquer movimento no sentido de envolvê-lo de alguma forma. Enquanto isso, continuamos transando, porque, convenhamos, sexo é bom, mas sexo com raiva é uma delícia, e, além disso, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra



coisa. Se terei que aturar Gustavo, que seja, pelo menos, com orgasmos garantidos.

Suspiro, frustrada com a minha própria estupidez. Ele me avisou, me disse que não costumava entrar em jogos para perder e, ainda assim, eu sentei e assisti

enquanto ele fazia todas as jogadas certas, marcando ponto atrás de ponto, sem que eu nem me defendesse.

Quer dizer, talvez dizer que ele marcou pontos seja exagero, afinal, para isso ele teria que ter me conquistado de alguma forma, e Deus!

Não!

Quanto a isso, continuo segura. Continuo tão distante de me apaixonar por Gustavo hoje quanto estava há duas semanas atrás.

Bem distante, mais até do que o Oiapoque é do Chuí. Mas, por tempo demais, o deixei jogando sozinho, isso acaba aqui, eu só preciso descobrir que tipo de jogada Gustavo não iria prever rápido o suficiente para se defender.

O celular vibra outra vez sobre a mesa e eu olho para a tela acesa.

Dessa vez, não é uma notificação de redes sociais, é mais uma mensagem de Gustavo. Ignoro-a. Ele não perde por esperar.

Abandonando de vez o trabalho, abro uma guia no google e digito a pesquisa mais literal que consigo fazer por extenso: “como fazer um homem estúpido se apaixonar por você”.

O google não me ajudou. Aparentemente, ele e eu temos definições muito diferentes sobre o que seria um homem estúpido e, por isso, nenhuma das suas sugestões seria realmente útil. Como, por exemplo, escrever bilhetes deixando muito claro a sua identidade e suas intenções. Sério? Estamos falando de homens estúpidos, ou de homens com baixa, ou nenhuma capacidade cognitiva?

Depois da tentativa frustrada, concentrei minhas energias em algo muito mais útil e produtivo, algo que eu deveria ter feito semanas

atrás. Colocar minhas habilidades de stalker em pleno funcionamento e descobrir toda a informação que é de domínio púbico a respeito de Gustavo Fortuna.

Não descobri muito além do que ele já tenha me contado. Trinta e três anos, filho caçula de dois irmãos, pais amorosos, família modelo.

O que ele não me contou é que nasceu e foi criado em Petrópolis, que sua mãe

ainda mora lá e que a casa da sua família é a segunda maior da cidade, perdendo apenas, para o museu imperial em tamanho.

O bloquinho em minhas mãos me encara com olhos julgadores, mas eu ignoro seu olhar e me concentro nas informações que consegui reunir:

1) Gustavo é rico.

2) Gustavo é um rico trabalhador

3) Gustavo é um fodedor de primeira (isso eu já sabia...) 4) Gustavo realmente nunca namorou, se namorou, a internet não descobriu.

5) Gustavo não tem um tipo de mulher.

E isso é tudo. Todo o nada que eu fui capaz de reunir.

Deus, onde é que eu estava com a cabeça quando aceitei essa proposta? *Naquela boca... E em quão gostoso deveria ser aquele pau... E é tão gostoso...* Minha santa das mulheres que sabem apreciar um bom pau! Muito... Muito gostoso!

Elora, foco! Foco aqui! Repreendo minha própria mente por decidir divagar em um momento tão crucial e importante. Quer dizer, não é que eu não confie em mim mesma, nem nada assim. É só que Gustavo não é o típico homem para quem podemos balançar os peitos e pronto! Apaixonado.

Ele foi categórico ao dizer que não se apaixonaria e que só estava me propondo essa aposta por ter essa certeza. E, depois de ver a procissão de mulheres com quem ele costumava desfilar, isso fez muito sentido. Se aquele egomaníaco enche a boca para dizer uma coisa dessas, é porque muitas delas, provavelmente, tentaram fazer com que ele se apaixonasse. E o imbecil tomou sua falta de interesse

por algo mais com elas como imunidade à paixão. Deus, é um idiota, não é?!

Mas isso me traz um impasse, porque se todas essas mulheres tentaram fazer com que ele se apaixonasse e não tiveram sucesso, o que mais eu posso fazer? Quer dizer, não é que eu não confie no meu taco, eu confio, e muito! Mas mesmo que eu estivesse disposta a fazer o que quer que essas mulheres tenham feito, coisa que não estou, eu estaria sem opções, já que, obviamente, todas foram esgotadas.

É... mas ele não fez questão de assumir um namoro com nenhuma dessas mulheres... A vozinha intrometida em minha cabeça sussurra e, mentalmente, eu a esmago com uma bota imensa. *Pode me pisotear a vontade! Mas a verdade é a verdade!* Grita, e eu dou um bico nela, arremessando-a longe.

Gustavo, Gustavo... eu não sei o que fazer para você se apaixonar, mas definitivamente, agora, sei o que não fazer. Pode começar a contar, porque o segundo tempo do jogo começou.



A repercussão das minhas fotos com Elora foi tão grande quanto imaginei que seria. O post teve milhares de comentários, foi repostado por várias contas de fofocas, e até citados em vídeos de canais de informações sobre famosos no youtube nós fomos. Ela deve estar tão irritada...

Rio sozinho da situação. Elora se recusa a falar comigo desde a noite de ontem quando me expulsou de sua casa à almofadadas.

Ela não respondeu nenhum dos três e-mails que enviei para ela hoje, nem as

quatro mensagens, ou atendeu as duas ligações que fiz. Preciso me controlar para não gargalhar enquanto dirijo pelas ruas do centro da cidade, a caminho de casa.

Quanto bati em sua porta ontem à noite, depois de um dia péssimo, tudo o que eu queria era esquecer do estresse me afundando nela, e me afundei, mas não foi o suficiente. Me vi querendo mais do que seu corpo, quis sua companhia, e, como sempre, foi fácil consegui-la oferecendo comida. Elora, muitas vezes, parece criança, apesar de se orgulhar tanto de dizer que não é facilmente manipulada.

Não é mentira, e vale para quase tudo quando o assunto é ela, menos comida. Quando estou com ela sou constantemente lembrado da cena de um filme que assisti uma vez. A irmã mais velha de um garotinho de uns sete ou oito anos o leva para conhecer o namorado e o cara diz que vai levar o menino à melhor lanchonete da cidade. O garoto ergue uma sobrancelha para ele, e solta: “Se você acha que pode comprar meu consentimento pra namorar minha irmã com comida, tá coberto de razão! E eu adoro pizza, hamburguer, batata frita e sorvete!”

Se tudo o que eu quiser for a companhia de Elora, basta lhe oferecer uma comida gostosa, e, se eu lhe oferecer a tal cheesecake, ela, provavelmente, é capaz de me entregar algo até mais valioso. Balanço a cabeça, negando, com diversão, o quão contraditória a personalidade de alguém pode ser.

Elora é doce e ácida. Gentil e mal humorada, estressada, muito estressada, mas, ao mesmo tempo, determinada a conseguir o que

quer, mesmo que isso eleve seu estresse a níveis radioativos. Ela não tem medo de sacrificar a própria vontade, mas nem sempre consegue fazê-lo. Chego ao condomínio e entro pelo portão da garagem. As áreas comuns, iluminadas pelos postes acesos, estão cheias. Cachorros, crianças e famílias circulam aqui e ali, ocupando os espaços na noite de sexta-feira.

Desde a primeira vez em que pus meus pés aqui, não vejo os prédios antigos e bem cuidados, não vejo um lugar familiar, não vejo o lar de ninguém. Vejo o Ilha nova sendo erguido, todo o trabalho do qual dependerá o empreendimento já em andamento, vejo os canteiros de obra, andaimes e guindastes, vejo os trabalhadores com seus capacetes de segurança e as máquinas escavadeiras, e até alguns dias atrás, isso era tudo o que eu via.

Mas, agora, vejo algo mais. Vejo um rosto de pele clara, olhos verdes e cabelos

loiros. Vejo a boca desenhada e gostosa, o corpo curvilíneo e quase posso ouvir a voz e as palavras ácidas de Elora julgando-me por querer colocar esse lugar abaixo.

— São só negócios, linda. Só negócios... -Digo para a Elora da minha imaginação e ela revira os olhos, fazendo-me sorrir.

Entro no elevador e puxo o celular do bolso. A barra de notificações se tornou uma tela, tamanha é a quantidade. Vou rolando e dispensando as já vistas enquanto aguardo o elevador e, quando ele chega ao térreo, chego às novas mensagens. Procuro por alguma de Elora, mas nada. Ela realmente não me respondeu.

Rio baixinho, pensando em qual vai ser minha desculpa para bater em sua porta hoje, talvez eu diga que me tranquei do lado de fora do apartamento.

Será que assim ela me deixa dormir em sua cama? Dessa vez, não me seguro, gargalho, porque, em último caso, se realmente fosse obrigada a me deixar dormir em sua casa, provavelmente, Elora me expulsaria de sua cama e me faria dormir no sofá. Nego com a cabeça, me divertindo com meus próprios pensamentos, e continuo passando os olhos pelo aplicativo.

Desde ontem à noite, parece que toda a parcela feminina da minha agenda de contatos decidiu me enviar uma mensagem.

Algumas são felicitações reais pelo namoro, outras, dúvidas, mas depois de ler as que recebi desde a última vez em que havia olhado o celular, tenho uma nova preferida:

Yasmin 18:57h:

Você é um babaca filho da puta! NÃO ME LIGUE MAIS!

Releio a mensagem pela terceira vez. Não nego que eu seja, mas nunca enganei ninguém, então realmente não vejo razão para a agressão gratuita. Enfio o celular no bolso e o elevador apita a chegada ao sexto andar. Saio por ele e caminho para o meu apartamento, dou uma boa olhada na porta fechada de Elora antes de seguir para a minha casa temporária.

Outra mudança é a sensação que tenho ao entrar aqui. Se antes a vontade de

voltar para a minha casa de verdade era massiva e quase desesperada, agora eu a sinto, mas ela é bem menor do que a vontade de ter Elora a minha disposição pelos próximos quase dois meses.

Deixo a pasta e o paletó sobre o encosto da cadeira e vou até a geladeira. Quando estou levando a garrafa de água à boca, a voz de Elora assalta minha mente, reclamando da minha baba e eu gargalho, ansioso para babar as garrafas dela também. O celular vibra em meu bolso e assim que olho para o visor acesso, franzo o cenho.

— Tudo bem? -São as primeiras palavras que digo ao atender a ligação de Rodrigo, afinal, já passam das nove da noite, e nós passamos o dia inteiro juntos no escritório.

— Não... E se não agirmos rápido, tá prestes a ficar muito pior!



19 - ELORA

Olho para o celular pela milésima vez no dia. Nove e meia da noite, e nada! Nenhuma mensagem, nenhum e-mail. Silêncio total e absoluto por parte do meu novo e ausente namorado. Uma maldita mensagem em uma semana inteira. Quatro dias seguidos sem dar nem mesmo um sinal de vida, depois de ter ficado desaparecido por dois, e ter se dignado, somente, a me enviar um e-mail dizendo que estava com saudades do meu cheiro, e que não era o da minha pele.

Quer dizer, quem começa um namoro desse jeito? Ele me infernizou o juízo para isso? É um namoro de mentira, mas até eles têm regras, não têm? Esse homem não pode desaparecer, sumir, não me dizer nada, e achar que está tudo bem!

Porra, como Gustavo me irrita! É melhor mesmo que ele continue desaparecido, porque eu seria perfeitamente capaz de arremessar um prato bem no meio da sua cara. E ainda acho que porcelana seria leve para aplacar meus desejos homicidas.

Seria o seu silêncio retaliação por eu tê-lo expulsado da minha casa? Mas ele não ousaria, ousaria? Quão babaca o infeliz precisa ser para achar que eu sou obrigada a estar à disposição do seu pau vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana? Eu não tenho o direito de dizer não? Para o inferno que eu não tenho o direito!

É quase como se ele tivesse ouvido os planos que só ousei dizer em meus pensamentos de acabar com sua sessão de vitórias, e tivesse saído correndo para evitar a virada do jogo. E sou obrigada a reconhecer, vai ser preciso muito autocontrole da minha parte para não reagir exatamente da maneira que ele espera: surtando, demonstrando toda a minha irritação e esquecendo completamente que deveria estar me esforçando tanto para que ele se apaixone por mim, quanto ele está se esforçando para que eu me esqueça de fazer isso.

Minha mão coça para enviar eu mesma uma mensagem. Mas me controlo. O que eu escreveria? “Cadê você?” Diria que estou sentindo falta de ser irritada por ele, e que sua ausência me deixou

ainda mais irritada do que sua presença? Não! Não mesmo! Se aquele homem acha que vai me manipular assim, ele está muito enganado.

Volto a me concentrar na tela diante de mim. O texto a ser traduzido me encara e estou certa de que se ele tivesse uma sobrancelha, a ergueria para mim, porque desde o final desta tarde, estou com a concentração de um peixe. Se uma mosca passa ao meu lado, fico distraída pelas próximas duas horas. Suspiro, é melhor eu desistir de trabalhar por hoje.

Definitivamente, não acho que eu vá ser muito mais produtiva.

Frustrada, desligo o computador e me levanto da cadeira, esticando os braços e estalando a coluna. Alongo o pescoço e os dedos das mãos, fico nas pontas dos pés e dou pequenos pulinhos. Antes de ir até a cozinha a procura do que comer, olho uma última vez para o celular, mas não! Não vou ser refém de qualquer que seja a estratégia de manipulação que aquele cafajeste está tentando usar.

Assim que abro a geladeira, a última fatia de cheesecake me cumprimenta e eu

reviro os olhos. Cretino! Pego a torta e sirvo-a em um pratinho, com ele em mãos, me sento na bancada da cozinha.

Gemo quando sinto o gosto do primeiro pedaço na boca. É tão absurdamente gostoso, e, agora, está arruinado.

O maldito arruinou minha sobremesa preferida. Todas as vezes em que eu a colocar na boca, vou me lembrar do olhar lascivo que Gustavo me lançou ao me ouvir gemer por ela há exatos sete dias atrás, e da sua sugestão de que eu comesse a parte cremosa direto de seu pau.

Que foi, aliás, o que me fez chutar sua bunda gostosa da minha casa, porque sou obrigada a admitir, a imagem fez minha boceta contrair e eu quase cedi. Foi por pouco, muito pouco, mas depois da noite que tivemos, eu precisava de uma pausa, eu gostaria apenas de ter sido forte o suficiente para não a ter quebrado um dia depois.

Sempre achei que chá de boceta e chá de pau eram termos meramente ilustrativos, até transar com Gustavo.

Eu, definitivamente, poderia me viciar naquela pica, mas, tão definitivamente quanto, não estou disposta a isso. Por isso, apesar da minha imensa vontade de despi-lo e pular em cima dele, ignorando seus protestos, o mandei embora depois do jantar.

Então, por que, minha santa das mulheres que não querem se viciar no pau dos seus vizinhos fodedores e gostosos, por que não fui capaz de fazer o mesmo no dia seguinte quando ele bateu em minha porta parecendo exausto e com cara de cachorro que caiu do caminhão de mudanças? Mordo o lábio, recriminando-me, e, apesar disso, meus olhos procuram o relógio, como têm feito desde que escureceu.

Não posso acreditar em mim mesma. Mas acredito menos ainda nele, porque embora eu não tenha batido em sua porta, tenho quase certeza de que por mais de uma noite, ele não voltou para casa. Na terceira noite sem que ele fizesse nenhum contato, cheguei a abrir o facebook e alterar meu status de relacionamento, outra vez. Mas algo me impediu de salvar a alteração, assim como me impediu também de arquivar a maldita foto postada no meu instagram.

Seria uma foto linda, se não fôssemos Gustavo e eu nela.

Apenas nossas cabeças aparecem. As bocas grudadas em um beijo nada casto ou inocente, sua mão segurando meu pescoço em um agarre firme, seus cabelos arrepiados, levemente bagunçados, e um sorriso no canto dos lábios dele pintam o quadro perfeito do casal apaixonado. Perfeito e falso.

Colherada a colherada, como a cheesecake devagar, sentindo-me deliciada e irritada na mesma medida, até me cansar das sensações.

— Chega! -Falo comigo mesma, antes de tirar o último pedaço do prato. Seguro a colher erguida no ar e olho para ela, movendo-a devagar. Estreito meus olhos para o doce como se tivesse sido ele a me ofender. Depois de encará-lo por quase um minuto, finalmente coloco-o na boca e aprecio seu sabor sem dar espaço em minha cabeça para nenhum outro pensamento que não seja o quão absurdamente delicioso ele é.

Levanto-me decidida a tirar Gustavo do meu sistema, e o primeiro passo para isso é um bom banho. Passo minutos embaixo da água quente, lavo os cabelos e coloco a depilação em dia.

Ignorando completamente que já eram quase dez da noite quando entrei no banheiro, faço do banho um momento de autocuidado mais do que necessário.

Deixo o banheiro enrolada na toalha e abro a porta do armário, sinto-me muito melhor comigo mesma, ainda que uma pequena parte da minha consciência insista em pensar em Gustavo, se perguntando se ele estaria com outra pessoa mesmo depois de ter me obrigado a assumir a droga de um relacionamento falso... *“É*

sábado à noite...” sussurra para mim. Ignoro-a.

Visto um dos meus baby-dolls favoritos e deixo os cabelos soltos pelas costas, porque não sinto a menor disposição para secá-los.

Então, que o vento o faça, se não fizer, decido se eu farei. No meio do caminho para a sala, interrompo meus passos e franzo as sobrancelhas.

É sábado à noite, definitivamente, eu não vou ficar amarrada ao sofá esperando qualquer coisa que seja de Gustavo, não vou! Mas não vou mesmo! Resgato meu celular, abandonado no home office ainda antes do banho, e abro o grupo baladeiros, no whatsapp, em que meus amigos e eu sempre combinamos nossas

saídas, e que eu vinha deixando silenciado há algum tempo, completamente focada em trabalho.

O plano era quebrar meu jejum de baladas depois que assinasse o contrato de compra do apartamento, como uma comemoração, mas esse trem já partiu há algum tempo, a menos que eu vença essa aposta estúpida, o que vai ser impossível, se o maldito apostador continuar desaparecido. Expiro com força. *Não, Elora!*

Não mesmo! Gustavo está, oficialmente, banido dos meus pensamentos esta noite!

Não preciso nem de cinco minutos para descobrir para onde ir e a empolgação me alcança tão rápido quanto a ideia de sair para dançar. Penso em minha irmã e decido que é o destino, ligo para

ela. A primeira chamada cai na caixa postal, assim como a segunda.

É só na terceira que ela me atende.

— Alô? -responde, ofegante, e eu franzo o cenho.

— Lívia?

— Ah! Oi, Elora! -diz, parecendo só ter se dado conta de que era eu depois de ouvir minha voz.

— O que você tá fazendo, eu...

— Tô ocupada, Elora... Muito ocupada, o que quer que você precise, não posso... -diz, atropeladamente, como se tivesse pressa em se livrar de mim. Desde aquela tarde em minha casa, não falamos mais sobre seu caso, e quando penso que pode ser essa a razão de ela estar agindo estranha, imediatamente, me dou conta do que realmente está acontecendo.

— Oh, céus! Oh, céus! Minha santa das mulheres que interrompem as fodas alheias, ajudai-me... -penso, em voz alta, só percebendo que realmente disse as palavras quando Lívia praticamente rosna um tchau em meu ouvido e deliga o telefone.

Permaneço parada, estática no mesmo lugar, por alguns minutos antes de conseguir me libertar do choque de ter interrompido a transa da minha irmã. Da minha irmãzinha. A minha caçula... Gemo em frustração, caminhando de volta ao meu quarto e, depois, continuo resmungando durante a procura pelo que vestir.

Me dou um tapinha mental nas costas pela sessão de autocuidado durante o banho, tudo o que eu preciso fazer é secar meus cabelos, e, definitivamente, agora, me sinto disposta. Uso o secador e prancha para deixar os fios retos, brilhantes e alinhados, depois, é a vez do meu rosto e eu não economizo na maquiagem.

Ao terminar, me pergunto por que eu não faço isso há tanto tempo.

O vestido de paetês escuros, em um tom de graffite, tem uma saia transpassada, soltinha da cintura até a metade das coxas, abraça minhas curvas em um decote em v mediano, e alças fininhas que somem pelas costas, deixando-as praticamente nuas.



Os saltos altíssimos, pretos, fazem o restante do trabalho por minhas pernas, alongando-as. E o conjunto da obra, cabelo, maquiagem, roupa e saltos, é, definitivamente, algo a se aplaudir.

Chupa essa, Gustavo! A parte brigona da minha mente solta sem que eu possa impedi-la e eu rio de mim mesma, porque, quando quero, posso ser realmente idiota. Mas uma ideia acende em minha mente e eu não me impeço.

Paro diante do espelho, faço uma pose sexy o suficiente para deixar um certo pau duro só de olhar, e bato a foto. Minutos depois, saio de casa as gargalhadas,

porque eu finalmente tenho a mensagem perfeita para enviar para o senhor sumido.

Viro o terceiro drink colorido da noite enquanto, ao meu redor, uma rodinha de encorajadores grita “Vira, vira, vira, vira!...” Fecho os olhos, apertando-os e sentindo a mistura ácida, alcoólica, dominando cada centímetro da minha boca, e sorrio, porque, como se atraída pelos meus pensamentos, uma música muito específica explode nas caixas de som:

“A pista já tava com muita saudade de mim

Ó quem voltou (pra sacanagem)...

Ó quem voltou (pra sacanagem)...

Ó quem voltou (pra sacanagem)...

Ó quem voltou...”[4]

Bato a taça sobre a mesa a minha frente e meu corpo se move sozinho no ritmo da música. O funk não é algo que eu ouça no meu cotidiano, mas para rebolar, eu estou para conhecer música melhor!

Dou passos para trás, distanciando-me da mesa e voltando para a pista de dança, meu pequeno grupo de cinco pessoas, três mulheres e dois homens, me acompanha, e logo estamos os seis no

meio da pista, ocupando muito mais espaço do que seria necessário com nossos corpos e risos.

A boate escolhida para essa noite fica na zona sul, é a que sempre frequentamos desde que foi inaugurada. Para mim, há uns dois anos atrás, mais ou menos, foi amor à primeira vista. Bastou colocar meus pés aqui dentro para que eu soubesse que era o meu tipo de lugar. As paredes escuras, combinadas às luzes florescentes e coloridas escorrendo pelo teto, aos móveis pretos, e à música que se dispersa pelas paredes como uma verdadeira teia de aranha, e contagia o corpo até mesmo do visitante mais resoluto a não dançar, dão ao lugar o clima e aparência perfeitos para o que eu procuro em noites como essa, me divertir.

Danço, deixando que o corpo se mova no ritmo da música, ou em ritmo nenhum,

simplesmente balanço e o suor se agarra e desliza pela minha pele em gotas de todos os tamanhos. Empino a bunda, rebolando, e é a sensação de mãos em minha cintura que me faz abrir os olhos. Viro o pescoço, procurando pelo dono das mãos, e encontro Giovanni, um dos amigos com quem vim, um amigo que costumava ser colorido e que, pelo olhar que me dá agora, está esperando alguma cor esta noite.

Viro-me de frente, afastando-me um pouco de seu toque e seus olhos observam-me de cima a baixo de maneira apreciativa pela milésima vez desde que nos encontramos. Dessa vez, tão perto como ele está, é impossível fingir não perceber, como vim fazendo ao longo de boa parte da noite. Ele estreita os olhos para mim quando tenta se aproximar e eu dou um passo para trás.

— Seu namorado é ciumento, Elora? -Fala em meu ouvido, a única maneira de se fazer ouvir em meio ao caos que é a pista de dança da boate lotada num sábado à noite. Sorrio quando seu rosto anguloso de queixo quadrado, olhos escuros e pele cor de café volta a aparecer diante dos meus olhos. Nego com a cabeça. O gesto o encoraja, mas eu espalmo as mãos em seu peito, afastando-o. Ele assume uma expressão confusa e é a minha vez de aproximar a boca de seu ouvido.

— Você devia me conhecer melhor pra saber que esse tipo de pergunta, definitivamente, é a pergunta errada se fazer pra mim, Giovanni! -Empurro-o de vez, com um sorriso no rosto, mas deixando claro que o que quer que ele tivesse em mente, não vai rolar.

A noite avança entre drinks e dança. Não me nego nenhuma das duas coisas. Hoje, qualquer música que toca é a minha, me divirto, mas não esqueço. Não quando a única sensação que cada homem que se aproxima de mim desperta é decepção. Decepção porque nenhum deles é o maldito vizinho fodedor.

Minha pele vibra com as batidas da música e arrepia-se com o suor que a aquece. Entre corpos suados, batidas potentes e casais que se esfregam sem o menor pudor ao meu redor, excitando-me, se Gustavo aparecesse aqui, eu até poderia ignorar sua cafajestice por algumas horas, horas o suficiente para matar toda a vontade dele que eu estou amargando.

Eu sei que disse que precisava de um tempo, e precisava mesmo, mas, definitivamente, sete dias foram tempo mais do que o suficiente, se não para a

minha cabeça, definitivamente para o meu corpo. E se isso não quer dizer que falhei na missão de evitar me viciar em Gustavo, eu não sei o que diria.

Duas noites. Duas noites absurdamente gostosas foi tudo o que o maldito precisou para me viciar, e porra! É exatamente como me sinto, como se eu precisasse da próxima dose. E, como se o céu, ou o inferno, eu realmente não sei, tivesse me ouvido, o único que pode dá-la para mim entra no meu campo de visão.

Gustavo Fortuna está aqui. E está lindo como um homem deveria ser proibido de parecer. Estreito meus olhos, desconfiada da minha própria visão e ele sorri para mim. O sorriso cafajeste, e inconfundível, que só ele tem, me dá a certeza de que não, eu não estou louca, nem bêbada. É realmente ele. Faço aquilo que faço de melhor quando o assunto somos nós dois, provocá-lo.



Ela dança. Livre como só ela sabe ser, balança o corpo no ritmo da música com a cabeça jogada para trás e os braços erguidos acima da cabeça. Linda para uma porra.

O vestido curto e brilhante não é justo nem solto, mas tem alças finas e deixa seu colo, costas e boa parte das coxas a mostra e, as pernas... Porra! Sobre saltos altíssimos, as pernas, que já são uma delícia, estão uma verdadeira perdição. Obviamente, meus olhos não são os únicos a admirar a paisagem. Ignoro o incômodo que sinto ao pensar nisso e continuo apreciando seu rebolado gostoso, mal podendo esperar para que ela o faça sentada no meu colo, pelada, comigo dentro dela.

Saí do aeroporto pronto para colocar sua porta abaixo, mas a única mensagem que ela me enviou nos últimos quatro dias, me dizia que isso seria inútil. Essa mulherzinha terrível me mandou uma foto dessa bunda gostosa nesse vestido mínimo só para me afrontar, dizendo que hoje era o dia em que Gustavo Fortuna seria chamado de corno. Gargalhei.

Claramente, Elora está irritada com meu sumiço, eu não esperava por isso, e esperava menos ainda ter gostado tanto disso.

A última semana foi caótica para a GAF, tivemos que lidar não apenas com um controle de danos de relações públicas, mas também com o ministério público no nosso cangote, enfiando o nariz em toda fresta que via, farejando algo que, definitivamente, não vai encontrar na Galvani & Fortuna empreendimentos, corrupção.

Mas essa certeza é minha, não da polícia federal e de seus investigadores, por isso, foram longos sete dias. Ainda que não houvesse uma investigação real ao nosso redor, e para impedir que uma viesse a acontecer, nossa estratégia foi provar inocência antes mesmo de que qualquer acusação infundada pudesse ser levantada contra nós. Funcionou, mas me custou mais pontes aéreas do que sou capaz de contar, quatro voos noturnos, e um número sem fim de reuniões políticas. Foi uma semana muito, muito longa.

E, desde a hora em que acordei essa manhã, havia apenas uma coisa em minha mente, o momento em que eu finalmente chegaria,

não na minha casa, mas na porra do Edifício Uno, bateria na porta de Elora até que ela abrisse, e, depois, a comeria com a fome que vem me consumindo ao longo de toda essa semana infernal. Mas é claro que Elora se recusou a colaborar com o meu plano, ou não seria ela.

Ela não respondeu à mensagem que mandei quatro dias atrás.

Sorrio ao pensar no e-mail. Era uma mensagem idiota, eu queria provocá-la, mas, ainda assim, senti falta de sua resposta. Nos dias seguintes, foi simplesmente impossível entrar em contato, todas as vezes que eu tinha um segundo, de repente, não o tinha mais, e meus planos de falar com ela eram subitamente mortos e enterrados.

E, para minha frustração, ela também não fez nenhum movimento. Várias vezes

me peguei pensando no quão bom seria sair de uma reunião do caralho e encontrar palavras suas à minha espera, quaisquer que fossem as palavras, eu teria gostado de lê-

las só por saber que ela estava pensando em mim.

Caminho a passos lentos até o centro da pista, a bunda gostosa parece chamar meu nome enquanto rebola de frente para mim. No tempo que levo caminhando até Elora, ela dispensa, pelo menos, cinco aproximações, e nem consigo imaginar quantas não foram ao longo da noite.

Mentirosa. Hoje, definitivamente, não será o dia em que Gustavo Fortuna será corno, afinal de contas. O calor do seu corpo suado parece me atrair como um imã. Quando finalmente a alcanço, agarro seus quadris com força, o cheiro do seu suor inunda meu nariz, ainda que existam um milhão de outros cheiros ao nosso redor. Suas mãos cobrem as minhas, ela cola a bunda à minha virilha e rebola, esfregando-se em mim.

Ergue o tronco, gruda as costas ao meu peito.

— Achei que ia ficar só olhando a noite inteira... -Diz, virando o rosto de lado, com um sorriso enchendo seus lábios, deixando a lateral de sua boca tão perto da minha que quase posso sentir o

gosto de seu hálito doce e alcoólico. Viro-a imediatamente, envolvendo os braços em sua cintura e ela envolve os próprios ao redor do meu pescoço. Colado à ela, sentindo seu toque, meu coração pulsa no mesmo ritmo da música que nos cerca.

Movo os quadris com ela, rebolando, moendo em sua barriga a ereção que acordou no segundo em que meu olhar a encontrou.

Seus olhos estão brilhantes, sua pele, suada, os cabelos, uma bagunça sexy, e a visão dela inteira, assim, tão perto, envolvida em mim, faz meu pau apertar e me dá uma certeza: nossos apartamentos estão longe demais.

Respondo-lhe assaltando sua boca. Enfio a língua nela, procurando pela sua e sua resposta é urgente, quase desesperada!

Como essa mulher beija gostoso! Como ela faz tudo gostoso, verdade seja dita!

Saboreio seus lábios, sua língua... Sua saliva se mistura com a minha em uma troca deliciosa.

Ela enfia os dentes em meu lábio inferior com força, com raiva, e eu tenho certeza de que essa é só a primeira punição que ela tem em mente. Não me importo, se todas forem gostosas como essa, ela pode fazer de mim o que bem entender. Seus dedos agarram meus cabelos, puxando-os, seu corpo se esfrega no meu, lambo sua boca, e somente porque o ar acaba, o beijo também.

Respiramos ofegantes com as testas coladas por segundos. *Eu realmente preciso te foder agora...* Olhos embriagados de tesão encontram os meus e eu tenho certeza de que meus pensamentos espelham os dela, porque ela sorri tão lascivamente, que atinge meu pau com a mesma força que sua mão teria feito.

Surpreendendo-me, como adora fazer, Elora rouba-se de mim.

Afastando nossos corpos, estende a mão. Olho para a mão estendida com uma sobrancelha arqueada e ela revira os olhos, impaciente, fazendo-me sorrir. Aceito sua mão e é ela quem me conduz pela multidão.

Atravessamos a pista de dança com passos apressados até chegarmos a um corredor quase invisível atrás do bar. Entramos

nele, que é estreito, e sua mão me solta e começa a tatear a parede. Franzo o cenho, suspeitando do que ela esteja procurando e, confirmando minhas suspeitas quando ela empurra uma porta de correr, até então invisível, para o lado.

Elora entra e puxa-me para um banheiro minúsculo, que não deve ter mais de 1x1 de tamanho, porém limpo, e fecha a porta, deixando-nos num absoluto breu. Ela não conta história, desce a boca sobre a minha. Suas mãos infiltram-se sob meu paletó e agarram minhas costas, arranhando-as sobre o tecido. Beijo sua boca com fome, mas lentamente, querendo que o beijo dure e dure e dure.

Ela geme e esfrega o corpo no meu com uma necessidade cada vez maior. Com um toque de dedos, empurro as alças finas de seu vestido pelos seus ombros e seu colo e seios ficam completamente expostos. Ignorando minha própria urgência, acaricio sua pele levemente. Passando as mãos pelos seus braços, subo-as novamente e só então toco o vale entre seus seios. A pele suada desliza sob minhas palmas e quando os peitos se encaixam em minhas mãos, Elora

geme.

— Eu preciso ver você... -Sussurro em sua boca, não querendo desperdiçar nada do seu gosto. Sua mão me deixa apenas por alguns instantes e tateia a parede atrás de mim. Com uma facilidade perturbadora, ela encontra o interruptor e uma luz amarelada e suave ilumina o ambiente pequeno em que estamos.

Devagar, deslizo minhas mãos de seus seios até seu rosto. Nos encaramos por um tempo que parece interminável e necessário, ao mesmo tempo. Nossos olhos se fecham e eu inspiro com força seu cheiro.

— Você é um namorado de merda! -diz baixinho, com os lábios colados aos meus, fazendo-me sorrir.

— Você disse que era um namoro de mentira...

— Parabéns, você é um namorado de mentira de merda! -

cospe, irritada, e eu sorrio imenso.

— Senti saudade do teu cheiro... -Deslizo a ponta do nariz pela curva do seu pescoço e ela geme baixinho: ¯Do teu gosto... -

Lambo a pele suada, enchendo a boca com o salgado da sua pele:

¯De tocar você... -Agarro as raízes dos seus cabelos na nuca, forçando seus olhos a encontrarem os meus. Elora puxa o ar com força e passa a língua sobre os meus lábios devagar.

— E você, Elora? Sentiu minha falta? -pergunto, com os olhos fixos nos seus.

— Nem fodendo! -É rápida em negar.

— Mentirosa! -Sou rápido em acusar. Aperto seu corpo contra o meu, esfregando minha ereção em sua barriga e ela geme.

— Senti saudades do seu pau... Muita! -me desafia: ¯Mas da sua personalidade incrível? Não! Essa não fez a menor falta! -

Gargalho.

— Pois saiba que a sua me fez uma falta imensa! Tanto quando a tua boceta!

Abaixo a cabeça e abocanho um dos peitos de Elora, espalho minha língua por ele, lambendo-o inteiro e ela se empurra para mim.

— Quer gozar, Elora? -pergunto, ainda com a boca em sua pele.

— E por que mais nós estaríamos aqui, Gustavo? -Rio antes de mordiscar o mamilo rosado e duro. Levanto a cabeça, deixando que ela veja meu rosto e uma de suas sobrancelhas se ergue, em um questionamento silencioso.

Em um movimento rápido, a tenho de costas para mim e de frente para a parede. Desliso as mãos do seu pescoço até alcançar seus pulsos, seguro-os entre os meus dedos e ergo suas mãos, apoiando-as na parede à nossa frente.

— Empina esse rabinho gostoso, empina! -Ela obedece imediatamente, me fazendo rir, porque essa é a única situação em essa mulher sabe obedecer, não tenho a menor dúvida sobre isso.

Mordisco seu ombro, agarro seus cabelos em um rabo de cavalo

firme, me inclino, lambo toda a sua coluna, até alcançar seu pescoço e plantar um beijo ali, ela geme, se remexe, se entrega ao toque completamente.

Me ponho de joelhos e a respiração de Elora falha. Seu vestido é facilmente deslizado por seu corpo e fica em uma poça no chão. Tiro sua calcinha, já molhada, levo-a ao nariz, sentindo o cheiro que me atormentou por toda a última semana em que eu não o tive, depois guardo-a em meu bolso, só por precaução.

Seguro as duas bandas de sua bunda, abrindo-as, cheiro a boceta gostosa, provoco a pele e a reação do seu corpo é imediata.

Ele arrepia, estremece e o gemido que Elora dá é baixo, mas enche todo o espaço minúsculo em que estamos, e provoca tremores no meu próprio corpo. Viciado, definitivamente, viciado.

Encaixo a boca entre suas pernas, finalmente, me fartando com seu gosto. Lambo do cuzinho para baixo, passando por suas dobras, pela vulva melada, alcançando o grelo duro, já inchado.

Elora grita, e porra! Nenhum som nunca foi tão gostoso quanto ter essa mulher completamente rendida.

Chupo sua boceta, minha saliva se mistura com o líquido que desce da vulva. Doce, Elora é fodidamente doce. Ela monta meu rosto, esfrega-se em minha língua, impulsiona os quadris para frente e para trás enquanto mantém-se em pé, segurando as paredes.

— Gustavo! -grita meu nome, deixando-me ainda mais faminto pelo seu orgasmo. Lambo sua virilha, as dobras embaixo de sua bunda, aperto os globos redondos. Minhas bolas doem e contraem e eu me controlo para não gozar sem ter sido tocado. Puta que pariu, como é gostosa!

— Sentiu minha falta, Elora? -afasto-me somente o suficiente para que ela possa ouvir minha pergunta e volto a pressionar meu rosto contra a boceta.

— Não, seu cretino... -Geme, arrastadamente. Chupo seu clitóris, deslizo um dedo entre suas nádegas, brinco com seu cu,

levando-a à loucura. Seus gemidos ficam mais altos e menos espaçados. Desço o dedo, alcançando a boceta.

Movimento-o lá dentro, e, como se eu tivesse apertado um botão, sinto a vulva espremê-lo. Paro. A respiração ofegante de Elora preenche o banheiro minúsculo. Quando percebe o que estou fazendo, sua voz soa, ao mesmo tempo, irritada e cheia de tesão.

— Não ouse, Gustavo! Não ouse fazer uma porra dessas!

— Quer gozar, Elora? -Uso o tom mais despretensioso que posso, apesar da dor em minhas bolas e da luta que meu pau trava contra as minhas calças.

— Gustavo...

— Tudo o que você precisa fazer é admitir... Mais nada... -

explico e ainda que eu não veja seus olhos, tenho uma boa ideia sobre o fogo que há neles nesse momento.

— Gustavo, você não quer fazer isso... -Usa um tom ameaçador e eu volto a

enfiar o dedo em sua boceta, movimento-o dentro dela, dobrando-o e esticando-o. Elora geme manhosamente, arrastado, bom para caralho.

— Sentiu minha falta, linda? -Mordo sua coxa, ela se remexe inteira: ¯Admite, amor... Eu sei que sim... Eu tô louco pra te ver gozar pra mim, linda! Morto de saudades do gosto do teu gozo... -

Passo a cabeça entre suas pernas e chicoteio seu clitóris com minha língua, ela grita, desesperada, e eu lambo a boceta arreganhada para a minha boca. Ela volta a me montar, esfregando-se em minha língua, lambuzando meu queixo e nariz com sua excitação, impregnando tudo em mim com seu cheiro.

Sua boceta volta a apertar meu dedo e eu paro de chupá-la.

Elora continua esfregando-se em mim, buscando o próprio alívio, mas eu afasto a boca, encosto a cabeça na parede e ergo os olhos, encontrando os seus, que estão focados em mim.

— Admite, gostosa...

— Você é um filho da puta egocêntrico...

— Eu nunca disse que não era... -sussurro enquanto deslizo uma de minhas mãos lentamente de seu tornozelo até sua bunda, só para descê-la novamente. A luta é clara no rosto de Elora. Ela quer, desesperadamente, gozar, mas, tão desesperadamente quanto, não quer admitir que sentiu minha falta além do sexo.

Chupo levemente o grelinho duro e ela se rende.

— Eu senti, porra! Eu senti sua falta, seu filho da puta! Porque você é tão absurdamente babaca que foi incapaz de me dizer que tava vivo! -Grita e eu devoro a boceta gostosa e passo a fodê-la com dois dedos, forte, rápido, movendo-os dentro dela. São necessários apenas alguns segundos antes que ela exploda em minha boca e eu beba cada gota gostosa que escorre por entre suas pernas.

Levanto, giro-a antes mesmo que ela tenha se recuperado, procurando seus lábios e atacando-os imediatamente. Ela prova o próprio sabor em minha boca, suas mãos se apoiam em meus ombros, puxando meu corpo para si ao mesmo tempo em que ela impulsiona o próprio, completamente nu. Beijo-a com língua,

lábios e dentes. Agarro sua bunda e coloco-a sentada sobre a pequena pia do lavabo.

O gelado a faz soltar um gritinho, mas nem isso me arranca de sua boca. Suas mãos descem, encontrando meu cinto e desfazendo-o, abrindo o botão e o zíper da calça e quando a palma macia toca a carne rígida e dolorida, gemo sem nenhum pudor com o prazer que me rasga inteiro.

Ela me aperta e move devagar, torturando-me.

— Elora... -rosno, mas ao abrir os olhos, encontro um sorriso em seu rosto, ah, maldita!

— Tá doendo, amor? -o tom escorre sarcasmo e ela desce os dedos levemente, alcançando minhas bolas e mantendo uma carícia agoniante ali.

— Porra, Elora... -Jogo a cabeça para trás, aperto os olhos, expiro fortemente, mas ela continua com a porra da tortura, sem qualquer dó de mim.



O pau duro pulsa em minha mão enquanto o toco com movimentos tão lentos que nem podem ser chamados de punheta, ah, mas esse bastardo vai me pagar! Pelo silêncio, por ter me obrigado a admitir que senti sua falta e, definitivamente, por ter me torturado sem me deixar gozar.

O rosto lindo está contraído em agonia. Gustavo aperta os dentes, e sua mão vem segurar a minha, mas eu o impeço e aumento o aperto em seu membro. A pica grossa, veiúda, gostosa, quase implora para que eu deixe de delicadezas, e puta merda! Como eu quero enfiá-la inteira na boca, mas esse cretino não merece,

então não vai ter.

Sorrio com a ideia que se forma em minha cabeça. Arrasto-me pela pia, ficando senta bem em sua borda. A louça gelada arrepia minha pele nua, mas não me importo, não agora.

— Elora... -pede e eu faço um biquinho.

— Você quer gozar, amor? -Devolvo as palavras que atirou contra mim minutos atrás enquanto toco suas bolas somente com as pontas dos dedos. Beijo seu tórax por cima da camisa, e procuro seus olhos com os meus.

— Eu quero tanto chupar você, lindo... Te lamber todinho e depois te colocar inteiro na minha boca... -Gemo para ele como sei que o enlouquece e sinto minha boceta contrair com as imagens geradas pelas palavras.

— Então chupa, porra! -Resmunga e eu gargalho antes de estalar a língua e negar com a cabeça.

— Ah, não... Namorados de merda não ganham boquetes sensacionais... Sinto muito, amor!

Seus olhos seguram os meus e ele abaixa a cabeça, encaixando nossos narizes e engolindo-me com suas pedras esverdeadas.

— Você quer brincar, Elora? Brinca! Mas quando eu pegar você, e porra! Eu vou pegar, Elora! Você sabe que eu vou! É bom que você não tenha compromissos amanhã, porque você não vai conseguir andar, caralho!

Aperto a rola grossa e Gustavo grunhe.

— Promessas, promessas, promessas... -Desdenho e isso o leva ao limite.

Suas mãos agarram minhas coxas e puxam-me ainda mais para a borda da pia, obrigando-me a envolver as pernas ao seu redor e segurar em seus braços em busca de apoio. Isso deixa seu pau livre para tocar o meio de minhas pernas completamente nu, o primeiro toque me arremessa para longe do banheiro, tamanho é o prazer que me causa.

Gemo, sem nenhuma vergonha e Gustavo move meu corpo como se eu fosse

uma boneca, esfregando minha boceta aberta em seu pau rijo. Eleva minha excitação a níveis cada vez maiores de intensidade, e quando me dou conta do que ele está fazendo, é tarde demais, o controle já escapou das minhas mãos há muito tempo para que eu possa tentar recuperá-lo.

Solta uma de minhas coxas, enfia a mão no bolso da calça, tira de lá a carteira e a entrega para mim.

— Pega a camisinha, Elora. -A voz é rouca e em tom de ordem, uma que eu não me atrevo a desobedecer, porque quero, mais do que tudo que ele cumpra a ameaça que fez. Abro a carteira e tiro lá de dentro a camisinha.

— Abre e veste... -Mordo o lábio pouco antes de lambê-lo. Agarro outra vez a pica dura de Gustavo e desenrolo o preservativo sobre ela.

— Encaixa pra mim... -Ordena e eu obedeço, fodidamente perdida em tesão e necessidade. E ele mete. Tudo, de uma vez. O pau grande e grosso rasga minha boceta em uma única investida potente e eu grito e derrubo a cabeça para trás, apoiando-a na parede. Olho para o teto, mas não o vejo. Não tenho tempo para me adaptar à sensação, porque assim que volto a encher meus pulmões, Gustavo investe contra mim outra vez em mais uma invasão bruta, rápida e deliciosa.

— Olha pra mim, porra! -Exige, e, como uma marionete puxada por fios, minha cabeça abaixa e meus olhos procuram os seus.

Ele me fode. Rápida e intensamente. Desisto de me segurar, corpo e mente, e apensas me solto. Deixo que ele faça de mim o que quer,



porque por agora, me canso de negar que é exatamente o que eu quero também.

Sim, eu senti sua falta.

Sim, eu senti falta do seu cheiro, do seu gosto, do seu toque de um jeito que não deveria ser permitido quando ele só esteve em minha cama duas vezes antes. Mas mais do que qualquer dessas coisas, eu senti sim, falta da sua personalidade irritante, e nada adorável. Senti falta de tê-lo invadindo minha casa e dos seus pedidos absurdos. Ele nunca vai saber, mas sim, eu senti, e muita, o que é ainda mais absurdo, porque porra! Eu o odeio! Eu preciso odiá-lo.

Me resumo a gritos, sensações, arfadas e respirações profundas.

Sua invasão monta e desmonta o prazer em mim como se ele fosse uma imensa torre de lego, e muito mais cedo do que eu poderia imaginar, me vejo tremendo e gozando de um jeito delicioso.

Minha consciência ainda não está de volta à terra quando Gustavo goza. Eu apenas sinto as estocadas se tornarem mais curtas e o grunhido feral que deixa sua garganta.

O olhar de Gustavo não perde nenhum dos meus passos enquanto me arrasto para fora da cama e saio do quarto, na direção da minha própria cozinha.

— Traz água pra mim! -O cretino grita, e eu bufo. Preguiçoso!

Esperou que eu levantasse. Nua, com os pés no chão frio, enquanto abro a geladeira, não consigo evitar a torrente de pensamentos que me atinge enquanto olho para dentro do eletrodoméstico. É sempre assim, não é?

É quase como se ao abrir a geladeira, abríssemos também um portal mágico para a terra dos pensamentos. A luz acende e *puf!* Os pensamentos, dos mais aleatórios, aos mais complexos, chegam de mala e cuia, prontos para se estabelecerem na cabeça de quem ousou invocar o portal gelado e amarelo.

Esta noite, definitivamente, não aconteceu como eu planejei. Quer dizer, ela até seguia bem, até o maldito Gustavo Fortuna intrometer seu nariz na minha noite de diversão. A imagem dele atravessando a pista de dança e colando o corpo no meu parece se desenrolar diante dos meus olhos, como se, agora, além de invocar pensamentos, a geladeira também fosse capaz de exibir vídeos.

Ele é tão bonito, e grande, e imponente. Puta merda, como uma mulher que usa o

que tem entre as pernas resiste a isso? E o infeliz rebola que é uma delícia! Não que eu já não soubesse disso, mas vê-

lo vestido, executando aqueles movimentos teve um quê de erotismo muito maior do que deveria, ele é todo gostoso, com exceção da personalidade irritante. Mas, convenhamos, se ele fosse perfeito, seria injusto com outros homens.

Quer dizer, bonito, gostoso, inteligente, fode que é uma coisa e ainda agradável? Impossível... É pedir demais!

Braços circulam minha cintura e colam minhas costas a um peito nu e quente.

— Pensando em mim? -sussurra em meu ouvido, como sempre, provocando-me. Essa pergunta me lembra uma outra que ainda não foi respondida. Ele me coagiu a responder se eu tinha sentido falta dele, mas ainda não me disse o motivo do seu sumiço.

Depois que saímos do banheiro, viemos direto para o meu apartamento e Deus, eu fiquei com pena do motorista do Uber e não o culparia se me desse uma estrela ou me cobrasse uma taxa de limpeza, porque o homem ouviu coisas que não deveria e que, se não for um pervertido, certamente não gostou de ter escutado. Gustavo e eu conversamos muito... Só não usamos frases coerentes e coesas...

Usamos... Outras coisas...

— Me distraí...

— As geladeiras têm esse efeito... Por que será? -questiona ainda agarrado a mim e beija meu rosto.

— Não faço ideia. -Pego uma garrafa de água na geladeira e me viro nos braços de Gustavo com ela na mão. Ao me movimentar, sinto

o tecido de sua calça raspando minhas pernas e ergo as sobrancelhas.

— Por que você tá vestido? -Ele sorri safado e desliza dois dedos por uma de minhas bochechas.

— Achei que já tivesse te alimentado o suficiente... -Reviro os olhos, sem poder me conter, e me desvencilho de seu abraço. Deixo a garrafa sobre a bancada da cozinha e me abaixo para pegar copos no armário embaixo da pia. Quando me levanto, Gustavo está bebendo água no gargalo e eu quero arrancar a garrafa de sua mão e virar todo o conteúdo gelado sobre sua cabeça.

Mas não é isso o que faço. Apesar de sentir minhas narinas se contraírem à medida que luto para controlar minha irritação e minhas reações, agora que eu sei que me ver descontrolada não é apenas seu esporte favorito, mas tem um objetivo muito bem definido, saber que vou frustrar seus planos é uma força extra.

Espero que ele acabe de beber sua água e assim que deixa a garrafa sobre a pia, eu a viro sobre um dos copos, enchendo-o e levando-o à boca. Ele me observa com uma sobrancelha arqueada e olhos estreitados, esperando, desafiando-me a reclamar, mas isso não vai acontecer bonitão... Eu finalmente comecei a jogar também.

Termino minha água devagar e, depois de deixar o copo e a garrafa de água dentro da pia, já que terei que lavá-la, começo a caminhar na direção do meu próprio quarto, passando por Gustavo. Prestes a sumir da sua visão, ao virar no corredor, olho sobre o ombro.

— Você não vem? -Ele abre a boca, depois fecha, mordendo o lábio inferior e eu preciso confessar. Gustavo confuso é uma coisinha fofa, Deus! Que vontade de rir de sua cara de paspalho, mas não o faço. Continuo seríssima.

— Ir para onde? Inclina a cabeça para o lado, como se assim pudesse me observar melhor.

— Para cama, Gustavo... Eu tô exausta... Você não? -Apoio o peso do corpo em uma perna e começo a bater o outro pé no chão,

desfaço e refaço o coque no alto da cabeça e apoio uma das mãos na cintura, fingindo impaciência.

— Dormir? -Seus olhos estão tão pequenos que formam linhas.

— Bom... A cama serve pra duas coisas bem específicas, a primeira nós já fizemos até a exaustão essa noite, a segunda é dormir...

— Você vai me deixar dormir com você? -questiona, praticamente expelindo desconfiança pelos poros e eu faço o conjunto do desdém.

Reviro os olhos, bufo, bato o pé mais algumas vezes, viro-me, dando-lhe as costas, e caminho para o quarto, como se seu questionamento fosse completamente descabido, coisa que não é. Já que em todas as vezes que transamos, ou eu fui embora depois, ou o expulsei.

E, ainda que ele reclamasse, esse é o tipo de distância que o favorece, mas Gustavo tem um jeito irritante de me manipular. Ele consegue, ou melhor, conseguia de mim tudo o que queria, sem jamais me dizer isso. Não mais, lindo. Não mais...

— Bom, eu tô indo... Se quiser se juntar a mim, pode ficar à vontade. -Digo, já caminhando para o meu quarto. Deito na cama e começo a contar mentalmente: Um... Dois... Três... Passos... Quatro...

Farfalhar de roupas... Cinco... O outro lado do colchão afunda... Seis...

O edredom é levantado... Sete... Braços envolvem minha cintura.

Seu nariz se afunda em meu pescoço e ele inspira profundamente, arrepiando-me de todas as formas, as certas e as erradas.

— Se essa é a recepção que eu ganho, acho que vou sumir mais vezes... -Sussurra em meu ouvido e eu reviro os olhos, mesmo que ele não veja.

— Faz isso de novo, e essa aposta acaba! -Aviso, e ele ri baixinho.

— Eu sabia que você tinha sentido minha falta. -Não me dou ao trabalho de responder.



Franzo o cenho ao encontrar Elora parada na minha porta com uma imensa caixa de pizza em uma das mãos, e um pack de long necks na outra. Estreito os olhos para ela.

— Oi...?

— Olá, namorado! –Surpreendendo-me ainda mais, dá um passo para frente, deixa um beijo em meus lábios, passa por baixo do meu braço, e entra no apartamento. Mantenho meus olhos afinados ao fechar a porta e observá-la entrando na cozinha, fazendo-se em casa.

Ela abre os armários, pega pratos e talheres, deixando-me intrigado sobre como sabe onde tudo fica. Me lembro do almoço com as meninas e concluo que ela tem uma boa memória.

— Namorado? –questiono sem conseguir esconder minha desconfiança.

— Bom, se tá na internet, deve ser verdade... –dispensa minha pergunta facilmente

Involuntariamente, meus lábios formam um bico antes de eu morder o inferior. Tudo bem... Essa mulher quer me enlouquecer.

Passei o dia ocupando todo e qualquer segundo livre que eu tinha pensando nela e em suas reações completamente inesperadas.

Depois da mensagem que me enviou, eu esperava ter algum trabalho, mas, ao invés disso, ela me arrastou para um banheiro e simplesmente cedeu. Quer dizer,

do jeito Elora, mas ainda assim, cedeu.

Me convenci de que sua fome era maior que a raiva, mas, aparentemente, eu estava enganado. Depois disso, viemos para o seu apartamento onde, novamente, eu esperava um interrogatório, gritos, almofadas e, talvez, até objetos mais pesados sendo arremessados em minha direção, o que eu ganhei? Um boquete digno de um rei, acesso ilimitado ao seu corpo e, a cereja do bolo?

Ela me deixou dormir! Assim, do nada! Ela, simplesmente, me deixou dormir em sua cama, abraçado ao seu corpo, e se isso não

tivesse sido o suficiente para foder minha mente, sua mensagem essa manhã teria sido.

Acordei antes de Elora, achei que ela ficaria extremamente irritada se acordasse e descobrisse que eu havia mexido em suas coisas novamente, então deixei um café pronto. O que ela fez? Me mandou uma mensagem agradecendo pela gentileza.

Ela não me perguntou para onde eu fui no domingo de manhã tão cedo. Não me exigiu satisfações sobre onde andei na última semana. Não. Nadinha. Ela agradeceu pela porra da gentileza. E, agora, isso.

Depois de colocar os lugares americanos lado a lado na ilha da cozinha, levanta a cabeça.

— Eu tô morrendo de fome... -comenta enquanto dá a volta e senta-se em uma das banquetas. Pega uma cerveja, e está prestes a abri-la na pedra da ilha quando eu grito.

— Não! -Seu rosto se volta para mim com as sobrancelhas arqueadas e uma expressão curiosa, porém divertida: ¯Não profane uma bancada de Nanoglass... Eu tenho um abridor se você não conseguir abrir com pano de prato!

Ela gargalha.

— Ai meu Deus! Você realmente usou a palavra profanar? -

questiona enquanto simplesmente rosqueia a tampa da garrafa e abre-a. Se conseguia fazer isso com tanta facilidade, por que tentou agredir minha pobre

bancada para começo de conversa?

Passo a mão pelos cabelos e uno minhas sobrancelhas antes de negar com a cabeça e apoiar as mãos na cintura. O que está acontecendo aqui?

— A pizza vai esfriar e a cerveja vai esquentar... -Comenta já levando uma fatia à boca, claro. Ela está sempre com fome, quando não é de uma coisa, é de outra...

Me aproximo com passos lentos e me sento na banqueta ao lado da sua. Elora continua concentrada na pizza e na cerveja. Abro a

boca, pronto para lhe perguntar o que está tramando, mas fecho, desistindo, por enquanto. Olho para pizza... Bonita... Quatro queijos com geleia e...

— Do que é essa outra metade? -questiono, apontando para a pizza e o sorriso que ilumina o rosto de Elora é de um milhão de megajoules.

— Queijo coalho, banana da terra e geleia de pimenta! -

responde empolgada. Ergo as sobrancelhas, a massa parece realmente muito boa. Decido começar por ela e Elora me assiste pegar uma fatia e levar a boca com expectativa.

— Porra... -Digo com a boca cheia.

— Muito bom, né? -Instiga, animada. Rio e balanço a cabeça em concordância.

— Você gosta muito de comer, definitivamente, teria sido uma astronauta infeliz... -comento, me lembrando da nossa conversa no jantar que foi há pouco mais de uma semana, mas parece ter acontecido há meses.

— Definitivamente! -concorda, pegando uma segunda fatia de pizza. Comemos em silêncio por alguns minutos. Elora está na metade de sua quarta fatia de pizza quando volta a falar.

— Então, como foi seu dia? -pergunta, e eu desisto de tentar entender sozinho.

— O que você tá tramando, Elora? -questiono sem meias palavras e uma expressão de divertimento toma conta de todo o seu rosto.

— Eu não entendi... -Bufo.

— Você não tá sendo... Você... -Ela gargalha.

— E como é ser eu, Gustavo? - *Louca!* Minha mente responde imediatamente, mas não deixo que a palavra passe por meus lábios.

— Não tenho essa resposta, mas, com certeza, sei dizer como é não ser você! E isso... -aponto para a mesa posta para dois: Isso,

definitivamente, não é ser você!

Ela acena com a cabeça, concordando.

— E já passou pela sua cabeça que, talvez, você apenas esteja tendo sucesso, eu esteja me apaixonando por você, e só queira mais tempo na sua companhia...? Tempo... de qualidade? -Me pega completamente desprevenido. Pisco, atônito. Lambo os lábios, mas não é o suficiente, levo a garrafa de cerveja até a boca e não paro de beber até que ela esteja vazia, eu nem mesmo sinto seu gosto, e Elora explode numa gargalhada potente.

Ela ri com o corpo inteiro e sem parar. Eu não sei se quero matá-

la por ter me assustado para caralho, ou se a abraço por estar sendo exatamente ela mesma, uma louca, desvairada, capaz de fazer as maiores insanidades parecerem sexys.

— Calma, Gustavo... Não precisa se embebedar não... Eu não tô apaixonada por você... -Comenta, entre risos, e eu sorrio também, pegando outra cerveja.

— Porra, Elora!

Ela ri e nega com a cabeça.

— Mas você já parou pra pensar que essa é uma possibilidade real? Não foi isso que nós apostamos, esperto? -questiona tão divertida que quase dói saber que ela realmente não parece se sentir nem um pouco inclinada a ter quaisquer sentimentos por mim.

Eu não quero sua paixão. Mas não seria a primeira vez que eu receberia uma sem

ter pedido por ela, nem a segunda, nem a terceira, nem décima oitava... Mas Elora não é como nenhuma dessas mulheres, é? Não... Definitivamente, não é...

— Não... Porque eu não tenho a menor intenção de ganhar essa aposta, Elora... Eu só quero que você perca... -Concorda com um aceno, ainda sorrindo e, finalmente, começa a limpar as mãos com um guardanapo. Olho para a caixa de pizza quase vazia, analisando o estrago feito pela mulher loira e curvilínea. Quer dizer, para onde vai tudo isso?

— Para os pés! -responde, mostrando-me que pensei em voz alta, e, depois, começa a gargalhar outra vez.

— Desculpa, eu só...

— Pelo quê? -Me interrompe.

— Eu não quis falar do seu peso, nem nada assim...

— Aff, Gustavo, pelo amor! Tenha dó! Eu pareço alguém que se importa que falem do meu peso? -Inclino a cabeça para o lado, estudando-a. Não, ela não parece.

— Não...

— E não sou! Eu tenho um metabolismo rápido, mas se eu não tivesse, continuaria comendo do mesmo jeito. Comer e transar são dois prazeres que eu não me nego. -O comentário me faz gargalhar e ela dá de ombros: ¯Eu sempre comi muito e nunca realmente engordei. Tenho curvas, mas isso é tudo... Minha mãe diz que era assim também, até eu nascer, daí a comida começou a se alojar em todos os lugares certos... -Ela ri e o carinho com que fala da mãe faz com que eu queria saber mais sobre ela.

— E onde ela está?

— Minha mãe?

Concordo, tomando mais alguns goles de cerveja.

— Meus pais se mudaram pra Miguel Pereira depois que Lívia e eu nos mudamos. Eles queriam isso há algum tempo, mas sabiam que nenhuma de nós

gostaria de deixar o Rio pra trás...

— Então somos dois... -comento, e ela concorda em silêncio.

— Sua mãe mora em Petrópolis, né? E eu sinto muito pelo seu pai... Sei que já faz tempo, mas eu imagino que seja difícil ainda assim... -Franzo o cenho.

— Como você sa... -Interrompo minhas próprias palavras quando a constatação óbvia me atinge: ¯Você me pesquisou no google... -sorrio, sem conseguir evitar.

— Já tinha passado da hora... E, eu tive muito tempo nos últimos sete dias...

Finalmente. Quase comemoro. Disso, sim, já tinha passado da hora.

— Eu tava me perguntando quanto tempo ia levar... -Faz uma careta, fingindo-se de desentendida. Giro a banqueta, deixando o corpo de frente para o seu lado. Como ela não faz nenhum movimento, estico a perna e com um pouco de força, giro seu banco também, deixando-nos frente a frente: ¯Vamos lá, Elora... Eu sei que você quer perguntar...

— Hum... Que bom que um de nós sabe, porque eu não faço ideia do que você tá falando... -leva uma terceira garrafa de cerveja a boca e faço mais uma nota mental sobre Elora, ela não sabe apenas comer, sabe beber também...

— Então você não quer saber onde eu estava nos últimos sete dias? -Provoco, mas ela me olha seriamente antes de me responder.

— Sinceramente? Não mesmo! Se eu tiver que fazer alguma pergunta sobre os últimos sete dias, é por que você sumiu? Quer dizer, quatro dias sem dar nem um sinal de vida? Isso não é muito legal... -Surpreende-me, porque consigo ver que ela não está mentindo. Elora realmente não se importa se eu estive em Brasília, na China, ou na minha casa, e essa é uma experiência diferente.

Ela poderia fazer valer do nosso status para me cobrar o que achasse justo, no entanto, não o faz. Olho para o rosto redondo, de queixo pequeno, para o círculo amarelo em seus olhos e uma sensação estranha se espalha pelo meu estômago.

— Você também não deu sinal de vida...

— E essa é a toda a razão pra eu não te perguntar nada. Eu disse que se tivesse

que fazer uma pergunta, seria essa, mas não farei...



Balanço a cabeça, concordando, e porra! Adorando isso!

Adorando muito.

— Eu estive em muitos lugares. Brasília e São Paulo principalmente... Foi uma semana longa... Muito longa...

— Quer conversar sobre isso? -Estreito os olhos, em desconfiança: ¯Eu sei que você nunca teve uma namorada antes, Gustavo... Mas é assim que funcionam os namoros... Aliás, por que não fazemos dois exercícios de uma vez? Enquanto limpamos a cozinha, você me fala da sua semana de merda!

Ela se levanta e começa a se movimentar. Dá a volta pela Ilha, tira os pratos da bancada e, quando percebe que não me movi, me dá um olhar que grita “Como é que é? Vai demorar muito ainda?”

fazendo me rir, mas eu faço o que ela quer, me levando e, juntos, limpamos, guardamos e arrumamos enquanto eu vou contando para ela tudo o que aconteceu ao longo da última semana.

O corpo quente agarrado ao meu desliza, molhado de suor, e o quarto cheira a sexo. Minha boca devora a de Elora em um beijo lento, quente, delicioso. Mordo seu lábio inferior e deixo que meus lábios desçam pelo seu queixo, garganta, pescoço, provoco sua pele com meu nariz e escuto seu risinho baixo.

— Que horas você sai pra trabalhar amanhã? -pergunta com uma voz preguiçosa, sonolenta.

— Nove...

— Hum... Tudo bem! Me acorda quando você acordar. -Pede, e levanto o rosto, procurando seus olhos.

— Você vai passar a noite?

— A menos que você planeje me expulsar... Eu vou sim... -

Aninha-se ao meu corpo, entrelaçando as pernas com as minhas, e



deitando a cabeça em meu peito, dizendo que, na verdade, não, eu não tenho a opção de expulsá-la.

— O que mudou, Elora? -Não consigo evitar a pergunta. Ela costumava marcar uma linha vermelha entre o que quer em que estejamos envolvidos e passar a noite juntos e, agora, me oferece isso numa bandeja por duas noites seguidas?

— Nós estamos namorando, não estamos? -responde, bocejando, estica o braço para o interruptor ao lado da cabeceira, e apaga a luz. Não perco o tom engraçadinho em sua voz.

— Então você tá dizendo que, agora, tudo o que namorados fazem pode fazer parte da nossa rotina, certo? -questiono, com um sorriso no rosto que Elora não pode ver, porque as luzes estão apagadas, e seus olhos já estão fechados.

— Unhum... -Concorda, e eu me sentiria mal, se não valesse tudo na guerra e no amor.

Toco a campainha de Elora segurando um imenso ramo de flores e uma caixa, não com bombons, como a maioria das mulheres gostaria de receber, mas com uma Cheesecake da Dulce delicatessem tamanho grande. Escolhi a roupa com esmero, assim como nosso transporte, e o restaurante, e eu mal posso esperar para ver sua cara quando se der conta do resultado de suas palavras sonolentas de noites atrás.

Nos últimos dias, nós criamos uma rotina, uma diferente de qualquer outra que eu já tenha tido, poderia ser o rótulo namoro, nunca antes dividido com alguém, mas se eu tiver que ser honesto, sei que é a mulher, como eu nunca havia conhecido antes também.

Elora é...Não acho que diferente seja uma palavra que dê conta de descrevê-la, porque parece que eu a estou comparando com as demais, e não é esse o objetivo.

Ela é ela, e até agora, ninguém nunca provocou em mim as sensações e reações que ela provoca. Ela é louca, completamente surtada, cheia de si e de certezas, e eu acho isso foda! Foda para caralho. Quanto mais tempo passamos juntos, mais coisas sobre ela eu descubro, e maior a admiração que tenho por ela se torna. Eu espero, de verdade, que quando tudo isso terminar, possamos ser...

Amigos? Torço o nariz, não gostando de como isso soa.

Essa é uma outra verdade.

Elora e eu somos extremamente parecidos, eu vejo na loucura dela um pouco da minha, e correndo o risco de soar narcisista, acho que é aí que está muito do encanto que vejo nela. Ela é tão intensa, independente e determinada quanto eu. Não tem medo de riscos, se considerar que a recompensa é boa o suficiente, e sempre dá o máximo de si para alcançar seus objetivos, sejam eles quais forem.

Desde trabalhar com algo que realmente desperte sua paixão, até ganhar a aposta que fizemos.

Paixão... Essa foi uma aposta tão fodidamente estúpida, que ninguém que não fosse como eu teria realmente aceitado. Mas ela aceitou, não aceitou? E, aqui estamos. Um mês depois de ela quase ter colocado minha porta abaixo, a sensação que tenho é de que a conheço por uma vida inteira. Conheço seus sorrisos, suas caretas, e até suas reviradas de olhos. E, verdade seja dita, nunca

antes eu passei tanto tempo com uma mulher quanto tenho passado com Elora.

Todo o meu tempo livre é dela, e eu, sinceramente, não gostaria que fosse de mais ninguém. E não é só pelo sexo fantástico, é, simplesmente, estar com ela. *Você já tá falando como um babaca apaixonado...* O pensamento flutua em minha mente de maneira completamente independente e eu sacudo a cabeça, afastando-o, porque não, definitivamente, não.

O que temos é algo novo, e, por isso, interessante, algo a ser desvendado, que desperta a minha curiosidade, nada mais, reforço para mim mesmo, educando minhas próprias ideias, e tentando ensinar ao meu cérebro o que manter e o que descartar, em um

debate interno. Mas, quando a porta é aberta, todos os meus pensamentos são silenciados. Porque, de repente, não há espaço para nada além de apreciação e luxúria em minha mente.

Como se tivesse desvendado meus planos, Elora veste uma calça apertada de couro e uma camisa transparente que deixa a lingerie preta e quente feito o inferno a mostra. Ela tem um colar de prata pendurado em seu pescoço, e usa botas de salto e cano alto.

Seus cabelos loiros estão soltos sobre os ombros, e seu olhar verde parece ainda maior, ressaltado pela maquiagem escura. E a boca...

A porra da boca está pintada de vermelho e tudo o que eu consigo pensar ao olhar para ela, é na marca que deixará em meu pau.

Um som de descrença sai pela minha garganta. Mas que porra!

Mordo o lábio, deslizando meus olhos pelo seu corpo gostoso de cima a baixo pela quinta ou sexta vez, cogitando, seriamente, largar meus planos de mão e passar o restante da noite me afundando nela.

— Nem pensar! Pode tirar esse olhar do rosto! -Me reepreende antes que eu possa dizer qualquer coisa.

— E que olhar seria esse? -Questiono, mas se ela já não soubesse, agora, saberia, porque minha voz sai enroquecida pelo tesão. O tecido da minha calça grita, de tão esticado pela ereção crescente, depertada apenas em olhar para ela.

Ela se aproxima dois passos e desliza a ponta do nariz sobre o meu rosto. Cheira a barba, toca a bochecha, e quando se dá por satisfeita, leva a boca a ponta da minha orelha e sussurra.

— O de que quer me imprensar contra parede e me foder que nem um bicho...

— Porra, Elora! -Grunho, com a mente tomada pelas imagens que ela acabou de criar: ¯Porra!

Ouço sua risada.

— Calma, garotão! Se quiser me foder hoje, primeiro, vai ter que me levar pra jantar! -Ri ainda mais e passa a língua sobre os lábios

vermelhos, deixando-os brilhantes sem tirar nem mesmo uma lasquinha do batom. Pega as flores das minhas mãos e caminha para dentro do apartamento enquanto eu continuo estático, completamente hipnotizado pela mulher feiticeira.

— O que é isso? -Pergunta, arrumando as flores em um vaso, despertando-me da minha observação silenciosa.

— Cheesecake... -murmuro e entro em sua casa, finalmente me dando conta de uma coisa: ¯Onde você vai, Elora? -Coloco a sobremesa dela na geladeira.

Ela gargalha, jogando a cabeça para trás, então, caminha até mim, envolve meu pescoço com os braços, e beija minha boca.

Devagar, sua língua pede passagem. Primeiro, lambe meus lábios, minha língua, depois, varre cada canto que encontra, dominando minha boca por completo. Agarro sua bunda aproveitando sua boca na minha, seu gosto, seu calor, a delícia que é.

A essa altura, minhas calças já desistiram da batalha e estão apenas esperando o momento em que meu pau vai romper o tecido.

Aparentemente, satisfeita, morde meu lábio e puxa-o para si.

Inspiro com força. Bebendo seu cheiro, roço meu rosto no seu em uma carícia lenta. Abrimos os olhos e vejo nos dela tudo o que sei que há nos meus. Um

desejo puro, quente como brasa.

— Onde nós vamos? -pergunta, fazendo-me estreitar os olhos e franzir o cenho. No momento em que a compreensão me atinge, ela sorri imenso, sentindo-se vitoriosa.

— Você sabia... -acuso e, agora, ela gargalha.

— Mas é claro que eu sabia! Você é uma namorado de merda, não um namorado estúpido! -rebate e eu enfio os dentes em seu pescoço em retaliação. Ela geme, ronrona, esfrega-se em mim, pedindo por mais, a maldita.

— Se você continuar se esfregando em mim assim, nós não vamos a lugar nenhum! -Seus braços me apertam com ainda mais

força, desafiando-me.

— Sem chances, lindo! Eu já disse! Hoje, se quiser me foder, vai ter que me levar pra jantar primeiro...

— Elora, eu sempre te alimento antes de te comer... -Ela dá de ombros, como se eu não tivesse acabado de desmontar seu argumento.

— Quer ganhar seu presente agora? -Ergo minhas sobrancelhas.

— Eu ganho um presente?

— É claro que ganha! Eu não sou uma namorada de merda, Gustavo... E é bom que essa pergunta não signifique que você não tem um pra mim, ou eu revogo o seu! -Desvencilha-se de mim, vira o corpo, propositalmente, esfregando a bunda em meu pau duro, torturando-me.

— Porra, Elora... Você não tá ajudando, caralho!

Ela ri. A maldita ri. Por que ela não podia usar um vestido como a maioria das mulheres teria feito no maldito dia dos namorados *?*

Porque ela não é como as outras... Vai para porra, voz do inferno!

Elora pega uma caixa de um palmo de comprimento sobre a bancada da cozinha

e vira-se para mim outra vez.

O sorriso safado em seu rosto me diz que assim como o que ela escolheu vestir hoje, esse não será um presente convencional, como o nosso “namoro” também não é. A verdade é que Elora entendeu que usei isso como um recurso em nossa aposta e, agora, está sabendo como virar esse recurso contra mim de todas as maneiras certas.

— Posso abrir? -Questiono quando ela o estende para mim, sentindo uma animação inédita, e dando-me conta de que nunca antes recebi um presente nessa data.

— Não, Gustavo! O presente é a caixa, então deixa fechado! -

Responde em seu tom habitualmente ácido e revira os olhos, fazendo-me rir. Mas ela logo retoma sua expressão travessa e eu

nego com a cabeça, sem saber se estou preparado para o que quer que tenha dentro da caixa em minhas mãos.

Elora morde o lábio inferior outra vez, e eu não resisto. Solto-o de entre seus dentes com meu polegar e antes que eu tenha a chance de deixar seus lábios, a provocadora passa a língua ao redor dele e eu sinto o calor de sua língua direto no meu pau.

Minha ereção torna-se ainda mais dura e dolorida enquanto ela chupa meu dedo com uma lentidão e cuidado devastadores.

— Ah, Elora... Porra, eu vou te comer tanto hoje... Tanto... -Essa é mais uma coisa inédita, aliás. A fome que sinto de Elora parece nunca ter fim. Pelo contrário, quanto mais a tenho, menos satisfeito e mais faminto pareço.

Com uma última chupada, ela expulsa meu dedo de sua boca e eu preciso fechar meus olhos e apertar os dentes em busca de controle. Respiro fundo, controlando-me. Então, finalmente, tiro a tampa da caixa e o que encontro lá dentro, não faz absolutamente nada para diminuir minha ereção.

— Ah, porra, Elora! -Gemo, frustrado, enquanto olho para o tubo de lubrificante aninhado em papéis finos e cor de rosa.

Ela dá um risinho safado e ataca o pobre lábio inferior com os dentes outra vez, dizendo-me que está tão excitada quanto eu.

Deixo a maldita caixa sobre a bancada da cozinha e puxo Elora para meus braços. Ela vem de bom grado, colando-se a mim e eu chupo seu lábio mordido enquanto apalpo seu corpo inteiro.

— Amor, a gente janta outro dia, agora eu tô faminto de você... -

sussurro em seus lábios, esfrego minha ereção em sua pélvis, alinhada à minha pela altura dos saltos que Elora usa, e ela balança a cabeça, negando. Subo uma de minhas mãos pela lateral do seu corpo até encontrar um peito redondo e duro, e já conhecendo cada centímetro de sua pele nua, pressiono meu polegar contra o biquinho, encontrando-o duro, eriçado.

Brinco com meu rosto em sua pele e com meu dedo em seu seio, mordo sua orelha, lambo a pele atrás dela, devagar, levando-a para o mesmo lugar em que estou. Um gemido baixo escapa pelos lábios de Elora junto com um sopro morno que só me deixa mais quente, querendo ainda mais me afundar no calor de sua boceta molhada e gostosa.

Deixo que minha mão livre desça pelo seu corpo até alcançá-la por cima da calça. Pressiono um dedo em sua abertura e ela geme mais alto e rebola na ponta dele.

— Você já tá molhadinha pra mim, gostosa? Toda meladinha?

— Muito...Muito molhada -responde algo entre um murmúrio e um gemido.

— Então deixa eu te comer, Elora... Porra... deixa eu te comer bem gostoso? - Arrasto os dentes pelo seu maxilar, mordiscando a pele quente e gostosa e Ela esfrega-se ainda mais em mim, segundos antes de empurrar meu peito com as duas mãos.

— Não! -diz, ofegante e eu sou um passo na sua direção, pronto para encurralá-la outra vez, inconformado com a negativa, mas ela reforça: ¯Eu disse que não, Gustavo!

Expiro fortemente, fecho os olhos e apoio as mãos na cintura.

Quando volto a abri-los fito-a com todo o desejo contido sem fazer questão nenhuma de esconder a luta imensa a qual ela está me forçando.

— Tudo bem, Elora... Você quer jantar? Nós vamos jantar... Mas eu espero que você não planeje sentar amanhã, porque mais tarde eu vou usar o meu presente até que você não consiga mais gritar!

-É uma promessa, mas soa como uma ameaça. Seu corpo estremece, não de medo, eu sei, mas de ansiedade.



Eu sabia que minha escolha de roupas causaria alguma coisa em Gustavo, assim como a escolha do presente. Mas eu não esperava que a combinação das duas criasse um efeito tão devastador. O

desejo explícito em seus olhos acendeu-me como uma fogueira de São João e as labaredas, apesar de saírem de mim, ao mesmo tempo, me consomem.

Minh santa das mulheres loucas para dar o cu, a senhora sabe o quando foi difícil dizer não. O maldito do homem sabe exatamente como convencer uma mulher a dizer sim para absolutamente qualquer coisa que ele queira. Expulso todo o ar dos meus pulmões só para enchê-lo novamente, bem devagar, enquanto o elevador desce até o andar térreo do nosso prédio. Os olhos de Gustavo continuam me devorando sem qualquer pudor.

Ainda bem que estamos sozinhos, porque algo me diz que se não estivéssemos, seu olhar seria o mesmo. E, como se tudo isso não fosse o suficiente, não consigo desviar meus olhos do infeliz.

Simplesmente, não consigo, porque parece que hoje ele está ainda mais bonito do que nunca.

A calça jeans escura se agarra às pernas musculosas como um verdadeiro convite à perdição para os olhos. O abdômen definido é muito bem delineado por uma camisa fina de cashmere verde escura, que eu não sei se foi escolhida propositalmente por ter a mesma cor de seus olhos, mas, com certeza, forma com eles um belo trio.

E, como a cereja do bolo, o maldito usa uma jaqueta de couro que enche minha cabeça com ideias sobre um bad boy. Qual é?

Que garota nunca foi boba o suficiente para fantasiar com um garoto mau, ainda que fosse inteligente o suficiente para não se envolver com um deles? Afinal, na imaginação tudo é permitido. Na minha, pelo menos, sempre foi.

— Quer parar de me olhar assim? -Peço, entredentes, não por raiva, mas porque a forma como ele me olha está me enlouquecendo e me vejo olhando para o botão de emergências, prestes a fazer a merda do elevador parar só para me jogar em cima

desse deus nórdico maldito, quando nós acabamos de sair da privacidade da minha casa, se fosse para dar, que fosse atrás das minhas paredes, porra!

Gustavo não perde meu olhar para o botão e sorri seu sorriso cafajeste.

— Por que, Elora? Tá de deixando mais excitada? Tua boceta tá pingando por causa do jeito que eu te olho?

— Gustavo... -Choramingo quando o apito do elevador anuncia o quinto andar. Porra de caixa lenta! Ele se aproxima de mim, percebendo minha fraqueza quando esfrego a bunda na parede de aço.

— Deixa eu te comer aqui, Elora? Na porra do elevador? -Pede, e eu quero dizer sim! Minha santa das mulheres exibicionistas, eu quero gritar que sim! O elevador apita outra vez, anunciando a chegada ao quarto andar e o corpo de Gustavo já está grudado ao meu. Ele afunda o nariz em meu pescoço e, quando levanta a cabeça, deixa a língua e vem arrastando-a pela curva do meu pescoço, varrendo meu maxilar, alcançando minha orelha, lambendo atrás dela, e eu? Eu estou perdida num desejo avassalador.

Por cima da minha calça, ele enfia um dedo no ponto exato onde sabe questão minhas dobras, e eu grito. Sinto o toque como uma verdadeira chicotada na boceta, uma que atravessa e rasga meu corpo inteiro em um milhão de sensações diferentes.

O elevador apita, anunciando o terceiro andar.

— Faltam só mais dois andares, Elora... É agora ou nunca...

— Tem câmera aqui, Gustavo... Todo mundo vai ver você me foder... -minha voz sai tudo, menos realmente preocupada, como deveria estar.

— Isso é tudo o que te impede, amor? -Mordisca meu pescoço e acaricia minha boceta levemente. Gemo e ele enfia um dedo com mais força, esfregando o tecido em meu grelo sensível, fazendo-me

ofegar e gritar: ¯É! Minha santa das mulheres excitadas sabe que, sim, é!

— Então aperta o botão, amor! -Seu tom é tão absurdamente sensual. Lento, arrastado, baixo, rouco, gostoso... Gostoso e muito convincente...

— Gustavo...

— Aperta o botão e eu te dou tudo o que você quer, linda.

Inclusive privacidade... Aperta o botão e eu fodo tua boceta, teu cu, e até tua boca , se você quiser, bem aqui, no elevador... -seus dentes raspam minha orelha e sua boca voltar a parar sobre a minha. Seus olhos verdes devoram os meus enquanto minha respiração ofega e meu peito sobe e desce descompassado entre nós: ¯Mas eu não vou fazer isso, Elora... É uma escolha sua, se você quiser que eu te foda aqui, na porra do elevador, vai ter que apertar o botão... -a língua quente lambe meus lábios de um jeito tão lascivo que é impossível não lambê-la de volta.

O apito anuncia a chegada ao segundo andar. É uma escolha de instantes. Eu aperto o botão.

Gustavo não conta história. Sua boca desce sobre a minha devorando-me inteira. Sua língua se enfia em minha boca sem qualquer delicadeza, afundando-se no meu gosto como se ele fosse o melhor do mundo. Suas mãos estão por todos os

lugares, em minha bunda, em meus peitos, em minha boceta. Por todo o meu corpo, sinto o seu toque, seu tesão, sua urgência e, porra! É

gostoso como nada nunca foi.

— Gustavo... -choramingo quando seus lábios deixam os meus e descem pelo meu pescoço. Deliro com as sensações de sua boca em minha pele e só me dou conta de que ele está ao telefone quando ouço sua voz.

— Desliga a câmera dos elevadores, por favor... Sim, está tudo bem... Obrigado.

Seus olhos me queimam inteira enquanto fala com a pessoa do outro lado da linha e uma voz distante em minha mente tenta me alertar sobre a estranheza de ele realmente ter o controle das câmeras dos elevadores, mas foda-se. Nesse momento, eu estou além da capacidade de pensar. Meu corpo treme, minha pele queima, minha boca saliva pelo seu gosto, e minha boceta contrai em expectativa.

A barra de ferro atrás de mim, gelada, já quase atravessa minha pele, de tão espremida que estou contra ela, prensada contra uma outra barra de ferro muito mais gostosa, na minha frente, uma que é quente.

— Isso, vai ter que ser rápido, amor... -a voz melódica e rouca continua me seduzindo, como se isso ainda fosse preciso: ¯Então diz pra mim, como é que você quer que eu te foda em, linda? -Seu hálito morno sopra meu rosto, deixando-me louca de vontade de tê-

lo entre as minhas pernas, mas Deus, não! A necessidade que sinto é muito maior do que essa, muito, muito maior!

Puxo as lapelas de sua jaqueta colando meus lábios aos seus, desesperada pelo seu toque. Como é possível que alguém simplesmente me leve a esse estado de excitação? É a porra do elevador do prédio e eu simplesmente não me importo. *Nota mental, Elora: Jamais negar o que você realmente quer dar a esse homem, ou pode acabar em sérios apuros, hoje é um elevador, amanhã vai ser o quê?*

Unhum... Senta lá Cláudia, to preocupadíssima com o amanhã...

As mãos de Gustavo tateiam minha calça, procurando pelo fecho até encontrá-lo na parte de trás e eu me delicio com seus lábios, língua, dentes e saliva. O zíper

desce, o tecido se afrouxa ao meu redor, e dedos longos e quentes tocam minha pele nua, fazendo-me ronronar.

Ele ri baixinho, satisfeito, e eu canso da passividade que sempre quer me atingir quando se trata de Gustavo. Eu não vou passar por isso sozinha, não. Com uma pressa injustificável, alcanço o botão

do seu jeans e desfaço-o, enfio minha mão dentro de sua cueca, tocando-o e gememos juntos com a sensação.

¯Onde amor? Me diz onde... -pede com uma doçura enganosa.

Deus, esse homem é tudo, menos doce, mas sabe fingir ser que é uma delícia!

— Dentro de mim! Eu preciso de você dentro de mim! Me fode, Gustavo! Me fode! -A expressão em seu rosto é impossível de interpretar. Há luxúria, tesão, satisfação, não há vitória, mas existe outra coisa.

— Porra, Linda... -grunhe em minha boca: ¯Empina esse rabinho pra mim, vai! Empina bem gostoso daquele jeito que você faz... -outra vez, o tom suave, dócil, dócil demais... Gostoso demais, enganoso demais...

Faço o que pediu, viro-me e, apoiando as mãos na barra de ferro do elevador, empino os quadris para trás. Mãos grandes deslizam minhas calças e calcinha até o meio das minhas pernas, deixando-me completamente exposta. As mesmas mãos passeiam pela minha pele nua, arrepiada e excitada.

Respiro ofegante, observando cada ação de Gustavo pelo espelho a minha frente, no qual estou praticamente colada. Vejo seu olhar encontrar o meu, vejo uma das suas mãos deixar minha pele e encontrar própria ereção, vejo a outra afastar-se logo depois, vejo-a voltando com força em um tapa estalado na minha bunda, mas isso não muda em nada o prazer que se alastra pela minha pele junto com a ardência.

Grito. Completamente tomada pelo formigamento que se espalha na minha bunda ao mesmo tempo em que minha excitação escorre em uma quantidade absurda pelas minhas pernas. Os olhos de Gustavo vão exatamente para lá e quando ele volta a encontrar meu os meus pelo espelho, a doçura se foi, há apenas fome. Ele não diz nada enquanto tira uma camisinha da carteira e veste-se.

Não diz nada enquanto agarra meu quadril com uma mão e encaixa-se em minha entrada com a outra. Mas geme junto comigo

quando se afunda em mim de uma única vez, fazendo-me ver estrelas. Sua largura me estica, alarga, se esfrega em minhas paredes, e, agora, a ardência não está apenas na bochecha da minha bunda, está dentro de mim também, tão gostoso...

Rebolo, incapaz de me controlar, querendo mais, necessitada por mais. Gustavo leva alguns segundos com os dentes apertados e os olhos fechados. Abre-os, firma meu quadril parado com as duas mãos, prende meu olhar no seu pelo espelho, e me fode.

Sem doçura, lentidão ou delicadeza. Me fode com força, velocidade, fome. Mete sem parar, e Deus! Se eu não estivesse me segurando, com certeza, me fundiria ao espelho. Eu grito. Sem pudores, pouco me importando sobre onde estamos. A cada entrada, saída, choque de nossas pélvis, sons de batidas das nossas coxas. Grito. Grito cada vez mais alto, cada vez mais perdida, cada vez mais entregue, deliciada, ardida.

Meu corpo grita. Com arrepios, suor, pele quente e com correntes elétricas atravessando cada centímetro de mim. Minha boceta aperta o pau de Gustavo involuntariamente. A sensação que se arrasta da minha pélvis até meu estômago, coração, garganta é tão intensa, como se o sangue que circula em minhas veias não estivesse apenas circulando, mas estivesse, desesperadamente, procurando por uma saída.

O rosto de Gustavo me mostra que as sensações que sinto não são minhas, são nossas, são compartilhadas, ele sente tudo isso e faz muito pouco para conter os gemidos e grunhidos que escapam de sua garganta. Sua respiração pesada, seus olhos escuros, seu agarre firme e as gotas de suor descendo pela sua pele me fazem louca, me fazem querer tudo até que eu não seja mais capaz de suportar mais.

Não aviso que vou gozar, mas ele sabe. Ele não me diz que está chegando, mas eu sei. Então, em uma verdadeira festa de convulsões, gozo. O braço de Gustavo circula minha cintura, mantendo-me firme e ele não para de meter ou reduz o ritmo nem por um segundo antes de alcançar o próprio orgasmo. Gustavo goza

com um rosnado seco, e em meio a espasmos, respirações ofegantes e suor

escorrendo, gargalho.

Um sorriso toma conta de seu rosto também e ele ergue meu corpo, que ainda estava um pouco curvado, me abraça, e enterra o rosto em meus cabelos. Uma sensação desconhecida toma conta do meu peito enquanto fecho os olhos e aproveito a sensação de tê-

lo ainda dentro de mim, de alguma maneira, muito além do sexo.

É gostoso.

É desconhecido.

É perigoso. Mas eu não me importo, não agora.

Se desencaixa de mim devagar, ainda com o rosto escondido em meu pescoço. E, surpreendendo-me, ao levantar a cabeça, vira-me em seus braços e toma minha boca, ao invés de se vestir. Ficamos os dois ali, naquela situação ridícula, com as calças arriadas, e nada preocupados com isso.

No momento em que o beijo acaba, nos olhamos por segundos que parecem durar horas. Mordo o lábio, querendo escapar da investigação mútua de alguma maneira. Imediatamente, o polegar de Gustavo toca meu lábio inferior, puxando-o de entre meus dentes antes de deslizar pela pele magoada pela judiação constante dos meus dentes.

— Você realmente precisa parar de maltratar meus lábios... -

quebra o silêncio que se estabeleceu ao nosso redor com a afirmação, fazendo meu coração saltar no peito.

— Eu não maltrato os seus, só os meus... -minha voz soa baixa, quase temerosa, como se soubesse exatamente o quão perigosas podem ser suas próximas palavras.

— Exatamente... -Diz apenas uma, mas isso não torna o perigo menor. Lambo-os, precisando aliviar a secura que tomou conta da minha boca e ele abocanha o inferior, o mesmo que eu tanto maltrato, chupa levemente, antes de libertá-lo.

Gustavo beija minha testa, a ponta do meu nariz, e, por fim, meus lábios. Depois,

se afasta, abaixa-se e pegando-me completamente desprevenida, mais uma vez, nos últimos dois minutos, tira um lenço de papel da carteira, e me limpa.

Não é um trabalho muito eficiente por razões óbvias, mas o cuidado em tentar realmente me desestabiliza de uma maneira incômoda. Engulo em seco, respirando o ar que, de repente, se tornou pesado, como a sensação desconhecida no meu peito. É a mesma com a qual não me importei há minutos atrás, mas, agora, com a bolha que nos rodeava estourada, ela se tornou sufocante.

Pisco os olhos, observando-o me vestir, fechar o zíper da minha calça e, só então, cuidar de si mesmo. Dou-lhe as costas, procurando, inutilmente, uma fuga para a confusão, já que ela está dentro da minha cabeça. Aproveito o espelho e faço o que posso para acabar com a aparência de quem acabou de ser selvagemente fodida, mas não é muito, me conformo em secar o suor, retocar o batom e puxar e esticar as roupas que saíram do lugar.

Ao me virar para frente novamente, mantenho meus olhos na porta, no chão, em qualquer lugar longe de Gustavo, porém, dois dedos seus apoiam-se sob meu queixo, obrigando-me a encontrar seus olhos.

— Não faz isso... -pede, e eu pisco, atordoada: ¯Você tá sendo injusta... não foge de mim... -Abro a boca, querendo dizer alguma coisa, qualquer coisa para esse infeliz observador, mas que porra? Homens não reparam nem que a própria mulher cortou o cabelo e o cretino foi capaz de identificar minha fuga em dois segundos?

Porra, universo! Obrigada por colocar no meu caminho um homem feito sob medida para me foder, em todos os sentidos da coisa!



Eu não sou idiota.

Sei que o quer que tenha acontecido aqui, foi... Estranho...

Mas isso não quer dizer nada, e, com certeza, não é motivo para Elora se afastar de mim subitamente. Nós fomos do clima caribenho para o polar, e, não há dúvidas de que isso não pode trazer nada de bom.

Seu olhar é cheio de incertezas enquanto me encara e eu aguardo, pacientemente. Por fim, expira, fecha os olhos, dá dois passos, colando o corpo ao meu, apoia as mãos em meu peito, e beija a minha boca com delicadeza, antes de virar-se de frente para as portas. Cheiro seu rosto em uma carícia gostosa, passo um dos braços ao seu redor, e aperto o botão de emergências, fazendo o elevador voltar a funcionar.

O silêncio, dessa vez, vazio de significados, se estende entre nós até ser quebrado pelo apito avisando da nossa chegada ao térreo.

Envolvidos um no outro, passamos pelas portas de vidro e chegamos à área comum do condomínio, onde famílias estão espalhadas, conversando e sorrindo.

Seguimos para o estacionamento. À medida que vamos nos aproximando, começo a me sentir ansioso por aquela que deveria ter sido a segunda surpresa da noite, se Elora não tivesse decidido que foder minha mente era uma boa ideia.

E é claro que ela não pararia justamente agora, não é mesmo?

Assim que seus olhos a encontram, desvencilha-se de meus braços e corre na

direção da moto. Ela a circula, observando os detalhes, depois, a toca com uma reverência, que puta que pariu! Lambo os lábios e enfio as mãos nos bolsos da calça, observando a mulher que anda virando minha cabeça ser apresentada, ou melhor, se apresentando, já que ela não me esperou, a uma das minhas maiores paixões.

— Uma Ducati Panigale v4...-diz e eu preciso me esforçar para que meu queixo não vá ao chão, mas nada posso fazer pelos meus olhos, que se arregalam em surpresa.

— Você conhece motos? -questiono, curioso, porque ela nunca comentou nada, apesar dos meus sinais explícitos, e de já termos conversado sobre isso antes.

— Oh, não... -ri e dispensa minha pergunta com um aceno: ¯

Eu fiz uma aposta comigo mesma! Pesquisei no google quais são as motos mais caras que existem e apostei qual você usaria pra tentar me impressionar... -explica, orgulhosa de si mesma, e eu cruzo os braços na frente do corpo.

— E como é que você sabia que eu tentaria te impressionar com uma moto cara? -Ela me olha com as sobrancelhas arqueadas e dá voz à pergunta explícita em seu rosto.

— Sério, Gustavo?

— O quê? Agora eu sou previsível? -questiono, sentindo-me um pouco indignado com a acusação e ela gargalha, pouco antes de fazer um sinal com seus dedos polegar e indicador, indicando um

“pouquinho”.

Bufo. Ela caminha até mim e envolve meu pescoço com seus braços.

— Se fizer você se sentir melhor, eu perdi... imaginei que você usaria a quarta, talvez a quinta mais cara da lista... Não a primeira...

Sorrio.

— Pra você, só o melhor! - enlaço-a pela cintura e procuro seus lábios.

— E você diz isso pra todas, Gustavo? -Seu sorriso tem um ar zombeteiro que me faz rir também.

— Digo... -reconheço: ¬Mas elas acham que isso é a quarta mais cara...

Ela gargalha. Linda. Absurdamente linda. E não demonstrando nem mesmo uma pontinha de ciúmes...Elora fala da maneira como me relaciono com outras mulheres como se isso não a afetasse de

forma alguma, e, sem que eu tenha qualquer controle sobre, vejo uma parte de mim se incomodando com isso.

— Você é ciumenta, Elora? - Inclina a cabeça para o lado e dobra o lábio inferior em uma careta pensativa.

— Não... -Estreito meus olhos para ela.

— Nem um pouco? Quer dizer, tudo bem se alguém com quem você está saindo ver outras pessoas? -Ergue uma sobrancelha e um ar divertido toma conta do seu rosto.

— Tá querendo revogar a exclusividade, Gustavo?

— Não! -Respondo rápido e o que ela ainda tinha a dizer morre em sua boca depois de minha interrupção abrupta. Chupa o lábio inferior, atraindo meu olhar para ele, lembrando-me da cena no elevador e o peso que seu olhar assume me diz que ela lembrou também.

— Então sobre o que é isso? -questiona, ansiosa, provavelmente, para deixar as lembranças de lado.

— Eu só fiquei... Curioso... Não é qualquer pessoa que é capaz de rir da forma com que seu namorado ou namorada costuma tratar outros parceiros...

Ela gargalha.

— Ser meu namorado não te torna meu, Gustavo... Então não...

Eu não tenho ciúmes de você...

— E o que me tornaria seu?

— Amor... -diz, com simplicidade, e o arrepio em minha espinha é uma sensação estranha: ¯E um compromisso... Isso, independentemente dos sentimentos, requer confiança e respeito.

— E o namoro não é um compromisso?

— O nosso? Não, Gustavo... Ele é uma grande brincadeira... -

Franzo o cenho com a definição desdenhosa, percebendo que, de alguma forma, em algum momento, a relação que estamos

construindo, parte de uma aposta ou não, ganhou um significado maior do que “uma grande brincadeira” para mim: ¯Isso não quer dizer que eu não espero respeito de você, eu espero, mas ele não te faz meu, assim como não me faz sua...

— Você fala como alguém que leva compromissos muito a sério...

— Eu levo confiança muito a sério... Uma vez quebrada, não é algo que dê pra colar...

— O kintsugi pode ter algo a dizer sobre isso...

— Essa é aquela arte feita com coisas quebradas?

— Louças... Ela mesma...

— Ser bonito não te torna forte, Gustavo. Uma peça de Kintsugi é linda, mas frágil. Um relacionamento cuja confiança foi quebrada funciona da mesma maneira. É linda a ideia do perdão e o pensamento de que foi possível superar a decepção, mas, quase sempre, é frágil. Às vezes, basta um toque, e as peças se soltam outra vez...

— Você não perdoaria, perdoaria?

— Uma traição? -Ela desvia os olhos dos meus, balançando a cabeça de um lado para o outro: ¯Não... Eu não acho que eu seja capaz... Quer dizer, eu não preciso jurar ódio eterno a outra pessoa, mas, provavelmente, não a terei mais em minha

vida... Não funcionaria...

Balanço a cabeça, concordando.

— Que tal a gente deixar esse assunto pra lá e você me impressionar com essa garota? -pergunta, deixando um selinho em meus lábios.

— E como você sabe que é uma garota? -ergo uma sobrancelha em questionamento e ela sorri de canto, de um jeito, começo a perceber, que é só dela.

— Porque um cara como você não montaria um garoto!



Sua resposta me faz gargalhar com o corpo inteiro, e ela ri comigo.

— Ok, e se você não fosse CEO, seria o quê? -Me pergunta enquanto devora o prato principal depois da entrada e eu simplesmente não consigo adorar o jeito que ela adora comer.

— Engenheiro... -Revira os olhos para mim.

— Essa não é uma resposta válida, Gustavo! Você é engenheiro, droga! Outra coisa! Sei lá, chefe de cozinha, talvez? -

Sorrio.

— Isso é o que você gostaria que eu fosse, você nunca sairia do meu restaurante, né? -Desdenha com um aceno.

— Não seja convencido, Gustavo... E então? O que seria?

— Cantor de música sertaneja! -Ela bufa.

— Eu desisto de você! Mas depois não espere que eu leve as suas perguntas a sério! -resmunga, levando uma imensa garfada de massa à boca.

— Ok, falando sério agora... Eu não sei... A vida toda eu quis ser engenheiro... Eu não fui aquela criança que mudava de profissão a cada cinco minutos, desde que aprendi a falar, minha resposta à pergunta “O que você quer ser quando crescer?” foi sempre a mesma: “Eu quero construir casas e prédios!” Então eu nunca realmente pensei sobre isso, nunca nem houve uma segunda opção... -Ela balança a cabeça, concordando: ¯Rodrigo, se não fosse engenheiro, teria sido músico... Ele toca vários instrumentos, sabe? Mas eu sempre fui uma negação em qualquer coisa que exija ritmo...

— Você sabe dançar... -Seu olhar é muito sugestivo, e enche minha cabeça com imagens de nós dois no meio da boate, dias

atrás.

— E isso é tudo o que eu sei... -Ela ri.

— Vocês são bem unidos, né? Você e o Rodrigo... -Concordo e levo a taça de vinho à boca.

— Ele é o irmão mais velho exemplar, junto com nosso pai, me ensinou a andar de bicicleta, a pescar e a dirigir, sozinho, me ensinou a beijar, a chegar numa garota, e me deu minha primeira camisinha...

Elora gargalha.

— Te ensinou a como chegar numa garota? Eu não consigo imaginar uma realidade alternativa em que você já não tenha nascido sabendo fazer isso, Gustavo! Eu jurava que você já tinha saído da barriga da sua mãe cantando a enfermeira. -Ela ri, escandalosamente, da própria piada, e embora eu tente fingir indignação, não consigo evitar que um sorriso tome conta do meu rosto.

— Todo mundo já foi um adolescente inseguro um dia, Elora...

— Eu realmente não consigo te ver assim! -comenta e eu me vejo fazendo mais uma coisa inédita com e por essa mulher. Tiro o telefone do bolso, e, com alguns toques na tela, encontro o que procuro, depois, viro o aparelho para ela, mostrando a foto em exibição.

Seus olhos se arregalam e ela leva a mão na boca, depois, passa quase um minuto inteiro desviando o olhar entre a foto e eu, e é a minha vez de revirar os olhos.

— Ai meu Deus! -diz, finalmente, depois de muito mais tempo em silêncio do que realmente era necessário: ¯Você era o perfeito exemplar de nerd de um filme dos anos dois mil. Eu super pegaria você naquela época, amor!

E gargalha. Alto. Escandalosamente. No meio do restaurante.

Algumas pessoas olham para ela e eu até queria ficar com raiva, mas, aparentemente, há algo de errado comigo essa noite, porque, a cada vez que Elora me provoca e ri as minhas custas, tudo o que consigo fazer admirar o quanto ela é absurdamente linda quando sorri.

— Acabou? -pergunto, fingindo irritação, quando ela dá uma pausa em seu ataque de risos para levar a taça de água à boca. Ela me olha com as bochechas inchadas, tentando conter o riso, mas falha miseravelmente e explode outra vez: Eu vou te deixar sem sobremesa... -Ameaço e ela gargalha ainda mais alto, desafiando-me, a maldita. Linda. Fodidamente linda.

— Eu jurava que você tinha sido um atleta ou algo assim na adolescência...

— Eu disse, sempre quis construir coisas... Atletas não constroem nada, mas membros do clube de ciências? Era lá que estava a diversão... -Elora sorri e concorda.

— Eu fazia parte do clube de debates! Minha irmã jura que quando tiver filhos, eles nunca vão fazer parte de um. -Outra vez, gargalha, e saber que ela está se divertindo tanto esta noite aperta alguma coisa em mim.

— Vocês também são unidas, né?

— Muito! Só que eu sou a mais velha, embora, muitas vezes, pareça que é o contrário. A Lívia é a mais centrada de nós duas...

Ela quase surtou quando soube da nossa aposta...

— Você contou pra ela? -Não consigo evitar a surpresa em minha voz.

— Ela é minha advogada...

— Então foi pra ela que você ligou na noite que fugiu...

— Ei!! Eu não fugi! -Copiando o que ela sempre faz, ergo uma única sobrancelha em um questionamento silencioso: ¯Não fugi! -

reafirma.

— Então o que foi aquilo?

— Uma retirada estratégica! -responde cheia de propriedade e é a minha vez de gargalhar.

— Ah, tá bom, Napoleão... -Rio mais, sem conseguir me conter: ¯E o que foi que te fez mudar de ideia?

Ela desvia os olhos. De repente, achando o arranjo de flores da mesa ao lado muito interessante.

— Foi o beijo, não foi? -pergunto, ainda com um sorriso no rosto. Elora abaixa a cabeça, derrotada, antes de se lamentar.

— Foi um beijo muito, muito, muito bom...

— Sim, amor... foi! -Respondo, entre risos, e pego sua mão sobre a mesa. Seus olhos se levantam e encontram os meus.

— E é uma pena que você esteja tão longe, porque eu adoraria te dar um tão bom quanto agora...

— Exibicionista! -Acusa.

— Com você? Eu topo qualquer coisa! -A verdade das palavras praticamente me estapeia o rosto, mas o impacto delas não é tão grande quanto o da percepção de que isso não me assusta, pelo menos, não como deveria, ou, como eu sempre achei que devesse.

— Acho que teria sido mecânico... -mudo de assunto, precisando deixar meus próprios pensamentos de lado.

— Mecânico? -pergunta, ainda sorridente.

— Unhum! Motos são uma paixão antiga... Eu sempre quis construir uma, então acho que poderia ter me tornado mecânico...

— Um engenheiro mecânico ainda é um engenheiro, Gustavo! -

Reclama e eu dou de ombros.

— Mas também é mecânico, ué! -Defendo-me e seus olhos estreitos me julgam.

— Eu quero a sobremesa, agora...



— É claro que você quer!

Entramos no elevador e é impossível não sorrir. Elora faz o mesmo, assim como eu, relembrando a cena que protagonizamos aqui mais cedo. Ela mordisca meu queixo e eu lambo sua boca.

— Como você pode ter o controle das câmeras do elevador? -

Encontra meu olhar com uma sobrancelha arqueada. Oh, merda!

Respiro fundo.

— Não acho que esse seja um bom assunto pra conversarmos agora... -Tento,

mas seu olhar deixa bem claro que ela não está disposta a aceitar fugas. No fim, não preciso responder, ela encontra a resposta sozinha.

— Você terminou de comprar o prédio! -Acusa no instante exato em que o elevador apita a chegada ao nosso andar e as portas se abrem. A mágoa em seu rosto me atinge de maneira inesperada e eu nem mesmo cogito a resposta automática que dou para ela todas as vezes em que me ataca em minha mente, não poderia dizer que são só negócios, não agora.

Elora sai do elevador, atravessa o corredor em passos firmes e eu sigo atrás dela. Os braços esticados ao lado do corpo e as mãos fechadas em punhos me dizem que ela está muito, muito irritada. Na porta do próprio apartamento, enfia a chave na fechadura, destrancando-a e, depois, se vira para mim. Seu olhar mistura mágoa, raiva, e, algo como decepção. Uma porra...

— Elora...

— O quê? Que justificativa você poderia ter pra isso, Gustavo? -

Seus olhos me escrutinam tão cheios de desgosto, que é impossível não me lembrar da conversa sobre confiança que tivemos mais cedo, e eu sinto mais do que vontade, sinto uma verdadeira necessidade de que ela entenda que eu não traí sua confiança.

— Amor, i-

— Não se atreva! -corta minhas palavras ao meio: ¯Não se atreva a tentar me manipular com esse tom doce e vocativos floreados, eu não sou idiota, porra! Não se atreva a me tratar como tal! -seus olhos estão injetados, a pele do seu rosto, tornando-se avermelhada, e seus lábios fazem um bico após a pronúncia de cada palavra, denunciando que seus níveis de raiva estão crescendo em uma velocidade absurda.

— Não confunda minha disposição a transar com você com estupidez, Gustavo! Porque são duas coisas muito diferentes! Se eu finjo acreditar no seu carinho simulado, é porque eu acho que naquele momento é conveniente, e não porque você me convenceu!

E sabe o que esse falso carinho não é agora, Gustavo?

Conveniente! Então, ou você me trata como a mulher inteligente que eu sou, ou fica calado!

Expiro fortemente e levo uma mão a ponte do nariz, apertando-a.

Ignoro a pequena parte de mim que quer se sentir magoada por ela achar que minhas palavras são falsas, afinal, elas são, não são?

Abaixo a cabeça e passo alguns segundos olhando para os meus próprios sapatos, antes de finalmente voltar a encará-la.

— O que você quer que eu diga, Elora?

— A verdade! -responde, categórica, e gesticula com os braços como se essa fosse a resposta óbvia.

— Que verdade, Elora? Porque, nesse momento, você não parece muito aberta a aceitar a minha... -Um som de escárnio deixa seus lábios e eu fechos os olhos brevemente e respiro fundo:¯Por que a gente não conversa dentro do seu apartamento?

— Tem certeza de que você não quis dizer “seu apartamento”, Gustavo? Porque, aparentemente, todos os desse prédio são seus, né? O que você acha de a gente bater na porta do seu Marcello, expulsar ele de lá, e conversar lá dentro?

— Vamos... Vamos só entrar, Elora?

— Nem fodendo!

— Elora...

— Você diz o que tem pra dizer aqui fora, e, então, e só então, eu decido se você entra na minha casa ou não, porque sendo ou não você o dono, enquanto a chave estiver na minha mão, entra quem eu quiser!

Apoio as mãos na cintura e meus lábios formam um bico ansioso, movendo-se para um lado e para o outro, enquanto vejo a noite, que vinha sendo perfeita até aqui, ir para o ralo.

— Você realmente quer terminar a noite assim?

— Eu? Eu quero terminar a noite assim? Me parece, Gustavo, que foi você quem fez o que disse que não faria, escondeu, e pretendia continuar escondendo de mim, mas, ainda assim, sou eu quem está arruinando a noite? Ah, meu poupe!

— As coisas não são assim, Elora... Você... Porra, Elora! Você tá deturpando as coisas!

— E como é que elas são, excelentíssimo senhor proprietário?

Fecho os olhos, reunindo paciência para lidar com a sua dose cavalar de sarcasmo.

— Eu nunca te disse que não terminaria de comprar o prédio...

Ela ri, seca e desgostosa.

— Oh, é claro! Vejam só, ele nunca disse! Apenas deixou que eu pensasse, certo? Se as coisas derem errado na engenharia, acho que acabamos de descobrir uma outra carreira na qual acho que você se daria incrivelmente bem, você seria um político filho da puta de tão bom! E eu acho que isso, claramente, responde à pergunta sobre você entrar ou não! -declara. Exalando raiva, gira a maçaneta da porta, passa por ela, e depois a bate em minha cara.



— Então você tá brava por ele ter feito exatamente o que disse que ia fazer? -É o que Lívia me pergunta, dois dias depois da minha discussão com Gustavo, assim que termino de contar toda a saga do dia dos namorados enquanto tomamos café.

Sentada em uma mesinha de canto da nossa padaria favorita, que fica no meio do

caminho entre nossas casas, bem no centro da cidade, pego um croissant, parto ao meio, e recheio com creme de avelã. Não tendo a menor pressa para responder minha irmã.

— Achei que você fosse gostar da notícia... -comento, depois de mastigar e engolir quase o pãozinho inteiro. Lívia franze lábios e testa para mim.

— Eu ainda acho essa aposta absurda, mas isso não me impede de ver as coisas com objetividade! O cara não fez nada de errado, Elora! Ele só fez exatamente o que disse, desde o início, que faria... -Repete a afirmação descabida.

— Não! Nós temos um acordo, Lívia... Ele não podia ter comprado o prédio! -defendo minha tese pela milésima vez desde que a pronunciei pela primeira vez, a primeira defesa foi feita para Gustavo, as outras novecentas e noventa e nove? Para mim mesma.

Quer dizer, ele não podia ter feito o que fez, podia? O fato é que aquela noite foi... Tão... Estranha... Não foi ruim, foi boa, foi perfeita, perfeita demais para um namoro falso, protagonizado por dois vizinhos que só estão saindo juntos e transando por causa de uma aposta. Gustavo não é um namorado real, confiar nele não é uma possibilidade, e o fato de ele ter comprado o prédio, escondido isso de mim, e ter tido a cara de pau de reconhecer que pretendia continuar fazendo isso só reforça meu argumento. Reforça, não reforça?

Pois, deveria. Porque todos aqueles olhares, todas aquelas palavras, toda aquela naturalidade que parecia circular ao nosso redor e permear cada palavra dita, gesto feito ou carícia trocada,

não pode ser real, é encenação, é jogo, e eu preciso me lembrar disso.

— Eu reconheço... O panaca mandou muito mal ao saber que você tinha entendido a coisa toda do jeito errado, não ter explicado certo e, ainda, em ter escondido a compra de você...

— Exatamente! -Corto sua fala, porque ela parece finalmente estar me entendendo e nada que não seja isso e esteja prestes a sair de sua boca me interessa. Ela me olha enviesado, sabendo exatamente o que estou fazendo, e ergue uma sobrancelha para mim. Criticando-me em silêncio. Bufo.

— Como eu ia dizendo... -Continua, mesmo contra a minha vontade: ¯Reconheço

que ele tenha sido meio babaca aí, mas, até aí, nenhuma surpresa, né? Afinal, a gente sabe que ele é babaca, mesmo antes de saber o nome dele, Elora! Ele nunca disse que não compraria o prédio, disse que se você ganhasse, desistiria do empreendimento

— E isso foi exatamente o que ele argumentou...

— Porque é a verdade... Realmente não acho que seja razão pra você ficar putinha e ignorar o cara, de novo, diga-se de passagem... Até porque, tendo ele comprado o prédio, ou não, a aposta de vocês continua valendo, então ele já ter gastado o dinheiro, significa, apenas, que o prejuízo dele vai ser maior se perder pra você. Ou você desistiu da aposta?

— Não sei... -Murmuro, antes de levar a xícara de chocolate quente à boca e Lívia me olha com olhos desconfiados. Tomo um gole, pensando sobre a pergunta que vem me atormentando desde que fechei a porta do meu, quer dizer, não mais, meu apartamento, duas noites atrás, e em todas as respostas que já serpentearam minhas certezas: *Talvez... Quer dizer, não! Definitivamente, não!*

Ou... Talvez... E tudo outra vez...

— Tem certeza que isso é sobre ele ter enganado você, Elora?

— O que você quer dizer? -Questiono com olhos de desdém, mesmo que eu tenha entendido perfeitamente suas intenções ao dizer o que disse.

— Eu quero dizer que me parece que você tá procurando uma fuga, e uma fuga que você ainda nem foi capaz de decidir se quer ou não, mas, ainda assim, tá procurando, quase como se fosse um plano b... -Lívia me olha com as sobrancelhas estreitadas.

— Você se apaixonou por ele, Elora? Se apaixonou pelo vizinho fodedor? -Sua expressão está dividida entre incredulidade e curiosidade. Em outra situação, eu me preocuparia com isso, mas, agora, eu realmente não tenho disposição, tempo, ou saúde para investigar as mudanças de perspectiva da minha irmãzinha.

Rio com desgosto.

— Claro que não, Lívia! Eu não sou estúpida. -Outra vez, uma única sobrancelha dela é erguida, dizendo-me que não a convenci.

Expulso o ar dos pulmões e fecho os olhos por alguns segundos, tentando me reorganizar, porque a verdade é que tudo está uma bagunça. Não acho que eu esteja apaixonada por Gustavo, mas acho, sim, que estou sendo muito facilmente enganada pela face que ele vem me apresentando, e, o pior de tudo é que sei que essa é uma face enganosa.

Essa foi uma aposta estúpida. Não importa quantas vezes eu pense nisso, nunca será o suficiente, porque foi uma aposta muito, muito estúpida. Eu sabia que era estúpida e, ainda assim, aceitei, e, não satisfeita, me joguei de cabeça. O que isso faz de mim, hein? A estúpida mor, certo?

Quando decidi que usaria nosso namoro falso a meu favor, sabia que estava correndo um imenso risco, e não acho que tenha sido um risco desperdiçado, porque duvido que Gustavo esteja tão emocionalmente distante de mim agora quanto estava quando tudo começou, mas, tendo surtido efeito, ou não, foi um risco alto demais.

Reconheço isso, vejo os efeitos na minha pele, nos meus

pensamentos, e no meu coração. Eu fiz sexo na porra do elevador do prédio. Isso precisa significar alguma coisa, certo?

Talvez signifique que é hora de parar. Talvez, apenas talvez.

— Eu acho que isso é você tentando se convencer, de novo, de que ele é lobo mau, agora que ele começou a te convencer de que, talvez, seja o lenhador gostoso...

— Lívia, por que nós não falamos de você? Como vai o Téo?

— Não, não! Nós vamos continuar falando de você, muito obrigada!

Bufo. Cara de pau!

— Eu ainda acho que ele é o lobo mau, Lívia! Ou, melhor! Eu sei que é, mas quando tô com ele é fácil demais esquecer... E isso me assusta... Me assusta pra caralho!

— E o que te dá tanta certeza assim de que ele não é um pobre lenhador mal compreendido?

Rio, desgostosa.

— Porque, sobre isso, ele sempre foi honesto. Gustavo é um cafajeste com c maiúsculo. Ele não entra em jogos pra perder, me disse isso mais de uma vez, e toda essa personalidade cativante é encenação, é jogo, é ele fazendo o que faz de melhor... Desafiando os riscos...

— E já passou pela sua cabeça que talvez ele esteja caindo na própria armadilha tanto quanto você sente que está caindo na sua?

Estreito os olhos e inclino a cabeça para o lado, pensando. Não posso negar que sim, pensei e, em algum grau, realmente acredito que isso esteja acontecendo, mas não sei o quanto mais de mim mesma estou disposta a arriscar com base nessa crença.

— Já... Mas não confio nessa percepção não... De todas, essa é a mais perigosa... Até onde eu sei, é exatamente isso que ele quer que eu pense, assim, eu me entrego, acreditando ser

correspondida, e pronto! Ele ganha duas vezes. Como adora dizer, ganha porque ganha, e ganha porque eu perco.

— Vocês deviam conversar... -E, como se tivesse sido invocado, Gustavo me envia uma mensagem.

“Vai falar comigo hoje? A gente devia conversar... Não é assim que casais resolvem as coisas?”

Bufo. Inacreditável. Ele é inacreditável.

— Que foi? -Lívia pergunta e eu estendo o celular em sua direção para que ela mesma leia. Minha irmã ri.

— Bom, uma coisa é certa, ele tem senso de humor!

— Pois ele que enfie o senso de humor na bunda! -Ela ri.

— Então você tá me dizendo que vai largar a aposta?

— Não... Eu to dizendo que não sei! -Debruça os braços sobre a mesa e me

observa por alguns instantes. Seu rosto começa a ficar vermelho e eu franzo o cenho.

— Quão bom ele é de cama?

— Lívia! -A repreendo e ela me dispensa com um aceno. Não é que eu tenha pudores para falar sobre sexo, não tenho. Não tive, inclusive, na noite da boate, ao conversar sobre o tamanho do pau de Gustavo com minhas amigas, antes de ele chegar, é claro. Mas Lívia nunca gostou desse tipo de conversa. Por isso, sua pergunta me choca.

— Quão bom? -repete a pergunta que nunca, em tempo algum, eu imaginaria que minha irmã me fizesse.

— Muito bom... -murmuro.

— Qual é, Elora? Você pode me dar uma resposta melhor que essa!

— Quem é você e o que fez com a minha irmãzinha? -questiono com as sobrancelhas erguidas.

— Continuo esperando... -ignora minha provocação e tentativa de mudança de assunto. Mas essa nova atitude deixa claro que nós realmente precisamos conversar sobre o tal Téo.

— Muito bom, o melhor que já tive... E minha santa das mulheres bem resolvidas sabe que não foram poucos! -Suspiro, frustrada: ¯É só... -paro de falar, olho para mesa, expiro, mordo o lábio e quase posso sentir a sensação de seu polegar passeando em minha pele, arrancando-a de entre meus dentes. Sua voz em minha cabeça é firme dizendo que eu preciso parar de maltratar seus lábios. Porra!

— É só? -Lívia incentiva.

— É diferente... É sexo! Gostoso, suado, safado! Mas é diferente... Eu nunca devia ter dormido com ele! Puta que pariu! -

Bato a mão sobre meu próprio rosto e ouço o risinho de Lívia. Isso leva minha atenção de volta para ela.

— O quê?

— Nada!... -responde, balançando a cabeça, em negativa, e erguendo as mãos em rendição.

O som de vibração ecoa na mesa, olho para o meu celular, mas a tela continua apagada. Então, olho para o de Lívia, em que o nome Téo brilha na tela. Afino os olhos para ela, que, subitamente, decidiu que comer todos os biscoitos que estavam abandonados há um bom tempo em seu prato é uma boa ideia.

Nego com a cabeça. Ah não, não mesmo!

— Pode comer a padaria inteira, Lívia! Mas quando acabar, se você ainda for capaz de falar, vai ser a sua vez de dizer o que é que está acontecendo!



A tela apagada denuncia que não recebi nenhuma resposta de Elora. De novo. Se ela continuar assim, hoje à noite, vou colocar uma música tão alta para tocar, que vai ser impossível que ela não bata em minha porta para reclamar. Puta que pariu. Para um relacionamento em que eu sou o inexperiente, Elora tem agido muito mais como se fosse sua primeira vez do que eu.

Mas ela não considera que esse seja um namoro de verdade, Gustavo... Para ela, é uma grande brincadeira...

Grande brincadeira é meu cu! Eu devia ter contado antes, sei que devia, mas as coisas estavam indo tão bem, que eu simplesmente preferi não arriscar, e, se não fosse a bendita foda no elevador, ela nunca teria descoberto!

Me arrependo? Definitivamente, não! Faria outra vez? Quantas vezes Elora quiser... Porque, porra! Foi de outro mundo. Nunca fui dado à exibicionismos, mas, sinceramente, minha fome era tanta, que eu realmente não teria me importado se alguém tivesse nos visto. E não viram, mas o risco, a possibilidade de sermos pegos, a insegurança de estarmos em um lugar público, mesmo que de forma privada, deixou tudo ainda mais excitante.

Excitante. É tudo o que foi, certo? *Não, Errado!* Sim, certo! É tudo o que foi... Excitante...

Ver mais que desejo em seus olhos foi... Excitante...

Saber que havia mais do que apenas desejo nos meus próprios olhos foi... Excitante...

Receber sua confiança para se entregar em um lugar tão público foi... Excitante...

Perceber que ela já me conhece o suficiente para saber que eu tentaria impressioná-la com uma moto foi... Excitante... Excitante para caralho...

Tê-la, agarrada a mim enquanto deslizávamos pelas ruas da cidade, ouvir seu riso em minha orelha ao aproveitar a liberdade que uma boa moto dá, foi... Excitante...

Desejar fodê-la sobre a Ducati a ponto de minhas bolas doerem...

Passar boa parte da noite pensando sobre o seu presente, que me aguardava no seu apartamento... Foi... Excitante...

Jantar com ela, ouvir mais sobre a sua vida, contar mais sobre a minha própria vida foi... Excitante...

Puta que pariu! Foi tesão, não foi? Só tesão?

— Por que a cara de cu? -Rodrigo entra em minha sala, como sempre, sem bater e eu agradeceria pela distração bem-vinda se ele não tivesse decidido começar justamente pelo tópico que estou tentando esquecer.

— Nada...

— O que aconteceu com a Elora? -Franzo minhas sobrancelhas.

— Como você sabe que é algo com a Elora? -Ele sorri imenso e ergue uma sobrancelha para mim que praticamente grita “Eu realmente preciso responder isso?”

— Vai pro inferno, Rodrigo!

— Eu poderia te deixar nele, mas como sou um bom irmão, eu vou te ajudar! Me conta, o que aconteceu?

— Eu não preciso de ajuda, porra!

— Unhum... E o Oriente médio não precisa de paz... Agora para de ser criança, assume que tem um problema, e me deixa te ajudar a resolver!

Bufo!

— Não é um problema! É que ela se recusa a falar comigo há dois dias, e o tempo não espera, como é que eu posso ganhar a aposta se não a vejo, se ela não fala comigo?

Outra vez, a expressão de “sério” toma conta do seu rosto e eu reviro meus olhos, só para me arrepender depois, porque, porra!

Essa é só mais uma coisa que a infiltra em meus pensamentos.

— Aposta, né? Unhum... Sei... E por que é que faz dois dias que ela não fala com você? O que foi que você fez?

— E por que é que eu tenho que ter feito alguma coisa, Rodrigo?

Outra vez, a expressão “sério?!”.

— Eu juro que um dia, ainda redesenho seu rosto -resmungo baixinho: ¯Ela descobriu que compramos o resto do prédio...

Suas sobrancelhas se franzem.

— Como assim, ela descobriu? Ela já não sabia? -Parece confuso por alguns instantes, mas logo a compreensão se espalha por seu rosto.

— Você não contou... -conclui...

— Não...

— E por que não, Gustavo? Isso não fazia parte da aposta absurda de vocês...

— Porque ela não é estúpida, Rodrigo! Sabe que manter aquele condomínio intocado não é do interesse da GAF, se compramos, ainda que eu desistisse do empreendimento, o edifício residencial Uno não vai resistir por muito tempo...

Ele balança a cabeça, concordando.

— E por que você não contou?

— Achei que eu tivesse acabado de te explicar...

— Unhum... Mas o que eu não entendi, é: se toda a questão é só uma aposta, por que a forma como ela teria se sentido importa?

— Porque isso determina a maneira como ela age! Elora é passional demais! Ela toma decisões por impulso, e só pensa nas consequências quando tem que lidar com elas.

— Parece que você se descreveu... -comenta, fingindo despretensão... Fingindo muito mal...

— Nós somos parecidos... Essa é toda a porra do problema!

— Me parece que essa é a solução, Gustavo...

— Solução pra quê, Rodrigo? -Sorri.

— Vou deixar você descobrir sozinho...

— Mas você não disse que ia me ajudar, merda?

— Mudei de ideia, é mais divertido ver você andar em círculos como uma morsa...

— Uma morsa?

— Uma morsa muito bonita, mas, ainda assim, uma morsa...

Suspiro, frustrado.

— Como é que você faz quando a Cami tá brava, Rodrigo?

O filho da mãe gargalha.

— Peraí! -Ele tira o celular do bolso e passa alguns minutos registrando algo nele. Espero, imaginando que ele esteja prestes a me mostrar algo útil, mas, depois de algum tempo, ele simplesmente volta a guardar o aparelho no bolso.

— O que foi isso?

— Ah, eu tava marcando esse dia na minha agenda!

— Ah, Rodrigo! Pelo amor de Deus! Sai da minha sala! -

Expulso-o, indignado com sua falta de capacidade de levar minha situação a sério.

— Não posso, tenho um assunto importante pra resolver com você e, além disso, você não quer saber a resposta pra pergunta que me fez?

— E você pretende me dar essa resposta, ou vai continuar debochando?

O filho da mãe ri.

— Ah, cara! Eu espero por esse momento há tanto tempo...

— Não tem momento nenhum! E, mesmo se tivesse, eu me lembro muito bem de você falando que quando ele chegasse, você não riria de mim, me abraçaria e diria que eu, finalmente, encontrei a felicidade... -suas sobrancelhas se erguem.

— Olha só quem guardou o que eu disse?

— Como potencial arma contra você? Com certeza!

— Pra alguém que tinha a intenção de nunca a tornar realidade, essa foi uma preocupação interessante...

— Rodrigo! -Grunho, e ele ergue as mãos em rendição.

— Geralmente, eu tento compensar o que eu não deveria fazer com coisas que ela quer muito que eu faça... E peço desculpas, eu sempre peço desculpas...

— Isso não é de grande ajuda... A única coisa que Elora quer muito que eu faça, é justamente o que a deixou chateada pra começo de conversa, porque eu não posso fazer... E pedir desculpas? Mesmo quando não tá errado?

Ele bufa.

— No mundo delas, elas sempre estão certas, Gustavo... E se você quiser viver nele, vai ter que entender isso...

— Mas isso não faz o menor sentido...

— Não mesmo... -Ri.

— Que bom que você tá se divertindo... Tá gostoso pra alguém, pelo menos!

Acena, dispensando-me.

— O aniversário das meninas tá chegando... Camilla decidiu que quer fazer um piquenique...

Ouvir falar de Alícia e Alice traz um sorriso imediato ao meu rosto.

— Elas vão adorar...



— Em Petrópolis... -Rodrigo resmunga, e eu gargalho.

— Qual é o problema, irmão? Mamãe também vai adorar...

— É no fim de semana, Gustavo! Em três dias, e ela simplesmente decidiu que quer fazer um piquenique na Serra... -

Ergo as sobrancelhas, me divertindo com a reclamação. Arrisco dizer que essa é a primeira vez que Rodrigo realmente faz uma sobre Camilla para mim e, agora, me pergunto se ele se conteve antes por achar que eu não entenderia. É possível que sim...

Porra... É muito possível...

— E deixa eu adivinhar? Ela está certa...?

— No mundo dela, meu irmão... Ela sempre está...

Ergo a mão fechada em punho, mas abaixo, preparando-me, porque há uma grande possibilidade de Elora abrir a porta apenas para me atingir com uma joelhada nas partes baixas, ela, definitivamente, seria capaz de uma coisa dessas quando tem sua raiva provocada. E, ignorar sua exigência de espaço, com toda certeza do mundo, se enquadra na sessão de atitudes capazes de provocar sua ira.

Mas Deus e Rodrigo são testemunhas, eu queria respeitar seu espaço, bem, não se pode ser exatamente chamado de querer, mas eu estava tentando. Foi a vida, essa brincante, quem me obrigou a estar aqui, em sua porta, chamando sua atenção. O assunto urgente que Rodrigo tinha para tratar comigo não era o aniversário das gêmeas, mas o fato de que elas me intimaram a levar a tia Elora...

E, bom... Eu não sou de negar os pedidos das minhas princesas, ainda mais, um pedido de aniversário.



Ao olhar pelo olho mágico, não posso acreditar na cara de pau do infeliz. Oh, mentira! Eu, com certeza, posso sim, porque estou para conhecer alguém que merecesse tanto usar óleo de peroba como hidratante facial quanto Gustavo.

Nem mesmo me dou ao trabalho de responder, assim como não fiz questão de responder seus e-mails, mensagens, ou de atender seus telefonemas. Sem ter qualquer preocupação com o barulho, me afasto da porta, deixando-o sozinho do outro lado. Eu não quero fingir que não estou em casa, pelo contrário, quero que ele saiba que estou aqui e não quis atendê-lo.

Tive tempo o suficiente para pensar em tudo o que aconteceu duas noites atrás. Conversar com Lívia me ajudou, sim, a enxergar a perspectiva de Gustavo, mas enxergar e compreender são duas coisas muito diferentes. Entender foi fácil, ele estava jogando comigo, como disse que faria, e, quanto a isso, eu realmente não posso reclamar, porque ele me avisou.

Mas o que não consigo compreender é como ele é capaz de continuar agindo dessa forma depois de semanas, depois de...

Depois do elevador... Minha mente teimosa sussurra, ainda que eu queira silenciá-la para sempre.

Depois do elevador, admito. O que quer que tenha acontecido lá, não foi jogo, não para mim. Por isso, perceber, ainda naquela noite, que para ele foi, atingiu-me como um tapa forte. Eu não estava preparada, eu estava me entregando, e agora sei que isso era tolice.

Respiro fundo, abrindo a porta da geladeira.

Ainda não decidi se quero manter essa aposta, porque, convenhamos, ela está perdida para mim. Não me apaixonarei por Gustavo. Estou construindo muros de vibranium[5] ao redor do meu próprio coração depois de seus últimos deslizes, mas tampouco serei capaz de fazer que ele se apaixone por mim.

Não se depois dos esforços que colocaram minha própria sanidade em risco, ele ainda é capaz de ver tudo isso como um

jogo, como uma aposta. Então qual seria o sentido de continuar? *O*

sexo gostoso... Sim, o sexo é incrível, não há razões para não reconhecer... O melhor... Mas não sei se é o suficiente. Sendo honesta, gosto da companhia de Gustavo, ele seria um bom amigo, um amigo com benefícios sensacional, mas ter que ouvi-lo foder com outras mulheres quando eu não estivesse em sua cama, ou ele na minha, seria estranho, mesmo para mim.

— Eu sei que você tá aí, Elora... -Sua voz ecoa pela porta, e continuo não fazendo questão de responder.

— Eu posso te ouvir... -Balanço a cabeça e movimento a boca, sem emitir som algum, imitando sua postura sabichona. Jura que você sabe, Gustavo? Tá de parabéns! Quer uma estrela?

— Amor, vamos conversar... -Estreito meus olhos... Amor...

Amor de cu é rola! Cretino! Bufo.

— Relacionamentos são resolvidos na base do diálogo! -É

mesmo, Gustavo? E como é que você sabe disso? Baseado no seu imenso histórico de relacionamentos? Oh, espera... Ele está vazio!

Debocho em meus próprios pensamentos.

— Eu sei o que você tá pensando, mas eu pesquisei! A doutora Gisa diz que comunicação é fundamental pra que qualquer relacionamento dê certo. -Diz, como se tivesse invadido meus pensamentos também, porque não basta que tenha invadido minhas tardes quando ainda era apenas um corredor anônimo, ou meus sonhos, noites depois, ou meu apartamento, com suas fodas sensacionais, ou minha vida, com seu empreendimento maldito, nem, por último, meu dia a

dia, com essa aposta fajuta, condenada pela sua cara de pau desde o início. E quem diabos é doutora Gisa?

— A doutura Gisa é uma terapeuta de casal conceituadíssima!

Ela tem um canal no youtube. -Essa é a frase que quebra toda a minha postura irritadiça e me faz gargalhar, ainda que tenha, mais uma vez, soado como uma invasão aos meus pensamentos mais privados. Mas qual é? Gustavo Fortuna estava pesquisando terapeutas de casais no youtube?

Rio, descontrolada, e fecho a porta da geladeira sem ter tirado nada lá de dentro. Curvo-me sobre o balcão precisando de apoio enquanto meu corpo se contorce em diversão... Lágrimas saem pelos meus olhos e é só quando acho que não vou aguentar mais, que realmente consigo parar de rir.

— Viu só? Eu te faço rir, me deixa entrar, linda... Vamos conversar... -E, de novo, o maldito tom doce que não convence nem meu mindinho. Expiro com força, expulsando todo o ar que tenho em meus pulmões.

— Eu trouxe cheesecake... -arrisca, e eu reviro os olhos, sigo ignorando-o.

— Não adianta né? Você ainda tem a que eu te dei no dia dos namorados, acertei? -Em cheio. Inclusive, volto à geladeira e tiro de lá a travessa.

Corto uma fatia generosa e me sirvo dela. Gustavo continua com sua ladainha enquanto eu me sento no sofá e pego o controle da televisão, pronta para ligá-la no volume máximo e não mais ser obrigada a ouvi-lo, mas ele grita, me assustando.

— Porra! Ai! Elora! Me ajuda! -Estreito os olhos, desconfiada, porque isso soou muito falso. Jura, Gustavo? Você vai tentar me convencer de que se machucou?

— Ai, ai, ai, ai!!! -solta a sequência de interjeições e elas soam doloridas. Ouço, atentamente, suas batidas insistentes em minha porta. Elas não são fortes, apenas, frequentes.

— Elora, pelo amor de Deus! Eu acho que minha coluna travou, por favor, por favor!! Porra, Elora... me ajuda! -Não é o tom dolorido que me convence, mas o raivoso das palavras finais, porque é o tipo de reação que imagino que Gustavo teria, se abandonado em um momento de necessidade.

Resignada a ter que olhar para sua cara, já que não sou cruel o suficiente para deixá-lo se virar sozinho com a dor, levanto do sofá e caminho até a porta. Espio pelo olho mágico antes de abri-la e

Gustavo está curvado, realmente parecendo sentir dor. Suspiro e giro a maçaneta.

Tudo acontece muito rápido. Ele já está de pé, seus braços me envolvem e em passos absurdamente rápidos estamos dentro do meu apartamento, e eu imprensada contra a porta.

— Ah, seu cretino! -cuspo as palavras, e soco seu peito forte, mas ele sorri e me aperta ainda mais contra o próprio corpo. Isso não me para, continuo socando-o com força, uma com a qual ele parece não se importar. Ele cola a testa na minha e fecha os olhos, a sensação que a visão me causa não é bem-vinda. Como se não fosse suficiente o fato de que todo o meu corpo parece ter acordado simplesmente por sentir seu toque em minha pele. Traidor!

— Porra, Elora! Eu senti sua falta! Dois dias sem teu cheiro...

Sem tua pele... -Abre os olhos e um sorriso cafajeste toma conta do canto de seus lábios quando ele diz: ¯Mulher má!

— VAI EMBORA! -Grunho e ele lambe meus lábios rápido, como se soubesse que se tivesse demorado mais dois segundos, eu teria mordido sua língua. Na verdade, seu olhar de desafio me diz que sim, ele sabe.

— Não... A gente precisa conversar...

— Eu não quero conversar com você!

— Relacionamentos são feitos de coisas que nem sempre gostamos... Mas se queremos o que gostamos, precisamos ligar também com aquilo que não nos agrada...

Eu o encaro, incrédula. Pisco meus olhos, atordoada, e lambo os lábios. Seus olhos acompanham o movimento, e não perdem quando mordo meu lábio inferior, sua boca toca a minha, parecendo riscar um fósforo em minha pele, arrastando-o centímetro por centímetro sobre a minha espinha. Maldito corpo traidor da porra!

Seus dentes roubam meu lábio dos meus, depois, seus lábios o chupam. Luto contra o impulso de fechar os olhos, e tento, com todas as minhas forças, manter a postura de combate, mas sei que

estou falhando miseravelmente. Sem opções, apelo para algo que sei que vai pará-lo.

— Você quebrou minha confiança... -Imediatamente, seu rosto assume um ar sério e sua boca deixa a minha.

— Não quebrei não... -Inclino a cabeça, questionando-o sem dizer nenhuma palavra: ¯Eu posso não ter dito o que fiz, Elora...

Mas eu nunca te prometi que não faria... Eu sabia que você tinha expectativas e escolhi não as frustrar...

— Porque seria inconveniente pra você...

— Porque te magoaria, Elora... Você... Porra, Elora... Você endeusa a porra desse prédio!

— E por que me magoar te importa, Gustavo?

Ele franze o cenho e, agora, é em seu olhar que vejo a mágoa.

— Você realmente precisa me fazer essa pergunta? -desvio os olhos.

— Não sei... -digo, ainda não olhando para ele. Dois de seus dedos se apoiam sob meu queixo, obrigando meu olhar a voltar a encontrar o seu.

— Então deixa eu tirar suas dúvidas! -soa sarcástico: ¯Eu me importo, Elora! Me importo pra caralho! Muito mais do que seria conveniente que eu me importasse, se você quer saber! Então, se quer me acusar, tudo bem, eu aceito, nós conversamos! Mas não seja a porra de uma covarde dizendo coisas em que você não acredita só pra me acusar e afastar.

Ele solta meu corpo, afasta-se alguns passos para trás, vira-se de costas e deixa que seus olhos vagueiem na direção da janela.

Apoia uma mão na cintura, passa a outra no cabelo, só então, volta a olhar para

mim.

— Me desculpa... -Pede, dessa vez, não há a doçura fingida em seu tom. Há algo sério, e que realmente me faz querer escutar o que ele tem a dizer: ¯Eu nunca tive a intenção de te magoar, ou de

te enganar deliberadamente. No começo, foi pelo jogo, quanto menos você soubesse do que eu estava fazendo, melhor... Mas, depois... Depois, eu percebi que você reagiria exatamente como reagiu, e não sabia como lidar com essa perspectiva, então, simplesmente, me calei. E não, Elora... Eu não teria te contado se você não tivesse descoberto sozinha.

Responde à pergunta antes mesmo que eu a faça, e embora saber que ele sente muito e que se importa, faça com que eu me sinta menos idiota por cultivar os mesmíssimos sentimentos, não desfaz o fato de que ele me enganou, ainda que a sensação de traição não aperte mais meu estômago.

— Isso é tudo? -questiono, ele fecha os olhos e expira pesadamente.

— Não, Elora... Mas eu gostaria de conversar sobre o resto depois que já tivéssemos resolvido isso...

— Eu sinto muito, Gustavo... Mas não é tão simples assim! O

quê? A doutura Gisa não te contou que problemas não são resolvidos da noite pro dia? -ironizo e ele estreita os olhos para mim.

— Ela é uma profissional competente e...

— Muito conceituada... -Digo, junto ele, as palavras que eu tinha certeza de que ele repetiria.

— Pode debochar à vontade, mas aquela mulher sabe do que tá falando! -declara com um orgulho descabido.

— Unhum... E o que ela tem a dizer sobre o tempo de duração de uma briga?

— Que depende da disposição do outro pra perdoar...

Ótimo. Nisso ela está certa. Ergo as sobrancelhas, dizendo que ele pode tirar as

próprias conclusões a partir daí. Ele leva uma das mãos aos olhos, massageando-os.

— E você não tá muito disposta, é isso?

— Não mesmo! -digo com simplicidade, desencostando-me da porta e pronta para abri-la e mostrar o caminho para Gustavo. Mas o que ele faz? Começa a tirar o paletó enquanto caminha até a minha cozinha. Para ao lado do balcão, deixa a peça de roupa sobre ele e, depois, abre a minha geladeira.

Algo lá dentro cola um sorriso em seu rosto, provavelmente, a cheesecake que já teve mais de sua metade consumida, e ele pega uma garrafa d'água, fazendo-me resmungar, porque sei exatamente o que ele está prestes a fazer.

Mas, surpreendendo-me, Gustavo apoia a garrafa no balcão, abaixa-se e pega um copo no armário embaixo da pia. Depois, serve a água nele, e bebe. Afino os olhos, desconfiada. Quer dizer, desde quando ele sabe que copos servem para beber água? Não satisfeito, guarda a garrafa e lava o copo. Gustavo lava o copo, antes de sair da cozinha, caminhar até meu sofá, e jogar-se nele.

Observo seu passeio pelo meu apartamento, incrédula. E é só quando o vejo prestes a comer a cheesecake que abandonei sobre o estofado para socorrer sua falsa crise de coluna, que finalmente desperto. Corro até ele, tiro o prato de sua mão e o coloco sobre a mesinha de centro. Paro a sua frente, encaro o homem imenso, sentado em meu sofá. Lindo, como sempre, lindo.

— O que você ainda quer, Gustavo? -questiono, inconformada.

Ele me olha como se eu estivesse louca e inclina a cabeça.

— Conversar, ué...

— Nós já conversamos...

— Por cinco minutos? É claro que não! E eu já disse, tenho outro assunto pra falar com você... Senta aqui... -Bate no assento ao seu lado e eu jogo a cabeça para trás, fingindo estar em sofrimento.

Vou até a outra ponta do sofá e me sento, deixando três lugares entre nós.

— Sério, Elora?

— Sou toda ouvidos...

Apoio o queixo entre meus dedos polegar e indicador, puxo uma almofada, coloco-a sobre o colo, e cruzo as pernas em cima do sofá. Gustavo arrasta-se pelo sofá até que meus joelhos toquem a lateral do seu corpo e vira-se de lado para mim.

— E se o meu assunto for que eu to morrendo de saudades de você? -pergunta, perto demais, e eu estalo a língua escondendo o que sua proximidade provoca em mim, mas é em vão, porque, a essa altura, ele já está cansado de saber.

Seu rosto se aproxima do meu, chegando perto, muito perto. A ponta do seu nariz passeia pela minha pele, arrepiando-me inteira.

— Já faz dois dias, amor... Dois dias inteiros... Eu entendi... Fiz merda... Mas você já pode parar de me punir por isso...

— Eu não to punindo você... -As palavras saem entrecortadas, completamente controladas pela minha respiração falha.

— Então deixa eu te tocar? Eu to com tanta saudade da tua pele, da tua boca, do teu gosto, do teu cheiro, Elora...

— Gustavo... -tento repreendê-lo, mas o que sai é um choramingo.

— Você também tá com saudade, amor... Eu sei que tá... Deixa eu te tocar? Diz que sim?

MALDITO. CORPO. TRAIDOR.

— Você ainda vai ficar brava por muito tempo, linda? - Sussurra em minha orelha, antes de levar os dedos médio e indicador ao meu queixo, e virar meu rosto com delicadeza, dando à sua boca a chance de encontrar a minha.

Tento resistir, mas não quero, não de verdade. Ele me beija.

Seus lábios tocam os meus com cuidado, reverência, quase como se cada centímetro de pele fosse um pedido de permissão diferente, é gostoso, mas Deus,

já faz dois dias, e, para um viciado, à primeira dose depois de dois dias de abstinência, não é suave ou em pouca medida, é excessiva. E acho que já está mais do que claro de que sou, oficialmente, uma viciada em Gustavo Fortuna.

Enfio a língua em sua boca, varrendo-a inteira. Seu gosto me invade, acelerando o ritmo do meu coração e do sangue que corre em minhas veias. Deus, eu senti saudades dessa boca. Seus braços envolvem meu corpo, puxando-o, e quando dou por mim, estamos deitados no sofá, enrolados em uma confusão de membros. Mãos que se apalpam e apertam simultaneamente, pernas encaixadas, bocas se devorando, e gemidos em diferentes escalas soando.

— Porra, amor! Não faz mais isso não... Eu vou enlouquecer se tiver que ficar mais de um dia sem te ver, sem te beijar, sem sentir teu cheiro, teu gosto... -diz com a boca colada à minha, ofegante, e apesar da doçura que sempre me inspira desconfiança estar em sua voz, seus olhos parecem tão honestos, que me sinto tentada a acreditar.

— E eu vou enlouquecer se você continuar fazendo esse tipo de merda...-rebato com o mesmo tom arrastado e sincero, antes de morder seus lábios só para lambê-los depois...

— A doutora Gisa...

— Porra, Gustavo! Será que você pode esquecer a tal da Gisa agora?

Seu riso soa enrouquecido, antes de ele descer a boca sobre a minha, completamente sério. Seus lábios, língua e dentes me devoram, e eu aproveito cada segundo. Seu toque é quente e me esquenta inteira. É gostoso de um jeito natural, de um jeito que não deveria ser, de um jeito que não facilita nada que eu queira me reabilitar desse vício.

Gustavo não é um homem genérico. Transar com ele não é uma foda casual, é um acontecimento. Em instantes, meu vestido já não está mais no meu corpo e Gustavo toca minha pele nua. Mãos grandes e firmes me acariciam com reverência e força ao mesmo tempo.

A sensação faz o prazer brotar no fundo da minha barriga e escorrer entre as minhas pernas, ele nos vira, deixando-me deitada

sobre o sofá, uma de suas mãos vai para as minhas, perdendo-as sobre a minha

cabeça enquanto sua boca desce, escorrega pelo meu queixo, garganta, pescoço, clavículas, ombros, até alcançar o vale entre os seios e lamber ali com uma lentidão torturante.

Tudo em mim está aceso

Tudo em mim pronto.

Tudo em mim está quente.

Seus olhos procuram pelos meus, encontrando-os bêbados de tesão, de desejo. Seu nariz provoca e cheira minha pele e a expressão de apreciação em seu rosto me enlouquece tanto quanto o toque.

— Você é tão gostosa, amor... Tão gostosa... -A voz, doce, tão diferente daquela que tantas vezes ouvi através da parede do meu quarto, diferente daquela que só me entregava grunhidos e gemidos que não eram meus, agora, soa aveludada, rouca, desejosa, mas tão carinhosa.

Um carinho que eu não desejava, mas que recebo como se fosse tudo aquilo pelo que venho esperando há muito tempo a cada vez que ele me dá. É mais do vício. Mais daquilo que eu não quero, mas consumo desmoderadamente.

Sua boca não para. Lambe, chupa e mordisca minha pele, alcança meus mamilos sensíveis e faz miséria deles. Abusa da minha excitação, da minha sensibilidade, fazendo-me gritar com um toque simples e quando um dedo seu se infiltra em minha calcinha, testando

minha

umidade,

encontrando-me

completamente

encharcada, Gustavo rosna em apreciação e o enfia em mim, tão gostoso, que porra! Gostoso demais!

Remexo-me, rebolando em seus dedos, em seus lábios, esfregando-me nele,

querendo mais de sua pele, mais de sua boca, mais de tudo dele, porque nada do que tenho parece ser o suficiente. Seu cheiro é pouco, porque está distante demais. Seu

calor é pouco, porque está distante demais, seu toque, embora dentro de mim, ainda está distante demais....

— Eu quero você, Gustavo... Eu quero você.... -Choramingo quase em desespero, abrindo os olhos que se fecharam sem meu comando e encarando-o, enquanto ele mama um dos meus peitos.

Seus dedos abandonam minha boceta e ele desliza a calcinha pelas minhas pernas, deixando-me completamente nua. Sabendo da minha necessidade, ou, sentindo a mesma que eu, levanta-se e começa a se despir, eu acompanho com os olhos, e é quase como um dejavu. Tenho a impressão de que já vivi esse momento. Eu, nua, jogada sobre meu próprio sofá, enquanto Gustavo se despe para me foder.

E já vivi mesmo, constato. Em meus sonhos, em algum dos muitos que tive ao longo dos meses, vivi exatamente esse momento. Quer dizer, não exatamente, porque não importava o quão bom fosse, ou quão delicioso Gustavo me fodesse, não era ele, não de verdade, e aqui é.

Sua camisa é a primeira peça de roupa a deixar seu corpo, o peitoral definido e bronzeado me deixa com a boca cheia d’água e eu abandono a inércia em que me encontro. Sento-me no sofá e estico as mãos, espalmando seu abdômen. A sensação da pele é quente sob o toque, deliciosa. Deslizo a ponta do nariz pelo caminho de pelos que desce e entra por dentro da sua calça, depois, refaço o caminho, de baixo para cima, com a língua, lambuzando-o com minha saliva.

Suas mãos terminam de desfazer o cinto, desabotoo os botões e desço o zíper à medida que Gustavo sai dos próprios sapatos. É um jogo de um para mim e dois para você. De repente, o ato de despi-lo tornou-se menos urgente e mais íntimo. Nossos olhos nunca se deixam enquanto peça por peça é jogada no chão, e quando está completamente nu, Gustavo tira uma camisinha da carteira, e senta-se ao meu lado no sofá.

Ele me puxa para seu colo, sento-me encaixando-o entre minhas pernas, suas mãos deslizam por toda a minha espinha até que uma esteja alojada na base de minha coluna e a outra em minha nuca, com apertos firmes, ele leva minha boca

até a sua, e me beija.

Rebolo em seu colo, esfregando seu pau duro, gostoso, em minha boceta aberta, meus mamilos eriçados em seu tórax, arrancando gemidos de nós dois.

É lento.

É diferente.

É incrível.

É delicioso.

É perfeito.

As palavras sumiram. Correram, foram embora, nos abandonaram. Os únicos sons que ecoam ao nosso redor são respirações descompassadas e gemidos, grunhidos e rosnados. A vontade de senti-lo, completamente, inteiro, sem nada entre nós, me atinge como uma onda gigante e eu não me dou chances de pensar sobre isso.

Me levanto e, rebolando, encaixo-o em minha entrada, desço devagar. O prazer se empurra para dentro de mim junto com seu pau, agarrando-me inteira, me dominando por completo, preciso lutar para não fechar os olhos.

— Isso amor, olha pra mim... -É um pedido, uma ordem, é uma súplica, e eu não quero fazer nada se não atender, obedecer e conceder.

Ele me preenche com uma lentidão sofrida e deliciosa. Devagar, vou engolindo-o inteiro, até que nossas pélvis estejam grudadas.

Tomo sua boca, desesperada por sentir seu gosto na minha. As mãos de Gustavo escorregam no suor que se forma em minha pele, eu subo de novo, e desço, outra vez, lentamente, aproveitando cada centímetro. Ele geme baixinho, perdido no prazer, tanto quanto eu.

Tão gostoso...

Rebolo, uma, duas, dez vezes, até que eu já não seja capaz de lembrar nem mesmo meu nome, até que nada além de Gustavo dentro de mim seja

importante, até que sejamos dois corpos suados deslizando um pelo outro, até que o prazer exploda de dentro para fora, me fazendo gritar feito uma louca, convulsionar sobre suas pernas, e ele assuma o controle, estocando curto, rápido, e goze também.

Respiramos ofegantes com testas e bocas coladas por algum tempo. Os peitos subindo e descendo, as gotas de suor escorrendo, os fios de cabelo, grudados pelas testas, pescoços e costas, denunciam que, apesar de lento, cada segundo foi vivido em máxima intensidade.

E, como um relógio, minha gargalhada quebra o clima silencioso estabelecido entre nós, mas, logo depois, é seguida pela voz de Gustavo.

— A doutora Gisa tinha razão....

— Sobre o quê, Gustavo? -questiono tendo certeza de que ele vai me dar uma resposta besta.

— A melhor parte de brigar, é, definitivamente, fazer as pazes!

Gargalho mais alto. Ele aperta o abraço ao meu redor e derruba-me sobre seu corpo no sofá...

— Cachorro!



— Você tem certeza de que quer fazer isso, Gustavo? Quer dizer... É a sua família... -Elora questiona enquanto termina de arrumar sua bolsa para o fim de semana, e a prova incontestável da imensa quantidade de tempo que temos

passado juntos se manifesta, eu reviro os olhos.

— Sim, eu quero, e se não quisesse, também não importaria...

As meninas querem... E eu jamais negaria um desejo de aniversário às minhas sobrinhas...

O sorriso que toma seu rosto é uma carícia no coração do tio babão que sou.

— Elas são umas fofas. Mas são crianças, ficariam desapontadas na hora, mas, assim que entrassem no pula-pula, esqueceriam minha ausência!

— Que pula-pula? -Franzo o cenho.

— O da festa! Toda festa de criança tem um... -Não consigo evitar a gargalhada, porque tenho certeza de que não haverá um lá.

— Você é uma fofa, amor... -Digo, me levantando da cama e os olhos de Elora deslizam por todo o meu corpo, apreciativos: ¯E é melhor não me olhar assim quando minha mãe estiver por perto...

Ela pode te achar assanhada...

— Gustavo! -Me repreende e me bate com a blusa que tem na mão. O estalo dói, porque o tecido é pesado.

— Ai, amor! E se você me marcar, ela também não vai gostar de você... Eu sou o bebê dela, poxa... -Elora me olha com uma expressão incrédula no rosto e balança a cabeça lentamente, de um lado para o outro.

— Você tem certeza que quer fazer isso? Quer dizer, você nunca levou uma namorada pra casa... Quer realmente que a primeira seja eu? Um namorada de...

— De o quê, Elora? -questiono sério, sabendo exatamente o que ela pretendia dizer, e, subitamente, incomodado com isso. Seus dentes afundam em seu lábio inferior enquanto espero por sua

resposta. Ela suspira, resignada, mas não engole as palavras que havia planejado.

— De mentira... Gustavo... Uma namorada de mentira... -Nego com a cabeça,

ainda mais incomodado com a afirmativa do que com a suspeita de que ela pudesse dizer algo assim. Acabo com a distância entre nós com apenas dois passos.

— E quem foi que te disse que você é uma namorada de mentira, Elora? Porque eu acho que as últimas semanas podem ter algo muito diferente a dizer sobre isso...

— Você sabe exatamente o que eu quero dizer, Gustavo...

— Não, eu não sei... Você quer me explicar?

Ela bufa. Bufa. A mulher bufa.

— Deixa pra lá...

— Deixa o quê pra lá?

— Essa conversa sobre namoro, Gustavo... Deixa pra lá...

— E se eu não quiser?

— Vou lamentar por você, porque eu não vou mais conversar sobre isso!

Puxo o ar com força, depois, expulso-o com a mesma intensidade. Balanço a cabeça, negando, sem entender a ela, com essa insistência, e a mim, por ter me sentido incomodado com algo que é notícia velha. Quer dizer, eu sei o que Elora pensa sobre nosso namoro desde o dia em que o inventei e praticamente a coagi a assumi-lo. Então, por que, agora, tanto tempo depois, eu to tão incomodado?

Porque faz tempo que ele se tornou de verdade, imbecil! Olho de soslaio para a minha própria consciência, não entendendo sua agressividade gratuita. Quer dizer, não discordo, então para que palavras tão agressivas? Eu nunca me esforcei tanto na vida por uma mulher. Verdade seja dita, nunca precisei e, as que quiseram me fazer suar, foram deixadas para trás num piscar de olhos.

Mas Elora, não. Ela nunca me quis e, como um filme clássico da sessão da tarde, isso fez com que eu não apenas suasse a camisa, mas o corpo inteiro para tê-la em minha cama. E, agora, eu tenho, então por que inferno a forma como ela rotula isso importa?

Não sei... Não faço a menor ideia... Balançando a cabeça em negativa, repreendendo a mim mesmo. Saio do quarto e vou para cozinha atrás daquilo que é fácil de entender. Programo a cafeteira de Elora e faço uma nota mental para trazer meu café para cá, o dela não é ruim, mas o meu é melhor...

Alguns minutos depois, ela chega à cozinha e, como se fosse uma dança ensaiada, começamos a preparar a mesa. Eu disponho os lugares, ela os pratos. Coloco as xícaras e copos, e ela os pães, geleias e torradas. Quando a cafeteira apita, sirvo meu café e a água quente para o chá dela. E, quando ela se senta, franzo o cenho.

— Que foi?

— Eu não gosto que você diga que o nosso namoro é de mentira... -simplesmente digo e suas sobrancelhas se erguem. Ela dobra os lábios para dentro da boca e passa alguns segundos pensativa, em silêncio. Dou a volta no balcão e sento-me ao seu lado, de frente para ela.

— Por quê? -finalmente responde.

— Porque não é... Talvez no começo tenha sido... Mas eu não acho que namorados de mentira sirvam uma mesa de café como uma dança ensaiada...

— Uma dança ensaiada? -questiona com um sorrisinho de canto e eu dispenso seu deboche com um aceno.

— Você entendeu...

— Isso não tem nada a ver com o namoro, Gustavo... -suspira:

¯Eu acho que, em algum ponto do caminho, nos tornamos amigos... E amigos, sim, colocam a mesa como uma dança ensaiada...

— Amigos... -Testo a palavra... Não gosto.

— E se eu não quiser ser seu amigo? -Elora ri.

— Eu vou lamentar por você, porque, aparentemente, é tarde demais pra isso... Dança ensaiada, e coisa e tal... -diz, vira-se para frente, retira o saquinho de chá, já molhado de sua xícara, e o deixa sobre o pires.

— Eu não me esforçaria tanto por uma amiga... -Comento seco, também passando a prestar atenção em meu café.

— E quando foi que você se esforçou, Gustavo?

Olho para ela, ultrajado.

— Eu fingi uma crise de coluna por você, Elora! Uma maldita crise de coluna aos trinta e três anos! E eu assisti vídeos de uma terapeuta de casal por você! Foram horas de vídeo! Horas! Sabe quanto dinheiro eu deixei de ganhar ao fazer isso?

Aparentemente, esta manhã, acordei piadista, porque a gargalhada de Elora é alta o suficiente para tomar conta do apartamento inteiro, e eu desisto dessa conversa, pelo menos, por enquanto. Decido falar sobre o outro elefante branco na sala.

– Nós não usamos camisinha...

– Muito perceptivo, amor... -Debocha, e tenho vontade de revirar os olhos: ¯Fica tranquilo, lindo... Sem bebês por aqui! Eu tomo remédio há muito tempo... -Não gosto do que fica implícito em sua declaração.

– Então você costuma fazer sexo sem camisinha? -pergunto, soando amargo, não porque eu esteja preocupado com possíveis problemas de saúde, Elora é responsável demais, tenho certeza disso, mas porque gostei de pensar que o que fizemos foi diferente, pelo menos para mim, foi.

Sexo sem camisinha não é um luxo que eu me dê. Não era, não até ela.



– Claro que não, Gustavo! -responde indignada, mas a minha vontade é de sorrir: ¯Eu tomo remédio há tempos porque ser mulher pode ser uma merda...! -Torce os lábios em desgosto: ¯O

pacote inclui muita coisa boa, mas também inclui menstruação, cólicas infernais e vários efeitos colaterais de uma oscilação hormonal que acontece num ciclo infinito que dura quase a vida toda, um inferno! E como se isso não fosse o suficiente, ainda tem o fato de que o remédio que alivia essas coisas pode perfeitamente causar nossa morte! -termina de falar tão irritada, que concluo que deve ter alguma coisa errado com a minha cabeça, porque qualquer um em sã consciência se arrependeria da pergunta que fez se recebesse essa explosão como resposta, mas eu só consigo pensar em uma coisa.

– Então por que nós transamos sem camisinha, Elora? Quer dizer, ela tava ali, bem do lado...

– Isso te incomodou? -Questiona com o cenho franzido e eu me levanto. Prendo seu rosto entre as palmas da minha mão e colo a testa na sua.

– Só se eu fosse louco... -Sussurro em sua boca: ¯Sentir você inteira, gostosa, amor, molhada pra mim foi a melhor sensação do mundo...

– Gustavo... -Choraminga, e sei que minhas palavras a estão excitando.

– Eu estou limpo, e por razões óbvias, abrir mão da camisinha nunca foi uma opção antes, mas se você se sentir segura, eu quero continuar onde estamos... O que você acha? -Acaricio suas bochechas e não desvio os olhos dos dela nem por um instante.

– A gente pode começar agora? -pergunta manhosa e eu gargalho.

— Tem certeza que é essa entrada, Gustavo? A saída pro centro da cidade fica mais pra frente... -Elora pergunta, fazendo-me gargalhar.

— Você sabe que eu fui criado aqui, certo?

— Sei, ué, mas vai que foi um ato falho...

— Não foi... -Rio baixinho, já imaginando a reação de Elora...

O carro avança pela estrada íngreme, deixando vegetação e imensos portões de outras propriedades para trás.

— Eu adoro ver vídeos imobiliários de mansões... -Comenta com os olhos fixos em cada um dos portões pelos quais passamos e, muitas vezes, erguendo o pescoço, tentando espiar um pouco mais por trás deles.

— Quê? -pergunto, franzindo o cenho e ela gargalha.

— Exatamente!! Exatamente! Eu tinha certeza que gente rica não vasculha o youtube atrás de casas pra comprar! -Sua risada soa alta pelo carro e eu balanço a cabeça em negação, desistindo de tentar entender. Quando se cansa de rir, finalmente me explica.

— São vídeos de corretores apresentando casas de luxo, mansões. Eles se autointitulam corretores de alto padrão. Mas isso nunca fez muito sentido pra mim, quer dizer, se eu tivesse dezesseis milhões pra pagar em uma casa, eu não procuraria por ela no youtube! E você não fazer ideia de que esse tipo de coisa existe, só confirma minhas suspeitas de que, não, gente rica não procura mesmo casas no youtube.

Balanço a cabeça, finalmente entendendo, e, concordando.

— E como é que isso se tornou seu passatempo preferido?

— Ah, um dia eu tava zapeando pelo youtube, procurando alguma besteira pra ver, um vídeo desses apareceu, e eu nunca mais parei... É bom e ruim ao mesmo tempo, sabe?

— Explica pra mim, linda...

— É bom porque eu posso sonhar com lugares absurdamente lindos... Mas é ruim, porque me lembra que eu não sou pobre, Gustavo... Eu sou ridiculamente pobre. Tem gente nesse mundo que é tão rica, mas tão rica... Que faz minha conta bancária parecer uma bolsinha de moedas.

Sem conseguir me conter, gargalho e Elora vira-se para mim com o cenho franzido. Ela leva alguns segundos para entender o que me causou tanta diversão.

— A sua conta bancária faz a minha parecer sua bolsinha de moedas, não faz? -pergunta, desgostosa, fazendo-me gargalhar mais.

— Eu não tenho uma bolsinha de moedas, amor... Mas, se eu tivesse... Sim... Provavelmente, ela se pareceria com a sua conta bancária... Mas não se preocupe, eu quero você pelo seu corpo gostoso... -Pisco.

— Vai à merda Gustavo!

Finalmente nos aproximamos dos portões da residência Fortuna e Elora emite um som de descrença. Seus olhos tornam-se ainda mais atentos, como se tivesse medo de perder qualquer detalhe.

— Amanhã eu te mostro cada cantinho, prometo! -A única resposta que recebo é um aceno de cabeça, aparentemente, sua mente está ocupada demais com a casa da minha infância.

Tudo bem, talvez casa seja um eufemismo. A propriedade da minha família tem doze suítes e uma residência para funcionários, isso deve dizer algo sobre seu tamanho. Eu, sinceramente, não sei como minha mãe é capaz de morar aqui sozinha, mas ela é apaixonada por esse lugar e, não importa o quando Rodrigo e eu já tenhamos insistido, se recusa a deixá-lo.

Cruzamos o vasto gramado até a porta de entrada na imensa fachada pintada em um elegante tom de bege. O estilo colonial está por todos os lugares. Nos telhados, nas molduras de portas e

janelas, e no formato da construção. Estaciono o carro na porta, sabendo que, em breve, alguém virá tirá-lo daqui, e dou a volta.

Ao chegar do outro lado, encontro Elora com a porta aberta e as pernas penduradas para fora do carro alto, mas ainda observando a imensidão da construção a sua frente com um olhar que não pode ser definido como nada além de embasbacado, e me faz sorrir.

— É tão bonito... Parece um palácio... -Diz em voz alta, mas não parece estar falando comigo, então não respondo. Pego sua mão e ela parece ser despertada de seu estado de apreciação. Desce do carro, ainda com a cabeça inclinada para cima, recusando-se a parar de olhar.

— Era um palácio, na verdade... Um presente do imperador ao aniversário de oito anos de uma de suas filhas... -Conto a história ancestral da casa, uma que ela ouvirá a exaustão até amanhã à noite, porque minha mãe adora contá-la a toda e qualquer pessoa que visite a casa.

— Isso faz todo sentido do mundo... -diz baixinho, enquanto subimos as escadas: Gustavo, espera! Nós não pegamos as bolsas!

— Alguém vai levar pro meu quarto...

Elora para de andar. Olho para ela com o cenho franzido e seus olhos estão enormes e piscando freneticamente, quase como em um tique nervoso.

— Seu quarto? Nós vamos dormir no mesmo quarto? -faz a pergunta mais óbvia desde “qual é a cor do céu”, e sem que eu queria, ou possa controlar, minha expressão deixa claro o que penso a respeito da questão. Ela expira, balança a cabeça em concordância e volta a andar. Tento pegar sua mão, mas ela não deixa e é a minha vez de parar nossos passos.

— O que está acontecendo, Elora? -Cruzo os braços na frente no peito, esperando por sua reposta e é breve, mas por um segundo

vejo a dúvida cruzar seu olhar. Ela esconde rápido, rápido demais, quando eu nem mesmo queria que ela tivesse escondido.

A sensação me é estranha, desconhecida, no entanto, eu realmente gostaria que ela confiasse em mim o suficiente para me falar de todas as suas dúvidas e medos. Por quê? Deixo a questão de lado, por enquanto, e me aproximo dela, que ainda não me respondeu nada, e, agora, morde o lábio inferior, entregando sua ansiedade, apesar de se manter em silêncio.

Parados bem no hall de entrada da casa, nos encaramos por vários segundos antes de ela desviar o olhar. Aproximo-me dela, ergo seu queixo devagar, apoiando-o sobre meus dedos indicador e médio, e quando seus olhos encontram os meus, ergo as sobrancelhas, encorajando-a a dizer o que quer que a esteja incomodando, mas não funciona, porque ela continua calada.

— O que há de errado, amor? -Sussurro sobre seus lábios, seus olhos se fecham brevemente. Ao se abrirem, há neles uma determinação que não estava lá antes e que me faz sorrir. Elora nunca foge da briga, mesmo quando não há necessidade de brigar: ¯Sabe o que mais a doutora Gisa diz sobre relacionamentos, amor?

Isso arranca um sorriso dela.

— Que o primeiro pilar é a comunicação, o segundo, a sinceridade. Vamos lá, linda... O que é que tá te incomodando?

Conta pra mim...

Vira o rosto, acariciando sua bochecha com a minha. E, depois, cola nossas testas, deixando nossos olhos tão próximos, que mesmo que quisesse, seria incapaz de esconder algo de mim.

— Eu não acho certo fazermos algo assim por uma aposta, Gustavo... É a sua família... É um momento importante... Eu... -

suspira: ¯Eu...

— Você...

— Eu não quero roubar isso de você... -Mentirosa. Cada palavra que disse, foi verdadeira, menos essas últimas. Qualquer que seja o motivo para ela não querer fazer isso pela aposta, não é esse. E eu realmente não me importo, porque, até segundos atrás, eu nem mesmo me lembrava que a maldita aposta existia.

— É só isso? -acaricio sua bochecha com o polegar e ela faz um aceno com a cabeça, concordando.

— Então tá tudo resolvido, isso nunca foi pela aposta... Sempre foi pelas duas garotinhas que querem a tia com nome de princesa no aniversário delas...

— Gustavo...

— Você disse que era só isso... -Lembro.

— E você é um homem cuja cara de pau não tem limites. Eu não to falando sobre estar aqui, to falando sobre ser apresentada como sua namorada, sobre dormirmos no mesmo quarto, sobre a sua mãe ser levada a pensar que eu sou a primeira garota que você traz pra casa...

— O que tem tudo isso?

— Você tá tentando me irritar de propósito, Gustavo?

— Talvez... -mordo seu queixo, e ela afasta o rosto do meu.

— Gustavo! -me repreende, e eu sorrio.

— Você é impossível! Por que você não tá me levando a sério?

— Porque eu não vou ter essa conversa de novo, Elora... Eu não acho que nosso namoro seja de mentira, independente das motivações dele, e também não gosto que você pense nele desse jeito, mas, quanto a isso, eu nada posso fazer... O que eu não vou, é te apresentar como minha amiga, porque não é isso que você é!

Ela respira profundamente e os dentes procuram o lábio inferior para descontar nele toda a ansiedade que a mente sente.

— Promete pra mim que isso não é parte do seu jogo, Gustavo?

— Até você falar, eu nem me lembrava dele, amor... -Ela fecha os olhos e descansa a testa na minha. Balança a cabeça devagar, para cima e para baixo, e, quando volta a abri-los, expira forte, e afasta-se de mim, entendendo a mão. Sorrio. Finalmente.

Voltamos a andar, atravessamos salas e corredores, passamos por funcionários que nos cumprimentam com sorrisos satisfeitos, até alcançarmos a saída lateral que dá acesso aos fundos da propriedade, onde acontece a festa.

— Aquilo ali é um castelo? -Elora pergunta piscando os olhos e eu rio, porque, sim, é um castelo.

— É... e eu duvido que você encontre um pula-pula...

— Mas é claro que não! Quem vai se importar com um pula-pula quando se tem um castelo, Gustavo? Não seja estúpido... Deus, eu fui estúpida! A conta bancária das suas sobrinhas, provavelmente, também faz a minha parecer um porta niqueis.

Ela olha para as mãos, como se tivesse se lembrado de algo.

— Os presentes, Gustavo! Os presentes! Será que vão levar eles pro seu quarto também?

— Não... Eles devem colocar junto com os outros!

— Ah, não, Gustavo! Eu comprei diários! O que meninas que tem um castelo em sua festa de aniversário de oito anos vão fazer com diários? -questiona, parecendo realmente frustrada.

— O mesmo que meninas que tem pula pulas em suas festas de aniversário fariam, Elora... Escrever...

— Gustavo...

Viro-me em sua a direção e levo a mão que não segura a sua até seu rosto. Ela olha para mim, e seu olhar deslocado me incomoda.

— Não surta, amor! É só dinheiro!

Um som de desgosto sai de sua garganta.

— Você diz isso porque tem muito...

— E ter pouco não muda nada... É só papel... Um papel poderoso, mas, ainda

assim, é só papel...

Lambe os lábios, conformando-se, e voltamos a caminhar. Avisto Rodrigo e Camilla conversando com um grupo de amigos e me aproximo deles. O sorriso da minha cunhada ao ver Elora poderia servir de ponte entre os oceanos, de tão grande.

Apresentações rápidas são feitas, porque há outras pessoas ao nosso redor, mas posso sentir a animação de Camilla fluindo em ondas, e ela não demora nem mesmo dez minutos para nos separar do grupo com uma desculpa qualquer sobre o bolo. Imediatamente, ao estarmos somente os quatro, abraça Elora, como não fez antes.

— É um prazer conhecer você, Elora! As meninas passaram dias falando sobre a tia princesa! Eu estava muito animada para te conhecer...

— Imagina! O prazer é meu! Suas filhas são umas fofas! -

responde, e, curiosamente, vejo sua pele ficar um pouco avermelhada. Isso me diverte, Elora? Envergonhada?

— Onde elas estão? As meninas?

E, como se atraídas pelas perguntas, as duas surgem correndo em nossa direção, preparo-me para o meu abraço duplo, mas não é o que acontece, as duas abraçam Elora, ao mesmo tempo, quase derrubando-a, sem me dar sequer um olhar e eu me sinto ultrajado.

Quer dizer, elas são duas, poderiam, pelo menos, ter se dividido.

— Tia Elora! Você veio! -Alice fala, envolvendo os braços no pescoço de Elora em um abraço apertado quando ela se abaixa para ficar da mesma altura das meninas.

— Eu não perderia o aniversário de vocês por nada! Só se faz nove anos uma vez, não é verdade? -Alícia inclina a cabeça, pensativa, e então pergunta:

— E não é assim com todas as idades?

Não consigo conter uma risada, nenhum dos adultos consegue, aliás. Mesmo que

Alícia pareça realmente intrigada com a questão.

— É forma de falar, filha! -Camilla explica e ela balança a cabeça, concordando, e tomando o lugar da irmã no pescoço de Elora quando Alice se afasta. Depois de as duas terem-na abraçado, imagino que finalmente será minha vez, mas, ao invés disso, cada uma delas pega uma das mãos de Elora.

— Vem tia! Vem conhecer nosso castelo! -E a arrastam na direção da imensa estrutura montada para a alegria de garotinhas cujos passatempos preferidos são assistir filmes da Disney, deixando-me para trás, completamente abandonado.

— Mas que porra... -As palavras saem automaticamente pela minha boca enquanto observo a distância entre nós e as três se tornar cada vez maior. A gargalhada de Rodrigo atrai minha atenção e até mesmo Camilla está segurando o riso enquanto estapeia o marido para que ele se controle.

Meu irmão bate em meu ombro, tapinhas que nada têm de consolo e tudo têm de deboche.

— É, irmão! Parece que, oficialmente, o tio Gustavo foi trocado... -Volta a gargalhar, escandalosamente, e não há nada que eu possa dizer para rebater, porque, aparentemente, ele está certo.

Atraída pelo escândalo de Rodrigo, minha mãe começa a caminhar na nossa direção, vinda sabe Deus de onde, já que até agora eu não a tinha visto.

Ela, sim, me abraça apertado assim que nos alcança. Depois, acaricia meu rosto com as palmas das mãos pequenas e sorri para mim do jeito que só ela é capaz. Seus olhos se estreitam, analisando-me indiscretamente.

— Tem um brilho diferente nesse olhar... -Ouço Rodrigo se engasgar com a bebida e olho para ele com uma expressão de cansaço estampada no rosto.

— É claro que tem, mãe! Eu to vendo a senhora, e já fazia tempo demais! -Volto a abraçá-la, apertando-a forte contra mim, e ouço sua risada gostosa, desdenhando da minha declaração.

— Oh, meu amor! Eu sei que você está com saudades dessa velha mãe, mas esse brilho nos seus olhos não é pra mim não... Eu espero que seja para aquela moça bonita que saiu daqui arrastada pelas nossas meninas... -comenta como se

estivesse falando do tempo, e eu estou pronto para rebater, quando ela muda drasticamente de assunto.

— As crianças amaram o castelo, não é Camilla?

— Sim, sogra! Elas adoraram... Meninos e meninas! As meninas podem ser princesas, e os meninos, guerreiros, embora Alícia já tenha se autoproclamado a chefe da guarda real de Alice.

É impossível não rir com o comentário, porque soa exatamente como o tipo de coisa que minha sobrinha faria. A alguns metros, vejo Elora sendo coroada pela rainha Alice, e, depois de ser obrigada a dar voltas e voltas, finalmente é liberada, mas sendo obrigada a trazer uma coroa sobre a cabeça, a única adulta que usa uma, diga-se de passagem, e eu não consigo evitar o sorriso.

Acompanho seus passos firmes em nossa direção, meu olhar desce pelo seu corpo, analisando as curvas bem delineadas pela jardineira jeans e camiseta que ela veste. Seu olhar vacila por alguns segundos quando percebe nossa nova companhia, apesar disso, não para nem desvia o caminho, continua até nos alcançar.

No entanto, ao invés de caminhar até mim, para a alguns passos de distância. Minha vontade é de bufar, porém, me controlo, e corto eu mesmo a distância entre nós. Envolvo um braço ao redor de sua cintura e beijo sua têmpora, antes de fazer as apresentações.

— Amor, essa é minha mãe... -O olhar com a sobrancelha arqueada da minha mãe não poderia ser mais indiscreto, assim como o riso de Rodrigo e o grito que se segue depois de Camilla beliscá-lo. Franzo o cenho sem entender o que desencadeou as reações, e, só depois de pensar um pouco, me dou conta. *Puta que pariu, Gustavo!*

Um silêncio incômodo se estende no meio tempo em que levo para entender a situação, e Elora termina de se apresentar.

— Olá, dona Cecília. É um prazer conhecê-la, eu sou Elora. -

Minha mãe sorri para ela com gentileza, mas olha para mim quando fala.

— Elora? -Porra! Expiro, frustrado. Porque eles não poderiam ser mais

indiscretos que isso, poderiam?

— Minha namorada, mãe... Elora, minha namorada... -Digo o que ela espera ouvir e seu sorriso se transforma em algo quase assustador, de tão grande, branco e gentil. Seus braços envolvem Elora com carinho e por alguns instantes, seu olhar deixa muito claro toda a confusão que sente, antes que ela esconda, outra vez, os sentimentos de mim, e do resto do mundo. O rosto de Rodrigo está torto, contorcido, com toda certeza, se controlando para não rir e levar mais beliscões da esposa.

Não sei se o tomo pelo frouxo que é, ou se me sinto grato por menos essa questão constrangedora. Eu, realmente, não imaginei algo assim. Depois desses primeiros momentos, minha família se comporta, e, mesmo que eu continue sem o abraço das minhas sobrinhas até o fim da festa, tudo corre bem.



— Viu, só? Você não perdeu nenhum pedaço... -Gustavo comenta assim que passamos pela porta do quarto, depois da festa, e da social com os amigos que ficaram. Viro o rosto, olhando-o por cima dos ombros, e um som de escárnio sai por minha garganta.

— Você diz isso, porque não era você o animal de circo...

— Animal de circo?

— Foi como todo mundo que te conhece me olhou, Gustavo...

Como se eu fosse a porra de um animal exótico, raro, nunca antes visto...

Foi uma tarde e tanto. Desde o começo a ideia de ser apresentada como namorada de Gustavo à sua família era... Estranha... Quer dizer, para as meninas, enquanto estávamos sentados no chão do apartamento de Gustavo, montando quebra-cabeças, era uma coisa, afinal, elas são crianças, mas, para adultos, prontos para exercer juízo de valor sobre tudo o que se move e sobre o que não se move também, aí a situação é bem diferente.

E esse nem era o verdadeiro problema. Se me senti levemente deslocada estando em meio a tantas pessoas cujas carteiras superam minha poupança? Certamente, mas com isso, todo pobre, eventualmente, precisa aprender a lidar, mesmo que em uma escala diferente. O que realmente me preocupou, desde o momento em que fui convidada/intimada para o bendito aniversário, foram eles, os sentimentos não convidados.

Eu posso ser displicente, mas não sou burra. E, embora eu esteja fingindo não vê-los, reconheço que não são seres místicos. Aqueles a quem eu tenho feito um excelente trabalho em ignorar e negar a existência, mas que, a cada dia, parecem se arrastar para mais perto de mim, inconvenientes, como só eles sabem ser, existem e, sem a devida supervisão, chegam, se instalam, e Deus, eu, e a santa das mulheres que sabem curtir uma fossa sabemos o quanto custam para ir embora.

E tratando-se de Gustavo, eles têm se tornado cada vez mais insistentes. Se minha mente tem portas, eles já não as estão esmurrando mais, agora, como em invasões à castelos e fortalezas na

idade média, usam toras de madeira com a intenção de derrubar qualquer coisa que os impeça de alcançar o lugar que acreditam lhes ser de direito, meu coração.

E, se toda essa dificuldade existe quando somos só nós dois, eu seria extremamente estúpida se não me questionasse sobre a possibilidade de ela aumentar quando eu fosse inserida, de alguma forma, em sua família, exatamente da maneira que os tais sentimentos indesejados gostariam, como alguém que importa o suficiente para que eu sinta que é permitido me importar também.

Não é. E me lembrar que tudo não passa de uma grande brincadeira torna-se cada vez mais difícil. Tudo bem. Não, Gustavo não causou toda aquela situação

com a compra do prédio por não se importar comigo e isso já ficou claro, mas não significa que eu possa me dar ao luxo de baixar a guarda para sentimentos que nenhum de nós dois quer.

Tudo bem, cérebro? Nós não queremos sentimentos! Não importa se a forma como ele me olha, às vezes, parece despertar muito mais do que meu corpo, ou, se ser tratada tão carinhosamente por sua mãe causou um verdadeiro rebuliço dentro de mim, nada disso importa, porque, ainda que toda essa apresentação não tenha sido feita em nome do jogo, como ele prometeu para mim que não seria, apesar de tudo isso, o jogo ainda existe.

E quanto mais penso sobre ele, mais estúpida sinto-me por tê-lo aceitado em primeiro lugar. Eu sabia que era uma péssima ideia.

Gustavo sabia que eu sabia ser uma péssima ideia e, como ele mesmo disse em mais de uma ocasião, contou com minha impulsividade. Outro grande problema. Como é possível, que apesar de nos conhecermos há tão pouco tempo, a sensação de familiaridade seja tão grande e se confirme a cada conclusão correta que chegamos com facilidade, um a respeito do outro?

Eu disse que essa seria uma aposta falida se eu não pudesse me manter emocionalmente distante, ele disse que esse não era um problema dele e, ainda assim, aqui estamos. Deus, como eu posso ser estúpida... Logo eu, que me orgulho tanto da minha inteligência. Minha

santa das mulheres que não sabem se são burras ou espertas, ajudai-me.

E, hoje, eu disse a ele que não queria fazer isso só pela aposta, mas o que eu não disse é que não era por ele, era por mim. Meu receio não era roubar-lhe a sensação de apresentar a primeira namorada, era enganar-me sobre ser ela. Era, depois disso, não ser mais capaz de distinguir realidade e fantasia, quando a linha entre as duas coisas já está por conta própria, quase tornando-se invisível.

— Pra onde você foi? -Fala baixinho ao pé do meu ouvido, com o peito colado às minhas costas, e me dou conta de que, realmente, fui para longe. Já que ele se aproximou, me tocou e, nem assim, fui capaz de me libertar do verdadeiro caos em que se transformou minha própria cabeça.

— Desculpa, me distraí...

— E eu posso saber com o quê? -Sussurra em minha orelha, provocando a pele atrás dela com a ponta do nariz, antes de virar-me de frente.

— Com o dia... Com as pessoas... Com a sua mãe exigindo que você me desse um título como se isso me tornasse nobreza, com seu irmão achando tudo muito engraçado, com as meninas me apresentando como a tia princesa, namorada do dia Gustavo... Foi um dia... Estranho... -Solto todas as informações de uma vez, pausadas e, ao mesmo tempo, atropeladas. O sorriso no canto dos lábios dele deixa claro que suas próximas palavras terão a intenção de me provocar.

— E depois eu é que sou o iniciante... E se minha mãe exigiu que eu te desse um título, não é porque isso te fazia da nobreza, mas porque te fazia da família.

Pisco, atordoada, atingida por suas palavras como se elas fossem tapas. Será que ele não sabe que simplesmente não pode dizer coisas como essas a uma mulher por quem não tem, nem está disposto a ter sentimentos? Pigarreio, distraindo-me, ou, pelo menos, tentando.

— Eu quero ver quando for a sua vez de ser apresentado à sua sogra e à sua cunhada... -Em minha tentativa de fuga, a provocação sai pela minha boca sem que eu tenha controle, afinal, a melhor defesa é o ataque, certo? Nesse caso, errado, pois essa defesa, especificamente, simplesmente fugiu da fila do filtro de pensamentos inadequados. Pensei, falei e, imediatamente, me arrependi.

No entanto, com nenhuma outra intenção além de me enlouquecer, Gustavo não desdenha, faz piada, ou desconversa. Muito pelo contrário. Seu sorriso é elevado à décima potência.

— Eu vou ser encantador, como sempre... E mal posso esperar... -

Sua boca está perto o suficiente da minha para que eu sinta o cheiro e o sabor do seu hálito. Café, como quase sempre. Olho para ele, querendo gritar que ele precisa parar de dizer esse tipo de coisa, que as linhas estão borradas e quase desaparecendo. Mas não digo nada, apenas fujo, pouco me importando se ele vai perceber ou não.

Viro-me em seus braços, e puta merda!

Ele ri alto, fazendo-me perceber que fiz mais do que pensar, disse as palavras.

— Meu Deus do céu, Gustavo! Porra! -Desvencilho-me de seu toque, agora, precisando andar pelo quarto, pois estou desconfiando dos meus próprios olhos. É quase como se eu estivesse em um filme, ou em uma das salas de exposição do museu imperial. O quarto imenso tem decoração provençal, com móveis de madeira escura e incrustrados trabalhos artesanais pintados em dourado.

Toco a cômoda, a penteadeira, deixo que meus dedos passeiem pelas reentrâncias dos detalhes, até chegar à imensa cama de dossel.

É, obviamente um quarto masculino, mas lindo. Incrivelmente lindo com sua decoração clássica que eu jamais achei que veria fora de um museu. Satisfeita da observação de todos os móveis, paro a alguns passos da cama, observando-a. É tão bonita. Colunas grossas sustentam cortinas brancas e leves, a madeira escura é robusta e reluzente, e, assim como as cortinas, os lençóis, travesseiros, cobertores e edredons também não brancos.

Outra vez, o corpo quente de Gustavo para atrás de mim, seus braços envolvem-me e fico dividida entre virar-me em sua direção, ou continuar deixando que meu olhar vagueie pelo quarto.

Seu queixo se apoia em meu ombro, decidindo por mim.

— É tão bonito... -sussurro e seu nariz encaixa-se na curva entre meu ombro e pescoço, brincando com a pele ali. Sinto seu sorriso, mesmo que não o veja.

— Sim... Sempre adorei esse quarto, mesmo que não tivesse nada a ver com os dos meus amigos, ou com os da televisão. Eu me sentia um príncipe...

Isso faz com que eu queira ver seu rosto, e me viro, sorrindo.

— E quando foi que você deixou de se sentir um príncipe, Gustavo? Com todo mundo fazendo absolutamente tudo o que você quer o tempo inteiro?

— Você não faz tudo o que eu quero... Nunca fez... -comenta, com os lábios quase tocando os meus.

— Bem, alguém precisava te colocar no seu lugar, não precisava?

— E que lugar é esse Elora? -desafia-me, e o brilho em seus olhos faz meu coração saltar no peito. Uma resposta, que eu me recuso a desvendar, entala em

minha garganta, e eu beijo sua boca.

Tomo seus lábios para mim, lambendo, chupando e mordendo, querendo tudo, apenas para não precisar pensar, ou dizer uma resposta, seja ela verdadeira, falsa, espirituosa, ou fugitiva. Gustavo corresponde ao meu beijo com uma intensidade que vem se agigantando sobre cada um dos nossos toques desde aquela noite no elevador. Sua boca não só beija, ou devora a minha, ela, cuida, acaricia, de um jeito que não deveria ser tão bom, que não deveria fazer como que eu quisesse mais, mas é e faz.

Suas mãos infiltram-se nas raízes dos meus cabelos, puxando-as e, ao mesmo tempo, empurrando minha boca contra sua, tornando o beijo mais profundo, mais gostoso, até que o ar falte e precisemos parar. Não nos afastamos. Puxamos o ar com força, respirando o

mesmo. Aquele que eu expiro se torna o que ele inspira e vice e versa.

— O que você acha de estrearmos a minha cama, amor? -Soa divertido, e eu não entendo bem a pergunta.

— Por que? É nova? -Abro os olhos, encontrando os seus com rugas laterais que delatariam seu sorriso mesmo se eu não pudesse ver seus lábios esticados.

— Não, linda... Mas eu nunca transei nela...

É a minha vez de sorrir imenso, apesar da surpresa que a informação me causa.

— Um crime contra ela, com certeza... -puxo-o para mim.

— Não é? Tão grande... -Dá passos lentos para frente, forçando-me a dar outros para trás.

— E com esse dossel... -mais passos para trás.

— Perfeito pra você finalmente me dar meu presente de dia dos namorados, né, amor? -A parte de trás dos meus joelhos bate na ponta da cama, parando meus passos, e eu ergo minhas sobrancelhas, em desafio.

— Eu não sei se você percebeu, amor, mas você perdeu o direito ao seu presente quando fez merda...Eu não sei como você e seu irmão foram criados, mas lá em

casa, nós tínhamos que fazer por merecer...

— Hum... Então, é melhor eu começar a trabalhar agora, talvez, assim, até o final da noite, eu já esteja merecendo... -Mordisca meu pescoço e infiltra as mãos sob as alças do meu macacão.

— Talvez... -Murmuro.

— Talvez é um excelente começo... -lambo seus lábios quando nossos olhos ficam frente a frente e com as palmas de suas mãos deslizando minha roupa para fora do corpo, batidas soam na porta do quarto.

Tumf, Tumf, Tumf...

— Tio Gustavo, Tia Elora! -As vozes de Alice e Alícia chamam do outro lado e nós dois rimos. Gustavo coloca minha roupa de volta no lugar, deixa um beijo em minha testa, um na ponta do meu nariz e, por último, um suave em meus lábios. Meu coração parece dar uma cambalhota no peito e eu me desequilibro, atingida pelo impacto da reação inesperada.

Seus braços me seguram firme e ele franze o cenho.

— Tudo bem?

Concordo e, ainda desconfiado, me solta. Me movo, mostrando que estou bem e, só então, ele se afasta para abrir a porta para as meninas.

As duas entram no quarto como furacões que vestem pijamas de unicórnio e fada e algo parece desapontá-las quando olham para nós dois com mais atenção.

— Vocês ainda não tomaram banho? -Alícia pergunta, parecendo indignada e eu dobro os lábios para dentro da boca, escondendo o sorriso.

— Ainda não, por quê? -Gustavo responde por nós dois.

— Como por que, tio? É hora de abrir os presentes, vocês não vêm? -É Alice quem fala, não soando indignada, como sua irmã, mas triste com a perspectiva de não nos ter lá.

— É claro que vamos, meu amor! Nós só estávamos descansando um

pouquinho... -Me vejo respondendo e o sorriso que ela me dá em resposta alivia meu peito de um peso que eu nem mesmo havia visto chegar.

— Então tá bom! Nós esperamos vocês lá embaixo! Alícia anuncia, agarra a mão da irmã, e nos dá as costas, saindo do quarto.

Gustavo continua parado na porta, com ela aberta e sua atenção se desviando entre o corredor, agora vazio, e eu. Sua expressão de desapontamento quase supera a das meninas ao acharem que não iríamos abrir os presentes com elas.



— É, garotão... Parece que não é hoje que você vai fazer por merecer....

— To começando a achar que o Rodrigo faz de propósito...

Não aguento, gargalho.

— Gustavo, não deixe de levar Elora para conhecer a nascente! -

dona Cecília diz quando estamos todos sentados à mesa do café.

— Ah, mãe! De todos os lugares, a nascente, com certeza, é o último que ele esqueceria! -Rodrigo afirma, Gustavo lhe dirige um olhar assassino e Camilla ri.

— Papai, nós podemos ir à nascente como o tio Gustavo e a tia Elora? -A principal responsável pelo meu estado de cansaço pergunta.

Essas crianças lindas, fofas, e muito educadas, podem, oficialmente, receber o título de empata fodas, porque minha noite, ao invés de quente como estava prestes a se tornar quando elas bateram na porta do quarto de Gustavo ontem, foi

fria, gelada, como só a cidade imperial sabe ser, Deus do céu! Que lugar frio da porra! Não há carioca que aguente.

Depois de tomarmos banho, separados, para que fosse rápido, descemos para o grande momento da abertura de presentes. O que ninguém me disse é que não eram dez, nem vinte, nem cem. Eram muitos, tantos que parei de contar quando cheguei a cento e oitenta.

Alguns, tão absurdos, que precisei me esforçar para não deixar transparecer meu choque. Um exemplo? As meninas ganharam três iphones. Cada uma.

Os presentes eram tão luxuosos e caros que passei um bom tempo arquitetando uma forma de pegar meus embrulhos sem que ninguém visse, antes que pudessem ser abertos. Esquecendo-me de que não importa o quão ricas as meninas sejam, elas ainda são crianças e, para elas, no fim do dia, tudo o que importa, é que seja divertido. Por

isso, quando finalmente chegou a hora de abrir as duas caixas de papel, uma com estampa de bailarina e a outra com estampa de super-heroína, as duas ficaram encantadas já com as embalagens, aliviando-me intensamente.

E quando descobriram os cadernos decorados em cores e estilos diferentes, pareceram mais felizes com eles do que com os vários aparelhos eletrônicos que já haviam desembrulhado até ali. Não pude evitar o suspiro que soltei e Gustavo beijou minha têmpora, me dizendo um “eu te avisei” silencioso, ao mesmo tempo, debochado e carinhoso, algo que só ele tem a capacidade de fazer.

Despois de esperar que a maioria dos presentes fossem abertos para descobrir o que o maravilhoso tio Gustavo havia dado em vão, pois nenhum dos presentes era dele, me vi obrigada a perguntar.

— Você já deu seu presente? -sussurrei em seu ouvido e ele apenas balançou a cabeça, concordando.

— E o que foi? -Ele sorriu, levantou-se do sofá em que estávamos sentados devagar e, com um olhar, me convidou a segui-lo até a janela. Lá, apontou para uma área um pouco distante no gramado, onde uma imensa casa na árvore se erguia sobre um tronco largo e alto.

— Puta que pariu... -murmurei, e ele riu. Quer dizer, eu sempre quis uma casa na

árvore, na idade das meninas, eu teria trocado todos aqueles presentes que elas agora desembrulhavam por uma, e, sendo honesta, ainda hoje, eu seria capaz de trocar algumas coisas.

— Não é à toa que eu sou o melhor tio do mundo... -sussurrou em meu ouvido, e não apenas pelo presente, mas por toda a interação que já o vi ter com as meninas, fui obrigada a concordar.

— Olha, o tio e a tia estão namorando... -Alicia, a pequena ousada, gritou, e, ao me virar em sua direção, vi seu dedo apontado para nós, assim como a atenção de todos os outros rostos na sala.

— Alicia, não aponta! É feio! -Alice repreendeu e eu teria rido, se não estivesse ocupada demais me sentindo constrangida sob os olhares atentos da minha suposta sogra, cunhada e cunhado.

Felizmente, a atenção durou pouco, somente até a abertura do próximo presente.

Me enganei ao pensar que, depois de toda a odisseia emocional e temporal que foi a abertura dos presentes, poderia finalmente voltar para o quarto, não pude. Porque era chegada a hora de montar o castelo das princesas Alicia e Alice, na sala.

As meninas tem camas em formato de castelos em seus quartos na casa da avó, mas, por só caberem as duas nelas, segundo me foi explicado, em todas as visitas, elas montam castelos de cobertores e lençóis na sala, fazendo uma verdadeira bagunça de roupas de cama, assim, cabem todos, seus pais, sua avó, o tio Gustavo e, agora, eu.

O resultado? Já passava das duas da manhã quando finalmente pudemos ir para a cama, e, embora tenham sido um dia e uma noite adoráveis, eu sentia-me moída, exausta, e não quis o corpo de Gustavo para nada além de me aquecer, ainda que ele tenha insinuado qualquer coisa sobre finalmente poder receber seu presente de dia dos namorados.

Por isso, agora, tomo café da manhã dividida entre concentrar-me para não bocejar, ou para não tremer de frio, apesar das muitas roupas quentes vestidas. E a menção a uma nascente, embora tenha me causado curiosidade, também me causou verdadeiro pavor da ideia de ter que entrar na água gelada.

— Não filha, hoje nós vamos à loja de unicórnios, lembra? -

Camilla explica e o sorriso que toma conta do rosto da menina deixa claro que, para ela, a loja de unicórnios é um passeio muito melhor do que a nascente, ou qualquer outra parte da propriedade.

O restante do café não tem quaisquer outros comentários ou situações curiosas. Exceto, é claro, pelos olhares que volta e meia, alguém dava para Gustavo e eu como se fôssemos seres míticos, e pela maneira excessivamente atenciosa de sua mãe tratar.

Excessivamente, não por ser incômoda, mas porque diz o quando ela se importa com um potencial novo membro da família, coisa que eu não sou.



— Amor, Gustavo? -A voz debochada de Rodrigo soa atrás de mim enquanto espero que Elora desça para conhecermos a propriedade da minha família. Estalo a língua, desdenhando de seu comentário, mas é claro que isso não o para.

— Por essa nem eu esperava, irmão... -Bufo, dispensando-o.

Assim que a reação de minha mãe me fez perceber o que disse, tive certeza de que meu irmão também não deixaria passar em branco, no momento em que se visse livre da opressão de sua esposa, ele me confrontaria por nada além de diversão, e aqui estamos.

— Foi sem querer, porra!

— E essa é toda a graça da coisa! Você nem percebeu o que disse até mamãe te

chamar atenção... -Gargalha. O filho da mãe ri escandalosamente como se alguém tivesse contado a piada do século e eu sei que não há nada que eu possa fazer para contornar isso, então, quando Elora aparece na porta, e franze o cenho para o escândalo que Rodrigo está protagonizando, eu apenas nego com a cabeça para ela, indicando que nem vale a pena perguntar, e estendo minha mão.

Ela aceita e a ajudo a subir na 4x4 da casa, dou a volta pela frente do carro, deixando um Rodrigo que ri sozinho para trás.

— Colocou o biquini? -pergunto e ela chia.

— Claro que não! Um frio desses... -Rio. Melhor para mim.

Ao longo da manhã, levo Elora para conhecer os principais pontos da propriedade, os estábulos, o lago cercado pela a área gramada, os balanços construídos quando Rodrigo e eu ainda éramos crianças, a piscina coberta, a casa na árvore das meninas, onde Elora faz questão absoluta de entrar, se encanta com o tamanho e com o fato de o espaço estar completamente mobiliado com coisas funcionais, e ter, até mesmo, um banheiro de verdade.

Enquanto não explico como é possível ter um vaso sanitário e água encanada e quente ali, ela não sossega.

Já passa da metade do dia quando saímos em direção à nossa última parada, a nascente. Elora resmunga por boa parte do caminho que não sairá do carro, porque está frio demais para qualquer atividade que envolva água e eu ouço tudo pacientemente, aguardando ansioso pelo momento da reviravolta.

Depois de quinze minutos de estrada, o clima começa a mudar, tornando-se mais úmido e quente em função da proximidade da água. Tão próximo quando é possível, estaciono o carro, e, em meio a um chão cheio de mato, lama e folhas secas, ajudo Elora a descer. Depois de pegar algumas mantas, toalhas e cobertores no banco de trás do carro, segurando sua mão, guio-a pela trilha que leva até aquela que sempre foi minha parte preferida desse lugar e que teria muitas histórias para contar a meu respeito durante a adolescência, se tivesse uma boca, e falasse.

— Por que você não me disse que era uma fonte de água aquecida? -São as primeiras palavras de Elora ao chegarmos à margem da nascente, e eu rio.

— Eu te disse pra vestir um biquini...

— Ah, claro... Porque significa exatamente a mesma coisa, certo? Olha... Sinceramente... -resmunga, cruzando os braços na frente do peito. O sorriso em meu rosto não se apaga. Depois de deixar o que carregava sobre uma pedra, abraço seu corpo por trás, puxando-o para mim, e enterro o nariz em seus cabelos.

¬Ninguém mandou você ser tão teimosa! -sussurro em seu pescoço.

— E ninguém mandou você ser besta... Custava ter falado com todas as letras quais eram os planos, poxa?

— Eram? Quem foi que disse que eles mudaram?

— Eu não vesti o biquini, Gustavo!

— Isso só deixa tudo melhor, amor, porque vou poder segurar seu corpo gostoso e pelado. -Lambo seu pescoço e ela praticamente ronrona.

— Nadar nua, é?

— Unhum... toda peladinha... -Sopro sua pele, arrepiando-a inteira.

— E se alguém aparecer aqui?

— Ninguém vai aparecer, linda... Os únicos que poderiam, seriam Rodrigo e Camilla, e você ouviu, eles iam à loja de unicórnios... -Continuo brincando com seu pescoço e ombro por baixo de seus cabelos e seu corpo vai amolecendo em minhas mãos.

— E o que é uma loja de unicórnios, em? -a voz soa baixa, quase sussurrada, e eu sei que ela não vai resistir. Rio de sua pergunta, começando a desfazer os botões de seu casaco.

— É uma loja de bichinhos de pelúcia onde a criança pode fazer o bichinho do zero, escolher roupa, gravar voz, e ele sai de lá até com certidão de nascimento e teste do pezinho... Não tem no Rio, então toda vez que as meninas vêm pra cá, o que acontece a cada quinze dias, Rodrigo as leva até lá...

— Hum... -choraminga, quando aperto seus seios por cima das roupas.

— Amor, eu realmente acho que a gente devia parar de falar de bichinhos de pelúcia agora...-puxo seu casaco para fora do corpo antes virá-la para mim e beijar sua boca. Devagar, exploro cada cantinho, deixo que seu gosto se espalhe em minha língua e que o calor de seus lábios tome os meus.

Elora me toca com carícias lentas, sensuais, provocantes, as mãos pequenas se esgueira por baixo do tecido da blusa grossa de lã e acariciam devagar meu abdômen, peito, costas. Suas unhas brincam sobre a pele arrepiada, aranhando levemente enquanto sua boca provoca a minha, mordendo meu lábio inferior e puxando-o para si.

Desço as mãos pelas laterais do seu corpo até encontrar a barra de sua blusa e enrolá-la, subindo-a e passando pela sua cabeça.

Aperto sua cintura, ainda coberta por tecido, um gemido baixo sai de sua garganta, provocando meus ouvidos. Mordo seu queixo, lambo seu pescoço, aspiro o cheiro que me tira de órbita toda maldita vez, o seu.

Suas mãos começam a trabalhar em algo além de me eriçar.

Tiram minha camisa, desfazem meu cinto e desabotoam minhas calças, mas depois de tirar a terceira blusa de Elora e encontrar uma quarta, abandono seus lábios.

– Porra, Elora! Quantas roupas você tá vestindo? -olho para seu corpo, levantando mais uma barreira de tecido e, finalmente, encontrando pele.

– Tá frio, ué! -se defende, e, bufando, arranca ela mesma a última blusa de manga de tecido.

– Nós estamos em Petrópolis, amor... Não na Rússia...

– Deus me livre, não conte comigo pra ver neve, Gustavo! Não vai acontecer! - Sua negativa tão incisiva atiça a aquela parte de mim que adora provoca-la e eu decido, imediatamente, que sim, haverá uma viagem para a Rússia! A parte mais fria que existir. Não consigo evitar e gargalho. Elora me encara desconfiada.

– O quê?

– Eu to pensando na minha agenda, em quando eu consigo encaixar uma viagem pra Rússia...

– Espero que faça uma boa viagem!

– Com você? Vai ser a melhor...

É a vez dela de gargalhar.

– Unhum... vai sonhando...

– Você disse que poderíamos fazer qualquer coisa que um casal de namorados faz... -Comento, saindo de dentro das botas, e Elora faz o mesmo com as suas, dando um gritinho ao tirar as meias e colocar o pé na terra úmida: ¯Casais de namorados viajam...

– E nós estamos viajando... Casais de namorados fazem isso, tudo bem... O que casais de namorados não fazem, a menos que sejam sociopatas, é morrer juntos, e eu não quero morrer congelada, Gustavo! Deus me livre! Tenho horror! Se eu puder escolher, que seja no fogo!

– Morrer de hipotermia é muito menos doloroso do que morrer queimado, Elora... E vir do Rio pra Petrópolis? Isso nem pode ser chamado de viagem... -Tiro a calça, dobrando-a junto com as demais peças e deixando sobre a mesma pedra em que deixei as roupas de cama. Recolho as de Elora também enquanto ela continua o trabalho infinito de se despir das trocentas camadas de tecido que a cobrem. Me recosto, observando seu strip-tease não intencional que não é nada sensual, mas ainda é uma delícia de ver.

– Não importa... O fogo é quente!

– Você é maluca! -rio baixo, e nego com a cabeça, sem poder acreditar que fomos de beijos e toques, para uma conversa sobre morrer queimada ou congelada.

Uma de suas sobrancelhas se ergue e um sorriso zombeteiro surge em seu rosto quando ela sai da calça jeans só para revelar uma legging por baixo. Que mulher frienta, meu Deus!

– Eu nunca disse que não era... -atira contra mim minhas próprias palavras,

fazendo-me gargalhar. Estendo o braço, convidando-a, ela se aproxima e me agacho, delicadamente, ajudo-a a tirar a última peça de roupa além das lingeries. Comigo praticamente aos seus pés, ela me olha de cima, ainda com o sorriso nos lábios.

– Gosto de você aí... -Sorrio, porque, estranhamente, eu acho que também gosto de estar aqui. Beijo suavemente suas coxas e engancho os dedos nas laterais de sua calcinha. Seu olhar nunca me deixa enquanto a deixo nua da cintura para baixo e vou beijando sua pele com carinho. Ela leva as mãos às costas e abre o fecho do sutiã, tira a peça do corpo e o pendura na ponta do dedo, exibindo-se inteiramente nua para mim.

Estreito os olhos, passo a língua sobre os lábios, fazendo exatamente o que ela quer, apreciando a visão aqui de baixo, porque, porra, não há nada que eu queira fazer mais do que isso. A pele clara, arrepiada pela brisa fria, os mamilos, duros, atiçados pela temperatura do ambiente, as curvas completamente expostas para os meus olhos, a boceta gostosa na altura da minha boca.

Linda, gostosa, safada! Quente como a porra do inferno. Roço meu rosto em sua perna, finalmente, quebrando nosso contato visual e, devagar, ergo meu corpo, arrastando a ponta dos dedos por onde posso em sua pele arrepiada até que minha boca encontre a sua.

– Você é tão gostosa, amor... Porra... Tão gostosa...

– Você também não é de se jogar fora... -Desdenha do meu tom fazendo-me rir.

– E terrível...Você é terrível... -Seus olhos estreitos me dizem que ela também poderia dizer algo sobre mim desse sentido, mas não lhe dou chance, ergo-a em meus braços e ela grita.

– Gustavo!!!

– O quê? -desconverso como se não a estivesse carregando no colo.

– Da próxima vez avisa, caralho! -resmunga e puxo seu lábio inferior entre meus dentes. Elora envolve os braços ao redor do meu pescoço e passa a lamber minha boca, desconcentrando meus passos, já lentos, na direção da nascente.

O poço não é fundo, pelo contrário. Na verdade, há partes em que a água mal

bate na metade das minhas panturrilhas. Caminho até onde ela ultrapassa a cintura e coloco os pés de Elora no chão.

Seus olhos se fecham e um gemido de prazer deixa seus lábios quando a pele entra em contato com a água quente e me dou um segundo para admirar a cena antes de puxá-la, chocando seu corpo com meu.

Ela ofega imediatamente ao ter os peitos imprensados contra mim, agarro sua bunda, apertando as bochechas redondas enquanto roço o nariz por seu rosto e pescoço. Seus dedos infiltram-se pelos fios de cabelo em minha nuca, puxando-os e passamos algum tempo assim, em uma troca de toques e carícias, silenciosos, apenas aproveitando o contato e o calor com a água e com o corpo quente.

– Quer nadar, amor? -Beijo sua têmpora, depois de perguntar e procuro seus olhos.

– Não, amor... -a boca aproxima-se de minha e para bem em cima dela: ¯Eu quero cavalgar...

– Porra, Elora...

Ela beija minha boca com fome, oficialmente, encerrando o momento de carícias suaves e silenciosas. Meu toque em sua pele vira aperto, seu puxão em meus cabelos torna-se mais firme, quase... Possessivo? E eu adoro, adoro para caralho.

Dou passos para frente, obrigando-a a dar passos para trás até que suas pernas batam em uma das muitas pedras que cercam a nascente. Viro nossos corpos, encostando-me na pedra para que ela não se machuque com a aspereza. Elora é rápida em enfiar a mão em minha sunga e massageia meu pau, já dolorosamente duro.

Paro de beijá-la, buscando recuperar o controle que ela se empenha em me roubar com um toque firme, sensual, enlouquecedor além do que sou capaz de descrever, elevando a vontade me afundar nela a níveis incalculáveis.

– Porra, amor... Eu quero você...

– O quanto você me quer? -a voz é arrastada, sussurrada, provocativa e eu deslizo minhas mãos por sua bunda. Abrindo-a, rodeio seu cu com um único

dedo, fazendo com que Elora estremeça. Seus peitos deslizam em minha pele já coberta por uma fina camada de suor, assim como sua, pelo calor da água ao nosso redor.

– Muito, linda... Quero muito... -Meu dedo desce, alcançando a vulva melada e mergulhando nela, sendo sugado imediatamente, como a se a boceta de Elora implorasse por mais. Muito mais.

Grunho, perdido na sensação que me imaginar dentro dela me causa e decido que cansei de imaginar. Apoio-me melhor na pedra atrás de mim, afastando um pouco as pernas e espalmo as duas mãos na bunda dela, tirando-a do chão.

Ela entende imediatamente o que quero e cruza as pernas ao meu redor. O grelo duro esfrega-se em mim, fazendo-nos gemer.

Trinco os dentes buscando controle e sinto uma carícia lenta em meu rosto. Encontro os olhos de Elora, que me encaram cheios de desejo e necessidade.

Ela me escala, subindo um pouco mais em meu corpo, com ela bem presa a mim, levo o pau a sua entrada. Elora desce, deslizando devagar, consumindo-me com uma lentidão devastadora e com um gemido gostoso para porra. Completamente encaixada em mim, pende a cabeça um pouco para trás e me olha em um pedido que se parece muito com uma ordem e é sexy como só ela consegue ser.

Impulsiono os quadris para frente em uma estocada curta e profunda, seu gemido em resposta é todo o incentivo que preciso para continuar. Meto rápido na bocetinha gostosa, quente, melada, escorrendo, minha, completamente minha, babando pelo meu pau.

Os sons da fricção ecoam ao nosso redor junto com o da correnteza, meus grunhidos e os gemidos de Elora.

Segurando firme em meus ombros, começa a se impulsionar para cima e para baixo, subindo e descendo em meu eixo a medida em que estoco, entrando e saindo, enfiando e tirando o pau da boceta apertada feito um punho, que me esmaga. A cada metida, sua bunda bate em minhas bolas em uma carícia rápida, forte, intensa, e eu me vejo querendo fechar os olhos, mas dividido, sem querer perder nenhum segundo da visão que é Elora completamente entregue.

Seus gemidos entram pelos meus ouvidos e impulsionam cada um dos meus

movimentos, seus olhos excitados, bêbados de tesão prendem os meus, seu corpo quente, suado, arrepiado, macio, transporta-me para um lugar que é só nosso onde quer que estejamos, e quando ela grita, anunciando o gozo, eu me sinto perdido, completamente perdido em prazer antes mesmo que o orgasmo me atinja, porque o ápice é saber que ela é minha, que gemeu para mim, que gozou para mim e, só então, é esporrar dentro dela sem camisinha.



Bem fodida, mal fodida, bem fodida, mal fodida, bem fodida, mal fodida... Faço minha própria versão de bem me quer, mal me quer, conforme despejo a água morna na xícara para um chá. Brincadeira essa, diga-se de passagem, que é mera formalidade. Não é preciso ser nenhum grande gênio para saber que eu estou sendo muito, muito, mas muito mesmo, bem fodida. Deus, bem fodida demais.

Um arrepio escala minha espinha quando lembranças da tarde na nascente assaltam minha memória. Perfeita, nenhuma outra palavra descreveria, além de perfeita. Só teria sido mais perfeita se tivéssemos levado o lubrificante. Minha santa das mulheres que querem dar o cu, o que é que essa mulher aqui, em particular, precisa fazer para conseguir fazer isso de novo?

Vai doer? Vai! Com certeza! Mas eu não tenho a menor dúvida de que, como tudo que Gustavo faz, ele vai saber exatamente como tornar muito gostoso. Sexo anal nunca foi um tabu para mim, não gostei de primeira, nem de segunda, mas depois de tentar uma terceira vez, descobri que o problema não era o ato, eram as pessoas com quem eu o performei das duas vezes anteriores.

E hoje eu gosto, e como gosto, mas não tenho meu cu para negócio, então depois que aprendi que é necessário muito mais do que vontade para fazer dar certo,

preciso ter o mínimo de confiança no meu parceiro de cama para conseguir esse tipo particular de sexo, e já faz muito tempo desde a última vez, tempo demais, porque eu realmente gosto da coisa.

Gustavo não sabe, mas apesar de todos os toques e provocações que já tivemos na cama, dar sinal verde para que ele, literalmente, coma meu cu, é uma prova de confiança, assim como transar sem camisinha. No entanto, aparentemente, o universo tem algo contra a minha decisão, porque toda maldita vez, alguma coisa acontece.

Decido.

Esta noite, mudarei isso. Sem sorte para o azar, hoje vai! Amém, minha santa?

– Amém! -respondo eu mesma.



Uma gota morna pinga em minha perna, arrancando-me de meus pensamentos e mostrando o tamanho da merda que eu estou fazendo. Mexi tanto o chá que, agora, a maior parte dele já não está mais na xícara, e sim no pires. Puta merda.

Levanto-me da banqueta, dou a volta na bancada e, na pia, pego papel toalha o suficiente para limpar a bagunça que fiz. Depois, deixo a xícara suja dentro da cuba, e a substituo por uma limpa, determinada a tomar meu chá. Acho que estou sendo contaminada pelo vício de Gustavo em bebidas quentes.

E, como parece ser algo dele, atraído pelos meus pensamentos, meu vizinho cretino manda uma mensagem.

“Te pego em duas horas, quero te levar num lugar. Esteja pronta, ok?”

Rio da audácia do infeliz. Ele pensa o quê?

“Você acha o que, Gustavo? Que eu não tenho mais o que fazer além de ficar à sua disposição?”

“Amor, quero te fazer uma surpresa. Consegue estar pronta daqui a duas horas?”

“Bem melhor assim...”

– Todo esse suspense pra me trazer pra almoçar?

– Não... Mas eu achei que você gostaria de ser alimentada antes do que eu tenho em mente...

– Ah, que fofo! Já sabe que pra me manter feliz é só me manter alimentada. – Deixo um selinho nos seus lábios e Gustavo ri. Solto o cinto de segurança, abro a porta e desço do carro.

– É incrivelmente bizarro o quanto isso é verdade... E eu acho que você realmente vai gostar desse restaurante. -Acaricia meu rosto com a ponta dos dedos e eu dou de ombros. Gustavo segura minha e, juntos, caminhos para o restaurante.

– Já veio aqui?

– Não, Rodrigo trouxe a Cami, e, pelo que me disse, é o seu tipo de lugar... -Comenta, fazendo eu me perguntar o que exatamente isso quer dizer.

Não levo muito tempo para descobrir. E, tampouco, para concordar.

Definitivamente, é o meu tipo de lugar. O restaurante serve um menu degustação com nada menos do que doze pratos incríveis e diferentes, e essa não é a melhor parte. A melhor parte, definitivamente, é o menu degustação de sobremesas, que inclui um exclusivo de cheesecakes, são seis tipos da melhor torta do mundo.

Quando deixamos o lugar, tenho certeza de ter encontrado o amor da minha vida, e ele se chama Maison Brunéèt.

– Pra onde vamos agora? -pergunto com a barriga estufada de tanto comer, e, provavelmente, atraído pelas minhas mãos sobre ela, é para lá que Gustavo olha,

rindo.

– Gostou do restaurante? -questiona ironicamente, mas eu realmente não me importo.

– Siiiim! -arrasto a vogal para dar toda a ênfase que a resposta merece: ¯Tenho um novo amor!

Ergue uma sobrancelha, desconfiado.

– Eu sabia que podia comprar sua atenção com comida, mas seu amor também?

– Do que você tá falando, Gustavo? Porque eu tô falando do restaurante! Ele é o meu novo amor!

Gustavo gargalha e nega com a cabeça, como se não pudesse acreditar no que acabei de dizer. Ele dirige pelas ruas da cidade de maneira tranquila. Mpb toca pelos autofalantes e, vez ou outra, desvio meus olhos da paisagem para espiar seu porte indiscutivelmente gostoso. Os braços fortes, vestidos por uma camisa dobrada até os cotovelos deixam veias saltadas à mostra e as pernas musculosas, delineadas pelo jeans escuro, fazem uma imagem e tanto do motorista.

É um momento confortável de companhia silenciosa e eu não posso evitar o pensamento do quanto isso parece natural. Do quanto tudo com Gustavo parece extremamente natural. E essa constatação força uma outra pela minha garganta. Eu não quero que isso acabe, não ainda... Mas o calendário não se importa e os dias avançam como sempre. Suspiro, encosto a testa na janela e fecho os olhos.

– No que você está pensando?

– Em você... -Respondo ainda na mesma posição.

– No quanto eu sou um namorado incrível? -Isso me faz abrir os olhos e encontro um sorriso cafajeste me esperando.

– Incrível pode ser exagero da sua parte...

– Quê? Eu cozinho pra você, te dou carinho, alimento todas as suas fomes, faço suas vontades, minha família te adora, eu sou um namorado incrível... -Mordo o lábio.

– E por que você nunca foi um namorado incrível pra ninguém antes, Gustavo? - diferente do que imaginei, sua resposta não demora.

– Eu nunca encontrei alguém me fizesse querer ser incrível... -

Responde com uma naturalidade assustadora, como se suas palavras não tivessem peso ou valor algum: ⊤E você? Por que estava solteira, Elora?

– Relacionamentos são difíceis... Eu só tava me poupando... -

Assim como ele, não preciso pensar na resposta.

– O nosso é fácil...

– Isso é porque-

– Se você for dizer que é porque é uma grande brincadeira, é melhor não dizer nada... -Me interrompe e, de repente, seu semblante ficou sério.

Reviro os olhos e meu coração decide imitar o movimento, revirando-se também em meu peito.

– Eu não ia dizer isso, mas por que te incomoda tanto?



– Porque não é verdade, eu não sou de mentira Elora, não tenho paciência pra ser, e, cada segundo que eu estive com você, fui verdadeiro... Cada segundo em que estivemos juntos, foi de verdade!

Sua resposta fecha minha garganta e me rouba a capacidade de respirar. Pisco

algumas vezes e mordo o lábio, tentando me recuperar das porradas que Gustavo decidiu me dar uma atrás da outra no último minuto. Quer dizer, o que eu deveria responder a isso?

Você não pode dizer coisas assim, Gustavo... Você...

Simplesmente... Não pode... Me lamento.

– E por que não, Elora? -Ah, porra! Eu disse em voz alta, não disse? Abro a boca e fecho, olho para seu rosto, focado no trânsito, e desvio o olhar quase imediatamente, sinto-me uma covarde, coisa que não sou, mas eu simplesmente não estou pronta para essa conversa.

Ele toma meu silêncio como resposta, porque fala outra vez.

– Eu acho que a gente precisa conversar, amor... -O começo do fim... É isso que essa frase sempre precede, não é?

– Sou toda ouvidos...

– Não, linda... A gente não vai ter essa conversa no trânsito, enquanto eu não posso olhar pra você...

– Gustavo... Eu... -Pega minha mão, e, aproveitando a parada no semáforo, olha para mim.

– É só uma conversa... Só uma conversa... -Beija minha mão sem que seus olhos deixem os meus. O sinal abre e volta a olhar para frente, mas sua mão continua na minha.

– Quem mora aqui? -pergunto assim que o carro estaciona na frente de uma mansão digna de um dos vídeos que eu vivo assistindo no youtube. Eu estranhei quando entramos em um condomínio

luxuosíssimo, mas realmente não imaginei que ele iria parar o carro.

Achei que fosse caminho para algo outro lugar, não sei.

– Por enquanto? Ninguém... Mas, essa tarde, nós vamos fingir que queremos morar. -Franzo o cenho sem entender absolutamente nada.

– O quê? -Gustavo sorri imenso. Um sorriso como o do gato de Alice no país das Maravilhas, deixando-me ainda mais confusa.

– Eu pensei que se você gosta tanto de assistir vídeos de mansões que estão à venda, gostaria mais ainda de ver algumas ao vivo...

Minha boca se abre em choque, meus olhos se arregalam e eu me esqueço de que preciso respirar.

– Você... Você... Quê? -Ele gargalha.

– Hoje nós somos um casal de pombinhos apaixonados procurando pelo nosso ninho de amor, tudo bem? Eu marquei várias visitas nesse condomínio... -Pisca para mim, sorridente, solta o cinto de segurança e desce do carro. Estou tão atordoada que nem mesmo sou capaz de fazer o mesmo. Continuo sentada, conseguindo, apenas, mudar a direção do meu olhar, que abandona o banco vazio, e passa fitar a imensa casa de arquitetura impecável a minha frente.

A porta ao meu lado é aberta, assustando-me, ainda que eu soubesse que isso aconteceria.

– Amor?-chama. Olho para ele, mordo o lábio, abro a boca, nada sai dela. Tomo uma respiração profunda.

– Gustavo...

– Vai ser divertido! -Declara e solta meu cinto de segurança.

Desço ainda incrédula de que realmente faremos isso. Se eu estou animada com a perspectiva de realmente entrar nessas casas?

Imensamente! Mas não significa que isso soe menos absurdo.

Gustavo tranca a porta e pega em minha mão, quando estamos a apenas alguns passos do caminho que conduz até a porta de entrada, ele me para e, olhando para mim, repete as instruções:

– Somos um casal de pombinhos apaixonados procurando nosso ninho de amor, ok?

– Você é louco! -O sorriso, aquele sorriso responsável por transformar qualquer calcinha feminina em um pedaço miserável de pano derretido, toma seu rosto.

– Eu nunca disse que não era. -Deixa um beijo suave em meus lábios antes de me conduzir através do gramado da imensa propriedade.

Instantes depois de tocarmos a campainha, a porta é aberta por um homem elegantemente que se apresenta como Gabriel, o corretor. Ele nos recebe com uma simpatia assustadora e é dedicado em exibir e elogiar cada metro quadrado da casa de cinco suítes, garagem para oito carros, salão de festas e sala de cinema próprios e, é claro, uma vista de tirar o fôlego.

Gustavo faz perguntas como se realmente tivesse interesse no imóvel e explora cada canto por onde passamos com olhos e mãos, tocando, testando, e até mesmo fotografando alguns detalhes sob a justificativa de querer se lembrar quando for comparar com as nossas outras opções. Deixamos a casa dando a Gabriel a garantia de que entraremos em contato com nossa decisão, e, assim que entramos no carro, não consigo mais me conter e gargalho.

Rio descontroladamente pelo absurdo sem tamanho dessa situação. Eu amei a experiência e, agora que já passamos pela primeira, estou ansiosíssima pelas próximas, mas isso não diminui em nada o quão inacreditável é tudo isso. Minha barriga dói e meus olhos lacrimejam, e, mesmo assim, sou incapaz de me parar. Durante os poucos instantes em que mantenho meus olhos abertos, vejo a expressão satisfeita e divertida no rosto de Gustavo.

Conforme a crise de risos vai passando e eu consigo respirar normalmente outra vez, recosto-me no banco e tomo várias inspirações profundas seguidas por expirações que têm a mesma intensidade. Me sentindo pronta, viro o rosto, encontrando o olhar analítico do meu namorado. A palavra soa certa demais em minha mente, muito mais do que deveria.



– Por que você faria algo assim?

Ele inclina a cabeça, pensa por dois segundos, e marreta meu peito com a resposta.

– Pra te ver feliz...

Elora me encara como se eu tivesse acabado de falar o maior dos absurdos, mas enquanto via o brilho nos seus olhos tendo uma experiência que, até hoje de manhã, ela pensava ser impossível, enquanto via sua felicidade escorrer pelos seus olhos, e pela sua garganta na forma de gargalhadas e lágrimas de alegria, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre as razões para que eu tenha pegado o telefone essa manhã e pedido para minha secretária agendar visitas à casas que estivessem a venda em meu próprio condomínio, evaporou.

Eu procurava forma de preparar o terreno antes de fazer um pedido que, com toda certeza do mundo, vai deixá-la irritada? Sim, eu procurava. Mas não foi o fato de precisar convencê-la de ir à festa que me deu a ideia, não foi isso que me motivou a colocá-la em execução e, definitivamente, não é isso que está deixando meu coração acelerado nesse instante. Eu posso ter sido lento em entender, porque nunca senti nada parecido antes, mas eu não sou burro, e essa é a peça final do quebra-cabeças que vem se montando sozinho em minha cabeça há dias.

Eu queria vê-la feliz, pura e simplesmente, assim como eu sempre quero ser incrível com e para ela. E se isso não significar que eu estou muito fodido, eu não sei o que significará. Se as horas que passo pensando nela, ou ansiando estar

com ela quando não estamos juntos não fossem o suficiente, se o fato de seu rosto ser a primeira coisa que quero ver ao acordar e a última ao dormir não me dissesse nada, se a cada coisa boa que me acontece, dividir com ela não fosse o meu primeiro pensamento, definitivamente, a vontade imparável de vê-la sorrir por mim e para mim, seria. É um fato, nós dois precisamos conversar.

Elora foge das palavras, de novo, mas, dessa vez, não me deixa sem resposta. Ergue-se em seu banco e avança na minha direção sobre o console do carro, atacando minha boca com uma intensidade que me dá esperanças de que, talvez, eu não esteja tão fodido assim.

O resto da tarde avança da mesma maneira, a cada visita que fazemos, ao voltarmos para o carro, Elora tem uma crise de risos deliciosa, e, depois dela, me beija intensamente, não sei se como



agradecimento, ou fuga silenciosa. Arrisco dizer que há um pouco dos dois.

Na última casa, sinto-me ansioso, porque nosso próximo destino é a minha própria casa, e como consequência, a conversa.

Honestamente, nãos sei qual das duas coisas é maior responsável pelo bolo em meu estômago. Eu nunca fui um covarde e, com certeza não vou começar agora, mas isso não torna as coisas mais fáceis.

Passo pela visita quase mecanicamente, não faço perguntas e mal presto atenção ao que a corretora diz, provavelmente, parecendo um cliente muito desinteressado.

– Tá tudo bem? -Elora questiona ao chegarmos à calçada, do lado de fora.

– Unhum...

– Essa foi a última?

– Foi.. E ag-Minha fala é interrompida pelo toque do meu celular.

Tiro-o do bolso, caminhando para o carro, o visor anuncia uma ligação de Rodrigo.

– Eu preciso de você na empresa, nós temos um problema... -fala assim que o celular alcança minha orelha.

– Quão grande é esse problema?

– Imenso.

– Tudo bem, estou indo.

Desligo o telefone, vergonhosamente, sentindo-me aliviado, minha conversa com Elora vai ter que esperar. Talvez essa seja mais uma mudança, afinal. Talvez eu esteja me tornando um covarde.

– O que houve? -Entro na sala de rodrigo sem bater e sinto-me ainda mais preocupado com seu estado desalinhado do que com o tom de voz que usou no telefone.

Rodrigo está sempre impecável, às vezes tenho a impressão de que isso dá a ele a sensação de que a vida está em ordem. Sempre foi assim, desde que éramos crianças. Por isso, Vê-lo sem o paletó, com as mangas da camisa dobradas, a gravata frouxa, os cabelos bagunçados e o corpo jogado na cadeira é realmente muito preocupante.

– Perdemos a intérprete do evento de lançamento... -Noticia à queima roupa, e paro meus passos, impactado com a declaração e entendendo seu princípio de desespero.

– O que você quer dizer com “perdemos a intérprete” do evento de lançamento, Rodrigo? É uma pessoa, não dá pra perder uma pessoa, Rodrigo! -São as únicas palavras que consigo dizer, procurando, de qualquer maneira uma esperança de ter entendido errado.

– O pai dela faleceu e morava em outra cidade, não há a menor possibilidade de ela estar de volta a tempo, ou de ter estrutura emocional para trabalhar...

– Ah, porra... -Jogo-me na cadeira de frente para sua mesa, derrubando a cabeça no encosto e fixando os olhos no teto.

– Exatamente... Eu não sei o que fazer... o evento é em dois dias, Gustavo! Dois dias! O que fazemos com os três maiores investidores do empreendimento se eles não forem capazes de nos entender? Eu não sei qual das alternativas é pior... Não ter intérprete, ou, a essa altura, pedir para que eles tragam os seus, o que, aliás, seria impossível, já que dois deles já estão no Brasil...

– E ter três intérpretes é inviável... Seria uma grande confusão...

Além de que, as informações tratadas, confidenciais, ficariam ainda mais espalhadas, puta que pariu, Rodrigo! -Vejo toda a sensação de paz trazida pela tarde que passei com Elora se esvair pelos meus dedos ao constatar que passarei as próximas horas tentando resolver esse pepino.

– Talvez devêssemos começar com os bilíngues, trilíngues e poliglotas da casa... Pedir ao RH que faça uma relação de quais deles são fluentes nas línguas que precisamos, e analisar se é possível aproveitar algum... Se não encontrarmos uma única pessoa, talvez



seja mais eficiente traçarmos uma estratégia para articular três intérpretes, do que ficar dando murro em ponta de faca atrás de um só...

– É uma boa ideia... Não é o ideal, mas é o que temos... porque onde nós vamos achar uma intérprete capaz de traduzir francês, alemão e inglês e que possa ser

instruída sobre as particularidades do empreendimento, faltando dois dias para o evento? Em porra de lugar nenhum...

Franzo o cenho e levo a mão à têmpora, deslizando o polegar e o indicador ali.

– Espera... Francês, alemão e inglês? -Pergunto, não querendo acreditar na coincidência.

– É Gustavo! -responde, impaciente:¯Não são essas as nacionalidades dos nossos investidores?

Surpreendendo até a mim mesmo, não consigo evitar, gargalho. A vida, às vezes, pode ser uma tremenda filha da puta!

– No apartamento 604 do edifício Uno...

O elevador avança pelos andares e eu reflito sobre o quão diferente do que tinha planejado a noite está se saindo. Mas, apesar de todas as diferenças, há uma constante, a perspectiva de ter uma conversa difícil com Elora. Arrisco dizer que a que estamos prestes a ter será muito mais difícil do que aquela que eu planejava, mas que por motivos de força maior, precisou ser adiada.

Eu sabia que a festa seria um problema desde o instante em que decidi que queria Elora comigo. Afinal, trata-se da festa de lançamento do empreendimento que ela tanto despreza. No entanto, minha vontade de tê-la ao meu lado, nesse momento tão importante para mim, superava meu senso de autopreservação, uma vez que a

possibilidade de Elora tentar me matar ao se dar conta da minha audácia é real.

A vida era mais simples horas atrás quando esse era todo o meu problema. Lidar com Elora seria difícil, potencialmente, nocivo à minha saúde, mas, ainda assim, ficaria tudo bem. O pior que poderia acontecer seria ela ficar muito irritada, me expulsar de sua casa e me dar mais doses de seu adorado tratamento de silêncio. Mas, eventualmente, as coisas voltariam ao normal. Eram bons tempos esses... Nego, lamentando a nossa falta de sorte.

Porra, com todo o respeito aos recursos humanos celestiais, mas o pai da mulher tinha que morrer logo hoje? Logo essa semana? Não podiam ter dado mais uma semana de convivência familiar para o cara e, de quebra, ter me livrado de um

imenso problema?

O evento acontecerá em dois dias, isso quer dizer que eu tenho um dia para convencer Elora, e outro para prepará-la. Não sei estimar minhas chances de sucesso, mas as de ela acabar comigo, certamente são altíssimas. Até eu sou capaz de reconhecer que vai soar, no mínimo, absurdo, pedir para que a mulher colabore na concretização daquilo que está tão determinada a impedir. Mas eu realmente não tenho opções, e, depois de muito pensar, concluí que, talvez, essa seja uma oportunidade.

É possível que eu estivesse cometendo um clássico erro de vendedor ao não mostrar para Elora aquilo que seria capaz de convencê-la. Um bom vendedor é aquele que vende um produto para cada cliente, mesmo que o embrulho dentro da sacola de todos eles seja o mesmo. Antes, isso não faria a menor diferença, mas, com a nova realidade que se agiganta sobre nós dóis a cada dia, tenhamos nós dois já conversado sobre isso, ou não, seria muito bom que Elora abandonasse o voto de ódio perpétuo que fez ao empreendimento.

Elora pensa no Ilha nova como o destruidor dos seus sonhos.

Talvez tudo o que ela precise seja começar a enxergá-lo como o princípio dos sonhos de outras pessoas. E, se eu tiver sucesso, serão três coelhos com uma cajadada só: mantenho minhas bolas intactas, consigo a melhor intérprete que poderia ter, e deixo o caminho para a nossa próxima conversa muito mais fácil.

Depois do que parece uma eternidade, as portas do elevador finalmente se abrem em nosso andar e eu engulo em seco ao pisar no corredor. *Vamos lá, Gustavo... Você não é a porra de um covarde, lembra? Se quer tanto preservar suas bolas, que tal começar tendo um motivo para mantê-las? Use-as!*

Respiro fundo e bato na porta do apartamento 604. Leva alguns minutos, mas logo ouço os passos de Elora e a porta se abre.

– Oi! -Me recebe com um sorriso no rosto e eu não preciso de nenhum outro motivo. Em passos largos a tenho em meus braços e beijo sua boca. Ela não resiste ou receia, beija a minha boca com a mesma fome com que devoro a sua até que o ar nos falte, e, mesmo quando isso acontece, deixo nossas testas coladas, aproveitando esses minutos de paz que eu tenho certeza estarem muito perto de acabar.

– Você sabe que a gente se viu hoje a tarde, né? Ou era seu gêmeo mal se passando por você? Se bem que ele era bem legal, me levando pra comer, depois, pra visitar casas imensas, então não tenho muita certeza se devo chamá-lo de mal... -diz em minha boca, fazendo-me sorrir.

– O que você acha de a gente entrar, garotão? -balanço a cabeça pelo apelido que ela passou a usar recentemente, para ser sincero, eu me sinto um golden retriver quando me chama assim, mas, ao mesmo tempo, gosto, então deixo para lá: Acabei de fazer um café...

– Você fez café? A essa hora? -questiono, desconfiado, e ela sorri. Afastando-se de mim, puxa-me para dentro do apartamento e, logo em seguida, fecha a porta.

– Pela forma que você me deixou em casa mais cedo, imaginei que algo complicado estivesse acontecendo na empresa, da última vez, você sumiu por sete dias, mas eu tive esperanças de que você tivesse aprendido a lição e que, se fosse pra sumir, pelo menos, passaria aqui pra se despedir... E, se não fosse sumir, passaria aqui de qualquer maneira...

Ergo uma sobrancelha, pensativo. Adorando ouvir cada palvra que saiu da sua boca, e, outra vez, sem conseguir evitar, como tivesse a

porra de um imã atraindo-me e colando-me a ela, me aproximo.

– Eu aprendi minha lição, amor...

– Viu só? Eu sou uma professora excelente...

Bufo.

– Ou o seu tratamento de silêncio é um péssimo castigo...

– É um método eficiente para a reabilitação de namorados de merda... Olha só pra você...Começou dando perdido e, agora, até sabe que pra me manter feliz, cem porcento do tempo, é fundamental manter meus níveis de glicose lá no alto...

Rio, mas já não mais um riso divertido, porque a perspectiva do que está prestes a acontecer aperta meu estômago.

– Quer falar sobre o que aconteceu? -Nota minha apreensão e desliza a palma quente das mãos pela minha bochecha. Fecho os olhos, aproveitando o toque e expiro com força.

– Na verdade, eu preciso da sua ajuda... Porque a gente não senta? -Seu cenho se franze, mas ela concorda e nós caminhamos até a cozinha. Elora senta em uma banqueta, eu vou atrás do meu café, dando-me conta de que é a primeira vez que ela faz um para mim. Mesmo na sua casa, todas as vezes que tomei café, fui eu quem o fez, até agora.

É mais forte do que eu. Enquanto despejo o líquido escuro na caneca, analiso sua consistência, cor, aspiro o cheiro, e, ao levar mais tempo do que seria necessário para a simples ação de servir o café, ouço o bufo indignado de Elora.

– Você tá julgando meu café! -Acusa e eu me viro para ela, trazendo comigo a caneca.

– Não... Eu to analisando...

– Unhum... o que, a grosso modo, quer dizer julgar! Bebe logo e acaba com o suspense, droga!

Faço uma careta de concordância e levo a caneca à boca sem adoçar, como prefiro. Olhos ansiosos me observam e, assim que o

sabor forte atinge meu paladar, me surpreendo, não é incrível, mas também não é ruim, o que já é muito para um paladar exigente como o meu.

– Bebível... -dou o veredito e Elora estreita os olhos, nega, e chia, ultrajada.

– Pois esa é a última vez que eu faço café pra você!

– Não é não! Deixa de ser malcriada, Elora... Eu vou te ensinar...

Revira os olhos.

– Eu não quero aprender, Gustavo... Tô pra lá de satisfeita com meu café bebível, se não é bom o suficiente pra você... Você que lute... A cafeteira é toda sua...

Estalo a língua para sua atitude malcriada, e ela me dispensa com um aceno.

– Enfim... me conta... O que houve e como eu posso te ajudar? -

Tudo bem... Lá vamos nós...

– Em dois dias vai acontecer um evento de lançamento muito importante para a empresa. Nossos investidores internacionais estarão presentes, e o pai da nossa intérprete morreu. É isso. Agora, eu preciso de uma intérprete que fale Francês, alemão e inglês...

– E você precisa da minha ajuda pra quê? Pra encontrar essa intérprete? Eu posso ver com alguns contatos, mas é uma lista bem específica de três idiomas, então não sei se consigo, ainda mais com esse prazo curto...

– Na verdade, eu estava esperando que você pudesse ser essa intérprete. Acontece que os termos que discutiremos são confidenciais, então é preciso que seja alguém de confiança... E, além disso, vai requerer certo tempo de preparação, pelo menos um dia para que a pessoa possa entender o que vai intermediar...

– Gustavo, eu não sou intérprete... Nunca trabalhei com tradução simultânea na vida, isso envolve muito mais do que traduzir palavras...

Assim como tradução de textos... Cada especialista faz uma coisa...

Esse não é o meu trabalho...

– Eu sei, Elora... É só que... Eu tô bem desesperado... E eu... -

suspiro: ¯Eu realmente não pediria se achasse que tenho outra opção...



Suas palavras soam tão sinceras que me intrigam. Quer dizer, porque tanto receio em pedir para mim? Minha cabeça trabalha em velocidade máxima tentando encontrar motivos, e o único que encontro, não é crível. Ele não seria tão cara de pau, seria?

– Gustavo, esse evento é de lançamento de quê? -Seus lábios formam um bico e movem-se de um lado para o outro, para cima e para baixo, em movimentos nervosos. Minha desconfiança cresce, mas é seu olhar de cachorro perdido que me dá a confirmação que eu não precisava receber. Cretino!

– Você é inacreditável! -Seus olhos se fecham e ele os aperta, um resmungo parecido com “isso é mais difícil do que eu achei que seria!” escapa da sua boca, e meu primeiro pensamento é estapeá-

lo. Sério, Gustavo?

Tomo uma respiração profunda, deixo que o silêncio se estenda entre nós, procurando palavras que expressem toda a minha raiva e indignação, só para perceber que elas não estão lá, nem as palavras, nem os sentimentos. Os lugares que deveriam ser ocupados por eles em meu coração estão completamente vazios, mas há outros, que definitivamente deveriam estar desertos, e que, no entanto, não poderiam estar mais preenchidos nem se quisessem.

Aqueles que abrigam preocupação e vontade de ajudar Gustavo.

Ah, porra! Não, não mesmo, cérebro! Qual é o seu problema? Minha santa das mulheres com sintomas de confusão mental, ajudai-me, porque algo de muito errado não está certo aqui. O infeliz bate em minha porta com esse pedido sem

pé nem cabeça e, ao invés de meu primeiro sentimento coerente ser esquartejá-lo, não? O que você me manda é a vontade de ajudá-lo?

Pois eu me recuso! Troque! Mande outra coisa! O ideal seria a vontade de matar, mas se ela não estiver disponível agora, eu aceito a de bater, de acertar as bolas e até a de dar para cachorros comerem, mas a de ajudar não! Essa eu não aceito!

Bufo e Gustavo fecha os olhos. Provavelmente, interpretando minha reação de maneira completamente equivocada, o que é ótimo, já que não tenho a menor intenção de deixá-lo saber o que realmente se passa dentro de mim. Não sou obrigada a seguir minhas próprias vontades! Não quando elas são nocivas à minha sanidade! Se sou capaz de controlá-las para não mandar um estranho à puta que pariu, para não brigar no trânsito, e para me manter socialmente inserida das mais diversas formas, as controlarei para isso também.

– Elora... Eu juro que não pediria se não estivesse realmente desesperado... -a voz é suave, baixa, quase lamurienta, como se pedir isso realmente o afetasse de alguma maneira, e, meu tolo coração, já mais do que disposto a entregar o que quer que esse homem peça, solidariza-se... *Ah... Estúpido! Ele não está fazendo mais do que a obrigação dele! O mínimo que ele pode fazer é sentir-se mal por nos pedir algo assim!*

– Mas eu ainda não tô te pedindo isso, tudo o que eu quero, é que você me dê a chance de te convencer a me ajudar! -Continua com sua quase súplica.

– E como você vai fazer isso, Gustavo? Porque se eu fosse você, pouparia saliva e palavras, o céu pode cair, e eu ainda não vou ser convencida... -Digo palavras que me pareçam coerentes ao invés daquelas que meu cérebro teimoso empurra para a minha boca, dividindo minha atenção entre a conversa real que estou tendo, e o debate interno que se desenrola dentro de mim como uma verdadeira luta de gaiola.

Uma gaiola na qual mente e coração trocam chutes, pontapés e palavras gritadas. - Não adianta... Eu não vou te ouvir... Eu não vou ajudar Gustavo a foder com a gente! – É meu lado racional falando, ao que o emocional, burro, responde: - *E o que seria isso, Elora?*

Porque já faz tempo que essa aposta... - CALA A BOCA, coração!

Ninguém se importa com o que você tem a dizer! – A mente interrompe a fala do

outro, não querendo ouvir o que ele tem a dizer,



não sei se por convicção nas próprias certezas, ou medo de escutar verdades inconvenientes.

Reviro olhos internos, discutindo comigo mesma, como se meu subconsciente fosse a perfeita separação do anjinho e do diabinho.

– ...chance? -Gustavo continuou falando e eu não ouvi nenhuma palavra. E quando ele termina seu discurso com a palavra chance e uma entonação de pergunta, eu concordo, porque pedir para que ele repetisse o que disse acabaria com toda a minha pose de mulher irritada. Imagino que ele estivesse me pedindo para escutá-lo, provavelmente, era isso.

No entanto, ao invés de começar a despejar argumentos inúteis sobre meus ouvidos muito bem orientados a fingir indiferença, o homem se levanta, deixa um beijo em meus lábios desprevenidos, e caminha para a porta, deixando a confusão estabelecida em meus olhos, pele e membros. Quer dizer, para onde ele está indo?

– Eu te pego amanhã às dez. Use roupas confortáveis... -Quê?

Deus, do que ele está falando?

E, sem que eu precise gritar, ameaçar, ou chutar sua bunda, com as próprias pernas, Gustavo sai do meu apartamento. Sem gracinhas, piadas ou insinuações. Puta merda! Com o que foi que eu concordei?

Reviro-me na cama pela milésima vez. Meu debate interno continuou se

desenrolando por horas após a saída de Gustavo, mas em algum momento, senti-me exausta de criar justificativas para mim mesma. O fato é que tudo isso leva a apenas uma conclusão: me fodi. Lindamente.

Porque se querer colocar os interesses de Gustavo a frente dos meus não disser nada sobre os resultados dessa aposta, definitivamente, perdi minha capacidade de interpretar textos. Esta

aí! Nenhuma outra palavra me definiria melhor do que essa.

Perdida, é exatamente como estou. Completamente perdida.

Afundo o nariz no travesseiro que Gustavo usa quando dorme em minha cama, aspirando o seu cheiro e sentindo meu corpo inteiro vibrar, ainda que essa não seja a dose que ele quer, é melhor do que nada. Viciada. Uma maldita viciada foi o que me tornei.

Choramingo, frustrada. Querendo dormir, mas incapaz, com saudade do seu corpo enrolado no meu, do seu cheiro, do gosto da sua boca. Inferno.

– Também não consegue dormir? -A voz soa baixa, mas perfeitamente clara, através da parede.

– Não... -Admito.

– Eu poderia ir praí... Nós na precisamos conversar... Só dormir... -Sugere e, depois de lutar contra mim mesma por horas a fio, toda a energia depositada em na conta corrente de ir contra as minhas próprias vontades foi gasta. Não nem mesmo a sombra de uma economia que me torne capaz de dizer não.

– Eu vou abrir a porta... -Sem ninguém para discutir, argumentar ou regular suas vontades, meu coração expulsa as palavras pelos meus lábios mais rápido do que um corredor de fórmula um dá partida durante uma corrida. Levanto da cama e em passos controlados para não parecer afobada demais, caminho até a sala, abro a porta, e volto para a quarto.

Sem ter a mesma preocupação que eu, no instante em que piso no meu quarto, ouço Gustavo abrir a porta. Do lado de dentro, ele passa a chave na fechadura, e eu me deito na cama, de costas para a direção da qual ele virá. Seus passos são firmes, e quase ansiosos, eu diria.

O colchão afunda e meu corpo inteiro reage à sua presença e proximidade. Mais do que isso, meu coração, esse tolo, inconsequente, pula no peito, reagindo ainda mais intensamente

que minha pele quando Gustavo me abraça e afunda o nariz em meus cabelos.

Ele não diz nada. Eu não digo nada. Mas como se tivesse tomado uma fórmula mágica, em um piscar de olhos, durmo.



¯Como você vai me convencer a te ajudar me trazendo pra um passeio em um condomínio de luxo na Barra da Tijuca, Gustavo? -

Elora quebra o silêncio que dominava o carro desde que entramos nele ao passarmos pela portaria do Alfa Village, um condomínio de luxo em um dos bairros mais nobres do Rio de Janeiro, onde até mesmo o atual presidente do país costumava morar, antes de assumir o cargo.

Sorrio e desvio meus olhos da estrada por alguns instantes. Olho para ela. Linda, como sempre. Nua, de pijamas, jeans ou num vestido de grife, sempre linda. Noite passada, eu não tinha a menor esperança de conseguir dormir. Não sem ela em meus braços, não sem seu corpo aninhado ao meu e, definitivamente, não com a lembrança da frieza em sua voz martelando em minha cabeça.

Eu sabia que não seria fácil, mas não imaginei que seria tão difícil. A sensação que tive era que os sentimentos tão duramente empunhados por Elora não eram uma reação, mas sim, pura determinação. Ela parecia determinada a enxergar toda a situação com um olhar distante. O olhar que ela tinha no rosto há quase dois meses atrás, quando ensaiou colocar minha porta abaixo, procurando um

judas para sua raiva.

Noite passada ela não tinha esse olhar, mas era quase como se estivesse fazendo de tudo para ter. Nem mesmo deitei na cama.

Sentei-me nela, com as costas contra a cabeceira e o corpo vestido por uma calça de moletom e camiseta. Olhei para o lado em que ela costuma dormir, e o vazio ali, que antes nunca nem mesmo havia sido digno de atenção, doeu.

Foi estranho, e por mais que eu tenha tentado organizar meus pensamentos, compreender a forma como me sentia, foi inútil, não consegui. Peguei um livro, esforcei-me para prestar atenção nas palavras técnicas, nenhuma delas pareceu ter sentido para mim.

Liguei o notebook, coloquei-o sobre minhas pernas e tentei ler artigos recentes sobre os avanços tecnológicos na engenharia e não importou o quão revolucionária fosse a descoberta, ela simplesmente não se provou digna de atenção.

Nada se provou, não até que eu ouvisse o que estava esperando desde o momento em que decidi passar o tempo sentado em minha cama, com a orelha praticamente grudada à parede que divido com Elora. Não até que eu ouvisse seus movimentos sutis e leves, mas que meu corpo e mente, de repente, pareceram treinados para reconhecer.

Não até que, de alguma forma, eu sentisse sua presença perto de mim. Mas durou pouco, muito pouco. E eu, como um cachorro, olhando os frangos que giram na vitrine de uma padaria, continuei parado no mesmo lugar, esperando por qualquer migalha dela que eu pudesse ter.

Se eu já não soubesse que estava fodido, teria descoberto naquele momento, porque eu estava ridículo. Incontestável e indubitavelmente ridículo, e eu não me importava. Não se isso significava ter nem que fosse só um pouquinho da paz que sinto quando ela está ao meu lado.

Então, ouvi seu choramingo, lamurioso e, ao mesmo tempo, indignado. Impossível de se parecer mais com ela do que isso.

Arrisquei, eu não tinha nada a perder, e quando deitei na cama e puxei seu corpo na minha direção, aninhando-a em meus braços, o mundo pareceu voltar a girar

na direção certa. E, tornando a noite ainda mais ridícula, meu último pensamento antes de dormir foi o quão apertado seria o abraço de Rodrigo.

– Aguarde e confie... -respondo, e ela bufa. Ando devagar pelas ruas bem cuidadas e a atenção de Elora se dispersa pelas mansões ao nosso redor. É impossível não me lembrar de como ainda ontem estávamos fingindo ser um casal apaixonado e visitando algumas muito parecidas com essas em luxo e tamanho. *Fingindo? Onde, Gustavo?* Um pensamento atrevido atravessa os outros, fazendo-me sorrir mais do que a lembrança.

Divido minha atenção entre observar as ruas por onde dirijo e a mulher ao meu lado, encantada com o luxo das construções pelas quais passamos, e o salto no meu peito quando a imagino em minha casa não é sinal de problema cardíaco.

– Esses dias vi um vídeo daquela casa azul ali na esquina.

– Jura?

– Unhum...

– E o que achou?

– Que ou eles não contrataram um decorador, ou o decorador era péssimo, ou os donos da casa tem muito mal gosto, viu?

Porque, sinceramente, a decoração do meu apartamento, que não custou nem 1% do que a daquela casa deve ter custado, é muito mais bonita...

Gargalho.

– Estamos chegando?

– Unhum... É logo ali na esquina... -respondo, entre risos, e olho para ela, que franze o cenho.

– Mas é um canteiro de obras!

– É sim!

– Gustavo, por que você tá me trazendo a um canteiro de obras? -questiona

enquanto estaciono o carro, mas não respondo, apenas dou uma piscadinha para ela.

Desligo o carro e saio dele, Elora, obviamente, já desceu também quando eu chego ao outro lado. Ela, definitivamente, não faz o tipo que espera sua porta ser aberta. Estendo minha mão e ela torce os lábios. Estreio os olhos e, depois de uma careta malcriada, segura minha mão estendida. De mãos dadas, passamos pelos tapumes que cercam o canteiro.

Paramos rapidamente na guarita, onde pego dois capacetes, equipamento de segurança indispensável em qualquer canteiro, seja você um visitante ou um trabalhador. Entrego um a Elora. Enquanto ela olha para ele com curiosidade, coloco o outro sobre sua cabeça, e ela levanta olhos surpresos para mim. Sorrio, porra! A imagem dela vestindo apenas isso, o capacete, se revela em minha mente quase como se fosse uma lembrança vívida.

– Se controla, Gustavo! -Resmunga e eu me faço de desentendido.

– O quê?

– Esse olhar de fodedor na sua cara, se controla! Porque, seja lá o que você tá imaginando, não vai rolar!!!

O sorriso corre para um único canto da minha boca, junto com a sensação de desafio que desafio que toma conta de mim. Ah, mas, agora, vai! Vai sim! Pego o capacete ainda em suas mãos e o coloco em minha própria cabeça. Tomo sua mão na minha, sem dar-lhe a chance de resistir outra vez, e conduzo-a para a parte atrás dos muros, onde a atividade está realmente acontecendo.

Ouço seu arfar surpreso assim que entra na casa. Em três meses, ela estará exatamente como as demais mansões ao nosso redor, mas, por enquanto, é uma grande bagunça. Caminhamos pela obra, passamos por inúmeros trabalhadores da construção civil, andando na direção do escritório do engenheiro responsável pelo local.

– Eu preciso ter uma conversa com o responsável, você quer entrar comigo, ou quer ficar aqui fora? -pergunto, já sabendo a resposta por seu olhar curioso.

– Fico aqui fora... -Nem mesmo olha para mim. Tudo o que me parece extremamente comum, devido aos anos transitando por obras e mais obras como

essa, para Elora, parece uma grande novidade. Deixo um beijo em sua testa, aperto sua mão, solto-a e passo pela porta de pvc à minha frente.

Vinte minutos depois, saio da sala e, como esperava, não encontro Elora onde deixei. Cruzo os braços na frente do corpo e começo a procurá-la com os olhos. Não a vejo por perto e passo a caminhar a sua procura. Não preciso de muitos passos.

Ela está próxima à entrada do canteiro, conversando e gargalhando com um grupo de peões enquanto toma café em um copo descartável. É claro que ela está. Me aproximo do grupo, e,

imediatamente, as posturas vão mudando, tornando-se mais rígidas, a mudança é tão explícita que Elora vira-se para traz, procurando a razão dela e encontrando meu olhar. Ela sorri mais largo ao me ver.

Envolvo meu braço ao redor de sua cintura e beijo sua testa.

– Olá, senhores! Como vão as coisas? -pergunto aos trabalhadores e eles respondem em poucas palavras, antes de começarem a se dispersar.

– Eles ficam preocupados quando você aparece... -Elora diz baixinho quando somos deixados sozinhos: ¯Parece que existe um boato de que, uma vez, você visitou uma obra, e, no dia seguinte, todos os trabalhadores foram demitidos, substituídos por outros... -

sussurra, fazendo-me sorrir.

– Não é um boato, Elora... Realmente aconteceu. -Sua cabeça se levanta, exibindo olhos arregalados.

– Por que você faria algo assim? -Seu tom é quase acusatório.

– Porque aqueles trabalhadores, especificamente, tinham se reunido e decidido atrasar a obra propositalmente para terem trabalho por mais tempo. Tentamos demitir somente o líder e, depois, outros, de maneira individual, mas não funcionou... Outros assumiram a liderança... Ficamos sem opções... -Explico.

– Nós contratamos por demanda, quando a obra acaba, eles perdem os empregos, mas não é de forma desonesta que vão encontrar uma forma de mantê-los...

Sempre temos novos empreendimentos e costumamos aproveitar os bons trabalhadores, mas aquele grupo, especificamente, não estava disposto a esperar por isso...

– Nossa... isso é péssimo...

– É... É sim... Trabalhamos para evitar isso de todas as formas possíveis, mas a obra já estava com três meses de atraso e, se continuássemos com aquele grupo, o prejuízo seria muito maior...

– Deve ser difícil não saber se ao final de um empreendimento você ainda vai ter um emprego...

– Não é fácil... Mas a construção civil é assim... Por maior que seja a demanda de uma construtora, não é financeiramente viável manter um número tão grande de funcionários fixos. Porque, por exemplo, se pegamos uma obra em São Paulo, teríamos que transportar os funcionários para lá, além de hospedá-los, quando é muito mais simples contratar trabalhadores locais, o que, além de tudo, movimenta a economia da região que está recebendo o empreendimento... Esse esquema mantém a roda econômica do país em movimento... Hoje, mesmo em meio à crise econômica infinita que o Brasil vive, a construção civil é um dos setores que mais produz empregos...

Ela balança a cabeça, concordando.

– E quantos empregos uma obra como essa gera?

– Um projeto residencial de dois andares, com prazo de quatro meses? Do início ao fim, entre 50 e 60.

– Tudo isso?

– Tudo isso... E um projeto como o condomínio de luxo que planejamos construir onde hoje fica o edifício Uno, que é muito maior e tem um prazo muito maior também, vai gerar de 800 a mil empregos... -Comento, olhando em seus olhos, e quando ela entende qual era o ponto em tê-la levado até ali, seu rosto ganha uma expressão indefinível, dividido entre a surpresa, a vontade de discordar, e a impossibilidade de fazê-lo.

– Mil empregos?

– Possivelmente, se não tudo isso... Um número muito próximo...

– Mil famílias... -Sussurra baixinho, mas eu ouço. Aperto meu abraço ao seu redor, e beijo sua têmpora. Dando a ela tempo para processar a informação.

É um golpe baixo, eu sei, mas também é um golpe justo. Sempre achei que a birra de Elora comigo era passional e que,



eventualmente, ela perceberia isso. Sempre tive certeza de que era uma questão de tempo, mesmo antes de conhecê-la.

Mas, agora, tempo é algo que não tenho, no amor e na guerra vale tudo, e, em algum momento, toda essa situação passou a se tratar das duas coisas. Elora é impulsiva, não egoísta. Ela só precisa enxergar o empreendimento por uma outra perspectiva que não a própria. Golpe baixo ou não, é isso que estou lhe dando.

– Vamos? -Concorda com a cabeça e eu retiro nossos capacetes. Com sua cintura envolvida pelo meu braço, atravessamos a entrada da obra, outra vez, agora, na direção do carro.

– Foi por isso que você me trouxe, não foi? -pergunta, assim que estamos ambos acomodados, e eu balanço a cabeça, confirmando.

– Esse é um golpe baixo, Gustavo...

– Mas você pode dizer que é injusto? -Questiono e seus olhos encaram os meus com determinação. Elora toma uma, duas, três respirações profundas, travando uma batalha interna, eu só não sei, sobre o que, antes de me responder.

– Não... E tudo bem, Gustavo... Você me convenceu... Eu banco a intérprete pra você...

¯Então você tá me dizendo que esses gringos estão investindo quase três bilhões de reais no tal do Ilha Nova? -Elora pergunta, sentada ao meu lado, no chão de sua sala, ao levar um rolinho primavera à boca, enquanto jantamos em seu apartamento.

No início da tarde eu a deixei em casa fui para a empresa, passei o dia trabalhando. O efeito da visita sobre Elora foi exatamente aquele que imaginei. A percepção de que há muito mais envolvido

no empreendimento do que a minha e a sua vontade a deixou muito mais aberta a ele.

Apesar de sua resposta ter sido quase imediata depois que deixamos o canteiro, achei que ter tempo para pensar seria bom.

Dei a ela espaço, não voltamos a nos falar até meia hora trás, quando bati em sua porta com comida chinesa e quase todas as informações que ela vai precisar para intermediar a comunicação com os investidores.

Desde então, sua postura aberta tem feito um número cada vez maior de dúvidas dançar com meus neurônios, é quase como se ela nunca tivesse se negado, tão resolutamente, a me ajudar, ainda ontem.

– Sim, mais ou menos isso... Nós temos outros investidores, claro... Além do capital próprio da GAF... Mas esses três, sem sombra de dúvida, são os mais importantes. Sem eles, o empreendimento não sai do papel.

– E por que é que eles fariam algo assim?

– Assim o quê?

– Investir tanto dinheiro em um empreendimento que quase não dá garantias! Quer dizer, eles não têm nenhuma relação com a empresa, e os riscos são imensos, todo esse dinheiro para apenas 35% de probabilidade de dar certo? Isso parece loucura! O que é que convenceu esses homens de que isso seria uma boa ideia?

Sorrio.

– Você... -Chega à conclusão sem que eu precise dizer nenhuma palavra.

– Você é louco... Eu não entendo absolutamente nada de investimentos imobiliários, mas, mesmo pra mim, isso parece uma má ideia...

– Isso, amor... É porque você não entende nada sobre investimentos imobiliários. -Elora paralisa por alguns instantes quando ouve a palavra tantas vezes já dita sair de minha boca outra

vez. Mesmo eu me surpreendo com a sensação que ela desperta em meu peito, como se, de repente, tivesse adquirido poderes mágicos.

Ambos somos, repentinamente, envolvidos por aquela bolha...

Aquela que eu adorei desde a primeira vez que prendeu a Elora e a mim no mesmo lugar. Ela passa a língua sobre os lábios, subitamente ansiosa, e porra! Que saudade dessa boca.

Só faz um dia, mas parece uma eternidade. Respiro profundamente, buscando o controle necessário para não me lançar sobre ela agora mesmo. Seus dentes procuram o lábio inferior e o maltratam assim que o encontram. Seus olhos se desviam para os meus lábios. Um segundo. É o tempo que leva para que ela se jogue em meu peito e assalte minha boca fazendo miséria de mim.

Eu a beijo com tesão, com vontade, com saudade, e Deus me ajude, com carinho! Virei a porra de um homem que beija com carinho, e gosta. Seus lábios encaixam-se aos meus com perfeição, sua língua dança com a minha, fazendo do momento algo infinito, mesmo que acabe.

Acaricio sua bochecha. Em beijos suaves, o contato acaba, mas eu ainda não quero me afastar. Mantenho rosto quase colado ao seu, nossos narizes encostados. Respiro o mesmo ar que ela com a necessidade de ter mais dela parecendo muito maior do que a necessidade de respirar.

Elora fecha os olhos, aproveitando as sensações provocadas pela situação tanto quando eu.

– Senti falta do teu gosto, amor... -Digo, baixinho, e ela suspira, ainda com os

olhos fechados.

– Gustavo... A gente precisa conversar... -Suas pálpebras se levantam lentamente e seu olhar encontra o meu. Por alguns minutos, como se estivesse me dando permissão para ver seus sentimentos, Elora não se esconde e me mostra uma confusão imensa. Puxo-a para mim, abraçando-a e envolvendo seu corpo em

meu colo. Seu rosto acaricia o meu e contato de sua pele com a minha causa-me arrepios de todos os jeitos certos.

– Depois da festa... Eu quero te levar pra conhecer minha casa, amor... -ela me olha com o cenho franzido.

– Eu já não conheço sua casa?

– Não, amor... -Repito a palavra que passou a ter um gosto tão doce, que não quero parar de dizê-la: ¯Você conhece o apartamento... Que nem é meu, aliás... É da empresa... Eu quero te apresentar à minha casa, e aí a gente pode ter essa conversa, o que você acha?

Elora pisca, parecendo só agora se dar conta de que eu tenho uma outra casa, algo que achei que ela já soubesse, ou cogitasse.

Ela abre a boca, puxa o ar com força, respirando por ela, depois, beija meus lábios suavemente e não me diz nada.

– Que foi?

– É fácil esquecer que você é podre de rico... -Rio.

– É com isso que você tá preocupada? -Morde o lábio, fecha os olhos e só me responde quando volta a abri-los.

– É fácil esquecer que eu só sei de você o que você quis me mostrar, Gustavo... Enquanto você viu absolutamente tudo o que tinha pra ver a meu respeito... -É a minha vez de franzir o cenho.

– Você acha que não me conhece?

– Na maior parte do tempo, eu tenho certeza que sim... Mas, aí... Eu me lembro

que não...

– Amor... Ninguém nunca viu tanto de mim quanto você...

Ninguém nunca teve tanto de mim quanto você, e não é o lugar em que eu moro que vai mudar isso. Eu nunca escondi nada de você...

Nem as melhores, nem as piores partes... -Mês dedos deslizam por seu rosto em uma carícia suave: – Se eu soubesse que... -Suas pupilas se dilatam, esperando pelas minhas próximas palavras e o meu próprio coração acelera no peito, ansioso para dizê-las.

Mas não assim, né, seu merda? O Gustavinho galanteador me repreende. *Você pode nunca ter feito isso antes, mas é óbvio que no meio de toda essa confusão não é o melhor momento!* Sou obrigado a concordar. Posso esperar dois dias. Reorganizo as palavras em minha mente antes de finalmente voltar a falar: ¯Se eu soubesse que tudo sairia tão diferente de como planejei, talvez eu tivesse escondido algumas partes... Pra você me ver como um príncipe encantado...

Apesar da tensão que se instalou entre nós e ao nosso redor, Elora ri alto.

– Gustavo, você definitivamente, não está nem perto de ser um príncipe encantado.

– E o que eu sou então? -Ergo as sobrancelhas, em desafio.

– Você é o cara certo de todas as formas erradas. -repete as palavras ditas em um outro jantar, quando eu achava que tudo o que queria de Elora era seu corpo gostoso em minha cama. Desafiando-me a lembrar.

– E você ainda acha que é esperta demais pra se envolver comigo? Porque eu ainda acho que eu sou o cara perfeito pra você se divertir! -Ela sorri com a confirmação de que também me lembro, mas parecendo tão decidida quanto eu a deixar a conversa importante para outro dia, não me responde com palavras, beija minha boca do jeito que só ela faz.



– O que acha desse? -Lívia pergunta, mostrando-me um vestido tomara que caia azul. Me aproximo dela, deslizo a mão pelo tecido macio e brilhante, até alcançar a etiqueta, e minha irmã revira os olhos. Doze mil reais é o que diz e eu solto a peça mais rápido do que um ladrão em fuga.

– Caro! -Um som de desgosto sai de sua boca enquanto ela devolve o vestido à arara, deixando-o em meio a tantos outros, lindíssimos e caríssimos... Ela para ao meu lado, e, segurando meu pulso, aproxima a boca do meu ouvido.

– Não é você quem vai pagar! -Sussurra.

– Não, não sou! É Gustavo, o que só torna a situação pior. Eu não vou pagar em um vestido, um terço do valor de entrada do apartamento que eu pretendia comprar, Lívia! -Sua expressão passa de irritação à surpresa e, então, à investigativa.

– Pretendia? -pergunta, e só então me dou conta do que falei.

Respiro fundo, decidida a não lhe dar corda, pelo menos, não agora, não antes da conversa.

– Nós não vamos conversar sobre isso... -Aviso, me dirigindo à sessão de peças em promoção da loja para a qual minha irmã me arrastou e, de onde já estou planejando sair muito em breve, porque dificilmente encontrarei alguma coisa adequada à minha situação financeira aqui.

Lívia se empolgou quando eu disse que a empresa arcaria com os custos da minha produção para o evento, dada a contratação em cima da hora, disse que

conhecia o lugar onde eu encontraria o vestido perfeito, e eu, tola, acreditei. Me pergunto como é que ela chegou a essa conclusão. Quer dizer, esse é o tipo de loja do qual, normalmente, Lívia, mesmo com seu bom salário, precisaria passar na porta a cada cinco anos, e olhe lá. O que foi que deu a ela a ideia equivocada de que eu encontraria o que preciso aqui?

Franzo as sobrancelhas para minha irmã, uma vendedora se aproxima dela chamando-a pelo nome, e a percepção me atinge.



– Você já esteve aqui... E, pelo jeito, mais de uma vez... -Seu rosto fica vermelho, me dizendo que estou certa e que o fato de eu saber, por alguma razão, a envergonha. Não preciso pensar muito, Téo... Essa história fica cada vez mais estranha. O quê? Agora ele veste minha irmã?

– Nós não vamos falar sobre isso... -devolve minhas palavras em um tão cortante quanto o que usei.

– Ótimo! Agora você sabe exatamente qual é a sensação! -

Respondo enquanto vasculho a arara promocional, olhando, ao invés dos modelos dos vestidos, suas etiquetas de preço. Até encontro alguns dentro do orçamento que eu mesma estabeleci, já que Gustavo não me deu um, mas ou são pequenos demais, ou grandes demais, ou nada a ver comigo demais.

— Não é a mesma coisa! -resmunga.

— E você quer conversar comigo sobre o porquê de ser diferente?

Eu realmente adoraria ouvir seus motivos...- Ergo o rosto, encarando-a, e com

cara de pouquíssimos ou nenhum amigo, ela praticamente rosna um não.

— Ótimo! -volto a me concentrar nas etiquetas de preço e encontro um outro dentro do meu orçamento. Ao puxá-lo para fora da arara, surpreendo-me, porque é lindíssimo e, aparentemente, do meu tamanho. Agradeço mentalmente à santa das mulheres em busca do vestido ideal, porque mesmo que eu não tenha chamado por ela ainda, ela estava olhando por mim.

Ergo o cabide, mostrando para Lívia e sua boca abre levemente em admiração à peça longa, branca, de mangas três quartos, decote canoa e com um tecido que parece revestido de pedrarias. Realmente, muito bonito. Diferente de mim, Lívia não se importa em olhar o preço, ela apenas tira o cabide de minha mão e o entrega à vendedora.

— Parece que temos um vencedor, é hora de experimentar.

Eu já me produzi antes. Mas nunca assim. Nem na minha própria formatura, ou nas raras ocasiões em que fui madrinha de um casamento.

Ontem, quando experimentei o vestido, o achei incontestavelmente lindo. No entanto, hoje, aliado ao penteado preso na altura da nuca, à maquiagem sóbria, aos saltos altos, e à minha própria expectativa sobre o que essa noite me reserva, ele parece muito mais incrível.

Expiro, deixando que o ar escape pelos lábios entreabertos pintados em um tom escuro de vermelho. Pego a bolsinha sobre a penteadeira do meu quarto e no meio do caminho até a sala, batidas soam na porta. Não tenho dúvidas sobre quem seja, e, honestamente, não sei se estou preparada para a visão de Gustavo em um smoking.

Eu nunca o vi nem mesmo em um terno completo, e, tenho certeza de que se o visse, minha calcinha estaria arruinada ainda mais rápido do que é constantemente estragada por seu olhar. Minha santa das mulheres que não podem ver um homem gostoso vestido à rigor, ajudai-me! O que a visão que me aguarda do outro lado da porta fará comigo?

Sem saber o tamanho do impacto, mas ciente de que ele existirá, giro a maçaneta, e puta merda! Mesmo que eu soubesse, nunca poderia me preparar para isso. Deuses nórdicos deveriam ser proibidos de vestir roupas formais, porque se eles parecem lindos suados e pelados, vestidos assim, minha mãe do

céu. É impossível de lidar.

— Eu acho que vou ter que trocar de calcinha... -murmuro baixinho e Gustavo gargalha alto. Ele dá dois passos para frente, abraça meu corpo ainda atordoado, e afunda o rosto em meu pescoço exposto. Seu nariz inspira meu cheiro profundamente, arrepiando minha pele e lembrando-me de que possuo membros, apenas porque eles amolecem diante da carícia.

— Eu sou a favor de você ficar sem, amor... Assim, quando eu tirar esse seu vestido mais tarde, você já vai estar totalmente pronta pra mim... -As palavras me atingem como chicotes em partes diferentes do corpo e alma.

“Amor”, de repente, a palavra a qual passei a atribuir nenhuma importância, pela insistência de Gustavo em usá-la, se agigantou e passou a fazer meu coração tremer a cada vez que a ouço em sua voz. E, como se os saltos e cambalhotas dados por meu coração após ouvi-la não fossem o suficiente, meu corpo inteiro estremece, minha pele aquece e minha boceta palpita com a simples menção que ele faz de tirar meu vestido mais tarde.

Como é possível? Depois de todo esse tempo, eu já deveria estar acostumada. Mas a quem eu estou querendo enganar? Se não sou capaz de me acostumar a vê-lo, eu nunca vou ser capaz de me acostumar ao quão delicioso é tê-lo me tocando, me desejando, e definitivamente, me fodendo, sim! Minha santa das mulheres privilegiadas que são abençoadas com encontros sexuais de outro mundo, obrigada, minha senhora, obrigada!

Envolvo seu corpo em meus braços e aproveito para tirar dele tantas casquinhas quanto ele está tirando de mim. Cheiro a curva de seu ombro e pescoço, aproveito o calor da sua pele, o cheiro, e tudo o que isso faz com meu corpo, com minha cabeça, Deus, é bom! É bom demais.

— Nós podemos cancelar a ida a festa? -pergunta, agarrado ao meu corpo, fazendo-me gargalhar.

— Eu acho que não iam gostar muito se você e a intérprete desaparecessem... Provavelmente, os investidores desistiriam e, aí, adeus condomínio ilha nova... -digo as palavras como brincadeira, mas ao ne dar conta da verdade contida nelas, minhas pernas bambeiam, desequilibrando-me. Agarro os ombros de Gustavo para me manter em pé. Seu rosto busca o meu, primeiro, preocupado, mas, então, percebendo o que foi que me causou o choque.

Seus dedos sobem para o meu rosto e brincam com a minha pele em uma carícia lenta, seus olhos mergulham nos meus, dizendo-me que está tudo bem, e nada nunca foi tão sincero quanto seu olhar.

— Tem certeza de que quer fazer isso, amor? -Me dá a chance de desistir, mas desistir do que quê? Com minha tenção fixada em seu



rosto lindo, tomado por uma expressão séria, não gosto da resposta à pergunta que eu mesma me fiz.

— E se eu desistisse...?

— Estaria tudo bem... -responde sem vacilar, com a mão ainda acariciando meu rosto. Inclino a cabeça na direção do seu toque.

— E nós ainda teríamos aquela conversa mais tarde?

— Se você desistisse, amor, nós poderíamos ter ela agora mesmo, porque não haveria nada pra mim naquela festa...

— Você ainda poderia tentar convencer os investidores...

— Eles não importariam, não se você não estivesse lá comigo...

— Gustavo...

— Elora... -seu cenho se franze, como se ele estivesse tendo dificuldades em descobrir como dizer o que pretende: ¯Não importa o que você decidir, nada muda... Nada!

— Tudo muda...

— Não o que importa... -Suas palavras me libertam da minha própria batalha interior. Eu não sou a porra de uma medrosa, e estou para lá de exausta de buscar justificativas e argumentos contra as minhas próprias vontades.

— Nós temos uma festa pra ir... -Digo, olhando em seus olhos e seu sorriso fica imenso.

— Elora...

— Hum...

— Eu vou borrar seu batom agora...

Entreabro os lábios e controlo minha respiração quando, de braços dados com Gustavo, entro no salão em que o evento se desenrola.

Primeiro, meu estômago aperta, depois, quero rir, porque evento é um imenso eufemismo. É uma festa, uma festa ridiculamente grande como aqueles eventos beneficentes que os ricos dos livros sempre fazem, ou, como vira e mexe, vemos na televisão ou em sites de fofocas sobre famosos.

Incrível nem começa a descrever a decoração toda em tons de azul, branco e prata. Flores lindas, de pétalas brancas, e caules grossos e verdes, estão espalhadas por todos os lugares, e me fazem pensar que, provavelmente, apenas o que foi gasto em flores, esta noite, seria o equivalente ao mesmo um terço das minhas economias que me recusei a gastar em um vestido.

— Tia Elora! -a vozinha de criança soa gritada, atraindo minha atenção. A próxima coisa que ouço é a repreensão de Camilla. Olho para Gustavo, lhe cobrando por não ter me dito que sua família também estaria aqui e ele deve ler a acusação em meu olhar, porque sem que eu diga uma palavra, se justifica.

— Desculpa, amor, esqueci! -Antes que eu possa responder, braços infantis envolvem minha cintura e eu solto a mão de Gustavo para retribuir ao abraço da melhor maneira que posso, já que hoje, com esse vestido, me abaixar não é uma possibilidade. As irmãs me abraçam, uma após a outra, e Gustavo resmunga algo que se parece muito com “Eu costumava ser o tio preferido e ser abraçado primeiro...” fazendo-me rir.

— Tia Elora! Nós trouxemos nossos diários! Queremos mostrar pra você! Escrevemos muitas coisas. -Alícia diz, como sempre, animada, e Camilla encontra meu olhar, desculpando-se silenciosamente, nego com a cabeça, dizendo, tão silenciosamente quanto, que ela não tem com o que se preocupar.

Ao voltar meus olhos para as duas bonecas de porcelana, vestidas impecavelmente por vestidos completamente diferentes, minhas sobrancelhas se erguem em surpresa, não apenas por elas estarem de fato usando os presentes que dei, como, também, por sentirem vontade de compartilhar comigo.

— Eu vou adorar lê-los mais tarde, meu bem!

— E eu? Também posso ver? -Gustavo pergunta, animado e enciumado, ao que Alice responde.

— Não, tio! É coisa de menina! -A expressão que toma o rosto do tio babão é impagável, e Rodrigo disfarça o riso com uma tosse. Me aproximo de Camilla, nós trocamos um abraço e cumprimentos, logo depois, é a vez do seu marido.

— Os investidores já chegaram... -Ele anuncia e Gustavo concorda, voltando a circular minha cintura com seu braço. Seus lábios beijam minha têmpora e ele me pergunta, com uma voz sussurrada, se estou pronta. Concordo, nos despedimos das meninas e de sua mãe, prometo a elas que antes de ir embora nos sentaremos para que eu leia seus diários. Deixando-as para trás, os irmãos Fortuna e eu nos dirigimos até a mesa dos investidores.

Não sou capaz de cumprir minha promessa. Quando Camilla deixa a festa com as meninas, por volta das dez da noite, eu estou muito longe de poder dar atenção a qualquer pessoa que não os três malditos investidores. Deus, é uma noite do cão e eu perco as contas de por quantas das minhas santas eu chamo. Nada de bebidas, danças ou glamour para mim. Apenas uma sucessão de palavras em três idiomas diferentes e a necessidade de tradução e interpretação simultânea de todas elas. Uma necessidade, diga-se de passagem, que me leva à exaustão e à beira da loucura também.

Havia um motivo para que eu não quisesse ser intérprete, e, se em algum momento duvidei dele, esta noite, com certeza, provou que ele estava certo de maneira que eu jamais poderei esquecer. E, às cinco da manhã, quando o último infeliz finalmente entra em sua limosine, eu quase choro de alívio e felicidade.

Tomo meu tempo no banheiro, porque passei a noite inteira sem usá-lo. Não era uma obrigação. Mas quando se tem três pessoas dependendo de você para que consigam se comunicar, é muito difícil dizer “Por favor, fiquem quietinhos por cinco minutos, eu preciso fazer xixi.”

Sinceramente? Não acho que há dinheiro que pague por isso.

Embora o contrato assinado entre a Galvani & Fortuna

empreendimentos e eu seja muito vantajoso, não sei se existe algum valor que possa ser denominado como justo para a execução de um trabalho como o que eu fiz essa noite.

Paro em uma das muitas mesas de coquetel espalhadas pelo salão para observar o fim de festa. Os ricos não são muito diferentes dos pobres nesse sentido. Há os sóbrios, os alegrinhos, há os bêbados e, há, também, aqueles que estão passando vergonha. Nada novo sob o horizonte. Apesar do horário, um garçom passa com uma taça de espumante e eu finalmente me dou o prazer.

A bebida gelada explode em minha língua e eu gemo baixinho com o prazer. A primeira coisa que sinto é o calor de seu corpo se aproximando, depois, seu toque, seus braços rodeando-me e, por último, seu beijo em meus cabelos.

— Me perdoa? -pede, roçando o nariz em minha orelha e eu abandono peso do meu corpo em seu peito e fecho os olhos.

— Nunca! -Ele ri baixinho.

— Prometo que foi a primeira e a última vez, amor...

— Não precisa prometer nada não, Gustavo! Eu já prometi a mim mesma que seria, eu te amo, mas não tanto assim! -Imediatamente depois que as palavras saem da minha boca, o tempo para, e eu esqueço completamente, de como é que se respira.



O corpo inteiro de Elora torna-se duro como uma pedra.

— Respira, amor... -Sussurro em seu ouvido, virando-a para mim devagar, deslizando a mão por suas costas, querendo acalmá-

la, mesmo que eu não me sinta nada calmo.

Mesmo que a minha vontade seja a de gritar para o mundo que, porra! Eu sou o homem mais sortudo que existe na face da terra.

Mesmo que todos os meus planos de fazer isso em um lugar que eu achava que seria especial tenham acabado de ser sumariamente arruinados. Meu coração não bate, ele corre no peito como um verdadeiro maratonista em sua ultima volta, dando o melhor e mais intenso de si.

Olho para o rosto da mulher que virou minha vida e minha rotina de cabeça para baixo em uma manhã qualquer, transformando um esmurrar de porta em um grande momento, e é óbvio que ela não deixaria esse grande momento por menos, não é? Olhando para trás, vejo que nada entre nós foi planejado, e, quando foi, deu errado, acontecendo de uma maneira completamente aleatória depois, e sempre determinada por ela.

Ouvir seus gemidos e me tornar obcecado pela dona deles antes mesmo de já ter visto seu rosto, nosso primeiro encontro, a necessidade de tê-la, apresenta-la às minhas sobrinhas, nossa primeira transa, me apaixonar... Eu não planejei nada disso, eu não queria nada disso, não até que seus punhos quase colocassem minha porta abaixo e ela invadisse minha vida como o verdadeiro furacão que é.

Ela engole com dificuldade e tem os olhos arregalados quando finalmente me olha.

— Eu...Eu... -Gagueja, e não consegue dizer uma frase completa.

— Finalmente achou que era a hora de me dizer também? -

pergunto com a boca perto o suficiente da sua para que meu hálito aqueça seus lábios e uma expressão confusa toma seu rosto.

— Te dizer também?

— Eu digo que você é meu amor desde a primeira vez que te vi... Àquela altura, eu só não sabia que era verdade ainda... Mas já faz um tempo que eu venho descobrindo... -Sua boa se abre e a confusão é substituída por uma mistura de alívio e surpresa.

— Gustavo, eu...

— Você...

— Oh, Deus! Isso é tão difícil... Minha santa das mulheres que não sabem o que fazer com declarações de homens cafajestes e gostosos, ajudai-me! -murmura para si mesma, fazendo-me gargalhar. Eu abraço seu corpo, colando-o ao meu.

— Eu sou um cafajeste reabilitado, lembra?

— Não existe isso, Gustavo... Gustavo... Eu... -Seu nervosismo e confusão me divertem, porque parece que eu disse tudo o que ela não esperava ouvir.

— Você o quê, amor? -Sussurro a palavra em seu ouvido, arrastando-a, sentindo uma liberdade maior em dizê-la do que nada jamais me deu.

Sem saber o que dizer, Elora fecha os olhos e suspira, encostando a cabeça em meu peito.

— Nós dois somos péssimos nisso, né? -Rio, beijando sua testa: ¯Eu preparei uma surpresa linda pra você lá em casa... E, agora, a gente estraga tudo tendo essa conversa no meio de um fim de festa, rodeados por gente bêbada, com você exausta, depois de uma noite de merda...

— Oh, Deus nós somos um casal de merda, não somos? -

Pergunta, erguendo a cabeça, e olhando em meus olhos.

— Somos! -concordo, colo a testa na sua: ¯E de perdedores também... -Concluo, mas o sorriso em meu rosto conta uma história muito diferente das palavras que saem da minha boca.



— E agora, Gustavo? -Pergunta, com o lábio preso entre os dentes.

— Agora, a gente comemora a derrota!

— Comemora, amor! Mas só depois que eu acordar, porque eu tô exausta! – choraminga e eu gargalho.

— Eu sei meu bem... Eu sei... Vamos pra casa... - Beijo sua testa, a ponta do seu nariz e, por último, sua boca.

Segurando um prato com uma fatia de cheesecake, olho a mulher em minha cama, como já fiz tantas vezes antes e, ao mesmo tempo, como nunca fiz. Elora certamente não é a primeira a dormir em minha casa, mas essa é, com certeza, a primeira vez em que eu fico ansioso para que a mulher em minha cama acorde, a ponto de tentar despertá-la com o cheiro de sua sobremesa preferida Completamente espalhada pela imensa King Size, o corpo curvilíneo está envolto em lençóis e cobertores, dormindo um sono abandonado, definitivamente, exausto. Preparei um café da manhã para ela e trouxe para o quarto, ela não acordou, arruinando meus planos de surpreendê-la romanticamente. Tudo bem, eu pensei, ela está cansada.

Me empenhei no almoço. Pedi que entregassem sua cheesecake aqui em casa, queria agradá-la com a sobremesa. Ao meio dia, eu tinha tudo pronto, mas Elora ainda dormia, e a uma da tarde também, e às duas, às três, às quatro e, agora, quando já são quase seis da noite, me pergunto se é possível que ela tenha entrado em coma. Mas ela se mexe, rolando na cama, provando que minha teoria absurda está errada.

Não consigo evitar, rio, e o som parece incomodá-la, porque Elora resmunga. Isso me dá uma ideia. Eu sou um filho da puta, eu sei! Mas não se faz isso com um homem. A mulher não pode

simplesmente dizer que me ama e depois hibernar até o próximo inverno, não é justo com meu pobre, inexperiente e carente coração.

Além do quê, ela já está dormindo há quase doze horas. É o suficiente, não é? Deveria ser, porra. E, normalmente, ela não costuma dormir tanto...

Forço uma risada um pouco mais alta, seu resmungo se transforma em um choramingo incomodado. Aproximo-me da cama e sento-me nela. Com as pernas esticadas, recosto-me na cabeceira e apoio o prato sobre as pernas. Dessa vez, deixo a timidez de lado e gargalho.

— Huuum... -Reclama, mas continua de olhos fechados e puxa o cobertor sobre a cabeça.

Estalo a língua. A mulher é teimosa até para acordar. Gargalho ainda mais alto e, dessa vez, palavras coerentes saem de sua bom em uma voz enrouquecida pelo sono.

— Porra, Gustavo! Cala a boca! Eu to tentando dormir! -

Reclama em alto e bom som e eu preciso me esforçar muito para não gargalhar de verdade de seu mau humor. Nota mental: Nunca mais fazer Elora trabalhar para mim, MESMO!

— Amor, desculpa! Te acordei? Foi sem querer... Eu tava vendo um vídeo no tik tok... -Minto descaradamente, porque nem com o celular por perto estou.

— Shiu! -exige silêncio, fazendo com que eu queira rir dela, com que eu queira beijá-la, e com que eu queira matá-la, tudo ao mesmo tempo!

—Derrubo, propositalmente, a colher que estava no prato de cheesecake no chão, fazendo um barulho incômodo e Elora se vira para mim com olhos estreitos e uma fúria que eu ainda não tinha visto em seu rosto. Mas ela não dura nada, ou melhor, quase nada.

No momento em que seus olhos avistam a fatia de cheesecake sobre minhas penas, subitamente, ela desperta e eu não consigo mais me segurar, gargalho. Alto, escandalosamente, mas minha namorada pouco se importa.



Ela senta na cama, retira o prato de cima das minhas pernas, e com um esticar de pescoço, encontra a colher, caída no chão. Isso não a intimida. Elora estica-se sobre mim, pouco se importando comigo. Pega a colher jogada no chão e começar a comer sua fatia de torta enquanto eu quase caio na cama de tanto rir. No entanto, o mais incrível é o que ela faz depois. Depois de levar o último pedaço a boca, Elora deixa o prato vazio exatamente onde o havia pegado quando cheio, sobre minhas pernas. Então, puxa os cobertores sobre o corpo, vira-se para o outro lado, e dorme. Se é que ela acordou...

Rolo na cama macia, esticando-me ao limite e enrolando-me, sem querer, ainda mais na roupa de cama ao meu redor. O cheiro de amaciante me lembra de que não estou em casa e a lembrança de onde estou, imediatamente, me arranca do meu torpor pós sono.

— Deus, eu disse que o amo! E nem foi bonitinho! -Choramingo, sentando-me e levando as mãos ao rosto, mesmo que eu ainda não tenha aberto os olhos.

— Eu achei muito bonitinho! -A voz de Gustavo quase faz minha alma sair do

corpo, tamanho é o susto que levo.

— Porra, Gustavo!

— Tão romântica... -Sussurra já ao pé do meu ouvido, acendendo a luz amarelada na cabeceira da cama. Respiro profundamente algumas vezes, acalmando minha respiração, e apoia a cabeça no ombro nu a minha frente. O cheiro da pele quente inunda meu nariz, ele me abraça e eu não me faço de rogada, me aninho nele.

— Ah, não, amor! Você não vai dormir de novo, vai? -Levanto a cabeça, encontrando não um sorriso, uma cara de cachorro perdido que me faz franzir a sobrancelha.

— Eu dormi muito é?

— Pra caralho! -Rio pela ênfase que ele dá à resposta.

— Que horas tem?

— Nove da noite...

— Hum... Eu não presto pra perder noite de sono não, se me deixar, eu durmo o dia seguinte todindo mesmo...

— Muito obrigada por me avisar com antecedência... -Rio da sua rabugice.

— Isso tudo é saudade de mim, é?

— Não, amor... -Sua bochecha roça na minha, acariciando, e sua voz é suave. Ele morde a pontinha da minha orelha, depois,

desce a língua, lambendo meu pescoço: ¯É vontade de te foder... -

sussurra provocante no meu ouvido e eu explodo em risos.

— Você é um cretino!

— Eu nunca disse que não era...

— Nunca, e eu estúpida, me apaixonei mesmo assim, aaah, minhas santas! Que

tipo de mulher estúpida sou eu?

— Uma muito inteligente... -mordisca meu lábio inferior e puxando-o para si.

— Tô com fome... -aviso.

— Eu também... -Sua língua passa sobre os meus lábios, provocando-os, e suas mãos se infiltram por baixo da blusa do meu pijama de ovelhinhas.

— Amor... Eu preciso alimentar a outra fome primeiro... -Digo, mas suas mãos não param as carícias, e eu começo a me sentir quente. Mas falar em alimentar, me lembra de algo: ¯Gustavo, sonhei com você!!! -Isso o para, ele se afasta de mim o suficiente para que possa ver meu rosto e me encara com uma sobrancelha arqueada, desconfiado.

— Hum... -encoraja e eu gargalho, Deus! Foi um sonho tão absurdo!

— Foi um sonho sem pé nem cabeça!

— Hum...

— Sonhei que eu tava dormindo, daí você aparecia com uma fatia de cheesecake, mas a colher caia... -A medida que vou narrando, sue rosto vai mudando de confusão para diversão e eu não o julgo, porque foi mesmo um sonho muito engraçado: ¯O

barulho me acordava, eu via a cheesecake, pegava de você, pegava a colher no chão, comia tudo e, depois, voltava a dormir. -Rio de mim mesma, mas Gustavo surpreende-me com uma gargalhada explosivo. Tudo bem, foi engraçado, mas não tanto assim...



Observo enquanto chega a se contorcer de tanto rir e decido perguntar.

— Isso tudo é por causa do sonho? -Ele toma inspirações curtas para controlar a respiração.

— Não amor... Isso tudo é por que não foi sonho!! -Diz com um sorriso ainda pendurado em seu rosto e eu estreito os olhos para ele.

— Você tá me dizendo que tem cheesecake?

Ele explode em uma nova onde de gargalhadas.

— E, agora, eu vou te apresentar o quarto... -Gustavo me diz, encerrando o tour que me deu pela casa, depois de jantarmos.

Casa é gentileza minha. Uma mini mansão, talvez? Digo mini, porque, diferente das muitas que visitamos dias atrás, a de Gustavo tem uma menor quantidade de cômodos e de metros quadrados.

Então, sim, acho que mini mansão é um bom nome.

— Eu já conheço o quarto, Gustavo... -desdenho enquanto caminhamos na direção dele.

— Não... Você conhece a cama, mas não faz ideia das minhas habilidades nela... -sussurra em meu ouvido e, logo depois, cola o peito às minhas costas. Deito a cabeça em seu ombro e suas mãos tocam minha pele por baixo da roupa.

— Sua pele é tão macia, tão gostosa, amor... E o seu cheiro ... -

O nariz desliza pela curva do meu pescoço provocando-me, arrepiando-me.

Viro-me, ficando de frente para Gustavo e prendendo meus olhos aos seus. Nos olhamos pelo que parece uma eternidade e, ao mesmo tempo, não parece o suficiente. Não tivemos o momento da conversa, depois dessa manhã, ela se tornou desnecessária, mas

ainda há algo importante a ser dito com todas as letras, e, roubando-me a oportunidade, é Gustavo quem diz as palavras primeiro.

— Eu me apaixonei por você, Elora... Não sei quando... Mas eu não tenho dúvidas do porquê... Você é a mulher mais incrível que eu já conheci... -Ele sorri, fazendo-me sorrir também: ¯Você me fez desejar ser incrível pra você, amor... Todo dia, toda hora, eu só quero ser incrível pra você...

Colo minha testa à sua e fecho os olhos.

— Nós somos um casal de merda, amor... -Sussurro em sua boca: ¯A gente não presta nem pra se declarar na cama. Estamos no meio do corredor... Faltavam só alguns passos... -Sua mão sobe para o meu rosto e ele desliza os dedos lentamente pela minha bochecha. Seu nariz acaricia o meu.

— Eu te digo aqui, lá, e em qualquer outro lugar, Elora...

— Eu te amo... -falo as palavras, dessa vez, completamente consciente do que estou fazendo. Não por distração, impulso ou cansaço, mas porque quero dizer.

Não é um momento armado, dramático, ou digno de uma novela mexicana. É, apenas, o nosso momento. Inesperado, não planejado, impulsivo e intenso, exatamente como nós dois somos, e quando ele sussurra as três palavras em meu ouvido, de novo, de novo e de novo, meu coração, que já bate acelerado no peito, parece que vai se desmanchar em uma felicidade que até agora eu não sabia que queria.

Seu rosto volta a ficar na frente do meu e ele me olha por instantes, antes de sua boca tomar a minha de forma intensa, exploradora e gostosa, como sempre. É um beijo quente, que acende meu corpo inteiro, mas que, ao mesmo tempo, acaricia meu coração. É um beijo cuidadoso, lento, e eu não quero que ele acabe nunca.

Dou passos para trás, caminhando na direção da porta até que minhas costas batam nela e Gustavo pressione seu corpo contra o meu. Nos beijamos sem parar, quando o ar falta, levamos apenas alguns instantes com as bocas abertas, uma sobre a outra, recuperando-nos, antes de voltarmos a nos devorar.

As mãos estão por todos os lugares. Acariciando, apalpando, apertando. As roupas vão sendo arrancadas aqui mesmo. Minha blusa, a dele, meu short, a calça dele, minha calcinha, a cueca dele.

Peça a peça nos despimos, até que estejamos completamente nus de tecido como nos tornamos de quaisquer dúvidas, minutos atrás.

Deus, eu amo esse homem. Não queria. Não o maldito fodedor, invasor de sonhos e ladrão de apartamentos duramente conquistados.

Sua mão resvala pela minha boceta e eu gemo baixinho.

Isso, amor... Geme pra mim... Eu adoro te ouvir gemer...

Adoro... Mesmo quando eles não eram meus, você me deixava louco, Elora... Maluco... Geme pra mim...

E, olhando em seus olhos, suas palavras me atingem e despertam em mim a vontade de fazer o que eu jurei que nunca faria, contar para ele.

— Eram seus...

— O quê? -pergunta, e todos os toques param ao mesmo tempo enquanto ele me observa atentamente.

— Não tinha ninguém comigo, eu tava sonhando, com você...

Eu gemia pra você... Mesmo não sabendo que era você...

Seu cenho se franze, repleto de confusão e eu tenho vontade de rir, essa história é tão absurda. Deus, eu não podia ter escolhido uma hora melhor para contar isso?

— Amor... -chama, arrancando-me de meus devaneios.

— Eu te via correr todos os dias... A primeira vez aconteceu quando tinha mais ou menos três semanas que você estava no 605.

Eu te vi por acaso, e só te ver me deixou molhada... Depois desse

dia, eu voltava todas as tardes pra te ver passar às 15:00hs. E, todas as tardes, você molhava minha calcinha sem nem saber que eu existia... -Suas sobrancelhas se erguem em surpresa e eu não consigo evitar, deixo que o riso irrompa pela minha garganta e balanço a cabeça, negando.

— E eu ouvia você todas as noites... isso me deixava enlouquecida, dolorida, amor, imaginar que eram pra mim os seus gemidos, os seus grunhidos... E aí, alguns dias depois que comecei a acompanhar suas corridas, sonhei pela primeira vez... Com você...

O corredor... E, nos meus sonhos, era você o meu vizinho fodedor, e era a mim que você fodia loucamente, toda noite.

Um som surpreso escapa pelos seus lábios antes que as palavras venham.

— Você me via correr? -Aceno que sim com a cabeça.

— E ficava excitada me escutando? -Outro aceno.

— E sonhava comigo sem saber que eu era eu?

— Exatamente...

— Porra, Elora... -Seus lábios se entreabrem e seus olhos se movem sem parar, sem jamais se fixar em ponto algum. Até que, de repente, seu rosto muda, como se ele tivesse entendido alguma coisa.

— Foi por isso que você paralisou no dia em que nos conhecemos!

— Foi... Você era, ao mesmo tempo, o homem dos meus sonhos e dos meus pesadelos... Meu cérebro não conseguiu processar...Eu precisava de tempo e só Deus pode me julgar. -Rio.

Minhas santas! Que loucura, quem foi que planejou tudo isso, em

@Deus?

Seu olhar se torna mais intenso à medida que ele processa cada uma das coisas que eu disse.

— Toda noite, você gemia pra mim?

— Toda noite... -Ele balança a cabeça, negando e, quando seu olhar volta a encontrar o meu, a incredulidade já não está mais lá.

Pelo contrário, tudo o que há é certeza. Uma de suas mãos brinca com meus cabelos, ele aproxima nossos lábios e, com nossas bocas quase grudadas, fala, lentamente, quase sussurando.

— Uma vez você me perguntou qual era a minha história, porque eu nunca tive uma namorada... Eu não sabia antes, Elora...

Mas eu sei agora... Eu estava esperando você... Eu sei que eu estava... Nós somos um casal de merda... Mas eu não queria ser nada além disso com você...

Sorrio, alcanço sua bochecha e acaricio sua pele, os fios de sua barba.

— Eu te amo... -digo e o braço de Gustavo se apossa de minha cintura.

— Eu te amo... -Ele diz, gira a maçaneta, abrindo a porta do quarto, e eu circulo seu pescoço com meus braços.

— Eu te amo... -repito enquanto caminho de costas na direção da cama.

— Eu te amo... -ele fala outra vez, a parte de trás de meus joelhos bate na madeira e Gustavo me joga na cama.

Sua boca desce voraz pelo vale entre meus seios até encontrar um dos meus mamilos. Suas mãos voltam a explorar cada centímetro da minha pele, entrego-me aos seus toques e carícias, fecho os olhos, aproveitando as sensações e deixando que minha mente se perca por completo na névoa de prazer que se forma ao nosso redor.

Empino-me para ele, querendo mais. Suas mãos deslizam, abrem minhas pernas, ele se encaixa entre elas e esfrega-se em mim, provocando meu sexo, ensaiando

tocar-me sem nunca realmente chegar lá. Sua boca devora meus peitos, mamando tão gostoso que reviro os olhos e rebolo sob o toque de suas mãos,

pedindo, silenciosamente, que seus dedos me toquem e invadam também.

Gustavo arrasta a língua para cima, subindo devagar, lambuzando tudo e ateando fogo na minha pele já arrepiada e excitada.

— Eu quero olhar pra você quando você gritar pra mim, amor... -

Diz e, segundos depois, sinto a invasão. Ele enfia os dedos na minha boceta melada, escorregadia, pingando de tesão, e eu grito.

Tão delicioso... Gostoso, gostoso demais. Enfia e tira os dedos devagar, me torturando, prolongando meu prazer, arrastando minha excitação até a outra entrada.

Arfo em expectativa, e ele continua com o toque agonizante, lento demais, leve demais.

— Gustavo...-Era para ser uma declaração, mas tudo o que deixa meus lábios é um choramingo.

— Você quer que eu foda esse rabinho, amor? Quer dar esse cuzinho gostoso pra mim?

— Quero... Quero... -levanto os quadris, esfregando-me em seu dedo. Ele brinca, rodeia, mas não penetra, me enlouquecendo.

— Fala pra mim, amor... O que é que você quer? -O cretino me provoca, mesmo sabendo que estou à beira de um colapso.

— Eu quero que você foda meu cu, Gustavo! Fode meu rabo, amor! Fode!

— Com todo prazer, linda... -E se afasta de mim, fazendo com que eu me sinta abandonada. Não me dou ao trabalho de acompanhar seus passos com os olhos, mas muito mais rápido do que imaginei, ele está de volta e eu sei exatamente o que tem nas mãos sem nem mesmo precisar ver.

— Sobe um pouquinho, amor... Eu quero te foder olhando pra você... -Me

arrasto pela cama até estar alinhada com a cabeceira e ajeito uma pilha de travesseiros na qual me recosto. Gustavo sobe de joelhos na cama e vem até mim. O sorriso de apreciação em seu

rosto ao notar que já escolhi a posição, provoca arrepios deliciosos em minha espinha.

Ele se encaixa entre minhas pernas e despeja uma quantia generosa de lubrificante em sua mão. Depois, inclina-se sobre o meu corpo, lambendo e chupando toda a pele que sua boca alcança, ao mesmo tempo em que sua mão se perde em minhas dobras. Começa com uma carícia lenta, que me faz rebolar, o prazer já acumulado em meu ventre cresce ainda mais, deixando-me na beira do precipício.

Seu dedo rodeia novamente meu anel retesado e, quando acho que não vou aguentar mais, Gustavo introduz a ponta e gira o dedo dentro de mim. Dói, arde, e eu mordo o lábio com força. A boca de Gustavo encontra a minha, arrancando-o de entre meus dentes, lambendo-o e chupando. Sinto o calor molhado de sua língua direto na boceta quando ele começa a fazer movimentos de entrada e saída em minha boca. Gemo. Perdida em prazeres em várias partes diferentes do corpo, sinto o dedo invasor se afundar cada vez mais profundamente em mim e quero empurrar de volta, mas sua outra mão me mantém firme no lugar.

— Calma, amor... Deixa eu fazer ser gostoso pra você...

— Eu quero mais, Gustavo... Quero mais...

— E eu vou te dar linda... Mas devagar... -Em seus olhos fica claro o quanto essa lentidão está custando para ele, e eu sei que é só por mim que ele está fazendo isso, seu dedo sai e, quando a penetração recomeça, é mais intensa. Mais apertada. Dois dedos me penetram bem devagar e, em certo ponto, sem abrem dentro de mim, me alargando e esticando, me preparando para ele.

São minutos nessa tortura agonizante, sendo levada cada vez mais longe, enlouquecendo com as sensações até que ele finalmente me julgue pronta. De joelhos entre minhas pernas, apoia minha bunda em suas coxas e pincela minhas dobras com o pau duro, escorrendo pré-gozo. O contato me tira de órbita. Fecho os olhos, gemendo, perdida, completamente perdida.

A glande esfrega-se em meu cu. Circulando, testando, ele força a cabeça larga e

eu grito. Arde, queima, me incendeia de todas as formas.

— Calma amor, eu vou devagar...

— Não para... Não para...

— Eu não vou parar... Que cuzinho apertado amor... Porra...

Você é toda gostosa...-Devagar, se introduz, centímetro a centímetro, parecendo me esticar ao limite com seu tamanho e grossura até finalmente estar todo dentro de mim.

Seu peito sobe e desce, gotas de suor escorrem pela sua testa, pescoço e tórax, seus dentes estão trincados e seu agarre em minha bunda é firme, deixando claro o esforço que está fazendo.

— Amor... Eu não vou devagar... -diz, entredentes, depois de já ter me dado tempo para me acostumar em tê-lo todo dentro de mim.

— Eu não quero devagar, Gustavo... Você já foi devagar por uma vida inteira.

Minha resposta é uma saída lenta e uma investida potente em minha bunda. Esqueço como se faz qualquer coisa que não seja gritar. Vogais, consoantes, seu nome, me agarro a todo e qualquer som que consiga me aliviar da agonia que é foda sem dó de Gustavo em meu rabo.

Depois de todas as palavras trocadas, de todas as revelações feitas, minha necessidade é de mais que prazer, é conexão e, do nosso jeito, ela é satisfeita. Eu não quero nada lento, ou apenas carinhoso, quero mais de nós dois, mais desse homem que despertou em mim meus piores e melhores instintos e fez com que, mais do que nunca, eu fosse eu mesma.

Gustavo disse que estava esperando por mim, que eu fiz com que ele quisesse ser incrível para mim, e a verdade é que ele me viu e me achou incrível, sendo exatamente quem eu sou e dando-me a liberdade de continuar sendo cada vez mais.

— Que rabo gostoso, porra! Eu vou querer comer esse rabo todo dia, amor! Todo dia! -Meu corpo é sacudido pela potência de suas arremetidas, mesmo que elas sejam curtas. Gustavo ergue minhas pernas. Apoiando-as em seus ombros,

abraça as duas com um único braço e leva a outra mão até o minha boceta dolorida, acertando uma tapa leve em meu clitóris e arremessando-me para fora da atmosfera.

As convulsões me atravessam sem parar, sem que eu tenha a chance de senti-las chegando. Sou tomada de assalto pelo gozo forte e completamente descontrolado. Gozo aos gritos, e mal sinto as investidas continuas de Gustavo, é apenas o som que me orienta de que ele ainda não acabou enquanto meu corpo e consciência existem em planos completamente separados.

E quando finalmente abro os olhos, é para encontrar aquele par de pedras verdes fixado em mim e o rosto de Gustavo completamente tomado pelo prazer enquanto ele goza e sua porra escorre pelas minhas pernas.

Não é doce.

Não é simples.

Não é como todos os outros.

É gostoso.

É incomum.

É perfeito.

Somos nós.



Era para mim.

Todo aquele tempo, seus gemidos eram para mim. O sorriso parece colado em meu rosto desde ontem. Puta merda, é oficial, eu sou um cara apaixonado, louco por uma só mulher, e não posso nem fingir não concordar com Rodrigo, qualquer felicidade que eu tivesse antes, nem mesmo se compara com a que sinto agora, e há pouco mais de vinte e quatro horas que ouvi as palavras saindo de sua boca.

Interrompo minha montagem cuidadosa da bandeja de café da manhã e pego o celular sobre a bancada da cozinha. Em alguns toques, tenho uma chamada para Rodrigo encaminhada.

— Fala, irmão... -É como ele atende o telefonema.

— Rodrigo, numa escala de zero a dez... Quão apertado vai ser aquele abraço? -A ligação fica em silêncio por alguns intantes, antes que ele exploda em uma gargalhada escandalosa.

— Muito, muito apertado, irmão! Você finalmente admitiu, então?

— Finalmente? Não é um pastel, Rodrigo... Essas coisas levam tempo... E eu nem demorei tanto assim.

— Eu só precisei de dez segundos para perceber, entender e assumir que a Cami era o amor da minha vida...

— Mas você é uma espécie diferente de homem, Rodrigo...

— Que espécie? A de babaca apaixonado? Porque se for essa, eu fico feliz em informar que, agora, você faz parte dessa grande família... -diz e me dou conta de que é verdade... Porra... perdi tantas, mas tantas piadas: ¯E, sim, você acaba de perder uma imensa quantidade de piadas.

É a minha vez de gargalhar, porque embora Rodrigo seja quatro anos mais velho do que eu, às vezes parece que temos a famosa conexão que dizem por aí ser compartilhada por irmãos gêmeos.

— Não tem problema... Eu vou pensar em outras... Sempre posso debochar de você por ser um perfeito marido adestrado...

— Unhum... E o que é que você está fazendo nesse exato momento, Gustavo? Porque, te conhecendo, eu posso jurar que é preparando um café na manhã pra levar na cama... Um perfeito namorado adestrado...

Debocha, e eu olho para baixo, para a bandeja cheia de todo tipo de guloseimas que consegui colocar nela. Ansioso para a alimentar a fome de comida de Elora depois de ter alimentado a outra pela noite inteira.

— Vai se foder! -Ele gargalha, outra vez:¯Bom dia, irmão... E, agora, nós precisamos oficializar isso! Vamos marcar alguma coisa... Cami adora encontros de casais...

— Adestrado... -Finjo uma tosse.

— E você está em treinamento... -Ele não tem a mesma cortesia que eu e diz as palavras em alto e bom som. Resmungo, mesmo sabendo que ele está coberto de razão. Eu já disse e repito, não há nada que eu não faria para ver Elora feliz, e se isso não é ser um perfeito exemplar de homem adestrado, eu não sei o que é, mas, sinceramente? Eu não poderia me importar menos.

Desligo o telefone e volto a me concentrar na bandeja. Frutas, torradas, paezinhos, geleia, queijo, cheesecake, água quente, chá...

E o toque da capainha.

Franzo o cenho, porque, em pleno o domingo de manhã, não faço ideia de quem poderia ser, e não recebi nenhuma ligação da portaria. Sorrio pensando na ironia, provavelmente, é um vizinho.

Olho para mim mesmo, conferindo se estou adequadamente vestido para abrir a porta e decido que a bermuda e a camiseta são, sim, suficientes. Em passos rápidos chego até ela e, quando giro a maçaneta, nenhuma visão poderia me surpreender mais do que essa, Miguel.

— O que você está fazendo aqui, Miguel? -questiono com as sobrancelhas franzidas.

— Bom dia pra você também, Gustavo... Será que eu posso entrar?

— E eu posso saber pra quê? -Olho para o homem a minha frente sem qualquer

simpatia ou vontade de ouvir o que quer que ele queira me falar: ¯Eu estou meio ocupado agora, Miguel... Então, se você não se importar, eu acho que nós podemos conversar amanhã na GAF...

— Na verdade, eu me importo sim, o que eu tenho a dizer não pode esperar. -Minhas sobrancelhas se erguem em surpresa, mas, esperançoso de que ele tenha vindo até aqui me dizer que se demite, abro espaço, deixando que ele passe pela porta.

Seus olhos passam pela sala, observando detalhes, como se fosse a primeira vez que vem à minha casa, então, me lembro que, sim, é.

— Se você não se importar, eu estava ocupado na cozinha, vamos conversar lá... -Não peço, aviso, já caminhando na direção de onde deixei o forno ligado esquentando os croassaints de Elora.

Ouço seus passos atrás de mim, seguindo-me.

No cômodo, ignoro completamente as regras da boa educação que dizem que não se deve dar às costas a alguém, e, por alguns minutos, praticamente ignoro a existência do meu convidado, continuando meu trabalho com a bandeja de café como se eu ainda estivesse sozinho. Ao terminar, respiro fundo, resignado.

Quando mais cedo começar, mais cedo termina, certo? Abro o armário e tiro de lá uma xícara, porque se vou precisar lidar com Miguel em uma manhã de domingo, vai ter que ser a base de café.

— Sabe... Quando me disseram que você tava namorando, eu não acreditei...

São as primeiras palavras que saem de sua boca enquanto vejo o líquido escuro manchar a porcelana, e elas roubam minha atenção

de tal maneira, que me viro, imediatamente, após me servir, e nem mesmo pergunto se ele quer. Olho para ele com as sobrancelhas arqueadas, sem ter ideia de onde ele pretende chegar com um comentário como esses.

— Quando vi a foto, fiquei mais crédulo... Mas, quando descobri que, ao invés de uma modelo, empresária, ou qualquer um desses títulos, o único que a sua namorada tinha era o de sua vizinha, fiquei intrigado... Isso não combina com o todo poderoso Gustavo Fortuna... Namorar uma ninguém?

Trinco os dentes. A raiva chega súbita, e é preciso muito controle para manter a postura controlada e o tom de voz calmo quando falo.

— Eu acho que você deveria tomar cuidado com o que fala...

Você está na minha casa, falando da minha mulher... -Digo cada palavra com o olhar fixo em seu rosto para que não haja dúvidas do quão sério estou falando. Ele estala a língua, dispensando meu alerta, e continua.

— Eu a vi no aniversário das gêmeas, embora você não tenha tido a cortesia de falar comigo, como sempre... Não Gustavo, o presidente, o mais inteligente e o mais competente...

— No início essa conversa até estava interessante, Miguel...

Mas, agora, você só está soando invejoso... Existe algum objetivo final para isso? -ironizo e ele me dirige um olhar raivoso que até me incomodaria, se eu considerasse Miguel digno de atenção.

— No aniversário das gêmeas eu fiquei impressionado... Porque você não apenas assumiu a vizinha pobre como namorada, como também a tratava como um verdadeiro bichinho de estimação... Era, curioso... -A comparação me faz ver vermelho e aperto a xícara em minha mão, ou corro um sério risco de arremessá-la bem no meio da fuça do filho da puta que ousa dizer uma coisa dessas. Apesar disso, por fora, mantenho a máscara fria e controlada. Levo o café a boca e tomo alguns goles.

Vejo no rosto de Miguel que é exatamente isso o que ele quer, meu descontrole. A troco de quê? Eu não faço ideia, realmente não sei. Mas, apesar da minha raiva, saber que estou frustrando seus planos lunáticos e infantis é uma verdadeira força para permanecer agindo exatamente como estou.

— Esse é meu último aviso, Miguel... Se você não quiser sair daqui arrastado por seguranças, eu sugiro que tenha mais respeito...

Um som de escárnio deixa sua garganta antes que ele continue a falar.

¯Eu não entendia o que estava acontecendo, embora soubesse que havia alguma coisa acontecendo... Mas eu não sou um mal perdedor, Gustavo... E mesmo sabendo que você estava armando alguma coisa, no fim da festa, na sexta-feira,

fui cumprimentar você pela sua vitória... É claro que você não me viu, não é? Você nunca vê... Esse seu ego gigantesco não te deixa ver nada além do próprio nariz. E, embora eu estivesse somente a alguns passos, tive minha presença ignorada enquanto os dois pombinhos trocavam juras de amor... E, advinhe qual não foi a minha surpresa, ao ouvir você, logo você, dizer à preciosa Elora que os dois eram dois perdedores?

Miguel faz uma pausa dramática, como se depois dessa revelação, eu devesse temer o que ele dirá a seguir. No entanto, tudo que eu consigo me perguntar é “qual o maldito problema desse filho da puta para achar que está tudo bem me incomodar no domingo de manhã, e me obrigar a ouvir seus devaneios?”

— Eu fiquei intrigado... -Continua seu monólogo louco: ¯ Porque Gustavo Fortuna nunca perde... Certo? Então, eu fiz meu trabalho de casa... Precisei de algum tempo... Foi difícil... Mas niguém faz uma idiotice sem fim como essas sem deixar rastros, não é gustavo?

— Com certeza não, Miguel... E, você poderia, por gentileza, me dizer que idiotice seria essa? -pergunto, cruzando os braços na frente do peito.

Seus dentes trincam e suas narinas se alargam conforme ele respira, irritado com minha indiferença. E, ao invés de me responder, o louco me lança outras perguntas.

— Ela acha que é de verdade, Gustavo? Ela acredita que você realmente se apaixonou por ela? Ou ela já sabe que você fez tudo isso porque nada podia dar errado no seu precioso empreendimentto, ou você perderia uma outra aposta?

— Miguel, eu realmente estou perdido aqui e não faço ideia do que você está falando...

— Eu estou falando da porra da aposta que você fez comigo e que trapaceou! -Franzo o cenho, sem entender do que ele está falando e é só depois de alguns minutos que me lembro. A expressão em meu rosto deve denunciar minha honestidade, porque quando ele volta a falar, soa ainda mais ultrajado.

— Você esqueceu de verdade, não esqueceu? -Seus olhos estão estreitados e seu rosto retorcido em uma careta de desgosto que eu não entendo, afinal, mais de uma vez, já deixei claro para ele o quanto o acho insignificante. Além disso, eu avisei que no momento em que passasse pela porta, esqueceria.

— Eu te disse que esqueceria, Miguel... Nunca te prometi nada além de honestidade. Mas como eu jogo o meu jogo, é problema meu, não seu! Pouco te importa se eu faço apostas, beijo bebês, ou ajudo velhinhas a atravessarem a rua para alcançar meus objetivos, tudo o que você precisa saber é que eles foram alcançados, agora, se você me der licença, eu realmente gostaria de levar o café da manhã da minha mulher...

— Sua mulher... -Cospe as palavras com um semblante quase maníaco: ¯E será que ela vai continuar sendo sua mulher depois que souber que tudo isso não passou de um meio para um fim pra você, Gustavo? E, que na primeira oportunidade, você vai esquecer da existência dela, assim como esqueceu do acordo que fez comigo?

Dessa vez, não consigo evitar que a incredulidade tome conta do meu rosto. Em que mundo ele vive?

— Miguel, eu, sinceramente, acho que você anda assistindo a muitos filmes e séries de televisão. Isso é a única coisa que justificaria o fato de você vir até a minha casa, sentindo-se como um grande vilão, me fazendo essa ameaça ridícula. Você realmente acha que tem a informação capaz de salvar o mundo?

— Salvar o mundo? Não... -estala a língua e apoia os cotovelos sobre a ilha da cozinha: ¯Mas destruir seu relacionamento de mentira? Com certeza...

— E eu suponho que você tenha uma contraproposta, certo?

Você não veio aqui só pra me dizer que tem essa informação poderosíssima nas mãos e depois ir embora, veio?

— De fato, eu tenho... -Agora, sua voz soa confiante: ¯Sua mulher... -demora-se nas palavras e por isso, mais do que por qualquer outra merda que ele tenha dito ou feito esta manhã, quero socar sua cara: ¯Não precisa ouvir sobre nada disso, se você me der o que eu estou pedindo desde o começo, que, aliás, não é nada além do que eu mereço...

Não consigo evitar, gargalho.

— Você está achando divertido, Gustavo? Então porque não convidamos a adorável Elora pra essa nossa conversa?

— Tarde demais pra isso... -A voz de Elora soa alta e clara vinda do corredor e, logo em seguida, o corpo curvilíneo aparece.

Vestindo apenas uma camiseta minha, a desavergonhada entra na cozinha com os cabelos bagunçados, o rosto amassado de quem acabou de acordar, e nenhuma pista em seu rosto sobre o que está pensando.



A ausência de Gustavo na cama me acordou, e o som da campainha me despertou. Eu não tinha a intenção de ouvir a conversa alheia, mas depois de lavar o rosto e escovar os dentes, resolvi espiar pelo alto da escada para descobrir se a visita já tinha ido embora, ou se eu precisaria vestir uma roupa decente.

Meus olhos não encontraram ninguém na sala e achei que isso significava que eu poderia continuar exatamente como estava, nua por baixo da camiseta de Gustavo. Desci as escadas e, como em um desenho animado, segui o cheiro da comida, mas estaquei no corredor ao ouvir vozes. Eram duas. A que passava a maior parte do tempo em silêncio era conhecida, e bastou ouvi-la para que as lembranças dela me dizendo que me amava a noite inteira, enquanto seu dono me comia de todas as formas possíveis, enchessem minha mente.

Já a segunda, que parecia determinada a dizer todas as palavras do mundo, essa eu tinha a impressão de já ter ouvido, mas não fazia ideia de a quem pertencia. Não levei muito tempo para entender que não se tratava de uma conversa amigável, e estava pronta para dar meia volta e ir embora, até ouvir meu nome.

Eu não sou fofoqueira, ou mal educada. Mas anos de novelas brasileiras e

mexicanas me ensinaram que se você ouve seu nome em uma conversa que não deveria estar escutando, você fica, e ouve até o final. Na vida real não é permitido ser estúpido como são os personagens de filmes e novelas. Não, aqui, a regra é clara. Se você ouve um barulho suspeito no porão, no meio da noite, não vai até lá, corre na direção contrária.

E, se seu nome é citado em tom de ameaça, você, definitivamente, não ouve apenas mais uma frase e sai correndo, sentindo-se enganada. Fiquei e ouvi cada palavra dita, até que fui praticamente convidada a participar da pequena reunião.

Entrei na cozinha com passos lentos. Olhei para o dono da voz conhecida, porém, não familiar, e soube, imediatamente, que fui

apresentada a ele durante a festa, mas não faço ideia de quem seja.

Depois, olhei para Gustavo, que deslizou os próprios olhos pelo meu corpo, provavelmente, percebendo que eu não visto nada por baixo da camiseta.

Caminho até parar entre ele e o homem que, até minutos atrás, parecia muito preocupado com meu pobre coração. Ah, se ele soubesse o quanto esse órgão é estúpido.

— Então, deixa eu ver se entendi. -Digo, e o sorriso vitorioso no rosto do homem faz com que meu cenho se franza. Já Gustavo permanece com uma expressão impassível: ¬Gustavo também fez uma aposta com você?

Ele balança a cabeça, concordando. Faço um bico com os lábios e movo para cima e para baixo, para um lado e para o outro.

Depois, desvio meus olhos entre os dois homens, até finalmente ter minhas próximas palavras claras em minha cabeça.

— Eu só tenho uma pergunta...

— Posso responder todas as que você quiser... -soa solícito e Gustavo continua em silêncio.

— Ele não fodeu você também, fodeu? Porque isso realmente seria um problema... -Não sei o que acontece mais rápido, se a gargalhada estrondosa de Gustavo preencher a cozinha, ou o rosto do homem ser tomado por surpresa, e,

depois, confusão.

— Vo..Você... -O homem gagueja e Gustavo não faz a menor questão de se controlar, continua rindo escandalosamente.

— Eu conheço esse traste, moço! Sei que não vale um real e que se necessário fosse, pra ganhar, ele venderia a própria mãe, o irmão, e até eu. Talvez, e um grande talvez, Alicia e Alice estejam a salvo, mas eu não tenho certeza não, viu?

Gustavo tosse, precisando com desespero de ar. Mas, entre risos, fala.

— Não, as gêmeas estão a salvo...

— Viu, moço? Só as gêmeas...

— Vocês se merecem! -o homem praticamente cospe as palavras.

— Definitivamente! -Sou rápida em concordar: ¯E, como você deve ter ouvido na sexta, nós somos, assumidamente, um casal de merda! -Ele nega com a cabeça, parecendo completamente incrédulo que eu não tenha tido a reação idiota de uma mocinha de novelas.

Apesar da diversão estar impregnada em sua voz, quando Gustavo fala, soa sério e inquestionável.

— Acho que você tem sua resposta, Miguel... Você sabe o caminho...

Miguel, isso! Sabia que era alguma coisa celestial. O homem se vira, ainda negando com a cabeça, e nós dois observamos enquanto ele some de vista no corredor. Assim que o som da porta sendo fechada é ouvido, os braços de Gustavo envolvem minha cintura e seu rosto se afunda em meu pescoço.

Passamos alguns segundos assim, em silêncio absoluto, até ele levantar a cabeça, virar-me e prender meus olhos nos seus. Seu olhar investiga o meu procurando sabe-se Deus o que. E minha santa das mulheres que não são obrigadas a acordar e lidar com um dramalhão desses, ele merece sofrer um pouquinho, não merece?

Mudo a expressão em meu rosto, deixando-a completamente séria. Vejo a preocupação tomar conta de Gustavo, desde seu olhar até sua postura, que se torna rígida e tensa. Ele engole em seco, e depois de alguns segundos torturando-

o, falo.

— Você realmente tem um problema com apostas... -Ele gargalha e eu não me contenho, rio junto e colo minha testa a sua.

— Porra, amor... Se eu morrer infartado, você fica sozinha... Não faz isso não... -diz, entre risos: ¯Estamos bem? -Uma de suas mãos toca meu rosto, acariciando minha bochecha.

— Eu sei quem você é, Gustavo... Sempre soube... E fui idiota pra me apaixonar ainda assim...

Seu rosto ganha aquele maldito sorriso cafajeste molhador de calcinhas.

— É cedo demais pra dizer que eu quero você pra sempre?

— Pra um casal normal? Talvez... Mas nós somos um casal de merda, não somos?

— De muita merda... -diz, fazendo-me sorrir: ¯Eu te amo! -

sussurra em minha boca, antes de beijar minha testa, nariz e lábios.

— Até a lua... -As palavras saem sem que eu pense sobre elas e as sobrancelhas de Gustavo se erguem, ele parece pensar por alguns instantes, depois, repete.

— Até a lua...



EPÍLOGO

Gustavo Fortuna

3 ANOS DEPOIS

Minhas mãos suam, meu coração bate acelerado no peito, e porra, estou tremendo. Como o caralho de uma vara verde, eu estou tremendo. Ah, Elora! Mas você me paga por me fazer passar por isso!

— Tá chegando? -Ela pergunta caminhando em passos trôpegos por causa da venda em seus olhos. Com os braços esticados na frente do corpo, procura o que tocar, apenas para não encontrar nada.

— Está... Agora nós vamos entrar no elevador. -A conduzo, aperto os botões e ela dá passos medrosos, adiando o momento pelo qual estou esperando há meses.

— Elora, você tá com medo de quê? Entra logo no elevador, amor!

— Eu não estou vendo! Vai que você quer se livrar de mim, o elevador não tá aqui de verdade, e eu vou cair no poço e morrer? As pessoas ainda vão dizer que foi um acidente...

— Elora, você sabe que dar passos lentos não tornaria sua queda lenta, certo?

— Cala a boca, Gustavo!

Finalmente entra no elevador e, como sempre acontece, desde aquele dia dos namorados há três anos, uma corrente elétrica atravessa meu corpo.

— Será que algum dia essa sensação vai parar de me assaltar toda vez que eu entro num elevador com você? -pergunta, sentindo-se exatamente como eu.

— Eu espero que não... -beijo sua bochecha. O elevador apita e eu a ajudo a sair dele. Caminhamos poucos passos.

— É aqui. Espera um instante.

Coloco meu dedo sobre o sensor de digital e a porta se abre.

Empurro-a até o limite, e ajudo Elora a entrar. Posiciono-a bem no

meio do lugar e vou para trás dela. Desfaço o nó na venda, finalmente, revelando a surpresa. Ela pisca os olhos, se acostumando à claridade. Depois, finalmente

presta atenção ao seu redor.

Olha as paredes claras, os móveis modernos e a decoração intimista, que mistura minimalismo com todo tipo de cor, foi um trabalho primoroso da arquiteta que, provavelmente, nunca mais vai querer trabalhar comigo na vida. Eu, realmente, fui muito chato, mas queria que tudo ficasse perfeito.

— Estamos no Ilha nova? -pergunta, virando-se para mim, e eu balanço a cabeça, confirmando.

— Parabéns, amor! Ficou incrível!! Isso quase faz o fato de você ter demolido meu apartamento não doer... -Solta a piadinha infame que eu venho ouvindo há dois anos inteiros sobre a demolição do edifício Uno e começa a caminhar, entrando e saindo da minha vista.

Depois que todas as etapas burocráticas foram finalizadas e o prédio foi colocado abaixo, a demolição virou moeda de chantagem na boca de Elora para absolutamente qualquer coisa que ela achasse interessante.

“ Amor, traz água pra mim? Você demoliu meu apartamento...”

“Amor, vamos ao shopping? Você demoliu meu apartamento...”

“ Amor, você pode me comprar uma Cheesecake na China, no domingo, às duas da manhã? Você demoliu meu apartamento...”

E eu fiz todas as suas vontades, não por culpa, mas por amor, porque completei meu treinamento de homem adestrado na velocidade da luz, e nada nunca me fez tão feliz quanto a felicidade dela. E, hoje, eu espero multiplicá-la por mil.

— Amor, dá uma olhada na varanda! Ficou incrível... -Sem desconfiar de absolutamente nada, ela faz o que sugeri e meu coração bate tão acelerado no peito, que já não posso mais contar suas batidas.

Elora afasta as cortinas, abre a porta de vidro de correr, e sai do outro lado. Ouço seu arfar surpreso e me preparo. Um, dois, três...

— É a vista que eu tinha da minha varan...-Interrompe a fala ao virar-se e me encontrar no meio da sala, de joelhos, com uma caixa de anel nas mãos e um sorriso no rosto que brilha muito mais que o diamante que seguro:

— Ah, porra... -São as suas palavras.

— Três anos atrás, você saiu desse apartamento vestindo um pijama de Seda vermelha e mudou a minha vida. -Respiro fundo, controlando a necessidade de dizer tudo de uma vez, desisti de pensar no suor em minhas mãos e na secura da minha boca: ¯

Naquele dia, você esmurrou a minha porta e, sem saber, colocou abaixo todas as barreiras que existiam ao redor do meu coração.

Não foi amor à primeira vista, Elora... Foi tesão... Foi um desejo louco e desenfreado que fez eu te perseguir... -Pauso, olhando para ele e controlando-me para conseguir continuar.

¯Eu não sabia ainda... Mas essa foi a melhor e mais arriscada decisão que eu tomaria na minha vida... -A primeira lágrima rola pelo seu rosto e eu não resisto mais, deixo que as minhas rolem também: ¯Eu não tive medo de me mostrar pra você, eu não tive medo de ser mais eu com você... É como diz aquela música... *De todos os loucos do mundo eu quis você, porque a sua loucura parece um pouco a minha... De todas as loucas do mundo, amor...*

Eu quis você... Porque eu tava cansado de ser louco assim, sozinho... [6]

— Você é um noivo de merda...-Acusa, entre lágrimas: ¯

Nenhum noivo chama a noiva de louca durante o pedido! -Eu rio.

— Aqui, onde tudo começou, na junção dos nossos dois velhos apartamentos, onde aconteceu, onde você foi minha pela primeira vez, vamos construir nossa família aqui? -Com o rosto molhado, ela sorri imenso para mim, mas ainda não me diz o que eu quero ouvir.

— Casa comigo? Vamos ser um marido e uma esposa de merda?

Elora caminha até mim e ajoelha a minha frente. Sua testa cola na minha, seus olhos prendem-se aos meus.

— Eu ainda vou poder usar a desculpa de que você demoliu meu apartamento pra conseguir de você o que eu quiser? -pergunta em um tom sussurrado com a boca colada na minha.

— Não... -Ela abre a boca, pronta para soltar algo engraçadinho, mas eu a interrompo antes mesmo que comece: ¯

Mas vai poder usar a desculpa de que eu sou seu marido...

— Isso parece tão bom quanto...

— E o pai dos seus filhos, gêmeos...

— É melhor parar enquanto tá ganhando, garotão... -gargalho, sem desviar meus olhos dos dela...

— Isso é um sim?

— Até a lua, amor...

— Até a lua... -Beijo sua boca.



2 ANOS DEPOIS.

— Doutor, é normal bater tão rápido assim?

— Não bate rápido, são duas batidas. Parabéns papai e mamãe, são gêmeos.



AGRADECIMENTOS

Uau! Eu não sei por onde começar, de novo. HAHAHA...

Bom, obrigada @Deus! Você é o melhor que nós temos!

Dessa vez eu preciso escrever em letras garrafais, OBRIGADA JENNIFFER FOGOS, porque você é a melhor beta que poderia existir. Prazos e horário comercial são para os fracos. Apesar do oceano de distância, você foi ABSOLUTAMENTE perfeita.

Obrigada a todas as minhas parceiras, vocês são, verdadeiramente, o meu time dos sonhos.

Obrigada ao meu grupo de leitoras do WhatsApp, vocês são um estímulo diário ao meu trabalho. Se você não faz parte ainda e quer participar, o link está na bio do meu insta.

Obrigada a você, leitor/leitora. Que chegou até aqui! Obrigada, porque essa história foi escrita para você!

Espero te ver no meu próximo lançamento.

Um grande beijo!

Ah! Me segue no insta @lola.belluci.autora

[1] Personagem fictício do romance Contrato de Prazer da autora Lola Belluci,

lançado na Amazon em maio de 2021.

[2] Personagem fictício do romance Contrato de Prazer da autora Lola Belluci, lançado na Amazon em maio de 2021.

[3] Sessão restrita da internet usada para tráfego de informações sigilosas e ilegais.

[4] Trecho da música *Oh quem voltou* da artista Dani Russo.

[5] Metal fictício mais resistente do universo. Referenciado na série “Os vingadores” da Marvel Comics.

[6] De todos os loucos do mundo -Clarisse Falcão

Document Outline

- 1 - ELORA
- 2 -GUSTAVO
- 3 - ELORA
- 4 - GUSTAVO
- 5 - ELORA
- 6 – GUSTAVO
- 7- ELORA
- 8- GUSTAVO
- 9- ELORA
- 10 – GUSTAVO
- 11 – Elora
- 12 – GUSTAVO
- 13- Elora
- 14- GUSTAVO
- 15 – ELORA
- 16 - GUSTAVO
- 17 – ELORA
- 18 – Gustavo
- 19 - ELORA
- 20 - GUSTAVO
- 21 – ELORA
- 22 - GUSTAVO
- 23 – ELORA
- 24 – GUSTAVO
- 25 - ELORA
- 26 – GUSTAVO
- 27 – ELORA
- 28 – GUSTAVO
- 29 - ELORA
- 30 - GUSTAVO
- 31 – ELORA
- 32 - GUSTAVO
- 33 - ELORA
- 34 - GUSTAVO

- 35 - ELORA
- 36 - GUSTAVO
- 37 - ELORA
- 38 – GUSTAVO
- 39 - ELORA
- EPÍLOGO 1
- EPÍLOGO 2
- AGRADECIMENTOS

Table of Contents

1 - ELORA
2 -GUSTAVO
3 - ELORA
4 - GUSTAVO
5 - ELORA
6 – GUSTAVO
7- ELORA
8- GUSTAVO
9- ELORA
10 – GUSTAVO
11 – Elora
12 – GUSTAVO
13- Elora
14- GUSTAVO
15 – ELORA
16 - GUSTAVO
17 – ELORA
18 – Gustavo
19 - ELORA
20 - GUSTAVO
21 – ELORA
22 - GUSTAVO
23 – ELORA
24 – GUSTAVO
25 - ELORA
26 – GUSTAVO
27 – ELORA
28 – GUSTAVO
29 - ELORA
30 - GUSTAVO
31 – ELORA
32 - GUSTAVO
33 - ELORA
34 - GUSTAVO
35 - ELORA

36 - GUSTAVO
37 - ELORA
38 – GUSTAVO
39 - ELORA
EPÍLOGO 1
EPÍLOGO 2
AGRADECIMENTOS